



ESCOLA SUPERIOR  
DE **COMUNICAÇÃO SOCIAL**

# A correção da língua portuguesa na imprensa

INÊS FILIPA REBELO DO CARMO

DISSERTAÇÃO SUBMETIDA COMO REQUISITO PARCIAL PARA OBTENÇÃO DO GRAU  
DE MESTRE EM JORNALISMO

Orientador: Professor Doutor Jorge Martins Trindade, Escola Superior de Comunicação Social

Outubro, 2019

## Declaração

Declaro ser a autora deste trabalho, parte integrante das condições exigidas para a obtenção do grau de Mestre em Jornalismo, que constitui um trabalho original e inédito que nunca foi submetido (no seu todo ou em qualquer das suas partes) a outra instituição de ensino superior para obtenção de um grau académico ou qualquer outra habilitação. Atesto ainda que todas as citações estão devidamente identificadas. Mais acrescento que tenho consciência de que o plágio poderá levar à anulação do trabalho agora apresentado.

Inês Rebelo do Carmo

(Inês Rebelo do Carmo)

*Ao Avô Iá,  
por, de todas as maneiras, me teres guiado até aqui.  
Gosto muito de ti.*

*Como vim a descobrir no último ano, fazer uma dissertação pode ser um caminho muito solitário. Quero, por isso, deixar algumas palavras de gratidão a todos os que ajudaram a tornar esta estrada mais luminosa, dando-me a mão para não cair quando as pernas já vacilavam ou simplesmente deixando uma luzinha de presença para que nunca perdesse o sentido. Obrigada...*

*...ao meu orientador, o professor Jorge Trindade, por ter sempre mostrado tanto entusiasmo quanto eu, pela sempiterna disponibilidade, por sempre me obrigar a ser melhor e pela sua inestimável amizade. No fundo, por ser o melhor orientador que eu alguma vez poderia ter pedido ou imaginado.*

*...ao João, por imensamente mais do que consigo escrever aqui. Pela paciência (estoicamente mantida até ao fim). Pelos inesgotáveis bons conselhos. Por nunca, nunca deixar de acreditar em mim. Por abraçar comigo cada nova aventura. Por pôr sempre o vocativo entre vírgulas. Por adivinhar sempre quando preciso dele – que é, também, sempre. Por essa ternura que tudo cura. Por tudo e tudo e tudo.*

*...à Rita, acima de tudo, por ser a Rita.*

*...ao Diogo, um super-herói da vida real.*

*...à Carol e à Margarida, por me emprestarem os seus olhos quando os meus já não conseguiam ser objetivos e pelas palavras de apoio cujo valor nunca conseguirei verdadeiramente expressar.*

*...à Vera, companheira de viagem e de angústias, pelo seu incansável ombro amigo.*

*...ao Bernardo, por organizar as sessões de estudo mais produtivas da história (e por me deixar sempre fazer a sesta no seu sofá quando os litros de café disponíveis já não chegam).*

*...à Maria, perpétua companheira de estudo e de trabalho, mas, sobretudo, amiga de sempre e para sempre.*

*...à professora Maria Inácia Rezola, ao professor Rui Simões, à professora Maria José Mata e à professora Filipa Subtil, pelos valiosíssimos conselhos que nunca hesitaram em dar-me ao longo do caminho e sem os quais esta dissertação não poderia ser o que é.*

*...à Sofia, a oficiosamente oficial consultora-socorrista deste trabalho, com um sempre muito afinado ouvido para emprestar.*

*...aos meus quatro avós, por, em todos os sentidos, me terem permitido chegar aqui.*

*...à minha família, aquela em que nasci, a escolhida e a alargada – Mimi, pai, manos, uí-uí, tios, primos, Geninha, Paula, Zé, Isabel – por todo o interesse e por todo o apoio.*

*...à minha mãe, a “mais do mundo do meu cochachão”. Pelos abraços milagrosos, por ficar acordada até às quatro da manhã por saber que com ela trabalharei melhor, pelo amor presente em tudo o que faz – e pelo ‘bolo rápido’ feito na véspera da entrega, responsável, acredito piamente, por me fazer ultrapassar a linha de chegada. Em suma, por ser a melhor mãe do mundo.*

## Resumo

Há muito que, oriundos de vários quadrantes, se erguem protestos contra os erros linguísticos encontrados na imprensa em Portugal. Tendo como ponto de partida a análise do *Público*, do *Correio da Manhã* e do *Expresso*, esta dissertação propõe-se averiguar se os jornais portugueses respeitam as normas da língua, apurar qual a frequência com que ocorrem erros, quais as áreas gramaticais mais problemáticas e que condições facilitam o surgimento de desvios à norma. Considerou-se, para isso, o tipo de jornal, a periodicidade, a secção, a autoria dos artigos, o género jornalístico, o dia da semana e a zona do texto. Foram também realizadas entrevistas, com a finalidade de conhecer o processo de revisão em cada um dos jornais que constituem o *corpus* de análise deste trabalho, e assim interpretar os resultados de forma mais sustentada. Verificou-se que determinadas dinâmicas laborais (como a flutuação do número de profissionais na redação) e alguns aspetos técnicos inerentes à escrita jornalística se relacionam estreitamente com o nível de correção linguística da imprensa. Constatou-se ainda que as edições *online* apresentam um número de erros substancialmente mais elevado do que as impressas, o que demonstra a importância da função dos *copydesks* e o impacto da ditadura do imediatismo na correção da escrita.

Palavras-chave: Língua portuguesa; imprensa; jornais; desvios à norma; copydesks

## Abstract

For a long time now, coming from several quadrants, protests have arisen against the linguistic mistakes found in Portugal's press. Having as a starting point the analysis of *Público*, *Correio da Manhã* and *Expresso*, this dissertation intends to observe whether Portuguese newspapers respect the language's norms, to find out how frequently do mistakes occur, which grammatical areas are the most problematic and which conditions facilitate the emergence of linguistic deviations. To do so, the newspaper kind, the periodicity, the section, the articles' authority, the journalistic genre, the day of the week and the text area were considered. Interviews were also done with the purpose of getting to know the revising process in every one of the newspapers constituting the observation *corpus* of this paper and, in doing so, interpreting the results in a more sustained way. It was concluded that certain labor dynamics (such as the fluctuation of the amount of professionals present in the newsroom) and some technical aspects inherent to journalistic writing are closely related to the level of the press's linguistic correction. It was also clear that online editions present a substantially higher amount of mistakes than paper editions, which shows how important the copydesks' function is and how impactful the dictatorship of instantaneous information is.

Keywords: Portuguese language; press; newspapers; linguistic deviations; copydesks

# Índice

## Introdução

1. A relação entre os jornalistas e a língua: uma via de dois sentidos
2. Norma e desvio: regras a preto e branco com muitos tons de cinzento
3. Áreas críticas
  - 3.1. Estruturas argumentais
  - 3.2. Construções passivas
  - 3.3. Estruturas de elevação
  - 3.4. Orações relativas
  - 3.5. Coordenação
  - 3.6. Concordância
  - 3.7. Perceção
  - 3.8. Impropriedade de vocabulário
  - 3.9. Pontuação
4. O livro de estilo do *Público*
5. A correção da língua nos jornais portugueses
  - 5.1. Metodologias
  - 5.2. O *Público*
  - 5.3. O *Correio da Manhã*
  - 5.4. O *Expresso*
  - 5.5. O papel em análise
  - 5.6. O *online* em análise

## Conclusão

## Referências bibliográficas

## Artigos analisados (referências)

## Anexos

1. Total de artigos analisados e de desvios à norma registados
  - 1.1. Edições impressas
  - 1.2. Edições *online*
2. Tabelas retiradas do livro de estilo do *Público*
3. Entrevistas

- 3.1. Entrevista a Amílcar Cabral (diretor-adjunto do *Público*)
- 3.2. Entrevista a Rita Pimenta (*copydesk* do *Público*)
- 3.3. Entrevista a Maria Manuela Barreto (*copydesk* do *Público*)
- 3.4. Entrevista a Armando Esteves Pereira (diretor-geral editorial adjunto do *Correio da Manhã*)
- 3.5. Entrevista a Patrícia Gomes Ramos (coordenadora da equipa de *copydesks* do *Correio da Manhã* e da Cofina)
- 3.6. Entrevista a Rita Moreira (*copydesk* do *Correio da Manhã*)
- 3.7. Entrevista a João Vieira Pereira (diretor-geral do *Expresso*)
- 3.8. Entrevista a Luzia Guerreiro (chefe da equipa de *copydesks* do *Expresso*) e a Margarida Parreirão (*copydesk* do *Expresso*)

## Introdução

Depois de receber “constantes e justificadas queixas de muitos leitores”, José Queirós, antigo provedor do leitor do *Público*, escreveu a 29 de julho de 2012 um artigo intitulado “Os erros de escrita não são inevitáveis”, no qual aborda “com desagrado e alguma frustração” – uma vez que já antes o tinha feito – o tema “dos erros de escrita que desfiguram com lamentável frequência textos publicados [no *Público*]” (Queirós, 2012).

Já a 4 de outubro de 2009, Joaquim Vieira, antecessor de Queirós na provedoria do leitor do *Público*, tinha também – e, tal como José Queirós, não pela primeira vez – referido o “levantamento de inúmeros erros, muitos deles sistemáticos” (Vieira, 2009).

Mário Pinto, em 2005, considerava a leitura de alguns jornais um “doloroso contacto” com “frases bárbaras que repugnam à índole do idioma” e com “todo o género de heresias gramaticais” (Pinto, 2005, p. 28).

Recuando mais um pouco, a 2001, Diogo Pires Aurélio, na altura provedor do leitor do *Diário de Notícias*, afirmava que embora o português escrito nos jornais continuasse, “em geral, a ser de lei”, o “número de exceções<sup>1</sup> diárias” começava a ser preocupante (Aurélio, 2001, p. 206).

Regressemos agora a um passado muito próximo, a agosto de 2019, e detenhamo-nos nas palavras que o jornalista João Alferes Gonçalves escreve num artigo publicado na página do *Clube dos Jornalistas*: “Ler e ouvir diariamente os *media* portugueses é um exercício penoso, tantos são os erros de linguagem, escrita ou falada” (Gonçalves, 2019).

Não têm faltado – e, com grande probabilidade, nunca faltaram nem faltarão – vozes que mencionem a quantidade assinalável de erros publicados nos jornais portugueses; algumas, no caso dos provedores, motivadas pelas queixas insistentes dos próprios leitores. Sem qualquer preocupação de exaustividade, registámos aqui protestos situados entre agosto de 2019 e o primeiro ano deste milénio; continuássemos nós a recuar no tempo e no que se escreve sobre a língua e a imprensa, mais considerações surgiriam.

Mas com que frequência ocorrem, de facto, esses erros? E de que erros se trata? Simples gralhas, ou erros gramaticais, como se diz, de palmatória?

Surgiram nos últimos anos alguns trabalhos que exploram este tema. O mais relevante será, provavelmente, o livro de João Andrade Peres e Telmo Mória *Áreas críticas da língua portuguesa*, no

---

<sup>1</sup> Nas citações efetuadas ao longo desta dissertação optou-se por se manter a norma ortográfica (a de 1945 ou a de 1990) a que obedeceu o texto original, sobretudo, em alguns casos, por respeito aos autores, alguns dos quais tomam como ponto de honra a grafia por que optam.

qual se procede, precisamente, à categorização das áreas em que mais se erra no português, partindo os autores de exemplos retirados dos jornais para explicar as regras associadas a cada categoria e a forma como essas regras são quebradas pelos jornalistas. *A língua portuguesa em mudança*, livro organizado por Maria Helena Mira Mateus e Fernanda Bacelar do Nascimento, explora igualmente o discurso produzido nos meios de comunicação social, com o objetivo específico de perceber em que sentido está a nossa língua a evoluir. Em 2012, Carlos André Simões Miranda apresentou à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas um relatório de estágio, produzido no âmbito do Mestrado de Edição de Texto, que tinha como tema a revisão de texto no *Correio da Manhã* e nas respetivas revistas, incidindo especificamente sobre o processo de revisão no jornal. Não são estes os únicos trabalhos que relacionam os meios de comunicação social e a correção do discurso<sup>2</sup>; não existiu ainda, porém, uma investigação que se dedicasse a apurar, em termos quantitativos e sistematizados, com que frequência ocorrem erros linguísticos nos jornais portugueses, e de que tipo de erros se trata.

É precisamente isso que esta dissertação pretende descobrir, partindo, para isso, da questão “Os jornais respeitam a norma da língua portuguesa?”. Com esse intuito, serão analisados três jornais portugueses, selecionados por apresentarem características distintas e complementares: o *Público*, diário de referência; o *Correio da Manhã*, diário tabloide; e o *Expresso*, semanário (de referência). Desta forma, pretende-se apurar se o facto de um jornal ser de referência ou ser tabloide pode ter influência no número de erros publicados, e também perceber se a uma periodicidade mais espaçada, que permite à partida mais tempo para escrever e rever os artigos, corresponde um menor número de erros de português.

O *corpus* de observação é, assim, composto por artigos recolhidos do *Público*, do *Correio da Manhã* e do *Expresso* entre 1 e 31 de dezembro de 2018. Isto no caso das edições impressas, que foram objeto de observação durante um período mais longo por, em primeiro lugar, o papel ser ainda o espaço nobre do jornalismo e por, em segundo lugar, não ser possível corrigir um texto depois de este ser publicado na edição impressa, enquanto no *online* se pode editar infinitamente um artigo mesmo após este ter sido publicado. Tendo consciência, porém, de que os jornais *online* chegam hoje a muito mais leitores do que os impressos, seria insensato não analisar este suporte; assim, foram também analisadas dez notícias por dia<sup>3</sup> nos *sites* do *Público*, do *Correio da Manhã* e do *Expresso*, entre 3 e 9 de dezembro de 2018.

---

<sup>2</sup> Relembre-se, inclusivamente, o *Guia essencial da língua portuguesa para a comunicação social*, de Edite Estrela e João David Pinto-Correia, que, embora tenha uma estrutura mais próxima da de um prontuário de âmbito genérico, espelha no título a preocupação com a correção linguística nos meios de comunicação social.

<sup>3</sup> Dez notícias em cada órgão – ou tantas quanto possível, sempre que não houve notícias suficientes que correspondessem aos critérios definidos (cf. subcapítulo “Metodologias”).

Em complemento a esta abordagem de natureza quantitativa, foram também realizadas entrevistas ao diretor-adjunto do *Público*, ao diretor-geral editorial adjunto do *Correio da Manhã*, ao diretor-geral do *Expresso* e a duas *copydesks* da equipa de revisão de cada um destes jornais, com o objetivo de ficar a conhecer mais aprofundadamente o processo de revisão de texto em cada órgão e assim interpretar de forma mais sustentada os resultados da investigação.

Esta dissertação está dividida em cinco capítulos. No primeiro, discute-se a importância que assume no âmbito do jornalismo a correta utilização da língua, com base em fatores que se referem, por um lado, à própria responsabilidade do jornalismo e, por outro, ao que esta profissão ganha internamente por seguir a norma. No segundo, são definidos os conceitos de norma e de desvio e exploram-se as diferentes perspetivas sobre a língua – a normativa e a descritiva –, que têm influência sobre a forma como se olha criticamente para um texto. No terceiro, explica-se brevemente cada uma das “áreas críticas” da língua portuguesa, que correspondem aos tipos de erros analisados na presente dissertação; pretende-se, assim, esclarecer qual a norma relativa a cada área, de maneira a tornar possível a identificação dos casos em que esta é desrespeitada. No quarto, apresenta-se brevemente o livro de estilo no *Público*, uma referência essencial pela atenção que nele se dedica às normas e às convenções da língua.

No quinto e último capítulo, são apresentados e discutidos os resultados da presente investigação. Este está dividido em seis subcapítulos: no primeiro, explicam-se os métodos de análise utilizados nesta investigação, descrevendo-se e justificando-se todas as decisões tomadas neste processo, de modo que melhor possa ser entendido o que representam os resultados; nos três seguintes, faz-se, respetivamente, uma breve descrição dos processos de revisão de texto no *Público*, no *Correio da Manhã* e no *Expresso*, para que se possa interpretar de uma maneira mais informada os resultados obtidos; no quinto subcapítulo, são expostos os resultados da análise das edições impressas; e, por fim, no sexto subcapítulo, são apresentados os resultados respeitantes às edições *online*.

## 1. A relação entre os jornalistas e a língua: uma via de dois sentidos

Cada país tem a sua língua. Às vezes, a língua de um país é também a de outro – com diferenças mais ou menos significativas. Mas é sempre, independentemente de pertencer a um ou a muitos, parte de uma cultura e retrato de uma História.

A nossa é a língua de D. Dinis, Luís de Camões e Fernando Pessoa, entre tantos outros que a marcaram antes de ela ser sequer o que conhecemos hoje. Neta do latim e filha do galego (Neves, 2016, p. 89), ou filha do latim e irmã do galego (Raposo *et al.*, 2013, pp. 7-8) – depende da perspectiva –, é uma senhora ainda menina com já nove séculos, se contarmos com os seus primeiros passos, no século XII, o mesmo em que nasceu o país (Raposo *et al.*, 2013, pp. 7-9).

A língua – a portuguesa e todas as outras – é a melhor maneira que temos de nos expressar, uma espécie de telepatia, já que nos permite transmitir o que pensamos (Neves, 2016, p. 60). Mas é muito mais do que isso: é “um património de valor inestimável, factor de identidade cultural, de preservação e produção de valores que em muito transcendem a mera realidade linguística” (Peres & Mória, 1995, p. 13).

O valor cultural e patrimonial da língua é tão significativo que existe entre os falantes aquilo que Marco Neves designa por “tribalismo linguístico”, sentimento que parece ser “uma característica biológica da espécie humana” (Neves, 2016, p. 61). A linguagem que utilizamos marca “a tribo a que pertencemos” (Neves, 2016, p. 60), o que mostra a força da ligação entre a língua e a identidade nacional de um país (Neves, 2016, p. 107) ou de uma região, nos casos em que o mesmo país tem várias línguas.

Nesta dissertação, porém, não é a língua no seu todo que se pretende explorar, mas, sim, a sua utilização no jornalismo – principalmente no impresso.

Não é afinal por acaso que Daniel Ricardo e Diogo Pires Aurélio, figuras marcantes que são do jornalismo e com a experiência que têm em redações, se referem ambos à importância de um jornalista dominar com propriedade a língua em que escreve. Ricardo dedica até uma grande parte do seu livro *Ainda bem que me pergunta* a explicar alguns erros frequentemente cometidos.

Não será também um mero acaso que dificilmente se leia um livro sobre erros de português publicado na segunda metade do século XX sem encontrar uma menção de extensão considerável aos meios de comunicação social e ao papel que estes desempenham no desenvolvimento da língua. (Talvez não seja também irrelevante que essa afirmação já não possa ser feita quando se refere o século XXI<sup>4</sup>.)

---

<sup>4</sup> Cf., por exemplo, Guegués, 2015; Tavares, 2016; Leite, 2018.

Na verdade, muitas são as razões pelas quais é importante haver um apurado nível de correção linguística no jornalismo, mas uma observação atenta revela que os argumentos invocados a propósito desta questão se agrupam fundamentalmente em torno de dois valores: o bem da língua e o bem do próprio jornalismo.

O jornalismo respeitar ou não as regras gramaticais tem uma forte influência na forma como as regras da língua são transmitidas, devido, sobretudo, à responsabilidade social que caracteriza esta profissão e que, dizendo respeito precisamente à sociedade, abrange também a língua que falamos. Esse cuidado é um dever ético e deontológico (Estrela & Pinto-Correia, [1990], p. 22), muito pelo papel que os meios de comunicação social têm na educação do público no que toca à linguagem<sup>5</sup>. Muito recentemente, em 2013, na *Gramática do Português* da Fundação Calouste Gulbenkian, escrevia-se que, embora a função de ensinar e difundir as regras da língua seja das escolas, “não se pode desconhecer o papel da comunicação social” nesta tarefa (Raposo *et al.*, 2013, p. 86).

São dois os motivos de os órgãos de informação conseguirem exercer sobre o público um efeito tão forte como o das escolas: o seu poder de difusão e o estatuto de quem nestes meios fala e escreve.

Começando pelo segundo ponto, o poder da palavra do jornalista, quem o menciona é, novamente, Edite Estrela: “Em matéria de linguagem, e não só, o público tende a moldar-se à imagem e semelhança de quem lhe leva a informação” (Estrela & Pinto-Correia, [1990], p. 23). Os escritores, os jornalistas e outras figuras públicas são, assim, lidos e ouvidos como “verdadeiros deuses” (Estrela, [1991], p. 212) e os *media* são prolongamentos da palavra do poder, contribuindo para vulgarizar a boa e a má linguagem (Estrela, [1991a], p. 289). Embora, na prática, isto possa não corresponder à realidade, a opinião corrente é que “o que é dito e escrito na escola e nos meios de comunicação social é que é correcto” (Estrela, [1991a], p. 164).

É difícil afirmar com segurança que hoje os jornalistas ainda gozam dessa reputação de “deuses” que Edite Estrela refere, dadas todas as crises por que o jornalismo tem passado, com as *fake news*, o *clickbait* e outras polémicas que têm deixado marcas na imagem dos *media* em geral. No entanto, isto não significa que os órgãos de informação devam perder o sentido de responsabilidade discutido acima – da mesma maneira que, embora seja cada vez mais difícil os jornalistas saírem das redações para fazerem reportagem no terreno (dentro e fora do país), essa continua a ser a forma certa de o jornalismo funcionar.

---

<sup>5</sup> Diogo Pires Aurélio (1999, p. 4), num artigo intitulado “Tolerância zero em ortografia”, refere mesmo que são os órgãos de informação que acabam por condicionar verdadeiramente “os modos de expressão verbal”, independentemente de as regras em si se aprenderem na escola. Anos antes, já Edite Estrela ([1991a], p. 164) apelidava os *media* de “«escolas» de incalculável responsabilidade”.

Já o (enorme) poder de difusão dos *media*, referido ainda em 1983 por António Pires Cabral (AA.VV., 1983, p. 23), esse só pode ter aumentado. Hoje, em Portugal, a taxa de analfabetismo diminuiu, há mais pessoas com televisão em casa e o *online*, aliado às redes sociais, chega a um número de leitores a que provavelmente antes não era possível chegar<sup>6</sup>. Assim, se em 1991 Edite Estrela comentava o efeito multiplicador dos *media*, que fazia estruturas erradas e palavras mal escritas serem ouvidas e lidas “por milhares de pessoas que as podem assimilar e as podem repetir a outros que, por seu turno, as repetirão, num círculo ininterrupto e contínuo” (Estrela, [1991a], p. 164), que dizer agora?

Do lado mais interno desta problemática (os jornalistas e a sua relação com a língua), temos uma questão quase orgânica, que se baseia no argumento dificilmente refutável de que escrever corretamente é um requisito intrínseco ao jornalismo.

Primeiro que tudo, e ainda num plano algo elementar, está o facto de o jornalista ser um “profissional da palavra” (Pinto, 2005, p. 21). Esta tem um papel central no jornalismo, sendo uma arma, um cinzel (Estrela & Pinto-Correia, [1990], p. 10), ou, mais simplesmente, uma importante ferramenta de trabalho (Eliseu, 2008, p. 7). Mário Pinto (2005, p. 21) compara até a palavra do jornalista com o bisturi do médico, explicando que, da mesma maneira que não se permite que o cirurgião utilize um bisturi enferrujado ou sem a devida esterilização, também o discurso do jornalista tem de estar nas mais perfeitas condições. Percebe-se, naturalmente, pois é com a palavra que o jornalista chega ao mundo e expressa a mensagem que quer passar, moldando-a para que ela transmita a informação com o maior rigor possível. Pensando nos outros instrumentos de trabalho utilizados no jornalismo – o gravador, a câmara, até o computador –, torna-se claro que qualquer pequena avaria pode impedir que a sua função se cumpra: o som de uma reportagem não pode estar distorcido (a menos que seja de propósito) e uma fotografia não pode estar demasiado clara nem demasiado escura, ou isso interferirá na perceção do que ali está retratado. O mesmo acontece com a língua: se o seu uso não for impecável, ela não cumpre bem a sua função.

Assim, de um jornalista espera-se, “antes do mais, que domine razoavelmente a língua em que comunica com o seu público”, não menos do que se espera que esteja informado (Aurélio, 2001, p. 204). A comunicação e a informação andam de mãos dadas, pois esta última de pouco serve se não chegar ao recetor: “Em casos extremos, se a mensagem não chegar a ser apreendida, inteligida, então nem sequer se poderá, com propriedade, falar de informação” (Pinto, 2005, p. 28). Torna-se, então, claro que o mau

---

<sup>6</sup> O *online* contém uma vastidão de conteúdos a que se pode aceder gratuitamente e que até há muito pouco tempo correspondiam à quase totalidade do que era publicado nos *sites* dos órgãos de informação; sincronicamente, as redes sociais permitem que os artigos jornalísticos sejam partilhados pelos respetivos órgãos e depois partilhados novamente por milhares de pessoas.

uso da língua pode pôr em causa a essência do trabalho jornalístico, desvirtuando-o; a palavra não é acessória. Se um jornalista “não dominar o idioma, nas vertentes ortográfica, morfológica e sintáctica”, conclui Daniel Ricardo (2010, p. 31), de pouco lhe pode servir preparar-se em termos de informação.

A centralidade da palavra no jornalismo é incontornável, seja qual for o meio: televisão, rádio, *online* ou imprensa. Nesta última, porém, essa centralidade reveste-se de uma importância muito particular, por a imprensa ter características únicas que não se encontram nos outros meios. Na televisão, além do discurso do repórter ou do *pivot*, há imagens a ilustrar e a complementar o que está a ser dito. Na rádio, embora não haja imagem, a entoação que embala as palavras ajuda muito na transmissão da mensagem. Já o *online* é o meio em que existe uma maior reciprocidade na comunicação: embora a escrita seja predominante, é possível haver fotografias, vídeos e sons a acompanhá-la, o texto pode ser constantemente editável e existem até caixas de comentários que permitem a quem lê o artigo deixar a sua opinião ou até mesmo chamar a atenção para gralhas ou erros – de português e de conteúdo.

Na imprensa escrita, nada disto acontece. As possibilidades no papel são as mesmas de há trinta anos: texto e imagem parada. “Escrever é como falar para um microfone com uma venda nos olhos e as mãos atadas atrás das costas, sem saber quais são as reacções de quem nos ouve” (Neves, 2018, p. 25): as palavras ficam, assim, sozinhas com o leitor, sem a proteção do corpo e dos gestos de quem as escreveu (Neves, 2016, p. 222). Marco Neves descreve ainda a escrita como “uma conversa em que temos de fazer o trabalho de duas pessoas: quem ouve e quem responde”, sendo necessário imaginar previamente as objeções que poderão surgir e responder-lhes no texto<sup>7</sup> (2019, p. 100). Sendo a escrita uma comunicação diferida, o distanciamento entre o emissor e o recetor obriga a que o contexto situacional tenha de ser reconstruído “através do uso mais normativo da língua, de modo a serem eliminados eventuais equívocos e ambiguidades” (Estrela & Pinto-Correia, [1990], p. 19).

Num plano mais prático, mas de maneira nenhuma menos importante, é necessário falar ainda da reputação do jornal. Para Daniel Ricardo (2010, p. 31), o respeito pela acentuação, pelas concordâncias, pelas regências verbais ou pela pontuação é uma questão de brio profissional e de “não poluir” o jornal em que se escreve – uma escolha de palavras muito significativa. Diogo Pires Aurélio (1999) questiona que autoridade poderá ter alguém que tem a função de informar o público mas não

---

<sup>7</sup> Já no *Fedro*, que remonta a cerca de 340 a.C., Platão afirma que “o maior inconveniente da escrita” é que quando alguém interroga um discurso “no intuito de obter um esclarecimento” este se limita “a repetir sempre a mesma coisa” (Platão, 1981, pp. 148-149). Platão escreve ainda que quando um texto é “menoscabado, ou justamente censurado, tem sempre necessidade da ajuda do seu autor, pois não é capaz de se defender nem de se proteger a si mesmo” (Platão, 1981, p. 149).

sabe registar corretamente as palavras; ao não dominar a língua, afirma, o jornalista arrisca-se a cair no descrédito, levando consigo o jornal (Aurélio, 1999).

Não é preciso invocar a responsabilidade cívica dos órgãos de informação, nem tão-pouco a amplitude que assumem os erros propagados em letra de forma, sejam eles de que natureza forem. Basta pensar na qualidade e rigor de que estará à espera quem escolhe jornais que se apregoam como jornais de referência (Aurélio, 2001, p. 214).

No contexto da crise por que passa o meio jornalístico e perante o sentimento de desconfiança que parece instalar-se cada vez mais profundamente no público, impõe-se um cuidado redobrado na proteção da imagem dos jornais. A reputação destes órgãos acaba por se ressentir da atitude negligente que subjaz a um princípio que por vezes parece prevalecer: o do “isto assim percebe-se”. Este princípio traduz a subversão daquilo que deveria orientar a missão do jornalista – a preocupação máxima com aquilo que chega aos leitores. Voltando ao *online*, apesar da prática comum de as notícias serem publicadas e só depois revistas, quando o são (como as revisoras do *Público*, por exemplo, afirmaram ser prática comum), ou de serem publicadas por vezes só com um título, sendo o texto progressivamente acrescentado à medida que se obtêm mais informações, há que pensar no respeito devido aos leitores, que não deveriam ter de sentir que são eles quem está a editar a notícia; principalmente numa altura em que há cada vez mais conteúdos fechados para assinantes nos jornais *online*, sendo preciso pagar para aceder aos artigos.

Pela responsabilidade para com a língua e pelo cuidado que o jornalismo deve ter consigo próprio, com vista ao cumprimento integral das suas funções e à preservação da profissão, a conclusão é clara: é essencial que os jornalistas respeitem a norma e não cometam erros de português. Para um entendimento mais profundo do que isto significa, os conceitos de norma e de erro serão tratados no próximo capítulo.

## 2. Norma e desvio: regras a preto e branco com muitos tons de cinzento

Identificar erros num texto pode ser mais difícil do que parece. Embora o princípio seja relativamente simples (conhecer as regras da língua e perceber quando estas estão a ser quebradas), muitas outras variáveis devem ser tidas em conta quando chega o momento de considerar errada uma frase ou uma expressão.

Encontramos uma situação semelhante no futebol. Se for preciso explicar as regras do jogo a alguém, uma possível maneira de começar será dizendo que os jogadores pretendem inserir a bola na baliza mas sem lhe tocarem com as mãos; essa é a norma. Isto não pode ser dito, porém, sem se explicar ao recém-chegado que há uma exceção: o guarda-redes pode pegar na bola com as mãos (mas não em qualquer parte do campo).

Este resumo pode ser suficiente para a pessoa conseguir ver um jogo e perceber minimamente o que se está a passar, mas não para que possa arbitrar uma partida. Isto porque esta regra, que parece tão ‘preto no branco’, se torna muito cinzenta quando, por exemplo, a bola bate no braço de um jogador de campo. A bola foi ao braço ou o braço foi à bola? O braço está junto do corpo ou está afastado? O toque foi intencional ou o jogador não o conseguiu evitar? A regra de base é simples, mas perceber se houve falta (na língua, um desvio) pode ser motivo de infindáveis discussões.

Assim, para arbitrar um jogo de futebol e para encontrar erros num texto, é preciso conhecer, além das regras, todas as suas nuances e exceções. Mas não só. É preciso saber em que terreno nos estamos a mover. Em primeiro lugar, temos de saber se estamos numa partida de futebol ou de andebol – e se estamos a falar em português ou em inglês. As regras são completamente diferentes e não se pode julgar um jogo com base no que sabemos do outro.

Em segundo lugar, temos de saber se estamos num jogo de futebol ou de futsal; se estamos a falar a língua-padrão (a que aprendemos na escola) ou outro dialeto. Isto significa não só uma mudança de dimensão (o futsal joga-se num campo muito mais pequeno do que o futebol) como também algumas diferenças na regulamentação (no futsal, quando a bola sai de campo, por exemplo, o jogador volta a introduzi-la no jogo com o pé em vez de o fazer com as mãos, como acontece no futebol).

Por fim, será ainda preciso ter em conta que é diferente estarmos num jogo oficial, para o campeonato, ou num jogo entre amigos, na praia ou no jardim. Aqui, as regras mudam um pouco e algumas até desaparecem, tal como acontece com a língua: em ambiente escolar ou profissional a linguagem é muito diferente da utilizada num jantar com amigos. Neste contexto, nada está propriamente errado, desde que tenha sido acordado pelo grupo (e diferentes grupos reger-se-ão por

diferentes conjuntos de regras) e que não se ultrapassem determinados limites que transformarão a modalidade que se está a jogar noutra diferente; o que não se pode fazer, porém, é aplicar as regras do jogo entre amigos num jogo oficial, porque isso será falta. Outra diferença relevante neste âmbito é, num jogo entre amigos, habitualmente não haver árbitro: o grupo acaba por se autorregular, com alguns elementos, ou todos, a chamar a atenção quando alguém comete falta.

Embora possa haver diferenças em relação ao jogo oficial, a verdade é que quando se vê um jogo de futebol informal, digamos, a modalidade em causa – o futebol – é facilmente identificável, pois há características que não se alteram. O mesmo acontece com as línguas, que são “entidades altamente diversificadas”, variando com “a origem geográfica, o nível de instrução, a profissão e a idade dos falantes” (Raposo *et al.*, 2013, p. XXV). Essa variação dá origem a diferentes dialetos, dentro dos quais continua a haver variação: “o vocabulário, as regras e os princípios gramaticais dos indivíduos que falam o mesmo dialeto nunca são exatamente idênticos” (Raposo *et al.*, 2013, p. XXV).

Na língua, o ‘jogo oficial’ é a língua-padrão. A língua-padrão é em si um dialeto, com a diferença de, “por contingências históricas, políticas e sociais”, se ter sobreposto aos outros dialetos (Raposo *et al.*, 2013, p. 86), tornando-se o modelo de referência no que diz respeito à língua (Estrela & Pinto-Correia, [1990]; Raposo *et al.*, 2013). A “variedade de prestígio”, como lhe chama Marco Neves (2016, p. 165), é normalmente associada ao centro de poder do país (Raposo *et al.*, 2013, p. 86), e conhecê-la “é muito importante em certas profissões e em certos círculos” (Neves, 2016, p. 165).

A variedade de prestígio – também chamada “variante culta” – em Portugal é o português-padrão (Raposo *et al.*, 2013, p. XXV). Este dialeto, que corresponde ao falado entre Lisboa e Coimbra, é o que se ensina na escola e que é utilizado na escrita formal e nos meios de comunicação social, por ter adquirido “um estatuto social e cultural privilegiado” (Raposo *et al.*, 2013, p. XXV).

Num jogo para o campeonato nacional ou simplesmente entre amigos, porém, nunca será permitido que os jogadores passem a bola entre si com as mãos; e em ambos o objetivo será introduzir a bola na baliza para marcar golo. Da mesma forma, na língua existem “princípios e regras gramaticais que se aplicam à língua de maneira geral” (Raposo *et al.*, 2013, p. XXVII): as normas. Estas, no entanto, não são leis que possam ser simplificadas ou reformuladas conscientemente, correspondendo antes a padrões de uso, fenómenos cerebrais inconscientes (Neves, 2016, p. 184). A gramática (aquilo que os linguistas chamam às regras da língua) é, assim, “o conjunto de regras que todos os falantes duma língua têm dentro do cérebro sem que saibam, necessariamente, descrevê-las”, e tem muitas exceções, que acabam por ser também regras (Neves, 2018, p. 214). Já as regras de ortografia funcionam, de facto, como leis, pretendendo “regulamentar a actividade da escrita” (Estrela & Pinto-Correia, [1990], p. 192).

Quando se ultrapassam certos limites, explica Vergílio Ferreira, o código da língua pode “deixar de ser reconhecível”, impedindo que a mensagem seja compreendida (AA.VV., 1983, p. 149). Temos, nesses casos, desvios (ou erros) de linguagem. João Andrade Peres e Telmo Mória (1995, p. 41) explicam que, para uma construção ser considerada um desvio linguístico, tem de romper com a variante a que pertence e não pode ser integrada na comunidade linguística que suporta essa variante. Marco Neves (2016, p. 165) escreve que “um erro da língua acontece quando fazemos aquilo que não queremos”, como transmitirmos sinais errados, explicarmo-nos mal ou dizermos o oposto do que pretendemos. Os erros são mais perceptíveis na escrita do que na oralidade, por a escrita se basear na norma-padrão (Neves, 2016, p. 163).

Para se avaliar se uma frase está correta, há dois parâmetros centrais: a gramaticalidade e a aceitabilidade. Uma estrutura é gramatical se satisfizer as regras da gramática que se lhe aplicam e agramatical se violar “pelo menos uma regra da gramática” (Eliseu, 2008, p. 21). A gramaticalidade é “uma propriedade definitiva das frases de uma língua”: sendo as frases unidades gramaticais, uma construção não gramatical não pode ser considerada uma frase (Raposo *et al.*, 2013, p. 321).

A aceitabilidade advém da forma como os falantes reagem à expressão linguística, isto é, do seu “juízo subjetivo sobre se essa expressão é ou não correta gramaticalmente, sobre se é ou não aceitável semanticamente, sobre se é ou não adequada a um determinado contexto discursivo ou situacional” (Raposo *et al.*, 2013, p. 321). Há, no entanto, casos de “aceitabilidade duvidosa”, considerados marginais, sobre os quais os falantes não conseguem formular juízos claros (Raposo *et al.*, 2013, p. XXVII).

Mas definir o que é ou não correto não é linear e pode levantar muitos problemas, uma vez que, sendo a língua um organismo vivo e dinâmico (AA.VV., 1983, p. 25), ela nunca está parada, numa permanente recriação, destruição e construção (Neves, 2018, p. 25) – razão pela qual a forma como falávamos há cinquenta anos apresenta diferenças em relação à forma como falamos hoje. Acontece por vezes que o que é considerado erro num momento é visto como parte da norma noutra (Estrela & Pinto-Correia, [1990], p. 15), e o próprio desvio, quando tem subjacente “uma qualquer razão de ordem psicológica”, vai moldando a língua, explica António Manuel Pires Cabral (AA.VV., 1983, p. 20). Assim, há estruturas que são consideradas desvios linguísticos mas são, na verdade, um indício de que está a decorrer uma mudança na língua (Raposo *et al.*, 2013, pp. XXVI-XXVII). Estas mudanças, sejam na gramática, sejam no léxico, não são logo registadas na escrita, surgindo primeiro na fala (Raposo *et al.*, 2013, p. 22).

Como o processo não se dá repentinamente (não é habitual os falantes registarem “as inovações linguísticas que se estejam a desencadear na sua época e que ainda não estejam estabilizadas” – Raposo *et al.*, 2013, p. 22) e nem sempre os desvios se tornam normas (AA.VV., 1983, p. 20), as opiniões variam sobre o que é e não é aceitável. Duas perspetivas consideravelmente influentes mas praticamente opostas

sobre o uso correto da língua são o purismo – corrente defensora de que a correção idiomática seja “balizada pela estrita observância da norma escrita, rigorosamente entendida como lei fundada no exemplo dos clássicos” (Estrela & Pinto-Correia, [1990], p. 13) – e aquilo a que Edite Estrela e João David Pinto-Correia chamam permissividade, mas que poderemos designar por flexibilidade – visão segundo a qual o correto é definido pelos falantes e “todas as situações linguísticas são igualmente válidas”, desde que a comunicação seja bem-sucedida (Estrela & Pinto-Correia, [1990], p. 13).

Estas duas perspetivas estão diretamente ligadas aos dois tipos de conceções que as gramáticas podem assumir: a normativa (ou prescritiva) e a descritiva. As gramáticas normativas existem desde o tempo dos gramáticos alexandrinos, tendo como objetivo “regulamentar o comportamento linguístico dos falantes e permitir-lhes aceder à compreensão de textos literários” (Duarte, 2000, p. 41). Estas gramáticas têm por base a ideia de que “a mutação linguística é uma forma de corrupção” e de que existem “certas formas correctas que todas as pessoas «educadas» deviam utilizar na fala e na escrita” (Fromkin & Rodman, 1993, p. 14). A perspetiva normativa pretende, assim, “*prescrever* regras gramaticais e não propriamente descrevê-las” (Fromkin & Rodman, 1993, p. 14).

No século XX, porém, a generalidade das correntes linguísticas começou a rejeitar esta conceção (Duarte, 2000, p. 42) e a apostar na “elaboração de gramáticas descritivas” (Duarte, 2000, p. 44). Estas gramáticas assentam na distinção que existe entre língua escrita e língua falada e “entre a língua como realidade presente e estável para os falantes de uma comunidade linguística numa dada época histórica e a evolução sofrida pela língua ao longo do tempo” e defendem a adoção do “uso consagrado pela comunidade linguística” como referência para determinar que construções pertencem à língua e quais não pertencem (Duarte, 2000, p. 44). Assim, “os linguistas tentam descrever a gramática da língua presente no espírito dos falantes” (Fromkin & Rodman, 1993, p. 12), sem dizerem aos falantes como devem falar (Fromkin & Rodman, 1993, p. 13) e sem formularem “juízos avaliativos de natureza sociocultural ou estética relativos a construções ou produções linguísticas” (Duarte, 2000, p. 44).

Dois autores contemporâneos identificáveis com a perspetiva normativa e com a perspetiva descritiva são, respetivamente, Manuel Monteiro e Marco Neves. Conhecer as ideias de cada um pode ajudar-nos a compreender as conceções com que cada um se identifica. Monteiro considera que deve haver conservação de um ideal de língua vernacular, preservando a forma original das palavras e das expressões ao invés de se adotar as suas formas mais recentes, resultantes da distorção pelo uso (por exemplo, advoga o uso de “cartapácio” em vez de “catrapázio” – cf. Monteiro, 2015, p. 30 – e de “*pari passu*” em vez de “a par e passo” – cf. Monteiro, 2015, p. 17). Neves defende que essa resistência nasce de algum medo ou desconforto causado pela variação, e que, se muitas pessoas utilizam com naturalidade essas expressões,

não faz sentido que estas sejam proibidas só por uma minoria as considerar erradas (como “espaço de tempo” – cf. Neves, 2018, p. 114). Monteiro, que demonstra nas suas obras não estar de acordo com a consagração pelo uso, escreve que “o hábito transforma o horripilante em tolerável, o tolerável em aceitável... até ao dia em que quem se lhe opõe é um purista quixotesco ou reaccionário” (2018, p. 114). Marco Neves lembra que as palavras mudam (2018, p. 152) e pergunta “quando foi esse tempo em que os portugueses todos falavam como deve ser” (2018, p. 196). Monteiro afirma que, se a língua não for um código estável, ela irá tornar-se um caos, “porque a língua serve para comunicar”<sup>8</sup>. Neves questiona: “Temos de ir à origem de cada palavra e expressão para usá-la como existia não se sabe bem quando? E quando paramos o processo?” (2018, p. 152).

Estes pontos de vista refletem formas muito diferentes de olhar a língua. É curioso notar que, para Manuel Monteiro, “o bom revisor santifica a língua” (2018, p. 216) e a “ignorância de pilares sacratíssimos da gramática” é grandemente responsável por se falar e escrever mal (2018, p. 121), enquanto Marco Neves defende que “a língua não é sagrada: é bem humana, impura e ilógica” (2016, p. 140) e reclama com as pessoas que têm medo de que a língua se parta, como se fosse de cristal (2018, p. 88):

Estas pessoas não gostam que se diga «deslargar» (uma palavra *popular*, que horror), «bué» (sabe-se lá por onde andou a palavra...), «o comer» (faz-lhes cócegas), «OK» (estrangeirismo imperdoável)... - e há ainda quem imponha regras artificiais ao português, para ver se todos o usam de forma bem-comportada (e cada vez mais limitada). São pessoas que gostam da *ideia* da língua portuguesa, mas têm um certo horror ao português tal como ele existe na boca dos portugueses (Neves, 2018, p. 88).

As opiniões dos dois autores divergem também sobre o estado atual da língua. Monteiro afirma que “a quantidade de palavras usadas pós-Internet é muito inferior às utilizadas na era pré-Internet”<sup>9</sup> e lamenta a morte de algumas palavras (2018, p. 75): “Quando uma palavra deixa de ser utilizada, é expulsa dos dicionários. E não é só a palavra que desaparece, o significado também”<sup>10</sup>.

Cada palavra é um ser inteiramente excepcional. Cada palavra tem a sua identidade – a sua forma gráfica, a sua música, a sua etimologia, o seu campo semântico e o seu campo lexical, a sua utilização ao longo da História pelos escreventes e pelos falantes e, claro está, pelos escritores, sobretudo pelos grandes (Monteiro, 2018, p. 76).

Mas o problema, para Monteiro, não são apenas as palavras que morrem: são também “as palavras virais”, modas que mudam “de três em três meses”<sup>11</sup>. Contudo, “proibir palavras não melhora a língua”, segundo Marco Neves: “é só uma perda de tempo” (2018, p. 109). Defender essas expressões é até necessário, afirma, “para que a língua não fique mais pobre” (Neves, 2018, p. 27):

---

<sup>8</sup> M. Monteiro, curso prático “Esclareça todas as dúvidas da língua portuguesa”, maio 31, 2019.

<sup>9</sup> M. Monteiro, curso prático “Esclareça todas as dúvidas da língua portuguesa”, maio 31, 2019.

<sup>10</sup> M. Monteiro, curso prático “Esclareça todas as dúvidas da língua portuguesa”, maio 31, 2019.

<sup>11</sup> M. Monteiro, curso prático “Esclareça todas as dúvidas da língua portuguesa”, maio 31, 2019.

“Acho, aliás, curioso como alguns dos inventores de erros andam constantemente a lamentar o empobrecimento da língua, quando são os primeiros a querer limitar o seu uso” (Neves, 2018, p. 27).

A grande batalha de Marco Neves é travada precisamente contra os erros falsos, que têm como consequência a redução da expressividade da língua e das opções que temos para comunicar, causando um afastamento entre a norma e o uso (Neves, 2018, p. 37). Esses exageros são o maior problema do português (Neves, 2018, p. 59): “A ignorância das regras da norma-padrão resolve-se com algum esforço. Essa atitude já não sei”, escreve Neves (2018, p. 59). Monteiro discorda, referindo que “a batalha dos puristas é cada vez mais necessária. Nem que seja para equilibrar um pouco a balança” (2018, p. 91). Neves lamenta: “O triste é que os puristas acabam por prejudicar a própria língua de que se julgam defensores” (2016, p. 139). “Um discurso sereno não tem de ser menos exigente”, defende, até por ser mais difícil evitar os simplismos (otimistas ou pessimistas) do que “embarcar no pânico habitual” (Neves, 2016, p. 206).

Um exemplo do quanto a visão purista e a visão flexível podem divergir é a expressão “sorriso nos lábios”. Para Manuel Monteiro, esta expressão, “além de pleonástica”, tornou-se “numa locução estereotipada – numa imagem gasta, desprovida de viço” (2018, p. 20). Já Marco Neves, também a propósito de “sorriso nos lábios”, pergunta aos puristas se querem mesmo evitar as redundâncias à força e qual seria o objetivo de o fazerem: “Para quê, pergunto eu? Só para terem o belo prazer de corrigirem os outros?” (2018, p. 175). O autor assegura: “Não vamos ficar a falar de forma mais clara nem mais bonita. Antes pelo contrário” (Neves, 2018, p. 175). Manuel Monteiro deixa claro, no entanto, que o que pretende não é proibir o uso de todos os pleonasmos, mas, sim, fazer o leitor reparar naquilo em que não reparou, de maneira que, se usar um pleonasma, o faça conscientemente, e lembrá-lo de que “a ênfase não nasce exclusivamente do pleonasma” (2018, p. 25). E avisa: “Cuidado ainda com os fanáticos que fazem da caça ao pleonasma o assunto mais importante da escrita (não só não é como há pleonasmos perfeitamente legítimos)” (Monteiro, 2018, p. 25)<sup>12</sup>.

Embora este cenário possa parecer um tanto confuso, há um aspeto absolutamente claro: apesar de as estratégias adotadas serem opostas, o objetivo de Manuel Monteiro e Marco Neves é exatamente o mesmo – a proteção da língua. Neves declara que o seu livro sobre erros falsos é um “exercício de

---

<sup>12</sup> Há outras expressões que Manuel Monteiro recusa e Marco Neves considera erros falsos. Na verdade, muitas das entradas do *Dicionário de erros frequentes da língua*, de Monteiro, correspondem a muitas das do *Dicionário de erros falsos e mitos do Português*, de Neves: por exemplo, “brutal”, “imensos”, “mal e porcamente” e “tirar as impressões digitais”. Marco Neves, comentando o caso de um revisor que corrigia expressões como “pelos vistos” e “tenho saudades tuas”, ambas figurantes nos dois livros, escreve em *Doze segredos da língua portuguesa* que “os puristas deste calibre dão umas opiniões mal fundamentadas sobre a forma como devemos falar e escrever” (Neves, 2016, p. 139). Monteiro afirma sobre a primeira que “a expressão correcta é «pelo visto»”, tal como “podemos dizer «pelo observado»” (Monteiro, 2015, p. 147), e sobre a segunda que “a expressão acertada e lógica é «saudades de ti»”, pois em “saudades tuas” “há uma pretensa posse dos sentimentos do outro” (Monteiro, 2015, pp. 171-172).

defesa activa do português” (2018, p. 27), e o livro mais recente de Monteiro chama-se, precisamente, *Por amor à língua*. Além do mais, o carácter extremo dos argumentos utilizados em ambos os lados parece ser apenas uma maneira de os autores frisarem a importância do que defendem, uma vez que uma análise mais atenta das teses de Monteiro e Neves evidencia que nenhum dos dois é tão radical na sua rigidez ou flexibilidade quanto parece à primeira vista. Marco Neves afirma até ter a consciência de que a sua opinião pode dar a entender que acredita “estar tudo bem com a língua e que nada há a fazer para defender o português”, mas explica que não é essa a verdade: está de facto preocupado com a língua, mas considera que isso “não implica engolir o discurso catastrofista sem reflexão” (Neves, 2016, p. 205). Percebe-se também que o que deseja realmente é que os falantes não se censurem uns aos outros e que haja mais compreensão, não dando por isso menos importância às regras de português. Aliás, a flexibilidade de Neves acolhe sobretudo a oralidade, na qual as regras são mais fluidas:

O que pode ser aceitável numa situação informal pode ter de ser evitado na escrita. Porquê? Por vários motivos, sendo um deles este: a escrita tem regras mais simples e menos flexíveis (Neves, 2018, p. 178).

Na verdade, Marco Neves, na sua *Gramática para todos*, revela-se muito mais normativo do que outros autores, apresentando como obrigatório o que outras gramáticas consideram apenas ser “preferível”<sup>13</sup>. Simultaneamente, Monteiro admite que a língua, devendo manter-se estável, tem também, naturalmente, de conviver com o novo – “só que hoje ninguém precisa de fazer apelos para se usarem mais estrangeirismos”<sup>14</sup> – e defende até uma primazia da eufonia sobre as regras:

Aqueles que só entendem a língua com padrões e regras, como se fosse matemática, tremem perante a máxima: sentir a língua. Os critérios da beleza e da eufonia são mais subjectivos, menos padronizáveis do que as regras gramaticais (Monteiro, 2018, p. 47).

Há também autores com visões intermédias<sup>15</sup>, mais centradas do que as perspectivas acima descritas: João Andrade Peres e Telmo Mória (1995, p. 13), por exemplo, referem que as normas linguísticas são “lentamente moldadas pelas comunidades” e não pelos linguistas, não sendo, porém, tão flexíveis que tudo admitam “nos diferentes planos em que se organizam”, razão pela qual existe o erro linguístico. Peres e Mória descrevem, assim, em *Áreas críticas da língua portuguesa*, as construções que consideram gramaticais e agramaticais, identificando as que estão possivelmente num

---

<sup>13</sup> Um caso em que isto acontece é a construção *um dos que + plural*. Marco Neves escreve que a forma correta é a que utiliza o plural, rasurando a construção com o singular (Neves, 2019, p. 118). Na *Nova gramática do português contemporâneo*, de Lindley Cintra e Celso Cunha, por exemplo, escreve-se que, neste contexto, o verbo “vai para a 3.<sup>a</sup> pessoa do plural ou, mais raramente, para a 3.<sup>a</sup> pessoa do singular” (Cintra & Cunha, 1984, p. 498).

<sup>14</sup> M. Monteiro, curso prático “Esclareça todas as dúvidas da língua portuguesa”, maio 31, 2019.

<sup>15</sup> A separação entre correntes não é nem pode ser absoluta, e esta categorização nem sempre pode ser feita, até porque diferentes autores podem inspirar-se mais numa perspectiva, outros podem ir beber mais a outra, e acontece até por vezes que consoante a área de que se esteja a falar um mesmo autor possa parecer prescritivo ou descritivo.

processo de transição, de modo que o leitor perceba que já não estão exatamente erradas, mas que também não podem ainda ser consideradas corretas.

Voltamos, assim, ao início deste capítulo: identificar erros num texto não é tão fácil quanto parece – e falar e escrever sem erros também não. Até porque, como lembra Marco Neves, os grandes autores também se enganam (2018, p. 27), pelo que seguir à risca o que dizem não é uma receita infalível. A forma mais segura de nos guiarmos é, assim, seguir dois princípios: o bom senso, uma vez que os falantes também podem formar a sua própria opinião sobre as expressões que fazem surgir mais dúvidas, e o registo em que estamos a comunicar. O registo é a forma como escrevemos, mudando consoante os nossos destinatários, o nosso objetivo e a formalidade do contexto em que estamos a comunicar (Peres & Mória, 1995, p. 35). O registo pode ser “mais ou menos coloquial, mais ou menos familiar, mais ou menos cuidado e mais ou menos formal” (Raposo *et al.*, 2013, p. XXV).

O jornalismo tem um registo próprio, que assenta, naturalmente, no discurso informativo (Estrela & Pinto-Correia, [1990], p. 21). O registo jornalístico exige, assim, “uma linguagem simples, concisa e rigorosa”, para que a mensagem seja facilmente compreendida pelos leitores (Ricardo, 2010, p. 21) – todos os leitores, e não apenas os mais cultos (Ricardo, 2010, p. 31) –, pelo que também é importante que não exista demasiada informação em cada frase (Raimundo, s.d., p. 37). A escrita jornalística tem ainda a particularidade de lhe ser possível ir beber a vários registos – até o popular, se o contexto o justificar (Neves, 2018, p. 98) – sem, no entanto, se apartar da norma-padrão (Estrela & Pinto-Correia, [1990], p. 16).

No entanto, lembra Marco Neves (2016, p. 171), cometer erros é tão inevitável “como os impostos e a morte”, principalmente se tentamos escrever com grande velocidade. O cérebro, “máquina que é muito mais do que uma máquina”, tem capacidades espantosas, mas falha “quando está cansado ou não está para aí virado” (Neves, 2016, p. 174). Combater essas falhas torna-se ainda mais difícil por o cérebro ter tendência para “ignorar ou desculpar os erros próprios”, sendo exímio, porém, a apontar os erros dos outros, pelo que, sugere, é essencial haver uma segunda pessoa, que não o autor, a rever os textos (Neves, 2016, p. 174).

Conhecer a norma pode não ser o suficiente para não cometer erros, mas continua a ser imprescindível. Ter consciência das regras ajuda, pelo menos, a que só se cometam erros por cansaço e distração, não acrescentando a estes os que se cometem por desconhecimento. No próximo capítulo são descritas algumas das regras essenciais da língua, distribuídas pelas categorias que serão analisadas nesta dissertação.

### 3. Áreas críticas

Numa tentativa de categorizar os erros encontrados na análise de conteúdo – e sabendo que existe a possibilidade de alguns casos serem remetidos para “outros erros”, porque, de contrário, o resultado seria um número infundável de categorias –, optou-se por tomar como base a obra *Áreas críticas da língua portuguesa*, de João Andrade Peres e Telmo Mória, que identifica seis áreas como as mais problemáticas da língua: estruturas argumentais, construções passivas, estruturas de elevação, orações relativas, coordenação e concordâncias. Serão também objeto de abordagem três tipos adicionais de desvios linguísticos, analisados por serem particularmente graves quando ocorrem num jornal – erros de percepção, impropriedade de linguagem e erros de pontuação. Neste capítulo serão descritas as normas que subjazem a cada categoria e que, quando quebradas, dão origem aos desvios tratados nesta dissertação.

Começar-se-á por descrever sucintamente cada uma das categorias de erros que servem de referência ao presente estudo. Para ilustrar estas categorias, recorrer-se-á, em primeira instância, a exemplos extraídos da *Gramática do Português* da Fundação Calouste Gulbenkian e da obra *Áreas críticas da língua portuguesa*, mas também, em certos casos, a excertos retirados dos jornais que constituem o *corpus* de análise desta dissertação. Tal como está convencionado, os exemplos agramaticais são assinalados com \*; os exemplos marginais são assinalados com ? ou ??, dependendo do seu grau de marginalidade (Raposo *et al.*, 2013, p. XXVII).

#### 3.1. Estruturas argumentais

Na perspetiva da Lógica de Predicados, as proposições organizam-se em torno do predicador, que se combina com os argumentos (Raposo *et al.*, 2013, p. 358). Sem os argumentos, o predicador “não poderia formar uma proposição – uma frase – semanticamente coerente e completa” (Raposo *et al.*, 2013, p. 360).

Os argumentos são expressões que “identificam as entidades a que se aplica uma propriedade ou entre as quais é estabelecida uma relação” (Peres & Mória, 1995, p. 23). O predicador exprime as propriedades das entidades que são representadas pelos argumentos ou as relações “que essas entidades mantêm entre si” (Raposo *et al.*, 2013, p. 358).

A função semântica dos argumentos é-lhes atribuída pelo verbo (Eliseu, 2008, p. 59) e estes podem desempenhar várias funções sintáticas na frase: sujeito, complemento direto, complemento indireto ou complemento oblíquo (Raposo *et al.*, 2013, pp. 366-367). Os argumentos têm uma relação semântica (a que se chama seleção) com o predicador: o predicador seleciona os argumentos (Raposo *et al.*, 2013, p. 361).

A supressão dos argumentos resulta em estruturas agramaticais<sup>16</sup> (Peres & Mória, 1995); de forma geral, “a omissão do argumento de um predicator tem como resultado uma frase não gramatical, semanticamente incompleta”, sobretudo se não for possível recuperar o valor do argumento através do contexto (Raposo *et al.*, 2013, p. 361).

Os argumentos têm propriedades semânticas, ou seja, estão dependentes “da relação de representação que existe entre a linguagem e o mundo” (Peres & Mória, 1995, p. 55); não podemos, portanto, dizer que *o canário fala muito*, pois os canários não falam (Peres & Mória, 1995, p. 54). Quando o significado de uma expressão está “associado a entidades com determinadas características”, diz-se que tem um traço semântico inerente<sup>17</sup> (Peres & Mória, 1995, p. 55). Os traços semânticos são “propriedades do plano linguístico que correspondem a propriedades relevantes das entidades que as palavras designam” (Peres & Mória, 1995, p. 55).

Diferentes predicados requerem diferentes números de argumentos; assim, a enaridade é o número de argumentos requeridos por um determinado predicado (Peres & Mória, 1995, p. 50). Um predicado pode combinar-se com um, dois, três ou quatro argumentos, ou então não se combinar com nenhum (Peres & Mória, 1995; Raposo *et al.*, 2013).

Um predicado de zero lugares não admite nenhum argumento: é o caso de verbos como *amanhecer*, *anoitecer*, *chover* e *nevar* (Peres & Mória, 1995, p. 51). Um predicado unário ou de um lugar requer um único argumento, como é o caso de *adormecer*, *espirrar*, *nascer* e *voar* (Peres & Mória, 1995, p. 51). Um predicado binário ou de dois lugares requer dois argumentos – por exemplo, *acreditar*, *engolir* e *desistir* (Peres & Mória, 1995, p. 51). Um predicado ternário ou de três lugares, como *atirar*, *dizer* ou *colocar*, combina-se com três argumentos (Peres & Mória, 1995, p. 52). Um predicado quaternário ou de quatro lugares requer quatro argumentos, como é o caso de *levar*, *transferir* e *trazer* (Peres & Mória, 1995, p. 52)<sup>18</sup>.

Quando os verbos selecionam um complemento preposicionado, “cada verbo escolhe a preposição particular (ou um pequeno conjunto de preposições particulares)” que introduz esse elemento (Raposo *et al.*, 2013, p. 1182). Esta relação entre duas palavras (que se pode estabelecer

---

<sup>16</sup> Ex: *\*a noiva lavou*; *\*o livro está sobre* (Raposo *et al.*, 2013, p. 361)

<sup>17</sup> Ex: *Canário* tem os traços [+animado] e [-humano]. *Molhar* requer que os seus argumentos tenham o traço [+concreto]; *correr* requer que o seu argumento tenha os traços [+concreto] e [+animado]; *reunir-se*, na forma intransitiva, requer que o seu argumento tenha os traços [+concreto], [+animado] e [+grupar] (Peres & Mória, 1995, p. 56).

<sup>18</sup> No fundo, um predicado unário requer apenas o sujeito: *O menino já adormeceu* (Peres & Mória, 1995, p. 51); um predicado binário requer um sujeito e um complemento: *O Jorge desistiu da corrida* (Peres & Mória, 1995, p. 51); um predicado ternário requer um sujeito e dois complementos: *A bibliotecária colocou os livros na estante* (Peres & Mória, 1995, p. 52); e um predicado quaternário requer um sujeito e três complementos: *A Irene levou o dinheiro de casa para o banco* (Peres & Mória, 1995, p. 52).

“diretamente ou através de preposição”) pode ocorrer não só com verbos como também com nomes, adjetivos ou advérbios e chama-se regência (Ricardo, 2010, p. 198). Um verbo pode aceitar diferentes preposições, e nesse caso o seu significado pode variar consoante a preposição utilizada – é diferente dizer *ela falou do Mário* e dizer *ela falou com o Mário* –, ou pode exigir uma preposição específica, não permitindo nenhuma outra: *o Pedro colaborou com a empresa* (Neves, 2019, p. 68).

### 3.2. Construções passivas

Para partir de um caso concreto do que é uma oração ativa e uma oração passiva, utilizemos um exemplo colhido na obra *Áreas críticas da língua portuguesa*. Considerando a frase ativa *Miguel Ângelo pintou a Capela Sistina*, é possível transformá-la numa frase passiva: *a Capela Sistina foi pintada por Miguel Ângelo* (Peres & Mória, 1995, p. 207).

Nesta transição da ativa para a passiva, a expressão que funciona como complemento direto na oração ativa (neste caso, *a Capela Sistina*) passa para a versão passiva com a função de sujeito<sup>19</sup> e a expressão que tem a função de sujeito na frase ativa (*Miguel Ângelo*) transforma-se em complemento agente da passiva (*por Miguel Ângelo*) (Peres & Mória, 1995, p. 207).

Nem todas as frases, porém, podem ser transformadas em orações passivas: a possibilidade de fazer esta transição depende sobretudo dos verbos que fazem parte da frase (Peres & Mória, 1995, p. 208). Os verbos transitivos são os únicos que admitem a construção passiva (Peres & Mória, 1995, p. 208); são aqueles que selecionam um argumento com a função de complemento direto (Raposo *et al.*, 2013, p. 429). Assim, verbos não transitivos não podem passar para a forma passiva: *\*a Ana foi tossida*; *\*a Ana foi saída de casa*; *\*a casa foi saída pela Ana* (Peres & Mória, 1995, p. 208). Isto acontece porque o sujeito da passiva nunca pode aparecer na ativa introduzido por uma preposição (Peres & Mória, 1995, p. 209)<sup>20</sup>.

Existem três subtipos de estruturas passivas, definidos consoante a forma em que se encontra o predicador verbal (Peres & Mória, 1995, p. 211). Se o predicador estiver no particípio passado (“precedido ou não de uma forma do verbo *ser*”), estamos perante uma passiva participial: *a Capela Sistina foi pintada por Miguel Ângelo* (Peres & Mória, 1995, p. 211). Se o predicador estiver acompanhado do pronome clítico *se* – *pintaram-se dez salas* –, trata-se de uma passiva de clítico (Peres & Mória, 1995, p. 211); neste tipo de passiva, o sujeito ocorre preferencialmente em posição

---

<sup>19</sup> Os sujeitos das passivas podem ser frases encaixadas, ou seja, frases que na estrutura ativa são uma oração completiva “com a função de complemento directo”, situação em que surgem na posição final da passiva (e não na inicial): *foi dito pelo ministro que não haveria aumento de impostos* (Peres & Mória, 1995, p. 210)

<sup>20</sup> Existem, porém, alguns verbos que são exceções a esta regra: *apelar*, *obedecer*, *pagar*, *perdoar* e *responder* (Raposo *et al.*, 2013, p. 435).

pós-verbal: *??dez salas pintaram-se* (Peres & Mória, 1995, p. 213). Se o predicador estiver no infinitivo mas não estiver acompanhado do clítico *se*, estamos perante uma passiva infinitiva: *esta sala foi difícil de pintar* (Peres & Mória, 1995, p. 211).

### 3.3. Estruturas de elevação

Se se observar as frases *parece que os miúdos gostam da professora* e *os miúdos parecem gostar da professora*, constata-se que têm o mesmo conteúdo, o mesmo sentido (Peres & Mória, 1995, p. 249). Na verdade, as duas frases estão relacionadas, derivando de “estruturas subjacentes muito próximas” (Peres & Mória, 1995, p. 250).

Em ambas as estruturas existe “um elemento vazio na posição de sujeito da frase matriz” (Peres & Mória, 1995, p. 250); assim, no entendimento de João Andrade Peres e Telmo Mória, “o verbo *parecer* tem um único argumento, que não recebe o estatuto de sujeito” – [ ] *PARECER que os miúdos gostam da professora*; [ ] *PARECER os miúdos gostar da professora* (1995, p. 250).

Assim, de uma estrutura para a outra, o que acontece é que o sintagma nominal<sup>21</sup> *os miúdos* passa de sujeito da frase encaixada “para a posição, anteriormente vazia, de sujeito da frase matriz” (Peres & Mória, 1995, p. 250). Este movimento chama-se elevação (Peres & Mória, 1995). Em consequência, o novo sujeito – *os miúdos* – passa a concordar<sup>22</sup> com o predicador da frase – *parecer* (Peres & Mória, 1995, pp. 250-251). Existe ainda outra construção em que ocorre movimento de elevação com o verbo *parecer*: *os miúdos parecem contentes* (Peres & Mória, 1995, p. 251).

Os verbos que admitem o movimento de elevação designam-se por verbos de elevação (Peres & Mória, 1995, p. 251). O verbo *parecer* “admite incontestavelmente a construção de elevação” (Peres & Mória, 1995, p. 251), como se viu nos exemplos acima; outros, como *calhar*, *custar* e *faltar*, começam gradualmente a admitir esta construção, mas o seu uso ainda não se generalizou (Peres & Mória, 1995, p. 254) – *custámos muito a chegar a acordo*; *ainda faltam dançar dois pares* (Peres & Mória, 1995, p. 252). Há ainda um grupo de verbos, como *bastar*, *convir* e *urgir*, que rejeitam totalmente a elevação – *\*os diretores bastam aprovar a decisão*; *os diretores convêm aprovar a decisão* (Peres & Mória, 1995, p. 254).

Quando a oração encaixada tem o verbo no infinitivo flexionado, a elevação não só é desnecessária como também é rejeitada pelos falantes: – *\*os directores parecem aprovarem a*

---

<sup>21</sup> Sintagma: “Categoria sintáctica complexa, que contém necessariamente um elemento, designado **núcleo**, que determina a sua natureza categorial” (Eliseu, 2008, p. 39). Se o núcleo for um nome, o sintagma é nominal; se for um verbo, é verbal; se for um adjetivo, é adjetival; se for uma preposição, é preposicional (Eliseu, 2008).

<sup>22</sup> Cf. subcapítulo “Concordâncias”.

*decisão; \*os directores faltam aprovarem a decisão; os directores custaram a aprovarem a decisão* (Peres & Mória, 1995, pp. 254-255).

O movimento de elevação também é possível com predicadores adjetivais: *este problema é difícil de resolver*<sup>23</sup> (Peres & Mória, 1995, p. 251). Este tipo de elevação<sup>24</sup>, no entanto, “só ocorre com um pequeno número dos predicadores adjetivais que admitem um argumento frásico”, entre os quais se contam *complicado, fácil, impossível* e *simples* – além de *difícil* (Peres & Mória, 1995, p. 257).

### 3.4. Orações relativas

Existem três tipos de orações subordinadas: substantivas, adverbiais e adjetivas (Peres & Mória, 1995, p. 269). As orações relativas com antecedente são orações subordinadas adjetivas<sup>25</sup> (Peres & Mória, 1995, p. 269; Raposo *et al.*, 2013, p. 2061), nome que se deve a terem a mesma função semântica que os adjetivos qualificativos (Raposo *et al.*, 2013, p. 2061): as orações relativas introduzem no discurso uma qualificação “acerca de uma ou mais entidades envolvidas” (Peres & Mória, 1995, p. 269).

Um exemplo de oração relativa é a que está sublinhada na seguinte frase: *os documentos que estão na pasta azul ainda não foram assinados* (Peres & Mória, 1995, p. 269).

As orações relativas são introduzidas por um constituinte que contém “um elemento que em si próprio não tem significado”: o pronome relativo<sup>26</sup> (Peres & Mória, 1995, p. 269). Este pode ser uma palavra simples ou uma locução relativa (Raposo *et al.*, 2013, p. 2063). O pronome relativo retoma o grupo nominal modificado pela oração relativa (Raposo *et al.*, 2013, p. 2063). O constituinte relativo, porém, não é sempre formado apenas pelo pronome relativo (Peres & Mória, 1995, p. 278), como é possível verificar na frase *as pessoas com quem o Paulo conversou prometeram apoiá-lo* (Peres & Mória, 1995, p. 278). A preposição com que o elemento relativo se combina é selecionada pelo verbo da oração relativa (Eliseu, 2008, p. 104), como se pode ver utilizando o exemplo dado acima: *o Paulo conversou com as pessoas*.

O pronome relativo pode desempenhar várias funções sintáticas dentro da oração relativa; assim, por exemplo, na frase *o médico que operou a Ana formou-se em Coimbra*, o pronome relativo tem a função de sujeito (Peres & Mória, 1995, p. 280). Na frase *o último filme que vi era do Fellini*, o

---

<sup>23</sup> Como é referido no subcapítulo anterior, esta construção também é considerada por Peres e Mória um tipo de frase passiva.

<sup>24</sup> A *Gramática do Português* chama a este tipo de construção ‘elevação do objeto’, considerando a estrutura apresentada inicialmente ‘elevação do sujeito’.

<sup>25</sup> As orações relativas sem antecedente são substantivas e não adjetivas (cf. Amorim & Sousa, 2014, p. 105).

<sup>26</sup> *Que, quem, o qual, cujo, onde, quanto* (Eliseu, 2008, p. 104).

que desempenha a função de complemento direto – *vi o filme* (Peres & Mória, 1995, p. 281). E, na frase *os livros devem ser arrumados no sítio de onde foram tirados*, o pronome relativo tem a função de complemento oblíquo, pois os livros foram tirados *do sítio* (Peres & Mória, 1995, p. 281).

Alguns pronomes relativos estão associados a aspetos semânticos específicos do grupo nominal que retomam: por exemplo, “*quem* codifica o traço [+ humano]” e “*onde* codifica o traço [+ lugar]” (Raposo *et al.*, 2013, p. 1876). Assim, só se podem combinar com grupos nominais que sejam compatíveis com estes traços semânticos (Eliseu, 2008, p. 106).

O pronome *onde*, especificamente, só se pode relacionar “com nomes que expressem um espaço físico” – *o país onde nasci; a universidade onde estudei; a rua onde moro* (Tavares, 2016, p. 61):

Nomes como *reunião, jogo, programa* têm um valor semântico de tempo e não de espaço, pelo que não devem coocorrer com o relativo *onde*. Assim, deve optar-se pelo uso dos relativos *que/qual* precedidos da preposição *em*<sup>27</sup> (Tavares, 2016, p. 61).

A expressão lexical a que o pronome relativo está associado chama-se antecedente do pronome relativo e permite identificar as entidades a que a oração relativa se aplica (Peres & Mória, 1995, p. 270).

As orações relativas podem ser classificadas segundo a classe do seu antecedente, o qual pode ser nominal ou frásico (Raposo *et al.*, 2013, p. 2069); assim, existem orações relativas de nome (como é o caso dos exemplos dados acima) e orações relativas de frase (Raposo *et al.*, 2013, p. 2069; Peres & Mória, 1995, p. 270).

Nas orações relativas de nome, o antecedente não tem de estar lexicalmente realizado: *quem casa quer casa; onde há fumo há fogo* (Peres & Mória, 1995, p. 273). Estas orações chamam-se relativas sem antecedente expreso ou relativas livres (Peres & Mória, 1995, p. 273).

Um exemplo de oração relativa frásica é *os jovens interessam-se cada vez mais pelas questões ecológicas, o que constitui um facto muito positivo* (Peres & Mória, 1995, p. 270). Nestas, como o nome indica, o antecedente é uma estrutura frásica (Peres & Mória, 1995, p. 270). A locução relativa *o que* não pode estar associada a nenhum dos traços [humano], [lugar], [tempo] e [modo], pelo que se torna “particularmente adequada para retomar um antecedente frásico” (Raposo *et al.*, 2013, p. 2076).

As funções que as orações relativas desempenham no discurso permitem “subdividi-las em duas grandes subclasses” (Peres & Mória, 1995, p. 271): as orações relativas restritivas e as orações relativas explicativas.

Na frase apresentada como exemplo no início deste subcapítulo<sup>28</sup>, a oração relativa restringe o conjunto de objetos a que se aplica a expressão *ainda não foram assinados* (Peres & Mória, 1995, p.

<sup>27</sup> Ex: *faltei à reunião em que se discutiu o regulamento interno* (Tavares, 2016, p. 61)

<sup>28</sup> *Os documentos que estão na pasta azul ainda não foram assinados* (Peres & Mória, 1995, p. 269).

272), sendo, por isso, um modificador restritivo do nome (Raposo *et al.*, 2013, p. 2068). Estas orações chamam-se, assim, relativas restritivas (Peres & Mória, 1995, p. 271). Nestes casos, “não existe qualquer rutura, sintática ou melódica, entre o antecedente e a oração relativa” (Raposo *et al.*, 2013, p. 1967).

Se, no contexto, houver um único conjunto de documentos, a expressão *os documentos* será “suficiente para identificar os objectos de que se está a falar, não sendo necessário distinguir entre grupos de documentos”; nesse caso, a frase *os documentos ainda não estão assinados* forneceria toda a informação necessária (Peres & Mória, 1995, p. 272). Se o emissor quiser acrescentar alguma informação suplementar, pode acrescentar uma oração relativa que a transmita: *os documentos, que estão na pasta azul, ainda não foram assinados* (Peres & Mória, 1995, p. 272). Este tipo de relativas, chamadas orações relativas explicativas ou orações relativas apositivas – por terem propriedades típicas dos apostos –, é sempre colocado entre vírgulas, parênteses ou travessões (Raposo *et al.*, 2013, pp. 2109-2110).

As relativas de frase são necessariamente orações relativas explicativas, uma vez que uma estrutura frásica não pode denotar “um conjunto de objectos do domínio de discurso” (Peres & Mória, 1995, p. 272). Também as orações relativas em que o antecedente é um pronome pessoal de 1.<sup>a</sup> ou 3.<sup>a</sup> pessoa são obrigatoriamente explicativas e não restritivas (Raposo *et al.*, 2013, p. 2110); o mesmo acontece com os nomes próprios (Eliseu, 2008, p. 108).

Uma última característica essencial das orações relativas é que estas ocorrem tipicamente adjacentes ao seu antecedente<sup>29</sup>: *os chocos que comi ontem estavam estragados* vs. *\*os chocos estavam estragados que comi ontem* (Raposo *et al.*, 2013, p. 2076).

As orações relativas, quando bem pontuadas, contêm um elevado valor informativo, uma vez que indicam de imediato se a entidade de que se está a falar é a única nessas condições ou se há mais casos a que a descrição contida na frase se possa aplicar. Assim, em especial no contexto do jornalismo, a utilização adequada das orações relativas pode revestir-se de grande importância, já que, se a pontuação escolhida não for apropriada para o tipo de relativa em causa, se corre o risco de se veicular informação errada ou enganadora<sup>30</sup>.

---

<sup>29</sup> A quebra da adjacência só é possível em registos informais – *conheci um rapaz ontem que namorou a Maria* (Raposo *et al.*, 2013, p. 2076) – e apenas quando a construção relativa é indefinida – *\*conheci o rapaz ontem que namorou a Maria* (Raposo *et al.*, 2013, p. 2076).

<sup>30</sup> Um exemplo de como não se colocar entre vírgulas uma oração relativa explicativa pode contribuir para transmitir uma informação errada é a seguinte frase, retirada da notícia “Estado perdeu rasto a cinco jovens forçados a mendigar”, publicada no *Público* a 4 de dezembro de 2018 (p. 16): “Quando os pais foram detidos, em 2017, no Porto, os quatro filhos que seriam por eles forçados a mendigar em falsos peditórios na rua e a roubar em centros comerciais foram-lhes retirados”. Esta frase dá a entender que o casal teria mais algum filho além dos quatro mencionados, mas uma leitura atenta do texto revela que não era esse o caso.

### 3.5. Coordenação

Na tradição gramatical adotada pelas gramáticas portuguesas, a coordenação normalmente surge associada a estruturas frásicas (Peres & Mória, 1995, p. 372); as frases mantêm a sua estrutura interna, sem que a sua independência sintática seja alterada pela coordenação (Eliseu, 2008, p. 97).

Existem cinco tipos de coordenação frásica: copulativa, disjuntiva, adversativa, conclusiva e explicativa (Peres & Mória, 1995, p. 372).

As orações coordenadas copulativas e disjuntivas têm de obedecer a três condições para serem bem formadas: compatibilidade entre os constituintes coordenados; preservação de propriedades semânticas ou sintáticas dos constituintes coordenados; e observação de restrições aplicáveis aos constituintes coordenados (Peres & Mória, 1995, p. 376).

A condição de compatibilidade entre os constituintes coordenados aplica-se a todos os tipos de orações coordenadas e diz respeito ao facto de nem todos os constituintes se poderem coordenar: existem incompatibilidades semânticas e sintáticas que formam essa coordenação agramatical<sup>31</sup> (Peres & Mória, 1995, pp. 376-377).

A condição de preservação de propriedades semânticas ou sintáticas dos constituintes coordenados só se aplica à coordenação de expressões predicativas: por exemplo, *\*a Sara dirigiu-se e falou com o diretor* (Peres & Mória, 1995, p. 377). Assim, o que aqui é posto em questão é se, quando se coordenam dois predicadores, ambos se podem ligar ao mesmo argumento. Na frase dada como exemplo, pretende-se “que o sintagma preposicional *com o diretor* funcione como argumento simultaneamente do predicado verbal *dirigir-se* e do predicado verbal *falar*”, o que não se pode verificar porque os verbos regem preposições diferentes (*a* e *com*)<sup>32</sup> (Peres & Mória, 1995, p. 377).

A condição de observação de restrições aplicáveis aos constituintes coordenados refere-se a casos em que “a estrutura coordenada é selecionada por uma expressão predicativa” (Peres & Mória, 1995, p. 376). Por exemplo, na frase *\*o Paulo está ansioso por ir para férias e em passar os dias de papo para o ar*, são coordenados dois sintagmas preposicionais no argumento interno de *ansioso*, mas “apenas um é introduzido pela preposição requerida para esse argumento, isto é, a preposição *por*”<sup>33</sup> (Peres & Mória,

---

<sup>31</sup> Exemplo de incompatibilidade semântica: *\*o Paulo é o nosso candidato e passará a sê-lo*. Exemplo de incompatibilidade semântico-sintática: *\*este rapaz é americano e o professor de inglês da minha irmã*. Exemplo de incompatibilidade sintática: *\*o Paulo acha a Ana simpática e que a Rita é antipática* (Peres & Mória, 1995, p. 377).

<sup>32</sup> Uma forma de corrigir a frase seria: *a Sara dirigiu-se ao diretor e falou com ele* (Peres & Mória, 1995, p. 377).

<sup>33</sup> Para ficar correta, a frase deveria ser *o Paulo está ansioso por ir para férias e por passar os dias de papo para o ar ou o Paulo está ansioso por ir para férias e passar os dias de papo para o ar* (Peres & Mória, 1995). Quando se coordenam sintagmas nominais, excetuando com a preposição *entre*, normalmente “distribui-se” a preposição pelos sintagmas nominais: *?prefiro sair sem a Isabel e a Luísa vs. prefiro sair sem a Isabel e sem a Luísa* (Raposo et al., 2013, pp. 1561-

1995, p. 378). Aqui, o que acontece é quase o oposto do caso anterior: um mesmo predicador tem de se ligar a dois argumentos, e ambos têm de respeitar as condições de regência do predicador.

### 3.6. Concordâncias

O respeito pelas regras de concordância é uma componente importante da “boa formação de uma frase ou de um discurso” (Peres & Mória, 1995, p. 443). Existe concordância entre duas expressões se estas possuírem “determinadas propriedades em comum”, sem as quais o discurso se torna agramatical<sup>34</sup> (Peres & Mória, 1995, p. 443).

O processo de concordância envolve vários atributos e cada um destes corresponde a um sistema de valores, que, por sua vez, integra “um conjunto de formas que se opõem entre si” (Peres & Mória, 1995, p. 443). Exemplificando, o número tem os valores singular e plural, o género tem os valores masculino e feminino e a pessoa pode ser a primeira, a segunda ou a terceira (Peres & Mória, 1995). Estes sistemas de valores “não se aplicam todos às mesmas classes ou subclasses de palavras” (Peres & Mória, 1995, p. 444). As regras de concordância definem precisamente que expressões “têm de concordar entre si e em relação a que atributos isso tem de se verificar” (Peres & Mória, 1995, p. 444).

João Andrade Peres e Telmo Mória (1995, pp. 444-450) definem três tipos de regras de concordância: concordância no interior de sintagmas nominais, concordância de predicadores com sujeitos e concordância de predicadores com complementos diretos.

No interior de sintagmas nominais, o núcleo nominal deve concordar com os pronomes possessivos e demonstrativos (Peres & Mória, 1995, p. 445) e com os adjetivos, artigos, numerais e quantificadores que também integram o sintagma (Eliseu, 2008, p. 70). Os nomes devem concordar com os adjetivos integrados “em sintagmas adjetivais com a função de complementos, modificadores ou apostos” (Peres & Mória, 1995, p. 445). Além disso, “o pronome relativo *cujo* e o pronome interrogativo *qual*” concordam (em número) “com os nomes a que se aplicam” (Peres & Mória, 1995, p. 445).

A concordância de predicadores com sujeitos dita que os predicadores devem concordar com o sintagma nominal que desempenha a função de sujeito (Peres & Mória, 1995, p. 446). Se se tratar de sintagmas nominais ou adjetivais, estes concordam com o sujeito em género e em número: *este corredor foi o vencedor da prova* (Peres & Mória, 1995, p. 446). Se o predicador for um verbo, a sua forma flexionada deve concordar em pessoa e número com o sujeito da frase, processo a que se chama concordância sujeito-verbo (Peres & Mória, 1995, p. 446).

---

1562). Quando são coordenados pronomes de 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> pessoa, só se admite a construção em que a preposição é repetida: *\*ela prefere sair sem mim e ti* vs. *ela prefere sair sem mim e sem ti* (Peres & Mória, 1995, p. 1562).

<sup>34</sup> Ex: *\*os ministros visitou o hospital* (Peres & Mória, 1995, p. 443).

Quando o sujeito é uma estrutura coordenada, designa-se por sujeito composto (se não houver coordenação, trata-se de um sujeito simples) (Peres & Mória, 1995, p. 447). Regra geral, “o sujeito composto impõe ao predicador a forma plural”: *os animais e o ser humano fazem parte de uma complexa cadeia biológica* (Peres & Mória, 1995, p. 447). Existem, porém, “duas possibilidades para a concordância de predicadores com sujeitos compostos” (Peres & Mória, 1995, p. 448), uma vez que “os falantes optam muitas vezes por uma concordância que é ditada menos por razões semânticas que por um simples efeito de proximidade dos constituintes”<sup>35</sup> (Peres & Mória, 1995, p. 447). A concordância no plural, porém, é sempre possível, e a possibilidade de se ter a concordância no singular nem sempre é aceite<sup>36</sup> (Peres & Mória, 1995, p. 448). Uma das condições que facilitam a concordância singular numa frase com sujeito composto é a posição pós-verbal do sujeito (Peres & Mória, 1995, p. 448).

Se dois sintagmas nominais forem coordenados pela conjunção *ou*, a concordância também é feita no plural, em especial se for possível “os dois termos satisfazerem o predicado, ou seja, a chamada «interpretação inclusiva» da disjunção”: *o locutor ou o jornalista fizeram a cobertura do acontecimento (talvez ambos)* (Peres & Mória, 1995, p. 1771). Se a leitura for a de que só “um dos termos satisfaz o predicado, i.e., na chamada «interpretação exclusiva» da disjunção”, alguns falantes consideram que a concordância pode ser singular: *o locutor ou o jornalista fez a cobertura do acontecimento (mas não ambos)* (Peres & Mória, 1995, p. 1771). Tanto neste caso como no que é descrito no parágrafo anterior, sobressai o facto de a concordância feita no plural estar sempre correta, enquanto a concordância no singular é aceite apenas por alguns falantes; assim, o mais seguro será utilizar a concordância no plural.

Quanto à concordância de predicadores com complementos diretos, esta dita que o sintagma nominal com a função sintática de complemento direto deve concordar em género e número com o sintagma nominal ou adjetival com a função de predicativo do complemento direto<sup>37</sup> (Peres & Mória, 1995).

Além dos sujeitos compostos, referidos acima, existem outras construções em que os falantes seguem, por vezes, uma concordância não-padrão: é o caso de *um(a) dos(as) que* e de *a maioria dos(as)* (Eliseu, 2008, pp. 72-73). Segundo a norma-padrão, a concordância é feita no plural para o primeiro caso – *isso foi uma das coisas que mais me chocaram* – e no singular para o segundo caso – *a maioria dos eleitores votou no antigo primeiro-ministro* (Eliseu, 2008, pp. 72-73). A concordância é feita assim

---

<sup>35</sup> Ex: *espero que te ajude o estudo e alguma sorte; a unidade, a conciliação dos esforços é algo que temos de procurar atingir* (Peres & Mória, 1995, p. 448).

<sup>36</sup> Ex: *\*o Luís e a Ana foi ao teatro ontem à noite* (Peres & Mória, 1995, p. 448).

<sup>37</sup> Ex: *toda a turma considera este rapaz um bom colega* vs. *\*toda a gente considera estes rapazes um bom colega* (Peres & Mória, 1995, p. 448).

pois o verbo tem de concordar com o sujeito, que será, respetivamente, *coisas* (sob a forma do pronome relativo *que*) e *a maioria* (Eliseu, 2008, p. 72). Um outro tipo de concordância não-padrão é a concordância *ad sensum*, em que a concordância é feita pelo sentido da frase, ou seja, é determinada pelos valores semânticos e não pelos valores formais: *a gente logo vamos*<sup>38</sup> (Eliseu, 2008, p. 73).

Nesta categoria foram também considerados os casos de “concordância de tempos”, fenómeno que em latim se designa *consecutio temporum* (Raposo *et al.*, 2013, p. 545). Aqui se incluem regras como a que dita que, se o verbo da oração principal estiver num tempo pretérito do indicativo, o verbo da oração subordinada terá de estar “no pretérito imperfeito ou no pretérito mais-que-perfeito composto do conjuntivo” – *o Rui queria/esperava que a Matilde lhe desse um beijo* (Raposo *et al.*, 2013, p. 545). Outro caso associado a esta regra, mas bastante diferente do anterior porque neste a concordância é quebrada quase constantemente, é o da concordância temporal do verbo *haver*: a forma correta será *ele perguntou onde tinham estado havia três meses*, e não *ele perguntou onde tinham estado há três meses* (Leite, 2018, p. 145).

### 3.7. Perceção

Neste subcapítulo tratam-se as estruturas que, pela forma como estão construídas, provocam um bloqueio na comunicação, não permitindo que a mensagem seja transmitida ou transmitindo mesmo uma mensagem que não é a que se pretende. Embora esta categoria não seja necessariamente preenchida por casos que configuram desvios à norma gramatical – uma frase pode estar bem construída sintaticamente e, ainda assim, o seu significado não ser perceptível, embora também aconteça a falha de perceção decorrer de um erro gramatical –, ela está relacionada com o uso que se faz da língua, com a forma como se ligam as palavras, pelo que se enquadra no tema que aqui está a ser explorado. De certa forma, esta é a categoria que contém os erros mais significativos, uma vez que, se uma vírgula mal colocada pode ser um erro grave, no contexto do jornalismo há poucas coisas mais problemáticas do que a informação não ser transmitida.

Precisamente por as falhas na perceção serem especialmente graves no jornalismo, nos casos em que um erro de perceção decorre diretamente da ocorrência de um erro gramatical suscetível de ser integrado noutra categoria (como a das orações relativas, por exemplo), optou-se por dar primazia à categoria da perceção.

Neste estudo foram considerados três tipos distintos de erros de perceção. No primeiro, a informação transmitida não corresponde à que se pretendia transmitir; no segundo, a apreensão da mensagem é muito complicada, sendo necessário ler a frase várias vezes até se compreender como se

---

<sup>38</sup> A forma correspondente ao português-padrão seria *a gente logo vai* (Eliseu, 2008, p. 73).

ligam os vários constituintes e o que estes significam – ou por estarmos perante um emaranhado sintático, como chama Diogo Pires Aurélio (2001, p. 216) a estes casos, ou por a frase em questão ser demasiado longa; no terceiro, incluem-se as frases ambíguas, das quais se podem fazer duas ou mais leituras.

Começando pelo primeiro tipo, não é fácil indicar com precisão que construções dão origem a este erro. As frases que aqui se incluem têm na base, com frequência, uma má escolha de palavras, ou pelo menos uma má escolha da posição em que estas são colocadas. Estes erros são detetados muitas vezes por a informação que transmitem não estar de acordo com o resto do texto (em alguns casos, pode até haver dúvidas sobre qual das partes está certa) ou por não corresponder ao conhecimento que temos do mundo e da realidade. Exemplo disto é a frase seguinte:

Um homem foi detido por suspeitas de crime de tráfico de estupefacientes e peculato na sequência de uma investigação que terá lesado o Serviço Nacional de Saúde em meio milhão de euros, anunciou a Polícia Judiciária<sup>39</sup> (*Público online*, 5 de dezembro).

Neste caso, dá-se a entender que foi a investigação que lesou o Serviço Nacional de Saúde em meio milhão de euros, quando, na realidade, foi o detido quem lesou o SNS e sobre ele incidia a investigação.

No segundo tipo, como foi já referido, os erros podem ter diversas fontes – até um verbo escrito incorretamente, como menciona Pinto (2005, p. 270), pode obrigar o leitor a reler a frase até que o contexto lhe indique o que se pretendia dizer. Estes casos nascem também, por vezes, daquilo a que Eugénio Lisboa chama “contorcionismos complicados”, causados pelo medo de que a “língua límpida e transparente” “seja tomada por «simplória»” (AA.VV., 1983, p. 38) – a má estruturação de uma frase complica sempre a sua leitura (Raimundo, s.d., p. 43).

A escrita deverá, paralelamente e sempre que possível, obedecer à estrutura mais simples: sujeito – predicado – complemento directo. Sempre que um leitor se vê obrigado a voltar atrás, e a reler o que já leu, para compreender o que lá está escrito, está a fazer na sua cabeça o trabalho que o jornalista deveria ter feito no papel. Não é dele a culpa de não compreender (Raimundo, s.d., p. 36).

Não raro, porém, o problema é, simplesmente, haver demasiadas palavras numa frase. Como escreveu Orlando Raimundo, “uma frase gramaticalmente correcta, com todas as regras de sintaxe, pode ser incorrecta, se o autor pretender meter-lhe dentro todos os dados disponíveis” (Raimundo, s.d., p. 43).

Daniel Ricardo, no seu livro *Ainda bem que me pergunta*, que na capa reclama o estatuto de “1.º manual de escrita jornalística editado em Portugal”, recomenda que não se escrevam frases com mais do que 36 palavras “por período, incluindo artigos, preposições e conjunções” (Ricardo, 2010,

---

<sup>39</sup> Lusa. (2018, dezembro 5). Detido por suspeitas de ter lesado Serviço Nacional de Saúde em meio milhão. *Público*. Disponível em <https://www.publico.pt/2018/12/05/sociedade/noticia/detido-suspeitas-lesado-servico-nacional-saude-meio-milhao-1853596> [Consult. em 13 de junho de 2019].

p. 69) e apresenta um quadro retirado de um estudo do CFPJ<sup>40</sup> em que fica claro que numa frase de 12 palavras a mensagem é assimilada a 100%, mas a partir daí a percentagem de compreensão começará a diminuir. Numa frase com 40 palavras, a mensagem só será memorizada a 50%: a primeira metade da mensagem ainda será apreendida, mas da segunda já só 10% serão transmitidos (Ricardo, 2010, p. 69). Sara de Almeida Leite lembra também que “quanto mais compridas forem as frases de um texto, maior é o risco de o leitor se perder na sua leitura, o que põe em causa a boa compreensão do conteúdo” (Leite, 2017, p. 123). A memória do interlocutor deve ser respeitada, escreve Sandra Duarte Tavares, e isso implica o uso de frases e expressões curtas (Tavares, 2016, p. 16).

Quanto à ambiguidade<sup>41</sup>, esta ocorre quando as construções permitem que se faça mais do que uma interpretação da frase (Eliseu, 2008, p. 67), confundindo “o receptor da mensagem informativa” (Ricardo, 2010, p. 33).

### 3.8. Improriedade de vocabulário

Este tipo de desvio consiste em usar palavras que não representam com precisão a realidade (Ricardo, 2010, p. 90). Trata-se de um erro que no jornalismo se reveste de particular relevância, pois, como escreve Mário Pinto (2005, p. 298), se o objetivo do jornalista é transmitir informação, o que implica que quem o lê compreenda a mensagem, a seleção vocabular não pode ser descuidada.

A escolha específica de uma única palavra “pode fazer passar uma frase da descrição à reflexão”, observa Orlando Raimundo (s.d., p. 37), que lembra que um erro de propriedade pode ter até graves consequências jurídicas (Raimundo, s.d., p. 36). Além do mais, “as peças jornalísticas têm de ser fiéis aos factos que relatam”, “mas não há fidelidade que resista à falta de propriedade da linguagem” (Ricardo, 2010, p. 80). Sandra Duarte Tavares escreve também que o sucesso de uma comunicação depende largamente da “escolha certa e adequada das palavras” (Tavares, 2016, pp. 15-16).

---

<sup>40</sup> Centre de formation et de perfectionnement des journalists.

<sup>41</sup> Existem três tipos de ambiguidade: lexical, estrutural e de escopo (Eliseu, 2008, pp. 67-68).

A ambiguidade lexical acontece quando existe na frase uma palavra que tem um ou mais homónimos, permitindo por isso que sejam feitas diferentes interpretações da mesma frase (Eliseu, 2008, p. 67).

A ambiguidade estrutural é causada por a sequência linear poder ser segmentada de várias formas diferentes, que resultam em vários significados diferentes (Eliseu, 2008, p. 67). Um exemplo disto é a frase *eu vi o soldado com uns binóculos*, que permite a leitura em que *o soldado que eu vi usava uns binóculos* e outra em que *eu vi o soldado através de uns binóculos* (Raposo *et al.*, 2013, p. 349).

A ambiguidade de escopo ocorre em frases que contêm elementos com valor quantificacional (como *todos* ou *algum*) e a quantificação pode ser interpretada de mais do que uma maneira (Eliseu, 2008). Ou seja, na frase *todos os meus amigos amam uma mulher*, a leitura pode ser que existe uma mulher que é amada por todos os meus amigos ou que “«para cada um dos meus amigos existe uma mulher que ele ama»”, sendo que estas são apenas duas das interpretações possíveis (Eliseu, 2008, p. 68).

A impropriedade de linguagem pode ocorrer por várias razões, como “incorecções ortográficas, sintácticas (solecismos) ou estilísticas” (Ricardo, 2010, p. 91), mas também por não se saber o significado correto de uma palavra, confundindo-a com outra de grafia semelhante (Ricardo, 2010, p. 91) – é o caso de *eminência* e *iminência*, por exemplo (Tavares & Leite, 2015, p. 85). No jornalismo, chama a atenção Daniel Ricardo (2010, p. 92), “é proibido confundir conceitos”. A utilização de uma palavra num contexto que não se adequa ao seu significado pode também decorrer de haver um termo de língua estrangeira que se escreve de forma semelhante – como, por exemplo, quando se utiliza *pretender* com o sentido de *fingir*, por confusão com o inglês (Monteiro, 2018, p. 104).

### 3.9. Pontuação

Escreve Sara de Almeida Leite que, embora a pontuação possa “parecer um pormenor insignificante”, se não for usada criteriosamente “pode alterar o sentido das frases, resultar em erros gramaticais e comprometer os objetivos do texto” (Leite, 2017, p. 265).

Sara de Almeida Leite não é a primeira a chamar a atenção para esta circunstância; já Orlando Raimundo referia também que “a boa compreensão de um texto depende, sempre, de uma pontuação correcta” e que “a pontuação pode mesmo, em certos casos, alterar radicalmente o sentido do texto” (Raimundo, s.d., p. 57). Neves frisa também a importância de que a pontuação se reveste no que toca a transmitir uma voz à escrita, lembrando, porém, que não se pode pontuar segundo o ritmo da oralidade:

A pontuação é uma das melhores formas de compensar a falta da voz na escrita. Permite-nos modular o ritmo das frases. No entanto, devemos ter em conta que o uso da pontuação não segue a oralidade – deve obedecer a regras mais propriamente sintácticas do que fonéticas. A pontuação deve ajudar o leitor a perceber a frase (Neves, 2019, p. 119).

A pontuação está, assim, ao serviço da frase, e é preciso conhecer as regras da pontuação para a podermos utilizar corretamente. Seria desadequado fazer aqui uma descrição exaustiva dessas normas, pelo que serão mencionadas apenas as mais importantes – pelo menos, no contexto desta dissertação. Uma vez que os erros mais frequentes estão relacionados com o uso da vírgula – cujo emprego “raramente é uma questão de estilo” (Leite, 2017, p. 86) –, este será o ponto de partida. Dado que na sua *Gramática para todos* Marco Neves explica de forma muito simples e direta as regras de pontuação, em particular as da vírgula, essa esquematização (organizada em obrigações, proibições e tendências) será a utilizada neste subcapítulo.

O uso da vírgula, em muitos casos, está intimamente ligado ao estilo do autor – o que não significa que seja possível pôr uma vírgula entre o sujeito e o predicado por razões de estilo: no que toca à vírgula, há obrigações (por exemplo, a vírgula no vocativo), proibições (por exemplo, a vírgula entre o sujeito e o predicado) e tendências (por exemplo, as vírgulas nos advérbios (Neves, 2019, p. 123).

A vírgula é, então, obrigatória: no vocativo – “palavra ou expressão usada para chamar aquele a quem se dirige a palavra” (Neves, 2019, p. 121); nas orações relativas explicativas<sup>42</sup> (Neves, 2019, p. 122); quando se separa “uma oração subordinada que não é essencial para percebermos de quem ou de que estamos a falar”, de forma semelhante aos parênteses (Neves, 2019, p. 121); para separar elementos de uma mesma oração que não estejam unidos por conjunção (Neves, 2019, p. 122); e para assinalar “partículas ou expressões intercaladas nas orações” (como *porém, logo, pois, enfim* e *na minha opinião*) (Estrela, [1991], p. 22).

A vírgula é proibida entre o sujeito e o predicado (Ricardo, 2010, p. 316); entre o predicado e o predicativo do sujeito (Ricardo, 2010, p. 316); entre o predicado e os complementos direto e indireto (Ricardo, 2010, p. 316); entre as formas verbais que formam juntas o predicado (Ricardo, 2010, p. 316); entre um nome e o adjetivo que o qualifica (Ricardo, 2010, p. 316); e a separar as orações restritivas (Neves, 2019, p. 122).

As vírgulas são utilizadas tendencialmente, mas não obrigatoriamente, nos modificadores (“funções sintáticas que podem ser eliminadas sem comprometer gramaticalmente a frase”), sobretudo se o modificador estiver no início da frase, mas não quando se trata apenas de uma palavra curta (caso em que o uso da vírgula é raro) (Neves, 2019, p. 121); quando se suprimem palavras (Neves, 2019, p. 122); e nos advérbios e expressões adverbiais (Neves, 2019, p. 122).

O ponto final, embora não seja, de maneira nenhuma, tão problemático como a vírgula, “tem os seus quês quando devemos decidir onde acaba uma frase e começa a seguinte” (Neves, 2019, p. 119): *\*Uma das maiores dificuldades com que me deparei foi a inexistência de registos escritos, embora houvesse algumas notas soltas, não havia um verdadeiro registo sistemático das ocorrências* (Neves, 2019, p. 120). Neste exemplo, uma oração subordinada “está ligada – erradamente – a duas frases principais” (Neves, 2019, p. 119).

O ponto de interrogação, cujo uso não oferece muitas dúvidas – “permite, enfim, interrogar” (Neves, 2019, p. 125) –, esconde também uma pequena armadilha: embora marque as perguntas diretas, nunca pode ser utilizado com as perguntas indiretas (Neves, 2019, p. 125). Assim, perguntamos *O que fizeste no verão passado?*, com ponto de interrogação, mas afirmamos *Perguntei-lhe o que fez no verão passado*, sem ponto de interrogação (Neves, 2019, p. 125).

Os nove tipos de erros acima apresentados servirão de base à análise levada a cabo nesta investigação, cujos resultados serão apresentados no Capítulo 5. Quaisquer erros que não se insiram em

---

<sup>42</sup> Note-se que estes casos não serão considerados erros de pontuação na parte de análise desta dissertação, mas, sim, erros da categoria “orações relativas”.

nenhuma das áreas definidas, por constituírem casos específicos que não façam parte de um contexto suficientemente abrangente para constituir uma categoria de desvios, serão reunidos em “outros erros”.

No capítulo seguinte será feita uma breve apresentação do livro de estilo do *Público*, que por várias vezes refere questões de português e no qual são referidas algumas das regras tratadas neste capítulo.

#### 4. O livro de estilo do *Público*

Difícilmente se poderá falar da forma como um jornal é escrito e revisto sem mencionar, ainda que brevemente, o livro de estilo que este utiliza. Com o objetivo de “estabelecer regras que permitam tornar uma publicação coerente do ponto de vista material” (Ricardo, 2010, p. 275), o livro de estilo não é, de maneira alguma, um prontuário ou uma gramática, mas toca, por regra, em várias questões de português e tem – pode ter, deveria ter – uma grande influência na forma como se escreve num jornal. Isto, naturalmente, se as suas indicações forem seguidas na redação.

O *Público* tem o seu livro de estilo desde que surgiu, em 1990, e, como explica Amílcar Correia, diretor-adjunto do jornal, no início “o livro de estilo era uma espécie de *Bíblia* interna que era dada a quem acabava de chegar para se inteirar das regras e dos preceitos do jornalismo do *Público*”. Hoje, a situação é um pouco diferente; Amílcar Correia garante haver ainda a preocupação de dar a conhecer o livro de estilo a quem acaba de chegar ao jornal, mas o hábito que existia, afirma, “foi caindo em desuso”. A própria equipa de revisão, três membros da qual participaram na escrita do livro, já não segue à risca as suas diretivas no que diz respeito ao português, diz Maria Manuela Barreto:

A gente tenta guiar-se por ele e atualizá-lo. Vamos fazendo anotações, porque há coisas novas que não surgiram quando a gente começou. Também a evolução tecnológica ditou isso e teve reflexo na língua, naturalmente. Mas o livro de estilo também não é exaustivo e há coisas que evoluíram e se calhar já são um bocadinho diferentes.

Também a revisora Rita Pimenta considera que se devia “repensar algumas coisas”, embora o livro de estilo seja ainda “um bom instrumento de trabalho para qualquer estudante”. “E para nós próprios também, que volta e meia estamos lá”, acrescenta.

O *Correio da Manhã* e o *Expresso* não têm um livro de estilo próprio. No primeiro, existe um “manual de boas práticas”, explica Armando Esteves Pereira – o diretor-geral editorial adjunto do jornal –, mas trata-se apenas de princípios que os revisores seguem e que os editores “tentam ir passando” aos jornalistas, não existindo um documento escrito que os reúna. Também o *Expresso* “nunca teve um livro de estilo bem definido”, afirma Luzia Guerreira: “Nós, a certa altura, baseávamo-nos um pouco no livro de estilo do *Público*, mas tínhamos uma norma de estilo que seguimos e que não estava impressa em livro”.

Este capítulo dedicar-se-á, assim, à exploração do livro de estilo do *Público*<sup>43</sup>, dada a importância que este já teve e atendendo ao facto de ainda hoje ser uma fonte de consulta não só para o *Público*, mas também para outros jornais, incluindo o *Expresso*. Pretende-se, desta forma, verificar, primeiro que tudo, quais os objetivos e os princípios centrais deste livro de estilo, depois, a forma como ele se organiza, e, por fim, as partes em que são tratadas questões de português, que regras são mencionadas e o que sobre elas se diz especificamente, tendo interesse tentar perceber em qual das perspetivas mencionadas no Capítulo 2 desta dissertação se enquadram as diretivas deste instrumento.

Afirma Nuno Pacheco, no prefácio do livro, que este define “regras para um caminho possível no vasto e turbulento mundo da comunicação social contemporânea”. Jorge Wemans, na apresentação do documento, oferece uma definição mais completa:

O livro de estilo do PÚBLICO que agora se edita vincula o jornal e os seus jornalistas a princípios éticos e normas técnicas mais restritos do que os definidos pelo Código Deontológico do Jornalista e nos manuais de jornalismo. Além de incluir o conjunto de convenções que fazem da escrita do PÚBLICO uma linguagem peculiar.

A grande qualidade do livro de estilo, afirma ainda Jorge Wemans, é existir. Parte do seu objetivo é, assim, levar a que existam novas edições do mesmo texto, originadas no confronto “entre a prática diária e o que nele se consigna”. Nunca existiu, porém, nenhuma segunda edição, tendo sido feita, sim, uma revisão do documento, mas “já há muito tempo”, diz Amílcar Correia.

Conhecendo já os objetivos com que foi criado o livro de estilo do *Público*, vejamos então a forma como este se organiza. O documento está dividido em duas partes, às quais se acrescentam os anexos. Na primeira encontram-se a “Introdução” e os capítulos “Ética e deontologia” e “Critérios, géneros e técnicas”. Em “Ética e deontologia” inserem-se, além do estatuto editorial e dos princípios e das normas de conduta profissional, os subcapítulos “Informar sem manipular, difamar ou intoxicar”, “Privacidade e responsabilidade”, “Seriidade e credibilidade” e “O jornalista não é um mensageiro”. No segundo estão os subcapítulos “Os factos e a opinião”, “Regras de construção”, “O rigor da escrita”, “A fotografia” e “A publicidade”.

A segunda parte comporta o “Alfabeto do Público” e um capítulo sobre normas e nomenclaturas essenciais. O primeiro pretende ser “um auxiliar de consulta rápida”, permitindo esclarecer “dúvidas sobre a grafia, o modo de formação do plural ou do feminino/masculino ou o significado de uma palavra”. Concentram-se neste capítulo “as palavras em que os jornalistas do PÚBLICO com maior frequência «tropeçam»”, menções a problemas de acentuação e tempos verbais e ainda “um bom léxico das palavras-

---

<sup>43</sup> Todas as citações referidas neste capítulo foram retiradas do livro de estilo do *Público*, que pode ser consultado em [http://static.publico.pt/nos/livro\\_estilo/](http://static.publico.pt/nos/livro_estilo/).

chave da ética, da técnica e da «gíria» jornalística”. Em “Normas e nomenclaturas” encontramos os subcapítulos “Acentuação”, “Verbos”, “Maiúsculas & minúsculas”, “Topónimos estrangeiros”, “Siglas”, “Factores de conversão”, “Hierarquias (militares e policiais)” e “Religiões”.

Quanto ao conteúdo das regras do *Público* no que diz respeito à linguagem, falemos, antes de mais, de um conjunto de indicações que, embora não tenham diretamente que ver com a correção do português, estão decididamente relacionadas com essa área. Para começar, o rigor na seleção dos vocábulos utilizados. Em “Princípios e normas de conduta profissional”, dentro do capítulo “Ética e deontologia”, recomenda-se “rigor na terminologia com determinada carga semântica”; em “Seriiedade e credibilidade” o *Público* afirma reclamar “dos seus jornalistas o menor número de erros e imprecisões”, os quais promete corrigir acaso algum tenha sido publicado. Em ambos os casos não se fala especificamente de regras de português, mas, sim, de vocábulos que acarretem juízos de valor (como *terrorista*), no primeiro, e de casos como “estatísticas erradas, nomes mal grafados, funções incorrectamente referidas”, no segundo. É legítimo considerar, porém, que a mesma precisão é requerida na utilização de qualquer vocábulo – tanto que em “Os factos e a opinião” se pede “clareza, simplicidade e precisão” e em “O rigor da escrita” se afirma que “o rigor e a competência indispensáveis na informação que se leva ao leitor aconselham (...) uma permanente atenção a certos vícios e incorrecções de linguagem”. Esta área relaciona-se diretamente, claro está, com a propriedade do vocabulário, que é mais aprofundada em “Precisão e propriedade vocabular”: “A precisão dos vocábulos terá que ser uma preocupação constante na escrita do PÚBLICO, pois imprimir-lhe-á uma maior eficácia informativa”.

Associadas ao rigor e à clareza vêm outras duas ideias, também reiteradas: a concisão da mensagem e a permanente contextualização. Sobre a primeira, recomenda-se, em “Regras de construção”:

Um texto jornalístico não deve ter frases que ultrapassem a leitura de uma ideia, um conceito, uma sugestão, uma informação singulares. E um parágrafo não deve acumular informações que excedam o contraponto entre dois ou três desses elementos (até ao máximo de 500 caracteres).

Esta questão é muito importante, sobretudo, no âmbito dos erros de perceção; uma frase demasiado longa e com muitas ideias encadeadas tem uma grande probabilidade de impedir que a informação seja transmitida. A concisão volta a ser recomendada no subcapítulo “Uma ideia, uma informação, uma frase”, em que se escreve que “informar é comunicar e fazer compreender” e se lembra que “um texto não deverá ter parágrafos longos”<sup>44</sup>.

---

<sup>44</sup> Neste âmbito, desaconselham-se também “repetições, preciosismos, redundâncias, cacofonias, períodos longos e o abuso de intercalares”, por obscurecerem a comunicação e lhe reduzirem a eficácia, o que nos remete, mais uma vez, para os erros de perceção – ainda que nem todos os itens da lista possam originar erros de perceção ou dificilmente o façam.

Quanto à segunda ideia, a permanente contextualização, em “Os factos e a opinião” propõe-se como princípio geral “escrever como se todos os leitores comprassem o jornal pela primeira vez”. Esta diretiva está fortemente relacionada com alguns desvios que podem prejudicar a perceção da informação – por exemplo, a pontuação das orações relativas ou a impropriedade vocabular. Estes problemas são muitas vezes resolvidos através do contexto ou do conhecimento da situação, não chegando a induzir o leitor em erro; o princípio de assumir que as pessoas estão a comprar o jornal pela primeira vez, porém, ajuda a compreender por que motivo é relevante evitar esses enganos.

Deixamos agora os aspetos sobretudo ligados à semântica e chegamos a um campo já de natureza estrutural e diretamente ligado às regras gramaticais: aquilo a que no livro de estilo se chama “o jogo entre o discurso directo (das citações) e discurso indirecto”. Esta questão, por ser muito específica, não está contemplada em nenhum dos tipos de erros definidos como “áreas críticas” nesta dissertação, tendo sido enquadrada em “outros erros” sempre que surgiu durante a análise. No livro de estilo, porém, mais especificamente em “Os factos e a opinião”, merece, além de uma menção em que se afirma que as regras gramaticais terão de ser sempre respeitadas, uma tabela<sup>45</sup> explicativa de qual a maneira certa e a maneira errada de se fazer a passagem entre estes dois tipos de discurso.

A área do livro de estilo verdadeiramente dedicada às questões da língua, porém, é o subcapítulo “Erros e vícios de linguagem mais frequentes” – além, é claro, dos subcapítulos centrados exclusivamente na acentuação, nos verbos e nas maiúsculas e minúsculas. Neste subcapítulo, entre os vícios de linguagem, exploram-se os “erros sintácticos, de concordância, de regência ou de colocação”<sup>46</sup>, os “erros de expressão ou de grafia”<sup>47</sup>, as formas corretas de conjugar alguns verbos (como *negociar*), as confusões comuns entre palavras (não se explicando o significado de cada uma, mas referindo-se apenas que se trata de palavras diferentes – é o caso, por exemplo, de *mandado* e *mandato*) e a impossibilidade de se contrair uma preposição com a oração infinitiva que a segue e à qual está associada<sup>48</sup>. São também estabelecidas algumas indicações que não correspondem exatamente a normas do português, mas, sim, a dicas para que a leitura seja mais agradável, como dever-se evitar a “repetição desagradável de fonemas no fim das palavras”.

Também no “Alfabeto do *Público*” existem variadas menções às normas da língua. Desde a definição de “aposto” e a forma correta de o pontuar até ao plural de certas palavras (como *carácter*),

---

<sup>45</sup> Ver tabela 11 dos Anexos.

<sup>46</sup> Ver tabela 12 dos Anexos.

<sup>47</sup> Ver tabela 13 dos Anexos.

<sup>48</sup> Esta regra é mencionada em vários pontos do livro de estilo, incluindo algumas vezes no Alfabeto do *Público*. Nunca é, porém, referida como regra e é sempre enunciada em relação com alguma locução específica (a qual contém sempre a preposição *de* – *antes de*, *apesar de* –, não surgindo nunca esta questão com outras preposições).

passando por casos específicos de regências (como a de *concordar*) e pela diferença entre *demais* e *de mais*, são múltiplas as entradas deste género, as quais não seria sensato replicar aqui na totalidade. Mais adequado e relevante será, porventura, tentar compreender qual a perspectiva linguística por que se rege o *Público*. Tomando por base o tratamento da expressão *ter que* (que se afirma poder ser empregada tal como se emprega *ter de*<sup>49</sup>) e da questão do plural de *carácter* (em que se escreve que no uso corrente existe *carácter* e *character*, consoante o significado que se pretende<sup>50</sup>), podemos considerar que o livro de estilo do *Público* adota uma perspectiva tendencialmente flexível, na linha do que é preconizado pelas gramáticas descritivas. Existem por vezes, no entanto, algumas referências de natureza normativa, como é o caso da entrada em que se recomenda “atenção aos verbos regidos pela preposição «de» [sic], assim como àqueles que não requerem o «de»”, dando-se como exemplo “informei-o de que chegava tarde” – em *Áreas críticas da língua portuguesa*, por exemplo, João Andrade Peres e Telmo Mória lembram que muitos falantes sentem a presença da preposição em frases deste género como “mais estranha que a sua ausência” (Peres & Mória, 1995, p. 113).

O mais importante a retirar do livro de estilo, porém, são as numerosas referências à necessidade de a escrita no jornal ser correta e não apresentar erros de português:

O bom gosto e um estilo apurado são incompatíveis com erros gramaticais ou com o recurso a barbarismos, estereótipos, expressões desadequadas ou de todo erradas. Em caso de dúvida, consulte-se sempre o Alfabeto do PÚBLICO, um prontuário ou os bons dicionários. Finda a redacção de um texto, o seu autor deve lê-lo atentamente: a tarefa final na elaboração de um texto inclui a sua revisão, tendo como preocupações a pontuação, a acentuação, as concordâncias e outras eventuais imprecisões ortográficas — cuidado que não pode ser transferido para o editor nem para o “copydesk”.

Não passa aqui despercebido o realce da importância de o jornalista rever atentamente o artigo que escreveu antes de o enviar ao editor ou ao *copydesk*, nunca deixando o texto seguir “em bruto”, o que contribui para frisar a responsabilidade que o jornalista tem perante o que publica. No capítulo que se segue será feita a análise dos resultados desta investigação, em que será possível, entre outras coisas, perceber se as indicações presentes no livro de estilo, sobretudo as que remetem para um princípio universal da correção linguística e não para convenções específicas do *Público*, são por regra respeitadas ou se ficam frequentemente esquecidas.

---

<sup>49</sup> Para consultar uma visão contrária, ver Estrela, [1996], p. 66.

<sup>50</sup> Para consultar uma visão contrária, ver Machado, [1998], p. 260.

## 5. A correção da língua nos jornais portugueses

### 5.1. Metodologias

Existem erros de português nos jornais? Isto é, os jornais respeitam as regras da língua portuguesa, a norma do português-padrão? É a estas duas perguntas – as quais, no fundo, são uma única, pelo menos neste contexto – que esta dissertação pretende responder. Teria pouco interesse, porém, saber apenas se nos jornais surgem ou não erros de português; mesmo admitindo que dificilmente a resposta será negativa, dado o número de páginas dos jornais e o tempo disponível para a escrita de cada texto, dizer “sim, surgem erros” dá-nos muito pouca informação. Importa, assim, descobrir com que frequência ocorrem estes desvios e em que condições, bem como compreender melhor de que tipo de desvios se trata.

Com estes propósitos em mente, os métodos escolhidos para realizar esta investigação foram a análise de conteúdo<sup>51</sup> e a entrevista (semidirecionada)<sup>52</sup>. Numa primeira fase, registaram-se os erros encontrados, e, numa segunda fase, através das entrevistas, recolheram-se alguns dados sobre o funcionamento da escrita e da revisão em cada jornal, pretendendo-se com isso fazer uma melhor interpretação dos resultados, em que consiste a terceira fase.

O campo de observação é constituído pelo jornal *Público*, por se tratar de um diário de referência, pelo *Correio da Manhã*, por se tratar de um diário tabloide, e pelo *Expresso*, por se tratar de um semanário (de referência)<sup>53</sup>. Atendendo aos constrangimentos de tempo e de espaço que se aplicam a trabalhos desta natureza, considerou-se que a observação destes três jornais permitiria dispor de um *corpus* suficientemente representativo da imprensa portuguesa, nomeadamente de algumas das suas variáveis; assim, será possível observar se o facto de um jornal ser de referência ou tabloide tem influência sobre o cumprimento das regras da língua e se uma periodicidade menor, por haver, em princípio, mais tempo para a escrita e para a revisão dos artigos, se reflete numa escrita mais correta e em menos erros de português.

Foram analisadas as edições impressas destes jornais publicadas entre 1 e 31 de dezembro de 2018, além de um conjunto de artigos *online* publicados entre 3 e 9 de dezembro de 2018. A decisão de fazer uma análise mais alargada do impresso deve-se às características únicas deste meio: a impossibilidade de editar o texto depois de publicado, o que não acontece no *online*; a importância singular

---

<sup>51</sup> Cf. Bardin, 1977, pp. 101-105; 117-121.

<sup>52</sup> Cf. Guerra, 2006, pp. 51-53; Stake, 2010, p. 95.

<sup>53</sup> Sobre os conceitos de jornais de referência e tabloides, veja-se Sparks, 1992, pp. 37-39.

que assume a norma-padrão na escrita, por não haver, além da fotografia, outras componentes que ajudem a completar a informação dada e o seu contexto (como o vídeo ou o tom de voz); e a ausência do que pode ser caracterizado como uma ‘conversa’ com os leitores, uma vez que não existe, na altura em que se escreve, nenhuma resposta de quem lê e não sendo possível ir adaptando o texto à medida que este é construído. Embora não haja sempre disponibilidade temporal para isso, no *online* é possível modificar partes do texto se os comentários dos leitores deixarem claro que há informações mal explicadas ou erradas, por exemplo. No entanto, não se quis deixar de analisar o *online*, uma vez que os artigos aí publicados chegam hoje a um público muito mais vasto do que as edições em papel dos vários jornais.

Quanto ao período de observação, a opção pelo mês de dezembro teve por base a gestão temporal da investigação: a análise deveria incidir sobre um período o mais próximo possível da entrega da presente dissertação, para que os resultados se mantivessem atuais ao fim desse tempo, mas um mês posterior poderia obrigar a uma análise mais apressada, o que não seria desejável. A decisão de analisar um mês inteiro deveu-se, sobretudo, ao propósito de ter uma base sólida e alargada: assim, caso os dados revelassem haver um dia da semana em que se registam mais erros e outro em que se registam menos, por exemplo, seria possível verificar se estávamos perante uma tendência constante ao longo das quatro semanas, ou perante um resultado devido a um eventual pico fortuito, que estaria, nesse caso, a distorcer os números. Pretendeu-se, assim, evitar que, em qualquer uma das categorias analisadas, existisse um desvio causado por algum acontecimento pontual.

No âmbito das edições analisadas, por não ser possível, em termos práticos, observar cada publicação na íntegra, optou-se por se limitar o campo de observação a dez artigos por jornal: dois artigos por secção<sup>54</sup>, cinco secções por publicação. As secções seleccionadas foram a Sociedade, o Internacional, a Economia, o Desporto e a Cultura. No caso do jornal *Expresso*, não foram analisados dois artigos por secção, mas, sim, doze, para que o total de artigos analisados fosse equivalente ao do *Público* e do *Correio da Manhã*.<sup>55</sup> Assim, no total, foram analisados 290 artigos do jornal *Público*, 298 do *Correio da Manhã* e 241 do *Expresso*.

---

<sup>54</sup> Nos casos em que existe um segundo artigo adjacente ao artigo principal, com o mesmo tema e assinado pelo mesmo autor, explorando este apenas algum ângulo específico que não se pôde tratar no artigo principal ou fazendo alguma explicação mais aprofundada sobre a matéria, os dois artigos são considerados um só, não sendo o artigo adjacente registado à parte. No entanto, se a autoria deste artigo menor for diferente, ou se o seu género for diferente – tratando-se, por exemplo, de uma pequena entrevista que ajude a explicar a notícia principal –, o artigo adjacente é considerado à parte do primeiro.

<sup>55</sup> No caso das secções que não chegam a ter doze artigos por edição – o Desporto, que por vezes tem apenas um ou dois artigos, e o Internacional –, foi analisada a totalidade dos artigos publicados. Também no *Público* e no *Correio da Manhã* se seguiu este critério: quando há apenas um artigo publicado numa das secções desejadas, apenas esse foi analisado, para que não se criasse um desvio na categoria “dia da semana” na tentativa de equilibrar o número de artigos com textos de outra edição (problema que não se verifica no *Expresso*, já que este jornal é sempre publicado ao sábado).

Estas cinco secções foram escolhidas, mais uma vez, pelas características singulares de cada uma, com o fim de tentar descobrir de que forma essas características se podem refletir numa maior ou menor ocorrência de erros de escrita. A Sociedade é uma secção muito abrangente, normalmente situada no início do jornal; pode-se dizer, de certa maneira, que é nesta secção que o jornalismo se mostra no seu estado mais puro, sem as condicionantes que surgem nas outras quatro secções analisadas. O Internacional implica muitas vezes a tradução de documentos e de citações, além de ter uma grande componente de linguagem política. A Economia e o Desporto<sup>56</sup> são duas secções que quase dispõem de uma linguagem própria, devido ao jargão característico de cada uma, pelo que se quis perceber em que medida isso se traduz na escrita. A Cultura, por fim, é muitas vezes vista como sendo direcionada para um público mais refinado, havendo a expectativa de que a própria escrita seja diferente da que é tipicamente associada ao jornalismo: ela assume frequentemente um carácter mais complexo e narrativo, com mais espaço para retoques estilísticos. Os dois artigos analisados foram os primeiros de cada secção – critério definido pela sua simplicidade, desde logo porque nem sempre há três artigos em algumas destas secções, mas também pela ideia de que poderia haver uma atenção especial na revisão do primeiro artigo da secção, já que este recebe sempre um destaque maior – ideia depois confirmada em algumas das entrevistas realizadas.

No caso do *Expresso*, uma vez que na sua edição impressa este semanário não tem a secção específica de Sociedade<sup>57</sup>, foi analisado o *Primeiro Caderno*, que inclui artigos de política e de sociedade. Os artigos analisados na área da Cultura foram os da secção “Culturas” da *Revista E*, por serem os que têm características mais semelhantes às dos artigos analisados nos outros dois jornais nesta secção, no que toca tanto aos temas como à dimensão dos textos. No *Correio da Manhã*, por haver frequentemente apenas um artigo de Economia e de Cultura, foram analisados, quando necessário, também artigos das secções Bolsa e Televisão & Média.

No âmbito dos artigos *online*, foram analisados dois por dia de cada secção. O critério escolhido para seleccionar os artigos a analisar teve por base as alturas do dia em que se verificam picos de tráfego; assim, em cada dia foi analisado um texto publicado à hora de almoço (o mais perto possível das 13h) e outro à hora de jantar (o mais perto possível das 20h), por se tratar de duas das

---

<sup>56</sup>Dois exemplos da peculiaridade da escrita desportiva podem ser encontrados no artigo “Adeus não, «Kikas», até breve”, publicado na edição de 22 de dezembro do *Expresso* (na p. 29 do *Primeiro Caderno*): “O júri é formado por cinco tipos”; e “Foram quase mil minutos no mar, vestido com uma licra azul, vermelha, branca ou preta a distingui-lo, o equivalente a muitas dezenas de manobras, cortes nas paredes de água e tubos para tentar agradar aos cinco tipos sentados lá longe, na praia”. Ambas as frases demonstram uma informalidade pouco encontrada nas restantes secções, especialmente nas que compõem o campo de observação desta dissertação.

<sup>57</sup> Ou, pelo menos, não tinha durante o período em análise.

três alturas do dia<sup>58</sup> em que mais pessoas estão a consultar os *sites* noticiosos. No entanto, como, naturalmente, as notícias dependem da atualidade e esta não se rege pela disponibilidade dos leitores, nem sempre foi possível cumprir esses horários – por vezes não havia artigos publicados nessas duas alturas, especialmente em secções com menos publicações (como é o caso da Cultura no *Correio da Manhã* e no *Expresso*). Nessas situações, foi analisado o artigo publicado o mais perto possível da hora de almoço ou do jantar<sup>59</sup>.

O carácter único do *online* faz que surjam artigos que não se encontram no impresso, como transcrições de interrogatórios na íntegra ou artigos compostos apenas por um vídeo. No primeiro caso, que ocorreu por duas vezes (no *Correio da Manhã*), apenas a entrada foi tida em conta, uma vez que, estando em causa uma transcrição, a estrutura frásica não poderia ser alterada, pelo que apenas a ortografia e a pontuação poderiam ser objeto de análise. Considerou-se que tal não constituiria uma opção equilibrada, pois os constrangimentos (que são, precisamente, as liberdades) da oralidade nem sempre permitem que se pontue as frases corretamente e com sentido, por as próprias frases não terem, muitas vezes, uma construção gramatical. No caso dos vídeos, estes artigos foram sempre analisados desde que houvesse texto, mesmo que apenas o da entrada, e nesses casos apenas este foi analisado.

Além da secção, os registos foram analisados segundo várias outras categorias: a zona do texto em que se encontra o erro<sup>60</sup>, a autoria do artigo, o género jornalístico e o dia da semana. A zona do artigo – em particular, o título e a entrada – foi tida em conta com o objetivo de apurar se há um cuidado especial com as zonas do texto que têm maior destaque visual, como o título e a entrada, ou se o texto é visto na íntegra e todo por igual. Quanto à autoria do artigo, foi registado se este é assinado por um autor, dois autores ou vários; se é assinado pelo jornal apenas, e não por um jornalista; se é escrito a partir de uma notícia de agência – “com agência”; ou se é escrito na íntegra por uma agência noticiosa, sem nenhuma intervenção do jornal<sup>61</sup>. Esta categoria tem como fim perceber a influência que o tipo de autoria pode ter no número de erros registados; será preferível, por exemplo, que uma

---

<sup>58</sup> A terceira altura do dia em que existe um pico de tráfego é, na realidade, anterior à hora de almoço e à de jantar: são as 8h da manhã.

<sup>59</sup> Note-se que um artigo publicado à 1h30 da manhã de segunda para terça-feira, por exemplo – o que acontece algumas vezes no *Correio da Manhã*, nas secções de Cultura e de Economia –, foi registado como publicado na segunda-feira, pois foi esse o dia em que foi escrito – ainda que, segundo o calendário, seja já terça-feira.

<sup>60</sup> Embora com a consciência de que os conceitos de “erro” e de “desvio” não se sobrepõem na perfeição e que existem diferenças entre um e outro, sobretudo da ordem ideológica – o “erro” mais ligado à perspetiva normativa e o “desvio” mais ligado à descritiva (cf. Mateus, 2010) –, optou-se por na presente dissertação utilizar os dois termos como sinónimos, por razões que são puramente de teor estilístico-pragmático.

<sup>61</sup> Este caso verificou-se apenas no *online*, com exceção de uma notícia impressa, a qual não foi analisada porque, havendo apenas um registo, não seria representativa.

notícia tenha dois autores, pois estes verificam a escrita um do outro, ou o confronto de estilos conduz a mais desvios?

Analisar o género jornalístico – notícia, reportagem, entrevista, análise, crónica de jogo, crítica ou outro (categoria esta que inclui, por exemplo, os perfis e os obituários) – é importante por cada género ter características muito específicas e distintas. A notícia é o género jornalístico por excelência, aquele que ocorre com mais frequência. A reportagem permite um estilo mais livre, pode ser escrita normalmente com prazos mais alargados que os das notícias e dá origem, habitualmente, a artigos mais longos. A entrevista vive da oralidade, tendo por isso um carácter *sui generis* e obrigando o jornalista a tentar um equilíbrio entre a personalidade do entrevistado e a correção da escrita – demasiada edição pode desvirtuar aquilo que é esperado da entrevista, um contacto direto com a pessoa entrevistada, mas isso não torna aceitáveis os erros de português. A análise e a crónica de jogo são géneros em que a voz do autor é sempre mais notória, pois nelas há não apenas um relato dos factos como também uma interpretação destes. Os artigos de opinião não foram analisados por muitos destes não serem escritos por jornalistas e por ter havido o receio de que estes fossem menos editados, para não se interferir com as palavras do autor – verificou-se mais tarde, nas entrevistas, que nem sempre isto acontece, havendo, pelo contrário, maior cuidado na revisão destes artigos.

Quanto aos desvios linguísticos encontrados, foram registados apenas os casos não sancionados pela norma-padrão, sendo este sempre o critério seguido. Construções que sejam já largamente aceites, mesmo que originalmente fossem consideradas erradas, como *ter que* em lugar de *ter de*, ou a supressão da preposição *de* antes de uma oração completiva (*gostava que* em vez de *gostava de que* – cf. Peres & Mória, 1995, p. 289), não foram consideradas.

Erros relacionados com o Novo Acordo Ortográfico foram contabilizados apenas no caso de a palavra em questão estar a ser escrita segundo uma norma ortográfica que não é a seguida pelo jornal em causa. Assim, no *Público*, que segue o Acordo Ortográfico de 1945, só é contabilizado um erro relacionado com o Acordo se a palavra estiver escrita segundo o AO90; no *Correio da Manhã* e no *Expresso*, só será registada como erro de Acordo uma palavra que não tenha dupla grafia e que esteja escrita segundo o AO45. Também as gralhas não foram contabilizadas, por serem erros meramente tipográficos e por não revelarem desconhecimento, mas distração ou cansaço<sup>62</sup>.

---

<sup>62</sup> As gralhas são definidas por Marco Neves (2016, p. 175) como erros cometidos por distração (por oposição aos desvios, que serão erros cometidos por ignorância). Mário Pinto (2005, p. 228) escreve que as “características muito peculiares” das gralhas não permitem “confundi-las com o erro ortográfico propriamente dito”, uma vez que, nos erros, é perceptível que o defeito é humano, enquanto, nas gralhas, a falha é “exógena a quem redige”. Foram estes os princípios subjacentes à identificação de determinada anomalia como gralha e não como erro, mesmo em casos em que as gralhas chegam a constituir elementos perturbadores da leitura. Exemplo disto é a frase “Aos EUA interessa que a China compre mais

Os resultados da análise serão apresentados em números absolutos, mas também em proporção, uma vez que o *Correio da Manhã* tem, por norma, notícias mais curtas do que as do *Público* e do *Expresso*, e considerar apenas os números absolutos causaria inevitavelmente uma distorção dos resultados. Assim, foi contabilizado o número total de linhas dos artigos analisados em cada jornal<sup>63</sup>. Tanto na edição impressa como na edição *online*, as entradas dos artigos não foram incluídas na contagem das linhas, tal como os títulos, os destaques e as legendas, por as letras em todos estes elementos terem uma dimensão e um desenho gráfico diferente dos do corpo do texto e das caixas.

As entrevistas foram realizadas já numa fase final da análise, com o objetivo de ter o máximo de informação possível e assim se poder fazer perguntas mais informadas e adaptadas aos dados que se pretendia obter. No contacto com os três jornais, o pedido feito foi no sentido de se falar com o diretor e com dois elementos da equipa de revisão, no caso de haver uma – concluindo-se depois que os três jornais tinham equipas de revisores ou *copydesks*. O propósito foi saber mais sobre o processo de edição e revisão de texto em cada um dos órgãos de informação analisados; assim, os resultados poderiam ser interpretados com maior rigor, além de ser possível, compreendendo as diferenças de jornal para jornal e observando as conclusões retiradas, colocar hipóteses sobre que tipo de processos se revela mais ou menos eficaz na revisão de texto. Todas as entrevistas foram realizadas já em 2019.

Assim, no *Correio da Manhã* foram entrevistados o diretor-geral adjunto Armando Esteves Pereira e as revisoras Rita Moreira e Patrícia Gomes Ramos, todos no dia 2 de abril; no *Público* foram entrevistados, a 18 de maio, o diretor-adjunto Amílcar Correia e as revisoras Rita Pimenta e Maria Manuela Barreto; no *Expresso*, foi entrevistado o diretor, João Vieira Pereira, a 29 de abril, e as

---

produtos norte-americanos, e a Pequim que Washington em não suba as taxas alfandegárias”, legenda da fotografia que ilustra a notícia “EUA e China ganham 90 dias para evitar guerra comercial”, publicada na edição do *Público* de 3 de dezembro de 2018 (p. 24). Outro exemplo, em que a identificação do erro como gralha não foi tão imediata, foi a seguinte frase: “Para João Gonçalves, é importante que o Governo atue em perante a greve em curso, dê prioridade ao diálogo”. Aqui haveria, primeiro que tudo, a junção anómala das duas preposições (*em e perante*), e, depois, uma construção sintática estranha, talvez resolvida com a adição de uma conjunção ou pontuando-a de forma diferente. Alguma reflexão indicou, no entanto, a origem mais provável do problema desta frase: a substituição acidental de uma vírgula por um M (sendo estas, no teclado QWERTY de um computador, duas teclas que se encontram juntas). Concluindo-se que a frase pretendida seria, provavelmente, “Para João Gonçalves, é importante que o Governo atue e, perante a greve em curso, dê prioridade ao diálogo”, este caso não foi registado como desvio e foi considerado simplesmente uma gralha. (Esta frase foi escrita no artigo “Igreja contra proibição de padres nas prisões”, publicado no *Primeiro Caderno* da edição do *Expresso* de 22 de dezembro de 2018, na página 7.

<sup>63</sup> É certo que esta solução não permite, ainda assim, que se estabeleça uma proporção perfeita, pois a formatação varia de jornal para jornal e, por exemplo, o *Correio da Manhã* tem um tamanho de letra notoriamente maior que o dos outros dois jornais e também um espaçamento maior entre linhas; no entanto, visto que a contabilização de caracteres a partir do papel seria um processo demasiado moroso e sujeito a erros, a contabilização das linhas é, aparentemente, a forma mais razoável de conseguir uma perspetiva da proporção de erros em cada um dos órgãos de comunicação escolhidos que seja o mais próxima do real possível.

revisoras Luzia Guerreiro e Margarida Parreirão, a 7 de maio. As entrevistas foram semidirecionadas, havendo um conjunto de perguntas-chave que foi colocado a todos os elementos, mas ao qual foram acrescentadas questões consoante as respostas dadas, a necessidade de se perceber melhor alguma informação ou até a disponibilidade dos entrevistados.

Nos subcapítulos que se seguem, proceder-se-á à análise dos resultados do *Público*, do *Correio da Manhã* e do *Expresso*, individualmente, correspondendo cada subcapítulo a cada um dos jornais, nesta mesma ordem; no último subcapítulo, será feita a análise comparada dos três meios, com o objetivo de se compreender de forma mais clara como os resultados variam de jornal para jornal, que dados se mantêm constantes e quais constituem diferenças-chave suscetíveis de decorrer das diferentes características de cada um.

## 5.2. O *Público*

O jornal *Público* é um diário de referência português – podendo, hoje, ser considerado o diário de referência português – nascido em 1990. Em 2018 a sua circulação média foi de 17 678 exemplares por dia, sendo no último bimestre do ano, especificamente, de 17 509 exemplares, segundo dados da Associação Portuguesa para o Controlo de Tiragem e Circulação (APCT)<sup>64</sup>. O *Público* sai todos os dias, custando 1,20 € de segunda a quinta-feira, dias em que tem cerca de cinquenta páginas, e 1,70 € à sexta-feira, ao sábado e ao domingo – as edições de sexta e de sábado costumam ter entre cinquenta e sessenta páginas e a de domingo sai habitualmente com cerca de trinta. É também nestes últimos três dias que são publicados vários suplementos, como o *Inimigo Público*, à sexta-feira, o *Fugas*, ao sábado, e o *P2*, ao domingo.

No que diz respeito à organização do jornal, e referindo apenas as secções que foram objeto de análise nesta dissertação, a Sociedade é a secção que surge em primeiro lugar, seguida da Economia, do Mundo<sup>65</sup>, da Cultura e, finalmente, do Desporto. Encontram-se com frequência artigos de duas páginas neste jornal, especialmente nas aberturas de secção; na Sociedade, por exemplo, dos sessenta artigos analisados, 21 tinham duas páginas. A extensão média dos artigos analisados é de 156 linhas.

O *Público* tem, desde o seu início, uma equipa de revisão, ou melhor, de *copydesks* – nome que se deve ao facto de, explica a revisora Maria Manuela Barreto, os elementos que a constituem irem “um bocadinho além dos revisores (quando o tempo o permite)”<sup>66</sup>. Esta equipa, que já teve 15

---

<sup>64</sup>Dados disponíveis em [http://www.apct.pt/Analise\\_simples.php](http://www.apct.pt/Analise_simples.php) [Consult. em 25 de outubro de 2019].

<sup>65</sup> Nome dado no *Público* à secção de Internacional. Nas metodologias desta dissertação utilizou-se a denominação de “Internacional” apenas para não se apresentar sempre as duas formas alternativas.

<sup>66</sup> No livro de estilo do *Público*, escreve-se sobre os *copydesks*: “Harmonizam, corrigem, melhoram ou reescrevem textos segundo os padrões jornalísticos do PÚBLICO.” Frisa-se ainda que os *desks* conferem a “observância das regras gráficas

pessoas, como conta Barreto, ou 13, na versão de Rita Pimenta, é hoje composta por cinco: quatro em Lisboa e uma no Porto. Durante a semana, costuma haver na redação quatro revisores por dia – um de manhã e três à tarde, por exemplo, como no dia em que foram realizadas as entrevistas a Amílcar Correia, a Maria Manuela Barreto e a Rita Pimenta. Ao fim de semana, está apenas um *copydesk* na redação, tendo este depois segunda e terça-feira como dias de folga. Este sistema é rotativo, não sendo constante quem está na redação num determinado dia da semana ou ao fim de semana.

Todos os artigos da edição impressa, garantem Amílcar Correia e as duas revisoras entrevistadas, são revistos pela equipa, com exceção dos artigos entregues já muito perto da hora de fecho (20h30 para o caderno central e 23h para as restantes páginas). Curiosamente, é o caderno central, que se situa sensivelmente entre as páginas 17 e 30, que fica por rever com maior frequência, por alguns artigos serem entregues com atraso. “No geral, ficam três ou quatro páginas por ver”, afirma Rita Pimenta. Além disso, as partes do jornal que merecem mais atenção e cuidado são a primeira página, as páginas de arranque e os destaques, explica o diretor-adjunto.

Cada texto passa, regra geral, por pelo menos três pessoas, segundo Rita Pimenta e Maria Manuela Barreto: o autor do texto, o editor e o *copydesk*. Amílcar Correia refere uma quarta: o editor de fecho do jornal. Esse seria o funcionamento ideal, embora Maria Manuela Barreto afirme: “Eu acho que há textos que é só o autor a escrever e não são lidos por ninguém”. Isso é uma consequência da pressão crescente que existe sobre a produção de texto, em grande medida causada pelo *online* e pela reação à atualidade e à concorrência, explica a revisora.

O *online* não é revisto como o impresso, uma vez que são publicados mais de cem textos por dia e a equipa não tem capacidade de os rever todos, afirma Amílcar Correia. Assim, são revistos apenas os mais importantes. Muito recentemente, no mês de maio – já depois do período em análise, portanto –, o *Público* começou a designar um *copydesk* para o *online* diariamente, ficando essa pessoa a trabalhar de manhã nos artigos publicados no *site*; à tarde, os esforços já são todos concentrados na edição impressa. O *online*, porém, nunca esteve abandonado, garante Maria Manuela Barreto; simplesmente, esse processo foi agora sistematizado.

Na revisão dos textos, há duas preocupações principais: as questões de conteúdo e as questões de forma. No fundo, como esquematiza Rita Pimenta, as primeiras estão relacionadas com a defesa

---

mais revelantes que caracterizam o PÚBLICO” e que “todas as páginas, depois de concluídas, devem ser submetidas a um olhar mais atento dos «copydesks» da Revisão de Página, exceptuando as que só contêm publicidade”.

do jornal e o bom funcionamento do jornalismo, enquanto as segundas dizem respeito às normas do jornal e da língua:

As [questões] de conteúdo são: terem sido ouvidas todas as partes, não incorrerem em processos de difamação, ser uma notícia sustentada, não ser um rumor... Na parte da forma: ser um texto legível, escorreito, escrito com correção e que respeite as nossas normas – o que é caixa alta, o que é caixa baixa... Se a pontuação está correta, se não tem um parágrafo que adormece o leitor, o ritmo... Isso é já na parte da escrita.

Além do conteúdo e da forma, importa também verificar, acrescenta Pimenta, se todas as normas técnicas são respeitadas na construção dos artigos; por exemplo, na escrita do *lead*. Isso implica também ter alguma flexibilidade, ressalva a revisora, pois numa reportagem os critérios não serão tão rígidos como numa notícia. Maria Manuela Barreto, por outro lado, refere a clareza e o bom uso da língua como principais preocupações, além do cuidado de evitar estrangeirismos: “Se podemos usar a nossa língua e a sua estrutura e o seu vocabulário, não vamos estar a usar coisas... um bocadinho mais parecidas com o inglês do que com o português – isso é de facto um problema”. Barreto relembra também que os revisores são “o primeiro leitor”, pelo que devem sempre ter em atenção se é necessário “ler duas vezes o arranque de um texto”.

Quanto ao tempo disponível para rever cada artigo, as duas revisoras entrevistadas afirmam que esse depende de texto para texto. Rita Pimenta refere que o tamanho dos artigos varia muito, havendo alguns com dois mil caracteres e outros com 16 mil; além disso, explica, se um texto de 2 500 caracteres apresentar muitos problemas, por o jornalista que o redigiu ser um estagiário, estar sob pressão, se encontrar no exterior ou estar a escrever num teclado não português, pode demorar mais a rever do que um de cinco mil caracteres redigido por alguém com experiência e que tem ao seu dispor todas as condições ideais.

Concentrando-nos agora nas diferentes secções analisadas, os três entrevistados do *Público* afirmaram não haver, por princípio, nenhuma secção a que se dê mais atenção do que às outras. O Desporto, porém, é frequentemente a última secção a fechar<sup>67</sup>, devido aos jogos de futebol que se realizam a horas mais tardias, motivo pelo qual estas páginas muitas vezes não são revistas ou têm de ser revistas mais rapidamente. “Acontece – tenho de deixar este elogio – que os colegas do Desporto escrevem genericamente muito bem”, diz Maria Manuela Barreto; o que, acrescenta, não quer dizer que não existam falhas. Amílcar Correia afirma também que esta condição especial do Desporto leva os editores a terem de ser especialmente críticos com essas páginas, quando estas não podem ser revistas.

---

<sup>67</sup> Outra secção que, com frequência, é fechada em último lugar e, por isso, muitas vezes não é revista é a de Política, que aqui não será analisada. “Normalmente os mais tardios são o Desporto e a Política, porque eles gostam muito de dar as notícias às oito horas, e isso às vezes não se compadece com a escrita”, explica Rita Pimenta.

Por vezes, é preciso dar mais atenção a uma determinada secção a pedido dos próprios editores; isso acontece, por exemplo, com a Cultura, afirma Maria Manuela Barreto. Estes pedidos, independentemente da secção de que vêm, estão por vezes relacionados com o facto de os editores saberem que num determinado dia o texto precisa de ser lido com mais cuidado, nomeadamente devido à entrada recente de estagiários na secção em questão, explicam as duas revisoras.

Embora não existam formações sobre a correção da língua portuguesa direcionadas aos jornalistas, ou outro tipo de medidas com o fim de diminuir a quantidade de desvios à norma publicados no *Público* (além do facto de existir uma equipa de revisão), para o jornal é indispensável que os seus artigos demonstrem um domínio da língua pela parte de quem os escreve, afirma Amílcar Correia, garantindo que esse é um fator levado em conta na contratação dos jornalistas:

Um jornalista pode ser extremamente útil pela sua capacidade de obtenção de informação, mas é fundamental também que domine a língua. Um jornalista que não domine a língua, que não escreva bem ou que não mostre grande conhecimento da língua, acaba por não ser propriamente a pessoa ideal para um jornal como o *Público*.

O próximo subcapítulo aborda o processo de revisão no *Correio da Manhã*, as características deste jornal e a sua perspetiva sobre a língua.

### 5.3. O *Correio da Manhã*

O *Correio da Manhã* é um diário tabloide português e existe desde 1979, sendo desde o ano 2000 detido pelo grupo Cofina. Trata-se do líder de mercado em Portugal, tendo tido em 2018 uma circulação média de 80 302 exemplares por dia; em novembro e em dezembro de 2018, especificamente, a circulação média foi de 75 297. O *Correio da Manhã* tem sempre 48 páginas, exceto ao domingo, dia em que este número sobe para 52 páginas. Atualmente, de segunda a quinta-feira o jornal custa 1,10 € (no período correspondente à pesquisa efetuada, o preço de capa, que entretanto aumentou, era de 1 €); à sexta (dia em que é publicado com a revista *Sexta*) custa 1,50 €; e ao sábado (quando são publicados o suplemento *Correio Sport* e a revista *Vidas*) e ao domingo (dia em que sai a revista *Correio Domingo*) custa 1,70 €.

Quanto à estrutura do jornal, as secções que constituem o campo de observação figuram na seguinte ordem: Sociedade, Economia (precedida pela Bolsa, que, como referido anteriormente, também foi analisada em alguns casos), Mundo<sup>68</sup>, Desporto e Cultura & Espetáculos<sup>69</sup>. Os artigos do *Correio da Manhã* analisados nesta dissertação têm, em média, 26 linhas, sendo que o texto de

---

<sup>68</sup> “Mundo” é o nome escolhido no *Correio da Manhã* para a secção de Internacional. Nas metodologias desta dissertação utilizou-se a denominação de “Internacional” apenas para não se apresentar sempre as duas formas alternativas.

<sup>69</sup> Nome dado no *Correio da Manhã* à comumente designada secção de Cultura. A esta segue-se a secção Televisão & Média, cujos artigos foram analisados sempre que a de Cultura & Espetáculos publicou apenas um texto.

abertura da secção costuma ser um pouco maior, com cerca de sessenta linhas, e o segundo costuma ser consideravelmente menor, com menos de vinte. Muito raramente existe um artigo que ocupe uma página inteira, pertencendo os únicos casos verificados no âmbito do campo de observação deste trabalho à secção de Desporto.

O *Correio da Manhã* tem uma equipa de revisão de seis pessoas, cuja chefia está nas mãos de Patrícia Gomes Ramos, uma das entrevistadas. Esta equipa, que faz parte do grupo de 12 pessoas responsável pela revisão do total das publicações da Cofina, não revê apenas o *Correio da Manhã*, mas também algumas revistas do grupo. Focando-nos apenas no jornal a que se dedica o presente subcapítulo, este é, na sua versão impressa, revisto integralmente, segundo as revisoras Patrícia Gomes Ramos e Rita Moreira. O diretor-geral adjunto Armando Esteves Pereira afirma, no entanto, que este cenário “depende de várias condicionantes”, como a hora do fecho, a hora do acontecimento e a importância da notícia. De preferência todos os artigos são revistos, refere, mas, quando isso não é possível, priorizam-se os mais importantes (como os que são manchete).

Ao contrário do papel, o *online* não tem revisão, por não haver “receitas suficientes”, explica Armando Esteves Pereira. Só muito raramente um texto do digital passa pela equipa de revisão, e quando isso acontece é por circunstâncias especiais, como o texto ser muito importante ou haver “alguma dificuldade do jornalista”. Assim, enquanto um texto da versão impressa passa por quatro pessoas – o jornalista, o editor, o *copydesk* e o editor de fecho, sendo que este último não vê os textos na íntegra<sup>70</sup> –, um texto do *online* por vezes passa apenas por uma: quem o escreve. “No *online* esse crivo não existe”, explica o diretor-geral adjunto. Essa falta de revisão no meio digital é algo que a empresa pretende mudar, assegura Patrícia Gomes Ramos, mas, por enquanto, a intervenção dos revisores no *site* do jornal resume-se à ocasional deteção de um erro, acerca do qual informam os colegas jornalistas para que estes possam corrigi-lo.

Quanto ao processo de revisão da edição impressa, Patrícia Gomes Ramos afirma que o texto nunca é recebido “em bruto”, tendo este sido sempre editado previamente. Os revisores têm, assim, a função de ler e rever o texto, verificando não apenas o português, mas também possíveis incongruências na informação, como os nomes e as idades dos intervenientes, e contactando sempre que necessário o jornalista que escreveu o artigo. A partir das dez da noite, conta Rita Moreira, uma grande parte do trabalho é feita com a paginação, apertando e alargando espaços e ajustando o texto,

---

<sup>70</sup> Como explica Patrícia Gomes Ramos, o editor de fecho “é a última linha antes de [o jornal] seguir para a gráfica” e tem a função de “dar um olho geral à página e ver se está tudo OK”. Nesta fase não existe normalmente muita atenção ao pormenor, por os editores de fecho muitas vezes serem poucos. Assim, o editor de fecho acaba por verificar sobretudo os títulos e os destaques, além de, como lembra a revisora, cada um ter a sua área específica, como a Política ou a Economia, o que “influencia sempre o final”.

sendo a prioridade não existirem erros: “Troca-se a palavra, troca-se a formulação; nunca se deixa passar erros só por uma questão de espaço. Ou de tempo. Nunca, nunca”.

A forma como os revisores se distribuem ao longo da semana depende sobretudo dos suplementos publicados. Assim, os dias em que se encontram mais revisores na redação são a quarta e a quinta-feira, enquanto ao fim de semana estão sempre presentes menos pessoas: embora o jornal seja maior ao domingo, o número de páginas para rever é menor, pois não há suplementos (metade da revista *Vidas*, que é publicada ao sábado, fica fechada à terça-feira, por exemplo). Assim, ao fim de semana, das seis pessoas da equipa de *copydesks*, estão três na redação.

Quanto às diferentes secções do jornal, as duas revisoras entrevistadas afirmaram não haver conscientemente uma atitude diferente na abordagem da revisão de umas ou de outras, havendo, sim, uma revisão mais minuciosa das aberturas de secção. Na revisão das várias secções, diz Patrícia Gomes Ramos, “o cuidado é o mesmo – o cuidado *tem de ser* o mesmo”. No entanto, secções como a Economia e o Desporto acabam por trazer consigo muitas vezes um grau de exigência superior, pois, como explica Rita Moreira, “têm uma linguagem muito própria”, e quem estudou português não estudou necessariamente os termos de Economia. Com o Mundo, por exemplo, isso não acontece tanto: “Toda a gente sabe muito mais do que é o Brexit, por exemplo”, refere Moreira. Quanto ao Desporto, é frequente os *copydesks* do *Correio da Manhã* recorrerem aos colegas que reveem o jornal desportivo *Record* para se assegurarem de que uma determinada expressão é gíria futebolística, por exemplo, e não um erro de português.

A equipa de revisão e o corretor ortográfico dos computadores são as duas defesas, digamos assim, que o *Correio da Manhã* utiliza para evitar que ocorram erros no jornal. O facto de se escrever corretamente não é neste momento o critério de contratação com mais peso, explica Armando Esteves Pereira, sendo o mais importante que um jornalista saiba “dar notícias e procurar notícias”:

A televisão tem um grande poder. O saber bem televisão é mais importante do que saber ler e escrever, que é uma coisa da qual se presume que as pessoas agora têm um conhecimento básico. Infelizmente houve uma degradação da qualidade de escrita dos jornalistas nos últimos 15, 20 anos, e temos muitos jornalistas que nunca leram um livro na vida. A qualidade da escrita também é um reflexo disso. Mas pronto, o mais importante num jornalista é saber procurar e dar notícias. Isso é mais importante ainda do que saber ler e escrever bem.

O subcapítulo que se segue incide sobre o *Expresso*, que tem características diferentes das dos jornais que já explorámos visto que se trata de um semanário. Teremos assim oportunidade de perceber como funciona o processo de revisão no *Expresso* e o impacto que a diferença de periodicidade tem sobre a quantidade de desvios à norma registados.

#### 5.4. O *Expresso*

O jornal *Expresso* é um semanário português de referência, publicado todos os sábados desde a sua origem, em 1973; custa, atualmente, 4 €. É um dos jornais mais lidos em Portugal, com uma circulação média de 61 023 exemplares, tendo tido nos últimos dois meses de 2018 uma circulação média de 58 021.

O *Expresso* divide-se em três partes: o *Primeiro Caderno*, o *Expresso Economia* e a *Revista E*. O *Primeiro Caderno* inclui os artigos de Política, Sociedade, Internacional e Desporto. Não havendo uma distinção marcada entre os artigos de Política e Sociedade, e com o objetivo de não se fazer uma categorização errada (dado as fronteiras entre estas duas secções serem com frequência ténues e pouco rígidas), fez-se equivaler os artigos do *Primeiro Caderno* aos de Sociedade. Os artigos de Internacional e de Desporto, por seu lado, estão sempre identificados, com o separador “Internacional” e “Tribuna”, respetivamente, a assinalar o início da secção. Assim, embora o Internacional e o Desporto estejam incluídos no *Primeiro Caderno*, nesta análise foram categorizados separadamente, correspondendo este apenas à Sociedade (e, como já vimos, à Política).

O *Expresso Economia*, como o nome indica, é constituído exclusivamente por artigos de Economia. A *Revista E* inclui as secções “fisga”, “+E”, “Culturas” e “Vícios”; nesta dissertação foram analisados os artigos publicados em “Culturas”, por serem os que são mais puramente artigos da área da Cultura e também por terem características mais semelhantes às das peças publicadas nesta secção no *Correio da Manhã* e no *Público* (a dimensão dos textos e o género jornalístico dos artigos, por exemplo), o que permite uma equiparação mais justa.

Uma vez que o *Expresso* tem uma periodicidade semanal, o processo de revisão dos artigos ao longo da semana é um pouco diferente do do *Público* e do do *Correio da Manhã*. Assim, os três cadernos que compõem o *Expresso*, e dos quais já falámos, têm ritmos de fecho diferentes. Como explica o diretor-geral do *Expresso*, João Vieira Pereira, “há temas que conseguem ser maturados, em que o jornalista consegue entregar o texto a tempo e horas para ser muito bem editado e muito bem revisto”, enquanto outros temas são terminados “muito em cima da hora”. A diferença de ritmo leva, também, a resultados diferentes: “Eu acho que se consegue olhar para um artigo e ver aquele que foi fechado muito rapidamente e aquele que foi fechado com mais tempo”, afirma João Vieira Pereira.

A *Revista E*, por exemplo, é fechada à quarta-feira, explicam as revisoras Luzia Guerreiro e Margarida Parreirão. Os textos maiores da revista são, na sua maioria, revistos durante segunda e terça-feira, ficando a quarta reservada para os mais pequenos – a abertura e o fecho. Os textos de Economia começam a ser entregues à terça e à quarta, mas esse caderno fecha apenas à sexta-feira,

juntamente com o *Primeiro Caderno*, que “está concentrado em quinta e sexta”, descrevem as duas revisoras. O jornal é fechado na totalidade às oito da noite de sexta-feira.

Apesar dos diferentes tempos de revisão, todos os textos passam pelo mesmo processo: depois de o trabalho ser planificado e escrito, é paginado, editado e fechado pelo editor, passando de seguida para os *copydesks*, que são quatro – já foram mais, mas a equipa foi sendo reduzida, explicou Luzia Guerreiro, encarregada da chefia da equipa. Após a revisão, o artigo volta aos gráficos e são feitos os acertos da página, que é então impressa e de novo vista pelo editor ou, menos frequentemente, por alguém da direção, conta João Vieira Pereira. O diretor do *Expresso* afirma também que “todos os textos do papel são revistos”, podendo, no entanto, existir exceções quando há atrasos:

Até pode ser um artigo extremamente importante e não ir à revisão. E há aqui um outro controlo que é importante: o texto é feito, editado, colocado em página e revisto; depois volta ao editor, é aprovada a página e a página vai para a produção. A própria produção tem um sistema de controlo e deteta erros às vezes.

Quando um texto não é entregue a tempo de ser revisto, tenta-se que seja, ainda assim, visto por outra pessoa, como o colega do lado, explica o diretor do *Expresso*. Na fase da revisão, afirmam Luzia Guerreiro e Margarida Parreirão, os artigos são por vezes revistos mais do que uma vez, pois, quando têm tempo, os elementos da equipa tentam ver uma segunda vez os textos uns dos outros, sabendo que, com a pressa, por vezes alguns erros escapam.

No *online*, pelo contrário, nenhum dos artigos é revisto: “Não podemos, porque aquilo é tudo tão automático, tão feito ao correr da notícia, que não temos tempo nem temos pessoal para isso”, explica Luzia Guerreiro. Assim, os textos do *online* passam por um editor, mas não por um revisor, até porque são mais de cem os artigos publicados no *site* por dia. A única ocasião em que se corrigem textos do digital é se há um pedido especial de um jornalista ou editor, o que é, nas palavras de Luzia Guerreiro, “raríssimo” e acontece apenas com artigos de grande dimensão, como entrevistas publicadas na íntegra. Assim, diz João Vieira Pereira, as diferenças entre o *online* e o impresso “em termos de controlo de edição são enormes”:

Eu acho que sobre a língua portuguesa há um muito maior cuidado no papel do que no *online*, por duas razões diferentes. Não é que liguemos menos à importância do *online*, mas são duas razões absolutamente gigantes. Primeiro: o facto de a rapidez ser inimiga dos textos bem escritos – isto acontece muitas vezes. E, segundo, é que no *online* é possível nós corrigirmos o texto, e no papel não. Isso faz uma grande diferença, ou seja, há muitas vezes aquela necessidade de termos de dar já a notícia, e às vezes dizemos “Publica que a gente já revê o texto”. E depois de ele entrar no *online* é que alguém nota que ali está uma gralha, mas é muito fácil mudar.

No que diz respeito ao processo de revisão das várias secções, como já foi referido, existem algumas diferenças importantes entre cadernos. É muito mais provável, por exemplo, que um texto do *Primeiro Caderno* fique por rever, ou seja revisto à pressa, do que um texto da *Revista*:

A *Revista* tem um ritmo de fecho completamente diferente, por isso quando saímos para as bancas no sábado há textos que já foram fechados há uma semana. E isso implica que de certeza foram muito mais bem cuidados e revistos do que um tema que fechou há cinco minutos. Nós fechamos às oito da noite, portanto há textos que se calhar estavam escritos às cinco para as oito.

Não é apenas a revisão que beneficia desta diferença de prazos; é a própria escrita. Embora a equipa de *copydesks* tenha um pouco mais de tempo para rever os textos da *Revista* do que os do *Primeiro Caderno* e do *Expresso Economia*, a verdadeira diferença está no facto de os textos da *Revista* E poderem ser, à partida, muito mais trabalhados pelos próprios jornalistas. Por outro lado, sendo o *Primeiro Caderno* e a *Economia* fechados em simultâneo, Guerreiro e Parreirão referem os do *Primeiro Caderno* como os textos que mais frequentemente são vistos em cinco minutos – quando chegam sequer a ser vistos.

Falámos até aqui do processo de revisão e dos seus tempos. A equipa de revisão é, naturalmente, a maior ferramenta de que o *Expresso* dispõe para minimizar o número de erros publicados. Quanto a outro tipo de medidas, situadas a montante da construção do artigo, não parece haver nenhuma que tenha esse fim específico; existe, sim, um número considerável de formações, entre as quais algumas na área da escrita criativa, da escrita narrativa e do *storytelling*, que são recomendadas aos jornalistas pelo editor da secção conforme as dificuldades de cada um, explica João Vieira Pereira, que não sabe dizer, no entanto, se alguma destas formações contempla a correção da escrita. Como explica Luzia Guerreiro, parte-se “do princípio de que os jornalistas escrevem razoavelmente bem, portanto é um pouco ingrato dar uma ação de formação para escreverem melhor”. Mais a montante ainda, no recrutamento, a correção e qualidade da escrita continuam a não ser fatores para alguém ser ou não contratado: “Penso que nunca foi uma preocupação do *Expresso* contratar alguém porque escreve muito bem, ou deixar de contratar alguém porque tem uma escrita com mais deficiências”, afirma Vieira Pereira. Existe um cuidado, porém, para que os grandes trabalhos sejam atribuídos “a jornalistas cuja escrita se diferencia de algum modo da dos outros”, afirma o diretor do *Expresso*.

### 5.5. O papel em análise

Neste subcapítulo os resultados da investigação serão apresentados e interpretados à luz dos dados relativos a cada um dos meios de comunicação social que constituem o campo de observação. Serão analisados primeiro os resultados totais respeitantes a cada um dos jornais, e depois observá-los-emos parcelarmente: por secção, por género jornalístico, por autoria, por zona e por dia da semana.

Seguidamente, veremos que tipos de erros são mais e menos frequentes em cada jornal, apresentando exemplos sempre que for relevante. Os resultados do *online* serão analisados já no subcapítulo 6, repetindo a ordem das categorias de análise acima referida.

O critério principal para analisar a frequência com que ocorrem desvios à norma será o intervalo de linhas entre erros, isto é, de quantas em quantas linhas se encontra um erro em cada jornal, em cada secção, etc.<sup>71</sup> Este critério foi escolhido por, apesar de as linhas não serem iguais em todos os jornais (o tamanho de letra varia, tal como a distância entre palavras), ser o que permite uma análise mais rigorosa e objetiva; o número de erros por artigo, por exemplo, depende por norma do número de linhas que tem o texto, o que não raro causaria desvios nos resultados<sup>72</sup> – motivo pelo qual esse parâmetro não será utilizado na análise. Será, por outro lado, referida a percentagem de artigos sem erros, uma vez que, apesar de este parâmetro também estar relacionado com o número de linhas de cada texto (é mais provável um artigo curto não conter erros do que um artigo longo), continua a ser um critério relevante para a análise.

No total, como foi referido anteriormente, foram analisados 290 artigos do *Público*, 298 artigos do *Correio da Manhã* e 241 artigos do *Expresso*<sup>73</sup>. A Tabela 1 apresenta, para cada jornal, o intervalo de linhas entre uma sequência de dois erros, o número de erros por artigo, a dimensão dos artigos e a percentagem de artigos sem erros.

Jornal	Intervalo entre erros	Artigos sem erros	N.º de linhas
Público	42 linhas	13,4%	156
Correio da Manhã	53 linhas	34,2%	54
Expresso	43 linhas	20,3%	128

Tabela 1: Resultados por jornal.

<sup>71</sup> Os resultados de intervalo entre linhas e de linhas por artigo (isto é, a dimensão de um artigo) são sempre apresentados em médias e não em números absolutos.

<sup>72</sup> Um exemplo de como os resultados podem ser enganosos se apenas se tiver em conta este critério são os dados dos jornais publicados à sexta-feira: neste dia, o *Público* apresenta em média 3,9 desvios por artigo, enquanto o *Correio da Manhã* tem apenas 1,4 erros por artigo. Estes parecem ser resultados muito distintos, mas, quando se atenta no intervalo de linhas entre erros, constata-se que em ambos ocorre um a cada quarenta linhas. A diferença deriva, assim, do número médio de linhas por texto: 157 no caso do *Público* e apenas 56 no do *Correio da Manhã*.

<sup>73</sup> Com o *Primeiro Caderno*, a *Economia* e a secção “Culturas” da *Revista E*, foram analisados os primeiros 12 artigos de cada um, com o objetivo de, no final da análise, haver sessenta artigos de cada secção, tal como acontece com o *Público* e o *Correio da Manhã* (sendo que também nestes algumas secções não chegaram a ser representadas por sessenta artigos, como vimos). No caso do Internacional e do Desporto, porém, não houve sempre doze artigos por edição para analisar. No *Expresso* de 29 de dezembro, por exemplo, foi publicado apenas um artigo na secção da Tribuna, e durante este mês de 2019 nunca saíram mais do que cinco artigos de Desporto numa edição. De Internacional houve três edições em que os artigos publicados foram menos que 12 (as dos dias 1, 15 e 29); para compensar esses dias, na edição de 22 de dezembro, em que foram publicados 15 artigos de Internacional, todos os textos desta secção foram analisados, permitindo, no final do período em análise, ter 47 artigos de Internacional (de Desporto foram apenas 13). Este é o motivo pelo qual o *Expresso* foi o jornal com menos artigos analisados. Nos anexos podem ser encontrados, para cada categoria, o número de artigos analisados em cada jornal e o número de desvios à norma registados.

Como se pode observar na Tabela 1, a frequência com que ocorrem desvios à norma varia muito pouco de meio para meio. O jornal em que se encontram erros com menor frequência é o *Correio da Manhã*, que tem mais dez linhas de intervalo entre erros do que os outros dois jornais<sup>74</sup>. Já o parâmetro da percentagem de artigos sem erros é um pouco mais distintivo: o *Correio da Manhã* é o jornal em que existem mais artigos sem erros, enquanto o *Público* é aquele em que existem menos – mais de 85% dos artigos deste diário contêm pelo menos um desvio à norma. Para estes dados contribuirá, com certeza, o facto de no *Correio da Manhã* se encontrarem muito mais artigos curtos do que no *Público*, mas isso não torna irrelevantes estes resultados – até porque continua a haver uma diferença considerável entre a quantidade de artigos sem erros no *Público* e no *Expresso*, e nestes dois periódicos a dimensão dos textos não é muito díspar.

A simplicidade da linguagem utilizada no *Correio da Manhã*, com frases curtas que obedecem, regra geral, a um padrão de ordem direta (sujeito-verbo-complementos), e o número de pessoas que compõem a equipa de revisão são sem dúvida dois dos fatores que explicam estes resultados. No *Expresso*, a diferença de periodicidade, que à partida o favoreceria por dar mais tempo aos jornalistas para escreverem os artigos e aos *copydesks* para os reverem, não parece contribuir para que existam menos erros – embora possa ter alguma influência na quantidade de artigos sem erros<sup>75</sup>. Uma forma de avaliar a veracidade desta hipótese é analisar os resultados por secção, representados na Tabela 2:

	Público			Correio da Manhã			Expresso		
	IEE	%SE	NL	IEE	%SE	NL	IEE	%SE	NL
<b>Sociedade</b>	38	8,3%	178	42	35,0%	56	40	13,3%	153
<b>Economia</b>	34	16,4%	163	45	32,8%	56	40	23,3%	126
<b>Internacional</b>	38	15,3%	140	53	45,0%	46	63	23,4%	113
<b>Cultura</b>	45	10,9%	165	37	45,0%	38	40	21,7%	112
<b>Desporto</b>	45	16,7%	113	45	32,8%	56	38	23,3%	126

Tabela 2: Resultados por secção. IEE: Intervalo entre erros (em linhas). %SE: Percentagem de artigos sem erros. NL: Número de linhas por artigo.

Tanto no *Correio da Manhã* como no *Expresso*, a secção em que ocorrem desvios à norma com maior frequência é a de Desporto e aquela em que ocorrem com menor frequência é a de Internacional. Isto não nos permite tirar conclusões sobre a forma como o facto de o *Expresso* ser um semanário

<sup>74</sup> Apesar de as linhas no *Correio da Manhã* terem um espaçamento e um tamanho de letra maior, a diferença em termos de caracteres é de apenas menos dois que no *Expresso* e de menos quatro que no *Público*.

<sup>75</sup> É possível que os artigos entregues no início da semana, com mais tempo, contenham menos desvios à norma, mas que os restantes, terminados apenas no dia do fecho ou na véspera, tenham consideravelmente mais ocorrências.

influencia o número de desvios ocorridos, visto que o Internacional e o Desporto não são secções fechadas nem com muita antecedência nem muito perto da hora de fecho. É curioso, aliás, notar que a Cultura – que fica completa mais cedo –, o *Primeiro Caderno* e o *Expresso Economia* – que fecham mais tarde – têm todos exatamente a mesma quantidade de erros em proporção; nas três secções se encontra um desvio à norma a cada quarenta linhas. Observando a percentagem de artigos sem erros, porém, verifica-se que neste parâmetro o *Primeiro Caderno* é a secção que tem o valor mais reduzido, o que será plausivelmente consequência direta de ser também a que fecha mais tarde. As restantes secções, incluindo a de Economia, que embora só se conclua à sexta começa a ser entregue à quarta, têm todas sensivelmente a mesma percentagem de artigos sem erros.

Regressando agora à ideia inicial do parágrafo anterior e aos resultados comuns do *Expresso* e do *Correio da Manhã*, é possível que a justificação destes valores esteja em dois pontos mencionados pela revisora Rita Moreira durante a sua entrevista. O Internacional é uma secção que trata de temas muito conhecidos do público e da própria equipa de revisão, pelo que a linguagem também lhes é muito familiar e mais fácil de corrigir. O Desporto, pelo contrário, caracteriza-se por uma linguagem com termos que a equipa de *copydesks* não domina tão bem, o que, naturalmente, dificulta a revisão dos textos. No *Expresso*, outro aspeto ainda pode contribuir para a elevada frequência de erros nesta secção: havendo habitualmente apenas um ou dois artigos por edição, estes são regra geral entrevistas ou reportagens, géneros que, como veremos adiante, apresentam uma elevada ocorrência de desvios à norma.

No *Público*, os resultados são um pouco diferentes: neste jornal, o Desporto é precisamente uma das duas secções em que menos erros se detetam; a outra é a Cultura. Já a Economia é a secção em que os desvios à norma ocorrem com maior frequência, existindo um a cada 34 linhas – o que poderá eventualmente ser explicado pela densa linguagem que caracteriza esta secção e que leva a que haja mais erros por parte dos jornalistas e a que se verifique uma maior dificuldade em rever rapidamente pela parte dos *copydesks*<sup>76</sup>.

Quanto ao Desporto, vale a pena relembrar o elogio da revisora Maria Manuela Barreto, do *Público*, aos jornalistas dessa secção, ao referir que estes “escrevem genericamente muito bem”; isso explica por que razão o Desporto, sendo uma secção que fecha tarde com frequência, ficando os seus artigos por rever, tem uma ocorrência de erros consideravelmente reduzida e regista a percentagem de artigos sem erros mais elevada entre as cinco secções analisadas. Já a Cultura deverá os seus resultados, com alguma probabilidade, ao facto de os artigos desta secção poderem ser muitas vezes

---

<sup>76</sup> Um exemplo disto encontra-se no artigo “Governo cria uma espécie de Plano Juncker para apoiar empresas”, publicado na edição do *Público* de 7 de dezembro, nas páginas 26 e 27: “A procura da solução para colmatar este problema tornou-se uma prioridade, uma vez que o envelope financeiro desenhado no acordo de parceria, e que atinge os 27,5 mil milhões de euros, correspondia a um incentivo de 18,5 mil milhões de euros (somatório de todos os fundos estruturais aprovados para Portugal) e que já está com uma taxa de compromisso de cerca de 70%”.

escritos com mais tempo, uma vez que as notícias, que constituem o género mais ditado pela atualidade e pelo imediato, são até pouco frequentes nesta secção, em que mais amiúde se encontram reportagens, por exemplo. O reverso da medalha – ditado pelo facto de, como foi referido acima, a reportagem ser um género que normalmente apresenta mais desvios à norma – é a baixa percentagem de artigos sem erros que tem esta secção<sup>77</sup>. A análise das reportagens no jornal *Público* sugere isso mesmo, como se pode ver na Tabela 3; no *Público*, este não é o género que apresenta erros com maior frequência, ao contrário do que acontece no *Correio da Manhã* e no *Expresso*, mas tem uma percentagem de artigos sem erros extremamente reduzida: 97,4% das reportagens têm pelo menos um erro.

	<b>Público</b>			<b>Correio da Manhã</b>			<b>Expresso</b>		
	<b>IEE</b>	<b>%SE</b>	<b>NL</b>	<b>IEE</b>	<b>%SE</b>	<b>NL</b>	<b>IEE</b>	<b>%SE</b>	<b>NL</b>
<b>Notícia</b>	43	15,9%	138	40	35,4%	53	43	22,7%	128
<b>Reportagem</b>	48	2,6%	221	31	33,3%	74	37	0,0%	210
<b>Análise</b>	111	33,3%	70	---	---	---	228	0,0%	228
<b>Entrevista</b>	30	0,0%	292	---	---	---	40	0,0%	265
<b>Crítica</b>	111	0,0%	103	---	---	---	40	27,0%	82
<b>Crónica de jogo</b>	42	9,5%	118	40	20,0%	73	---	---	---
<b>Outro</b>	42	13,0%	183	49	0,0%	49	53	25,7%	116

Tabela 3: Resultados por género jornalístico. IEE: Intervalo entre erros (em linhas). %SE: Percentagem de artigos sem erros. NL: Número de linhas por artigo.

A elevada frequência com que ocorrem desvios à norma nas reportagens do *Correio da Manhã* e do *Expresso* pode dever-se à maior liberdade estilística que caracteriza este género, o qual tem traços muito menos rígidos do que, por exemplo, a notícia. Esse fator, aliado à utilização recorrente de citações intercaladas no discurso do jornalista, conduz a uma maior quantidade de desvios à norma, uma vez que o discurso direto é mais traiçoeiro que o registo escrito, até por existir por vezes algum pudor de alterar as palavras do entrevistado. Isso leva também a uma menor percentagem de artigos sem erros, o que é visível sobretudo no *Expresso*, em que todas as reportagens analisadas apresentam pelo menos um erro.

No *Público*, em lugar da reportagem, o género que apresenta mais erros é a entrevista, nas quais ocorre um erro a cada trinta linhas. Este valor deve-se certamente às dificuldades geradas pelo facto de a entrevista ser um género que depende muito da oralidade; uma vez que as pessoas cometem consideravelmente mais erros a falar do que a escrever, além de muitas vezes interromperem raciocínios

<sup>77</sup> Apenas um artigo dos 55 analisados não contém erros de português.

e nem sempre ser fácil discernir onde termina uma frase e começa a seguinte, que pode ter um tema diferente, as entrevistas têm sempre uma possibilidade maior de apresentar desvios. Compete ao jornalista editar esses erros sem, no entanto, alterar em demasia as palavras do entrevistado e o seu sentido; pode existir, também por isso, algum receio de corrigir os erros cometidos, tal como foi referido acima acerca das reportagens. É também necessário haver um especial cuidado para que a edição faça sentido; no processo de reduzir o texto a um número de caracteres desejável, impõe-se a preocupação de não suprimir partes do texto que sejam essenciais à sua compreensão por parte do leitor<sup>78</sup>.

Quanto aos géneros em que ocorrem menos desvios à norma, no *Correio da Manhã* o género em que isso se verifica não é nenhum dos principais, estando classificado como “outro”<sup>79</sup> – aí se englobam os perfis e os obituários, por exemplo. No *Público*, a crítica e a análise são os géneros em que os erros são menos frequentes<sup>80</sup>, havendo 111 linhas entre cada dois desvios. No *Expresso*, é também a análise, por uma grande margem, o género em que existem menos ocorrências.

Observemos agora a Tabela 4, que apresenta os resultados segundo a autoria dos artigos:

	<b>Público</b>			<b>Correio da Manhã</b>			<b>Expresso</b>		
	<b>IEE</b>	<b>%SE</b>	<b>NL</b>	<b>IEE</b>	<b>%SE</b>	<b>NL</b>	<b>IEE</b>	<b>%SE</b>	<b>NL</b>
<b>Um autor</b>	43	9,9%	156	38	24,6%	65	42	14,4%	153
<b>Dois autores</b>	37	14,3%	202	29	10,0%	79	48	11,5%	164
<b>Vários autores</b>	22	0,0%	155	---	---	---	59	0,0%	167
<b>Jornal</b>	38	50,0%	41	43	66,2%	22	40	47,9%	36
<b>Com agência</b>	43	25,0%	65	53	20,8%	53	---	---	---

Tabela 4: Resultados por autoria. IEE: Intervalo entre erros (em linhas). %SE: Percentagem de artigos sem erros. NL: Número de linhas por artigo.

Neste âmbito, há um ponto particularmente interessante a notar. Tanto no *Público* como no *Correio da Manhã* se nota um aumento dos desvios à medida que mais autores estão envolvidos na escrita de uma peça, enquanto no *Expresso* acontece o contrário: quanto mais autores assinam a peça, menos erros esta apresenta – de tal maneira que os artigos com menos ocorrências são os assinados por vários autores.

<sup>78</sup> Um exemplo dos erros bizarros que podem surgir nas entrevistas devido à necessidade de editar muito o texto é este excerto da entrevista “Menos vacas e fogos florestais para descarbonizar o país”, publicado a 4 de dezembro no *Público* (pp. 22-23): “[Pergunta:] O que pode dizer aos sectores em concreto sobre os ganhos e custos que pressupõe este roteiro? [Resposta:] Numa boa parte sim, o roteiro entra em discussão pública até à Primavera e acredito que aqui haja questões a ser afinadas.”

<sup>79</sup> No *Correio da Manhã*, porém, houve apenas um artigo deste género no período em análise, pelo que os resultados podem não ser representativos da realidade. Os dois géneros que se seguem com menos ocorrências são a notícia e a crónica de jogo, não existindo neste jornal (no período de observação) análises, entrevistas ou críticas.

<sup>80</sup> Embora, note-se, tenham sido analisadas apenas duas críticas e três análises, pelo que estes dados podem não ser representativos da realidade.

É possível que por trás deste fenómeno estejam dois processos opostos. No *Público* e no *Correio da Manhã* pode existir algo entre o excesso de confiança nos colegas e o receio de interferir no que um companheiro de profissão escreveu, fazendo que o jornalista, não notando os seus próprios erros, não repare também nos do colega ou não queira alterar o que este escreveu nem pedir-lhe que o faça. Esta circunstância pode ser algo reforçada pelo facto de os jornais em causa serem ambos diários: sendo o tempo disponível para a escrita da peça menor, é normal que a tentação de se confiar no colega seja maior e até que, querendo abordar-se a necessidade de fazer alguma alteração, se abduque de o fazer por não haver tempo para tratar a questão com sensibilidade.

Já no *Expresso* os resultados sugerem exatamente o contrário: a relação inversa entre o número de erros cometidos e o número de autores envolvidos aponta para um forte escrutínio entre pares – quanto mais mãos participam na construção do artigo, mais olhos o releem e detetam possíveis erros. Joga-se, assim, com o facto de o cérebro ser exímio a apontar os erros dos outros, como referiu Marco Neves (2016, p. 174), e a tender a ignorar as próprias falhas.

Interessante também é o facto de os artigos assinados com uma agência noticiosa serem, no *Público* e no *Correio da Manhã* (no *Expresso* não foi analisado nenhum texto com este tipo de assinatura), os que apresentam erros com menor frequência (a par dos que são assinados por um só autor, no caso do *Público*). Visto que em nenhum dos dois diários estes artigos são os mais curtos – o que poderia justificar estes valores, já que há maiores probabilidades de se errar em textos mais longos –, podem ser formuladas duas hipóteses. A primeira é que os artigos de agência sejam muito bem escritos, chegando à redação já com nenhuns ou poucos erros. A segunda é que o poder de detetar erros alheios, mencionado no parágrafo anterior, também aqui desempenhe o seu papel, levando o jornalista a detetar os erros que já estavam no texto e a corrigi-los antes de escrever a sua parte, o que não acontece se estiver ele próprio a escrever a notícia de raiz, caso em que, mesmo que tente reler o texto, não detetará tão facilmente as falhas<sup>81</sup>.

Tentemos agora perceber se as zonas de maior destaque visual do artigo são objeto de uma atenção especial no processo de revisão. Dos 290 artigos do *Público*, oito títulos (2,8% do total) e 11 entradas (3,8% do total) apresentam pelo menos um desvio à norma. Dos 298 artigos do *Correio da Manhã*, cinco títulos (1,7%) e 15 entradas (5%) apresentam pelo menos um desvio. E, dos 241 artigos

---

<sup>81</sup> Não se pretende com isto sugerir que os jornais não devem escrever as suas próprias notícias e que devem utilizar apenas artigos vindos de agência – pelo contrário. Este dado demonstra simplesmente o efeito positivo sobre o texto que mais uma leitura antes da publicação pode ter. Este fenómeno pode ser reforçado pelos jornais através do aumento do número de *copydesks* e/ou da política de, além do editor da secção, haver sempre algum colega que reveja o artigo, por exemplo.

analisados no *Expresso*, só dois títulos (0,8%) e três entradas (1,2%) têm algum erro<sup>82</sup>. Embora o semanário seja o jornal que tem menos títulos e entradas com erros de português, tanto em percentagem como em valores absolutos, é inegável que em todos há muito poucos títulos e entradas com algum desvio à norma.

Isso não é surpreendente, visto que tanto uma componente do texto como a outra são compostas por frases curtas, geralmente estruturadas de forma linear, com os constituintes na ordem direta, e por isso há menores probabilidades de errar aí do que no corpo do texto; ainda assim, visto os valores serem tão reduzidos, parece juntar-se a esse fator uma especial atenção com estas zonas do texto, que são as primeiras a ser lidas e das quais por vezes não se passa. Mesmo que não seja um cuidado consciente, visto que todas as revisoras entrevistadas o negaram, é possível que exista uma preocupação inconsciente e até mesmo natural: para os próprios revisores e editores, o título e a entrada são as primeiras componentes do artigo a ser lidas, e, pelo seu destaque e pela sua dimensão, é provavelmente mais difícil que um erro passe despercebido aí do que no corpo do texto, que é muito mais longo, tem um tamanho de letra consideravelmente mais pequeno e apresenta um grande número de frases encadeadas.

Antes de vermos quais são os tipos de erros que mais ocorrem nos três jornais, interessa ainda analisar em que medida a quantidade de desvios à norma nos textos varia ao longo da semana (no *Público* e no *Correio da Manhã*, naturalmente, já que o *Expresso* é publicado apenas ao sábado). Este dado pode ser útil para avaliar de que modo diferentes fatores podem ter influência na correção dos artigos, sobretudo o volume de trabalho e o facto de haver mais ou menos pessoas (jornalistas e

---

<sup>82</sup> Embora os destaques também sejam, evidentemente, zonas de maior relevância visual, não lhes é aqui dada a mesma atenção que aos títulos e às entradas por não ser possível estabelecer de forma fidedigna a percentagem de destaques que apresentam erros. Isto porque, enquanto todos os textos têm um título e uma entrada, nem todos têm destaques e, quando os têm, existe frequentemente mais do que um por artigo.

revisores) na redação. A Figura 1 mostra como o intervalo de linhas entre erros vai mudando ao longo da semana – quanto maior o intervalo entre erros, menor a frequência com que ocorrem desvios.

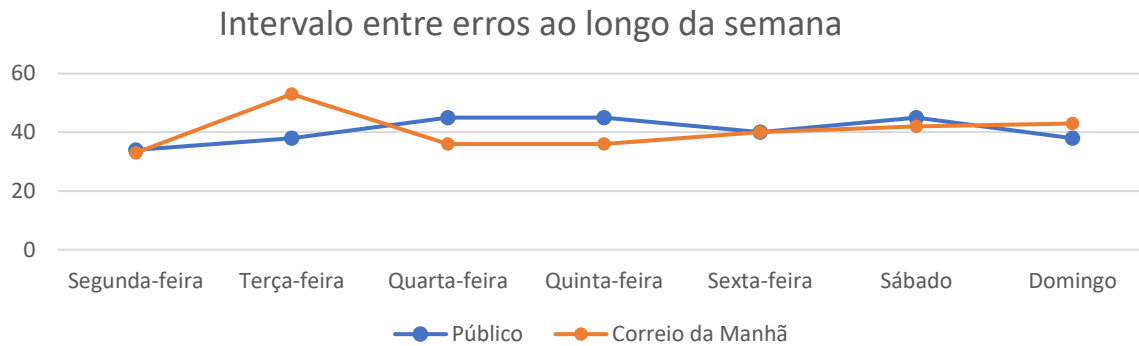


Figura 1: Resultados segundo o dia da semana.

Em ambos os jornais, o dado mais relevante é o facto de a segunda-feira ser o dia em que os desvios à norma ocorrem com maior frequência – consequência provável de ao fim de semana haver menos jornalistas e menos revisores na redação (apenas um revisor no caso do *Público* e três no caso do *Correio da Manhã*)<sup>83</sup>. Quanto aos dias em que os erros são menos frequentes, destacam-se no *Público* a quarta-feira, a quinta-feira e o sábado, e no *Correio da Manhã* a terça-feira. Resumindo, o volume de trabalho e a falta de revisores e de jornalistas na redação têm, com base nestes resultados, uma notória influência na quantidade de erros cometidos.

Na Figura 2 podemos ver a proporção em que cada tipo de erros ocorreu em cada jornal e também no panorama conjunto dos três jornais. Serão esses resultados gerais, precisamente, e não os de um jornal em particular, que ditarão a ordem por que serão tratados os diferentes tipos de erros: partiremos dos erros mais frequentes para aqueles que se registaram em menor número.

---

<sup>83</sup> É curioso, porém, que os resultados à segunda-feira sejam praticamente iguais para os dois jornais (34 linhas entre erros no *Público* e 33 no *Correio da Manhã*), quando seria de esperar que houvesse menos ocorrências no *Correio da Manhã*, já que este tem mais revisores.

## Tipos de erros em proporção

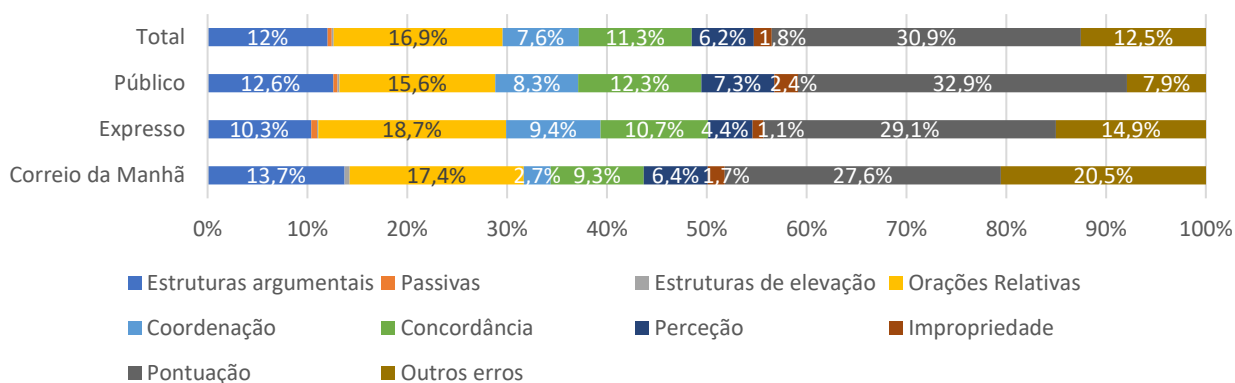


Figura 2: Tipos de erros em proporção no Público, no Expresso, no Correio da Manhã e no total dos três jornais.

Embora os erros surjam nos três jornais em diferentes proporções, é possível encontrar alguns pontos em comum: primeiro, a pontuação é a área em que mais se erra nos três jornais, correspondendo esta categoria a quase um terço dos erros cometidos no total; em segundo lugar, os erros em orações relativas surgem entre os três mais frequentes em todos os jornais; em terceiro lugar, os erros que menos ocorrem são sempre os que consistem em casos de impropriedade ou que estão relacionados com estruturas de elevação e com construções passivas. Olhando para os resultados gerais, conclui-se que os erros em estruturas de elevação ocorrem com menor frequência, não chegando sequer a existir no caso do *Expresso* (enquanto no *Correio da Manhã* não existe nenhum caso de erros em construções passivas).

Começando pela pontuação, que corresponde a 32,9% dos erros do *Público*, a 29,1% dos do *Expresso* e a 27,6% dos do *Correio da Manhã*, os desvios à norma mais frequentes neste âmbito foram a falta de virgulação em elementos intercalados e em modificadores apositivos e a colocação de vírgula entre o sujeito o predicado. Os exemplos *E1*, *E2* e *E3*, retirados, respetivamente, do *Público*, do *Correio da Manhã* e do *Expresso*, ilustram cada um destes casos.

*E1*. O silêncio de António Costa prolongou-se por três dias. E mesmo nessa altura, o primeiro-ministro evitou falar sobre consequências políticas, que “devem ser apuradas no seu devido tempo” (*Público*, 2 de dezembro, p. 12)<sup>84</sup>.

*E2*. O presidente russo Vladimir Putin garantiu, numa carta de Ano Novo ao homólogo norte-americano Donald Trump, que a Rússia está “aberta ao diálogo com os EUA sobre todos os assuntos”<sup>85</sup> (*Correio da Manhã*, 31 de dezembro, p. 28).

*E3*. A prova mais relevante de um alegado acordo sigiloso, assenta numa troca de e-mails que está na posse da Comissão<sup>86</sup> (*Expresso – Primeiro Caderno*, 1 de dezembro, p. 16)

No Exemplo 1, temos a expressão “mesmo nessa altura” intercalada na oração coordenada “e o primeiro-ministro evitou falar sobre consequências políticas”. A expressão está assinalada com uma

<sup>84</sup> Maia, A. (2018, dezembro 2). Nova Lei de Bases da Saúde é vaga na relação entre público e privado. *Público*, 12.

<sup>85</sup> Putin garante que a Rússia está “aberta ao diálogo” com os EUA. (2018, dezembro 31). *Correio da Manhã*, 28.

<sup>86</sup> Paulo, I. (2018, dezembro 1). Troca de e-mails entre juristas compromete Rio na Arrábida. *Expresso*, 16.

vírgula a seguir a “altura”, não tendo, porém, nenhuma vírgula a precedê-la. Sendo este tipo de expressões tendencialmente colocado entre vírgulas (Neves, 2019, p. 122), tanto por se tratar de uma expressão adverbial como pelo facto de este segmento poder ser retirado da frase sem a afetar gramaticalmente, o que se exige é que o segmento ou esteja entre vírgulas ou não esteja marcado por nenhuma vírgula, nem antes nem depois. Assim, a forma correta seria “E, mesmo nessa altura, o primeiro-ministro evitou falar sobre consequências políticas” ou “E mesmo nessa altura o primeiro-ministro evitou falar sobre consequências políticas”. No entanto, uma vez que “mesmo” está a ser usado como partícula enfática, a primeira opção é mais aconselhável, por as vírgulas ajudarem a realçar a expressão.

No Exemplo 2, temos dois modificadores apositivos que não foram colocados entre vírgulas: “Vladimir Putin” e “Donald Trump”. Não existindo necessidade de se especificar de que presidente russo ou de que presidente norte-americano se fala, uma vez que apenas uma pessoa ocupa cada um desses cargos, os modificadores teriam incontornavelmente de estar entre vírgulas (Raposo *et al.*, 2013, p. 1046).

No Exemplo 3, temos um sujeito (“a prova mais relevante de um alegado acordo sigiloso”) separado do verbo a que está associado (“assenta”) por uma vírgula, o que, como vimos no capítulo “Áreas Críticas”, não pode acontecer (Neves, 2019, p. 123). Esta vírgula deveria então ser retirada.

Os desvios à norma em orações relativas foram os mais frequentes a seguir aos de pontuação, representando 15,6% dos erros encontrados no *Público*, 18,7% dos encontrados no *Expresso* e 17,4% dos do *Correio da Manhã*. Estes desvios têm por base, na grande maioria das vezes, o facto de não se assinalar com vírgula as orações relativas explicativas<sup>87</sup>, caso que está representado no Exemplo 4, retirado do *Expresso*:

*E4.* "Nesta área, os sindicatos da CGTP têm um grande cuidado, porque estamos a falar do SNS e do bem mais precioso que há que é a saúde das pessoas", diz Arménio Carlos<sup>88</sup> (*Expresso – Primeiro Caderno*, 15 de dezembro, p. 11).

Quando se fala do “bem mais precioso que há”, estamos a deixar implícito que existe apenas um. Assim, “que é a saúde das pessoas” não está a especificar o bem precioso de que se fala, mas, sim, a acrescentar informação sobre ele. Trata-se, por isso, de uma oração relativa explicativa e tem de estar entre vírgulas (Raposo *et al.*, 2013, pp. 2109-2110).

O terceiro tipo de erros mais frequente é, curiosamente, o que engloba o conjunto de desvios que não se enquadram em nenhuma das categorias pré-definidas: aquele a que se chamou “outros

---

<sup>87</sup> Estes casos são assinalados como erros em orações relativas e não como erros de pontuação pois, embora envolvam, de facto, a vírgula, estão mais estreitamente relacionados com o entendimento dos falantes sobre o que significam e como funcionam as orações relativas restritivas e explicativas, e não propriamente com o uso da pontuação em si.

<sup>88</sup> Lima, R. P. (2018, dezembro 15). PCP e CGTP criticam greve paga. *Expresso*, 11.

erros”. Apesar de estes erros não categorizados corresponderem a 12,5% do total, são desvios de natureza muito variada, a que não faria sentido atribuir uma categoria específica nesta análise<sup>89</sup>.

Os desvios à norma relacionados com estruturas argumentais constituem, no conjunto dos três jornais, o quarto tipo mais frequente, representando 12,6% das ocorrências do *Público*, 10,3% das do *Expresso* e 13,7% das do *Correio da Manhã*. Entre estes desvios, destacam-se aqueles que decorrem do uso errado da regência verbal, nominal ou adjetival e da supressão de um argumento na frase, sendo os primeiros, porém, consideravelmente mais frequentes. Estes estão ilustrados em *E5*, que é o título de uma infografia publicada no *Correio da Manhã*, enquanto os segundos estão exemplificados em *E6*, que foi retirado do *Público*.

*E5*. Reações adversas dos medicamentos (RAM)<sup>90</sup> (*Correio da Manhã*, 27 de dezembro, p. 16)

*E6*. Um "suicídio" colectivo que já ninguém esperava depois de um confronto em que a agressividade boavisteira e o desacerto do ataque portista pareciam ter condenado ao mais ingrato resultado no futebol<sup>91</sup> (*Público*, 3 de dezembro, p. 38).

Em *E5*, ao utilizar-se a preposição “de” e não “a” junto a “reações”, o sentido que este título adquire é que os medicamentos estão a reagir a algo de forma adversa, e não que as pessoas estão a ter reações adversas aos medicamentos<sup>92</sup>. Em ambos os casos, dada a bizarria do significado atribuído pelas preposições utilizadas, o leitor não perde realmente a perceção do que se pretende transmitir, apreendendo sem dificuldade a informação real. No entanto, além de erros destes poderem tornar a leitura menos fluida, é legítimo considerar que, se há da parte do jornalismo um compromisso intrínseco com o rigor, a escolha das palavras – o que inclui a escolha das preposições – devia ser por vezes um pouco mais cuidadosa.

No Exemplo 6, foi suprimido o complemento direto: “a agressividade boavisteira e o desacerto do ataque portista pareciam ter condenado [ ]<sup>93</sup> ao mais ingrato resultado no futebol”. Alguém condena alguém ou alguma coisa a algo, mas neste caso ficamos sem saber quem ficou condenado ao mais ingrato resultado no futebol (cf. Houaiss & Villar, 2015, p. 1083). Mesmo que o texto acabe por responder a esta questão, gramaticalmente fica um argumento suprimido na frase (cf. Raposo *et al.*, 2013, p. 361).

A concordância é a área seguinte em que mais se erra, correspondendo os erros deste tipo a 11,3% do total. Entre os desvios de concordância, há três tipos que vale a pena referir, pela relevância que têm e pela frequência com que ocorrem: erros de concordância de tempos, erros de silepse (ou

---

<sup>89</sup> Não havendo nenhum tipo de erros suficientemente representativo dentro dos “outros” para se destacar, optou-se por não se dar exemplos relativos a esta categoria, que também não pode ser representada por um único tipo de desvios.

<sup>90</sup> Trigueirão, S. (2018, dezembro 27). Aumentam os registos de reações adversas. *Correio da Manhã*, 16.

<sup>91</sup> Curado, P. (2018, dezembro 8). O último suspiro valeu a décima vitória do FC Porto de Conceição. *Público*, 38.

<sup>92</sup> Cf. Academia das Ciências de Lisboa, 2001, p. 3094.

<sup>93</sup> Este símbolo significa que há aqui um argumento vazio.

seja, a concordância feita pelo sentido e não gramaticalmente) e a falta de concordância entre o sujeito e o verbo. Em *E7*, *E8* e *E9* veremos um exemplo de cada um destes casos, respetivamente.

*E7*. Ontem, o Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, considerou que seria "uma magnífica notícia" que as JMJ se realizem em Portugal, mas é necessário aguardar pela "palavra do Papa Francisco"<sup>94</sup> (*Correio da Manhã*, 4 de dezembro, p. 17).

*E8*. O cineasta e a artista-designer tiveram acesso às mais de 400 milhões de obras das 14 coleções históricas do Kunsthistorisches Museum, cobrindo mais de 5000 anos, e escolheram 423 objetos, muitos deles expostos pela primeira vez<sup>95</sup> (*Expresso – Revista E*, 15 de dezembro, pp. 62-63).

*E9*. De acordo com o Governo, já foram realizados oito mil milhões de euros de pagamentos (ou seja, 31% da dotação global) e os projectos já aprovados no âmbito de todos os programas operacionais já implicou 70% do orçamento total disponível dos fundos estruturais<sup>96</sup> (*Público*, 7 de dezembro, pp. 26-27).

O uso do modo condicional no Exemplo 7 (a notícia *seria* magnífica) deixa implícito que aquilo de que se fala ainda não aconteceu. Assim, o uso presente do conjuntivo (*se realizem*), que atribui ao acontecimento uma modalidade de maior factualidade, não é legítimo neste contexto (Raposo *et al.*, 2013, p. 545). Dado que temos a informação de que ainda se aguarda a palavra do Papa Francisco, o mais correto será “considerou que seria «uma magnífica notícia» que as JMJ se realizassem em Portugal”, utilizando-se assim o pretérito imperfeito do conjuntivo.

Em *E8*, escreve-se “o cineasta e a artista-designer tiveram acesso *às* mais de 400 milhões de obras”, fazendo-se a concordância do determinante artigo definido (aqui contraído com a preposição *a*) com *obras* e não com “400 milhões”, como deveria acontecer. Uma vez que “milhões” é uma palavra do género masculino e é esse o núcleo do sintagma preposicional nesta frase, a forma correta seria “tiveram acesso *aos* mais de 400 milhões de obras” (Peres & Mória, 1995, pp. 470-471).

Por fim, no Exemplo 9, temos o verbo *implicar* conjugado no singular, embora o seu sujeito (“os projetos já aprovados no âmbito de todos os programas operacionais”) seja plural. A forma correta seria, naturalmente, “os projectos já aprovados no âmbito de todos os programas operacionais já implicaram 70% do orçamento total disponível” (Peres & Mória, 1995, p. 446; 455).

A Tabela 5 apresenta os restantes tipos de erros, assim elencados por corresponderem individualmente a menos de 10% do total, ilustrando-se cada um com pelo menos um exemplo integrante do campo de observação<sup>97</sup>. É também dada uma breve explicação sobre cada um dos erros representados.

<sup>94</sup> Durão, J. (2018, dezembro 4). Nova taxa turística preocupa comércio. *Correio da Manhã*, 17.

<sup>95</sup> Calado, J. (2018, dezembro 15). Pintar o Povo. *Expresso – Revista E*, 62-63.

<sup>96</sup> Pinto, L. (2018, dezembro 7). Governo cria uma espécie de Plano Juncker para apoiar empresas. *Público*, 26-27.

<sup>97</sup> Embora estes sejam os erros menos frequentes, foi dado por vezes mais do que um exemplo, por se tratar de casos especialmente interessantes.

Categoria	Exemplo	Observações
Coordenação	<p>(paralelismo)</p> <p>Após a passagem pelo Exército americano no início da década de 1950, <u>servindo no destacamento de engenharia entre o Arizona e a Guerra da Coreia</u>, desenvolveu as suas primeiras experiências artísticas ainda na Costa Oeste, seguindo a linguagem do expressionismo abstracto<sup>98</sup> (<i>Público</i>, 2 de dezembro, p. 20).</p>	<p>Mesmo tendo a Guerra da Coreia o nome do local onde ocorreu, a guerra tem um valor semântico temporal, não se podendo coordenar um local e uma guerra (Peres &amp; Mória, 1995, pp. 376-377). É o mesmo motivo por que não seria aceitável dizer “entre 1780 e o Japão”.</p>
	<p>E dos 18 óbitos a mais face ao ano passado, 16 deles foram de pessoas no escalão etário 50-59, uma circunstância que <u>ninguém se atreve ou sabe por enquanto explicar</u> (desde organismos oficiais a especialistas em segurança rodoviária contactados)<sup>99</sup> (<i>Expresso – Primeiro Caderno</i>, 29 de dezembro).</p>	<p>O verbo “atrever-se” rege a preposição “a” (Ventura &amp; Caseiro, 2011, p. 28) – <i>ninguém se atreve a explicar</i> –, enquanto o verbo “saber” nesta aceção não rege qualquer preposição (Fernandes, 2003, p. 536) – <i>ninguém sabe explicar</i>. Não é assim possível coordenar os dois verbos com o mesmo complemento, como acontece nesta frase (Peres &amp; Mória, 1995, p. 378). Uma possível alternativa seria “que ninguém se atreve a explicar ou sabe por enquanto fazê-lo”.</p>
Perceção	<p>E como ficou Rui Vitória depois deste twist em que passou de ex-treinador a novo ex-treinador do Benfica?<sup>100</sup> (<i>Expresso – Primeiro Caderno</i>, 1 de dezembro, p. 6)</p>	<p>Neste caso há o que parece ser uma confusão nascida de uma brincadeira estilística. Se Rui Vitória era ex-treinador e passou a novo ex-treinador, a sua situação fica precisamente na mesma (parece, quando muito, que foi despedido duas vezes). Conhecendo o contexto noticioso, a formulação pretendida seria algo como “passou de ex-treinador a ex-ex-treinador”, uma vez que Vitória foi demitido e readmitido poucas horas depois.</p>
	<p>Portugal passou ontem o último cheque de um empréstimo de 28 mil milhões de euros ao Fundo Monetário Internacional (FMI)<sup>101</sup> (<i>Correio da Manhã</i>, 11 de dezembro, p. 21)</p>	<p>A construção da frase é manifestamente ambígua, sendo a leitura mais direta que Portugal emprestou 28 mil milhões de euros ao FMI. É mais um caso em que o leitor provavelmente percebe o que se quer dizer, sobretudo se estiver bem informado, mas em que um maior cuidado seria desejável.</p>
	<p>Através das dezenas de livros expostos pode seguir-se, por fases, o percurso de Francisco de Holanda (1517-1584), desde os seus primórdios, como aprendiz de iluminador na oficina do pai, António de Holanda, onde ganhou o fascínio pelas iluminuras, passando pela sua relevante viagem a Roma, de 1538 a 1540, onde</p>	<p>Esta frase tem 150 palavras e é a mais longa do período em análise. As frases longas são, no entanto, algo frequentes no <i>Público</i>, havendo também ocorrências de frases de 128 e 129 palavras. Embora o comprimento da frase não possa ser considerado um erro (desde que a frase esteja bem construída), é algo que prejudica consideravelmente a compreensão e a</p>

<sup>98</sup> Andrade, S. C. (2018, dezembro 2). Morreu o minimalista que nunca parou de fazer coisas novas. *Público*, 20.

<sup>99</sup> Paixão, P. & Arreigoso, V. L. (2018, dezembro 29). Mortes de peões aumentam 32%. *Expresso – Primeiro Caderno*, 5.

<sup>100</sup> Candeias, P. (2018, dezembro 1). Rui Vitória ficou mas nada ficará igual. *Expresso*, 6.

<sup>101</sup> Ganhão, M. A. (2018, dezembro 11). Centeno pagou dívida com dívida. *Correio da Manhã*, 21.

	<p>"conseguiu ingressar no cenáculo da marquesa Vittoria Colonna e de Miguel Ângelo" e conheceu os maiores artistas da época, até às obras escritas no regresso a Portugal: os tratados Da Pintura Antigua (1548), que não publicou em vida, com receio do que lhe poderia impor a Inquisição, truncando-lho, Do Tirar Polo Natural (1549), o primeiro tratado europeu sobre o retrato e Da Ciência do Desejo (1571), e o portentoso corolário que foi o Livro das Idades do Mundo (De Aetibus Mundi Imagines), só descoberto em 1953, na Biblioteca de Madrid, e do qual se exhibe nesta exposição uma cópia fac-similada.<sup>102</sup></p>	<p>apreensão do que está a ser transmitido, pois este número de palavras excede em muito o recomendado para que a informação da frase seja absorvida pelo leitor na totalidade – o ideal seria, como lembra Daniel Ricardo (Ricardo, 2010, p. 69), que uma frase não tivesse mais do que 36 palavras.</p>
Impropriedade	<p>Mas eu estou mais <u>vocacionado</u> em não ter como prioridade uma política de habitação para certos segmentos sociais<sup>103</sup> (<i>Público</i>, 10 de dezembro, pp. 24-25)</p>	<p>Possível confusão com <i>concentrado</i> ou <i>focado</i>, sendo o significado de “vocacionar” “orientar, dirigir” (Houaiss &amp; Villar, 2015, p. 3928).</p>
	<p>[Título] Cutileiro já entregou o espólio<sup>104</sup> (<i>Correio da Manhã</i>, 20 de dezembro, p. 39)</p>	<p>Este erro, que se encontra no título, repete-se no interior do texto. Temos aqui uma confusão entre “espólio”, que é o “conjunto dos bens que formam o património do morto, a ser partilhado entre os herdeiros ou legatários” (Houaiss &amp; Villar, 2015, p. 1693), e “acervo”, “o conjunto de bens que integram o património de um indivíduo, de uma instituição, de uma nação” (Houaiss &amp; Villar, 2015, p. 70).</p>
	<p>A imagem da Nossa Senhora escapou ilesa. <u>Ou melhor</u>, por obra e graça de Maria Carreira, uma jovem mulher que desde a primeira hora seguiu os pastorinhos e acreditou que eram portadores de uma mensagem do outro mundo<sup>105</sup> (<i>Expresso – Revista E</i>, 8 de dezembro, pp. 66-67).</p>	<p>Neste exemplo, a impropriedade não reside na escolha inadequada de uma palavra, mas, sim, na de uma expressão: “ou melhor”. O uso desta expressão indicia que se fará uma correção ou um esclarecimento do que foi dito antes. Não é o que acontece aqui, limitando-se a sequência do texto a explicar o que permitiu que a imagem da Nossa Senhora escapasse ilesa.</p>
Construções passivas	<p>"Ricardo Espírito Santo Silva Salgado atuou de forma livre, deliberada e conscientemente, estando ciente da ilicitude da respetiva conduta, permitindo a comercialização, direta e indiretamente, de dívida da ESI junto de clientes do BES", lê-se <u>na sentença agora recorrida</u><sup>106</sup> (<i>Expresso – Economia</i>, 22 de dezembro, p. 10).</p>	<p>“Recorrer”, neste contexto, não tem um complemento direto, mas um complemento oblíquo: <i>recorrer da sentença</i> (Ventura &amp; Caseiro, 2011, p. 100). Assim, não pode ser colocado na voz passiva (Peres &amp; Mória, 1995, p. 208).</p>

<sup>102</sup> Pacheco, N. (2018, dezembro 20). Mostrar Francisco de Holanda como um dos grandes do Renascimento. *Público*, 32.

<sup>103</sup> Pinto, L. (2018, dezembro 10). “Há um défice de política pública na habitação”. *Público*, 24-25.

<sup>104</sup> Cutileiro já entregou o espólio. (2018, dezembro 20). *Correio da Manhã*, 39.

<sup>105</sup> Lima, R. P. (2018, dezembro 8). A capela que se abriu ao mundo. *Expresso – Revista E*, 66-67.

<sup>106</sup> Vicente, I. (2018, dezembro 22). Julgamento do ‘Dono Disto Tudo’ ainda está no início. *Expresso*, 10.

Estruturas de elevação	Há cerca de um ano e meio, ainda faltavam pagar 142 milhões de euros deste valor <sup>107</sup> ( <i>Público</i> , 30 de dezembro, p. 6).	A forma correta seria “ainda faltava pagar”, uma vez que a elevação do verbo <i>faltar</i> , embora comece a ocorrer com maior frequência, ainda não é generalizadamente aceite (Peres & Mória, 1995, pp. 254-255).
------------------------	---	---

Tabela 5: Exemplos de erros de coordenação, percepção, impropriedade, estruturas de elevação e construções passivas dos três jornais.

O subcapítulo seguinte será ainda dedicado à análise dos resultados, desta vez do *online*. A ordem seguida será fundamentalmente a mesma que foi observada neste capítulo, com a diferença de que, antes da discussão sobre os tipos de erros mais frequentes em cada jornal, serão brevemente analisadas as diferenças existentes entre um mesmo artigo publicado na versão impressa e na versão *online*.

### 5.6. O *online* em análise

As notícias publicadas nos *sites* dos jornais constituem um objeto de análise de grande interesse. Em primeiro lugar, porque estas são hoje muito mais lidas do que as publicadas no jornal em papel e atingem um público consideravelmente mais vasto, tanto por uma boa parte dos artigos ser gratuita (algo que tem vindo a mudar rapidamente, existindo hoje muito mais artigos fechados para assinantes do que na altura a que corresponde o período de observação) como pelas sucessivas partilhas nas redes sociais, o que lhes permite chegar mesmo a quem não consulta os *sites* noticiosos diariamente. Em segundo lugar, porque estes artigos estão bastante próximos dos textos “em bruto”, ou seja, da forma que têm quando acabam de sair das mãos do jornalista – nalguns casos, tendo já passado pelo editor da secção, noutros sendo publicados sem qualquer crivo<sup>108</sup>.

Na Tabela 6 podemos consultar os resultados de cada um dos jornais *online*:

Jornal	Intervalo entre erros	Artigos sem erros	N.º de linhas
<i>Público online</i>	20 linhas	14,1%	50
<i>Correio da Manhã online</i>	13 linhas	21,7%	23
<i>Expresso online</i>	14 linhas	28,3%	33

Tabela 6: Resultados por jornal *online*.

Relembrando que na edição impressa o *Público* tem um desvio a cada 42 linhas, o *Correio da Manhã* tem um a cada 53 e o *Expresso* um a cada 43, é de imediato perceptível que os erros ocorrem com maior frequência no *online* e que existe neste suporte uma mudança de paradigma: se no jornal em papel o *Correio da Manhã* apresenta o maior intervalo entre desvios, no *online* esse intervalo é o menor. Dado,

<sup>107</sup> Silva, S. (2018, dezembro 30). Estado volta a garantir linhas de crédito a universitárias. *Público*, 6.

<sup>108</sup> No *Expresso*, por exemplo, João Vieira Pereira garantiu que mesmo os artigos do *online* passam sempre por duas pessoas, o jornalista e o editor. No *Correio da Manhã*, Armando Esteves Pereira contou ser frequente ninguém ver o texto além do jornalista.

porém, que as linhas dos artigos publicados *online* são muito diferentes das linhas estreitas do papel, vale a pena aprofundar um pouco mais estes números para melhor compreender o que significam.

Em média, uma linha do *Público* impresso tem 34 caracteres, enquanto uma do *Público online* tem 74; uma linha do *Correio da Manhã* impresso terá 30 caracteres, e uma do *online* terá 83; e uma linha do *Expresso* em papel tem 32, enquanto uma da sua versão *online* tem 82. Olhemos então para a Tabela 7, que apresenta os mesmos resultados da Tabela 6, mas em caracteres e em comparação com os da versão impressa.

	<i>Edição online</i>	<i>Edição impressa</i>
<i>Público</i>	1480	1428
<i>Correio da Manhã</i>	1079	1590
<i>Expresso</i>	1148	1376

Tabela 7: Intervalo entre erros (em caracteres).

Este quadro mostra-nos várias coisas interessantes, das quais duas merecem especial atenção. A primeira é que o único jornal em que não se nota um aumento dos erros quando passamos da versão impressa para a versão *online* é o *Público*, no qual o número se mantém sensivelmente estável<sup>109</sup>. Só o facto de no *Público* não haver uma grande variação dos resultados já é por si mesmo fortemente intrigante, dadas as diferenças marcantes que existem entre os dois suportes; estes números dever-se-ão, porventura, ao facto de o *Público* ser o único dos três jornais que já nessa altura revia alguns dos artigos publicados no *site*. A segunda é facto de o *Correio da Manhã*<sup>110</sup>, que na edição em papel é o jornal em que os desvios à norma ocorrem com menor frequência, ser no *online* aquele em que surgem mais erros. Este é, assim, o jornal em que o impacto positivo de existir uma equipa de *copydesks* é mais evidente, talvez por ser também aquele em que esta equipa é mais numerosa. Também o *Expresso*, porém, acusa no *online* a falta de revisão dos artigos, tendo nesse suporte menos 200 caracteres entre erros do que no papel<sup>111</sup>.

Na Tabela 8 podemos consultar os resultados das cinco secções em cada um dos jornais.

---

<sup>109</sup> Considera-se que, visto estarmos a basear-nos em médias, 50 caracteres não é suficiente para afirmar com segurança que existem menos erros no *Público online* do que no *Público* impresso.

<sup>110</sup> O *Correio da Manhã* será designado *CM* nas tabelas seguintes.

<sup>111</sup> Retomando a Tabela 5, verifica-se, no entanto, que é o *Expresso* o jornal com a maior percentagem de artigos sem erros, embora não sendo aquele em que os artigos são mais curtos; o *Público*, por outro lado, mantém-se com a percentagem de artigos sem erros mais reduzida, embora tenha também os artigos mais longos de entre os três.

	Público online			CM online			Expresso online		
	IEE	%SE	NL	IEE	%SE	NL	IEE	%SE	NL
Sociedade	20	6,3%	56	13	15,4%	40	14	50,0%	22
Economia	17	0,0%	55	14	25,0%	26	14	7,7%	50
Internacional	17	14,3%	50	17	35,7%	17	17	53,8%	29
Cultura	25	14,3%	72	17	35,7%	17	13	25%	39
Desporto	25	35,7%	28	7	21,4%	13	13	33,3%	32

Tabela 8: Resultados por secção (online). IEE: Intervalo entre erros (em linhas). %SE: Percentagem de artigos sem erros. NL: Número de linhas por artigo.

No que diz respeito às secções, é possível verificar que os resultados são, no *online*, praticamente idênticos aos do impresso: no *Público*, a secção em que há ocorrências com maior frequência continua a ser a *Economia*, embora aqui acompanhada pelo *Internacional*, e aquelas em que os desvios ocorrem em menor número são ainda a *Cultura* e o *Desporto*; no *Correio da Manhã*, continua a ser o *Desporto* a secção com mais ocorrências e o *Internacional* a que tem menos; no *Expresso*, em que os resultados são, na versão impressa, os mesmos que no *Correio da Manhã*, a *Cultura* passa a ser, juntamente com o *Desporto*, a secção com mais erros. A diferença dos resultados no que diz respeito à *Cultura* poderá dever-se à falta, no *online*, da revisão atempada de que goza a *Revista E*, em formato impresso; note-se, porém, que no papel o intervalo entre erros na *Cultura* é de apenas mais duas linhas do que no *Desporto*, pelo que se pode tratar apenas de uma ligeira variação.

Vejam agora a Tabela 9, que apresenta os resultados segundo o género jornalístico; tendo, porém, em conta que, sendo o período analisado no *online* de apenas uma semana, não foi possível encontrar artigos representativos de todos os géneros. Assim, além dos campos que estão cortados na tabela (por não ter surgido nenhum texto desse género), também houve, no *Público*, apenas um artigo de género “outro”; no *Correio da Manhã*, dois de género “outro”; e, no *Expresso*, um de género “outro”, uma análise e duas reportagens. Também não foi analisada, em nenhum dos meios, qualquer entrevista.

	Público online			CM online			Expresso online		
	IEE	%SE	NL	IEE	%SE	NL	IEE	%SE	NL
Notícia	20	14,8%	50	13	20,7%	24	13	30,4%	30
Reportagem	100	0,0%	101	---	---	---	17	0,0%	103
Crónica	25	25,0%	27	---	---	---	---	---	---
Análise	---	---	---	---	---	---	20	0,0%	88
Outro	10	0,0%	20	3	50,0%	2,5	17	0,0%	50

Tabela 9: Resultados por género jornalístico (online). IEE: Intervalo entre erros (em linhas). %SE: Percentagem de artigos sem erros. NL: Número de linhas por artigo.

Não contando com o gênero “outro” (assim designado por englobar vários gêneros que surgem mais ocasionalmente) devido à falta de representatividade deste, há uma conclusão relevante a retirar destes dados: tanto no *Público* como no *Expresso* (e também no *Correio da Manhã*, embora neste não tenham sido analisados artigos de nenhum outro gênero) os erros são mais frequentes nas notícias, suplantando estas até as reportagens, que no papel tinham mostrado ser ricas em desvios. Isto acontece, muito provavelmente, devido à conhecida “ditadura do imediatismo” que impera no *online*, em que existe uma grande pressão para se dar as notícias antes dos outros meios, mesmo que para isso seja necessário publicar o artigo faltando ainda nele informação importante<sup>112</sup> e sem alguém o ler antes.

Podemos agora observar os dados relativos à autoria dos artigos, presentes na Tabela 10. Note-se que surge aqui uma autoria antes ausente: a de “agência”. Esta corresponde aos artigos assinados por uma agência noticiosa que não foram alterados pelo jornal que os publicou. Além disso, tal como acontece na categoria anterior, há dois tipos de autorias que não tiveram especial representação no período em análise: “dois autores”, em todos os jornais, e “com agência”, no caso do *Correio da Manhã* e do *Expresso*<sup>113</sup>.

	Público <i>online</i>			CM <i>online</i>			Expresso <i>online</i>		
	IEE	%SE	NL	IEE	%SE	NL	IEE	%SE	NL
<b>Um autor</b>	20	10,8%	63	13	26,3%	21	13	14,3%	56
<b>Dois autores</b>	11	0,0%	107	14	0,0%	27	13	0,0%	65
<b>Vários autores</b>	10	0,0%	20	---	---	---	---	---	---
<b>Jornal</b>	19	22,0%	31	11	24,0%	22	13	5,6%	10
<b>Com agência</b>	20	20,0%	35	11	0,0%	45	17	0,0%	35
<b>Agência</b>	25	16,7%	46	14	13,3%	26	17	15,4%	32

Tabela 10: Resultados por autoria (*online*). IEE: Intervalo entre erros (em linhas). %SE: Percentagem de artigos sem erros. NL: Número de linhas por artigo.

No *Público* mantém-se a tendência de os erros aumentarem com o número de autores, embora seja difícil ter a certeza de que esta afirmação é sempre verdadeira, já que foi apenas analisado um artigo de “dois autores” e de “vários autores”. No *Correio da Manhã* e no *Expresso* a diferença entre um tipo de artigo e outro parece ser irrelevante, embora o problema permaneça, por só haver um artigo de “dois autores” no caso do primeiro e dois no do segundo.

<sup>112</sup> Sobre este aspeto, vale a pena registar as palavras da revisora Maria Manuela Barreto, do *Público*: “Há muita pressão na produção de texto, e agora com o *online* mais ainda do que quando era só com o papel. A reação à atualidade e à concorrência, as fontes que surgem, as redes sociais... Tudo isso cria muita pressão, por isso é preciso ser mais rápido”. Embora Maria Manuela Barreto não esteja envolvida na escrita dos artigos em si, as suas palavras refletem sem dúvida o ambiente que se vive habitualmente nos jornais e ajudam a explicar estes resultados, tão diferentes dos da edição impressa.

<sup>113</sup> Foi analisado apenas um artigo assinado por “dois autores” no *Público* e no *Correio da Manhã* e dois no *Expresso*; um artigo assinado por vários autores no *Público*; e um artigo assinado “com agência” no *Correio da Manhã* e dois no *Expresso*.

Quanto aos artigos com menos ocorrências de erros, é muito relevante que nos três jornais sejam os artigos assinados por uma agência aqueles em que os desvios são menos frequentes (no caso do *Expresso*, acompanhados pelos artigos assinados *com* uma agência), o que reforça a hipótese colocada no subcapítulo anterior de haver uma qualidade de escrita superior nestes textos. No caso do *Correio da Manhã*, porém, a assinatura “com agência” destaca-se como aquela em que existem mais desvios (tendo sido analisado apenas um texto deste tipo, porém, pode tratar-se apenas de um caso pontual).

Podemos agora, na Figura 3, analisar a forma como o intervalo entre desvios se vai alterando ao longo da semana nos três jornais. Mais uma vez, porém, não será possível fazer generalizações seguras, uma vez que, sendo o período de observação do *online* de apenas uma semana, cada dia foi analisado uma única vez e um resultado muito elevado ou muito reduzido pode ser apenas um acaso e não uma representação segura da realidade. Não deixa de ser, porém, relevante observar os dados recolhidos e tentar estabelecer relações significativas.

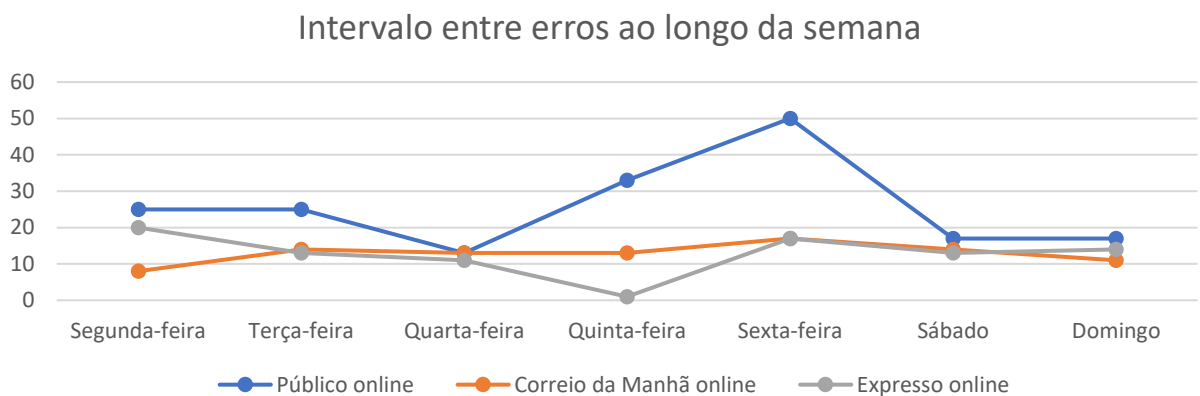


Figura 3: Intervalo entre erros nos jornais online ao longo da semana.

Como se pode ver no gráfico, existem alguns picos interessantes; mais especificamente, a quinta-feira no *Expresso*, dia em que os erros parecem sucessivos, e a sexta-feira no *Público*, dia em que os desvios aparentam ser raros. Dado, porém, que, como já foi referido, não é possível nesta categoria fazer generalizações seguras, e que estes valores correspondem a picos tão extremos que dificilmente constituirão uma representação da realidade, será preferível, por mais sensato, não lhes dar atenção em demasia.

O mais significativo nestes resultados, então, é a forma como os três jornais se aproximam ao sábado e ao domingo<sup>114</sup>. Embora estes dias não sejam, em nenhum dos jornais, aqueles em que há mais ocorrências, é irrefutável que ao fim de semana estas surgem com uma frequência considerável.

<sup>114</sup> Apesar de também terem sido analisados apenas um sábado e um domingo, estes resultados têm uma probabilidade maior de refletirem a realidade, não só por os dois dias serem tão semelhantes (entre eles e de jornal para jornal) como também por se aproximarem bastante do que se verificou na análise da edição impressa – embora seja normal existir variação, não é de esperar que os resultados sejam demasiado diferentes, já que a atualidade é a mesma, no impresso ou no *online*, e os jornalistas também, sobretudo ao fim de semana.

Assim, é mais uma vez digno de nota o efeito que tem a sobrecarga de trabalho sobre os jornalistas: havendo menos pessoas na redação, cada uma terá de produzir mais notícias do que faria durante a semana, pois tem de trabalhar por mais do que uma pessoa.

Detenhamo-nos agora na análise sobre as zonas do texto em que os erros ocorrem, ou melhor, na quantidade de erros que ocorrem em zonas de grande destaque visual: os títulos e as entradas<sup>115</sup>. No *Público online*, dos 71 artigos analisados, oito títulos (5,6%) e 11 entradas (8,5%) têm pelo menos um erro de português. Isto constitui um aumento em relação à edição impressa do *Público*, em que apenas 2,7% dos títulos e 3,7% das entradas apresentam desvios à norma. Assim, enquanto não se nota um aumento de desvios entre o *Público* impresso e o *online* – pelo contrário –, nota-se, curiosamente, um aumento dos erros nas zonas de maior destaque visual.

No *Correio da Manhã online*, dos 60 artigos analisados, nenhum título apresenta desvios e apenas três entradas (5%) o fazem. Assim, em relação ao papel, existe um decréscimo no caso dos títulos (na edição impressa, 1,7% dos títulos têm pelo menos um erro) e o número mantém-se igual no caso das entradas.

No *Expresso online*, nenhum dos títulos dos 60 artigos analisados apresenta desvios à norma (já no impresso a percentagem de títulos com erros é 0,8%), mas existe um forte aumento da percentagem de entradas em que isso acontece: de 1,2% no impresso, passa-se para 21,7% no *online* (ou seja, 13 entradas apresentam pelo menos um desvio).

Assim, nesta categoria existem variações significativas entre as edições impressas e as edições *online*. Os maiores aumentos dever-se-ão provavelmente ao menor escrutínio do *online* de que já falámos, enquanto os valores que decresceram terão por base o facto de no *online* ser possível fazer alterações após a publicação dos artigos, o que permite que assim que se deteta um erro num título ou numa entrada (e para o fazer nem é preciso ler o texto na íntegra) este seja corrigido.

Antes de avançarmos para a análise dos tipos de erros mais frequentes no *online*, vejamos, a partir dos artigos que no período em análise foram publicados na edição impressa e na edição digital, quais as diferenças que existem (se existem) entre uma e outra.

Começando pelo *Público*, a revisora Rita Pimenta explicou, durante a entrevista, que quando o mesmo artigo é publicado no *site* e no jornal em papel é mais frequente que o texto seja exportado do *online* para o impresso do que o contrário. Analisando as notícias que fazem parte do *corpus* de observação e que foram publicadas no *online* e no impresso, não se verificou muitas vezes que um

---

<sup>115</sup> Foi decidido, tal como no impresso, que não faz sentido analisar os destaques em profundidade, por não ser possível estabelecer uma proporção entre os destaques com erros e os destaques sem erros (já que nem todos os textos têm esta componente e que os que a têm têm-na por vezes repetida). Não houve no *Expresso* e no *Correio da Manhã*, porém, qualquer destaque com desvios à norma; no *Público*, houve 18.

erro da notícia *online* fosse corrigido na versão impressa. Aconteceu, por exemplo, na notícia “Cidadãos considera «irresponsável» excluir Vox de um governo na Andaluzia”, de 5 de dezembro: a frase original era “chegou a vez do líder do Cidadãos admitir exactamente o mesmo”, estando o sujeito de uma oração infinitiva contraído com uma preposição, o que não pode acontecer segundo a norma do português-padrão (Neves, 2019, p. 67). No impresso, na mesma notícia (publicada a 6 de dezembro, na página 24 do jornal) essa contração foi desfeita: “Chegou a vez de o líder do Cidadãos admitir exactamente o mesmo”.

Noutros casos, um erro que estava presente no *site* não foi exportado tal qual para o jornal em papel, mas nesses não se trata de uma simples correção do erro: a própria frase foi alterada, deixando a dúvida sobre se essa alteração teve o intuito de eliminar o erro ou se resultou apenas da necessidade de reduzir o número de caracteres. A Tabela 11 mostra as frases tal como se encontravam no *online* e a forma como foram publicadas na versão impressa:

<b><i>Público online</i></b>	<b><i>Público impresso</i></b>
Uma das conclusões mais surpreendentes, diz o antigo ministro, é a posição da Liga portuguesa como o campeonato mais desequilibrado: “Como é que isto não merece uma cimeira de todos os responsáveis do futebol português? <u>Isto tem depois um impacto enorme no interesse da própria competição, explica por que razão os jogos têm menos espectadores e os próprios direitos televisivos têm menos valor</u> ”, adverte. <sup>116</sup>	"Como é que isto não merece uma cimeira de todos os responsáveis do futebol português? questiona. <sup>117</sup>
A autora do romance best-seller <i>Chocolate</i> foi um dos destaques deste sábado do <u>Tinto no Branco, festival literário de Viseu</u> e falou sobre o seu processo de escrita, inspiração, e o seu mais recente livro, <i>O Feitiço da Lua Azul</i> . <sup>118</sup> [entrada]	Joanna Harris, autora do romance <i>best-seller Chocolate</i> , foi um dos destaques do <u>Tinto no Branco, festival literário</u> <sup>119</sup> [entrada]

Tabela 11: Casos de alterações numa mesma notícia publicada na edição digital e na edição impressa.

No caso do *Correio da Manhã*, observando os artigos constituintes do campo de observação que foram publicados no *site* e no jornal impresso, apenas num caso um erro cometido no artigo *online* foi corrigido no impresso. Na notícia “Sting é o primeiro nome confirmado do Festival Marés Vivas em

<sup>116</sup> Vaza, M. (2018, dezembro 6). O futebol europeu está a ficar cada vez mais desequilibrado. *Público*. Disponível em <https://www.publico.pt/2018/12/06/desporto/noticia/futebol-europeu-ficar-desequilibrado-1853863> [Consult. em: 13 de junho de 2019].

<sup>117</sup> Vaza, M. (2018, dezembro 7). O futebol europeu está a ficar ainda mais desequilibrado. *Público*, 50. Neste caso eliminou-se um erro (a vírgula a unir duas frases sem relação de subordinação entre elas) mas criou-se outro: além de não se terem fechado as aspas (o que se assume ser um lapso), desapareceu a vírgula que precede o verbo declarativo, marcando a alteração à ordem direta dos constituintes da frase (uma vez que o complemento direto, a citação, passou a ocupar a posição pré-verbal).

<sup>118</sup> Monteiro, M. J. (2018, dezembro 9). Joanne Harris: “Na escrita há uma espera semelhante à fermentação do vinho”. *Público*. Disponível em <https://www.publico.pt/2018/12/09/culturaipsilon/noticia/joanne-harris-escrita-ha-espera-semelhante-fermentacao-vinho-1854103> [Consult. em: 13 de junho de 2019].

<sup>119</sup> Monteiro, M. J. (2018, dezembro 10). “Na escrita há uma espera semelhante à fermentação do vinho”. *Público*, 27.

Gaia para 2019”<sup>120</sup>, escreve-se “o britânico Sting é a primeira confirmação do Festival Marés Vivas em Vila Nova de Gaia, que decorre de 19 a 21 de julho (...)”<sup>121</sup>. Na notícia impressa, com o título “Sting vem ao Marés Vivas’ 19”, a mesma frase surge já com o modificador apositivo “em Vila Nova de Gaia” entre vírgulas<sup>122</sup>. Esta parece ser, porém, uma exceção. Na notícia “Wilson Eduardo põe Braga no 2.º lugar da Liga”<sup>123</sup> (*online*), de 9 de dezembro, por exemplo, há quatro desvios à norma, não tendo sido nenhum deles corrigido no impresso<sup>124</sup>. O motivo por que isto acontece, no entanto, torna-se evidente após uma análise mais cuidada: o primeiro artigo referido, sobre o Festival Marés Vivas, é o único do período em observação que foi publicado *online* antes de o ser no papel: nos restantes casos, o texto foi publicado na edição impressa e depois no *site*, já não sofrendo mais alterações.

Quanto ao *Expresso*, dos cinco artigos analisados que foram publicados em papel e no *online*, não houve nenhum em que um erro cometido na edição digital tivesse sido corrigido na edição impressa. A razão, porém, parece ser o facto de estes textos terem passado primeiro pela revisão e só depois terem sido publicados, mesmo no *online*, pois, observando as datas, estas revelam que os artigos foram sempre publicados no papel antes de o serem na edição digital.

---

<sup>120</sup> Título *online*, em que a expressão adverbial “em Gaia” deveria estar entre vírgulas, por estar a acrescentar informação sobre o Festival e não a especificar de que festival se fala.

<sup>121</sup> Lusa. (2018, dezembro 3). Sting é o primeiro nome confirmado do Festival Marés Vivas em Gaia para 2019. *Correio da Manhã*. Disponível em [https://www.cmjornal.pt/cultura/detalhe/sting-e-a-primeira-confirmacao-do-festival-mares-vivas-em-gaia-para-2019?ref=Pesquisa\\_Destaques](https://www.cmjornal.pt/cultura/detalhe/sting-e-a-primeira-confirmacao-do-festival-mares-vivas-em-gaia-para-2019?ref=Pesquisa_Destaques) [Consult. em: 10 de junho de 2019].

<sup>122</sup> Sting vem ao Marés Vivas ’19. (2018, dezembro 4). *Correio da Manhã*, 39.

<sup>123</sup> Pereira, T. V. (2018, dezembro 9). Wilson Eduardo põe Braga em 2.º. *Correio da Manhã*, 36.

<sup>124</sup> Pereira, T. V. (2018, dezembro 9). Wilson Eduardo põe Braga no 2.º lugar da Liga. *Correio da Manhã*. Disponível em [https://www.cmjornal.pt/desporto/futebol/detalhe/wilson-eduardo-poe-braga-no-2-lugar-da-liga?ref=Pesquisa\\_Destaques](https://www.cmjornal.pt/desporto/futebol/detalhe/wilson-eduardo-poe-braga-no-2-lugar-da-liga?ref=Pesquisa_Destaques) [Consult. em: 11 de junho de 2019].

Podemos agora analisar os tipos de erros que ocorrem com maior e menor frequência no *online*. O gráfico presente na Figura 4 apresenta a proporção em que cada tipo ocorre nos três jornais e no conjunto geral dos resultados.

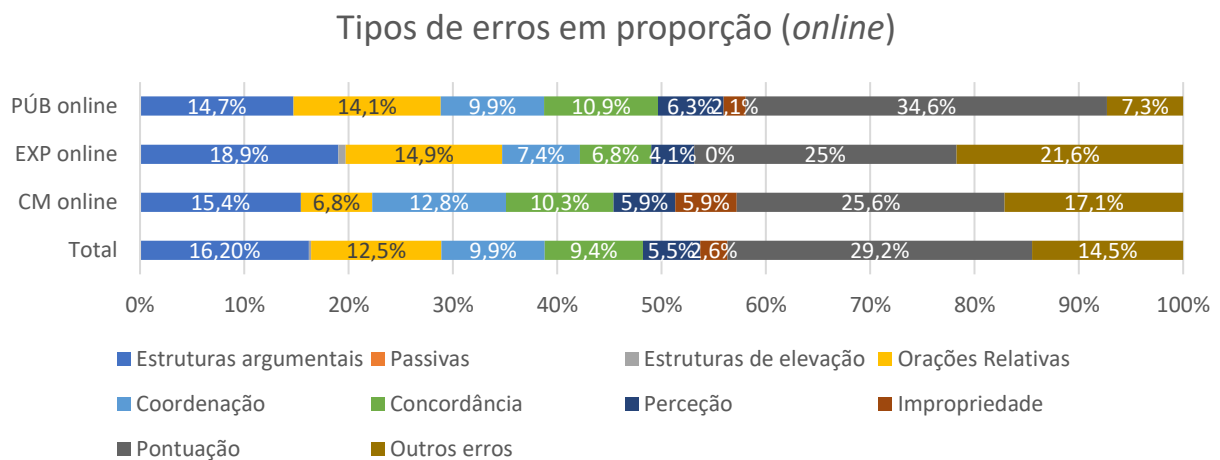


Figura 4: Tipos de erros em proporção no Público online, no Expresso online, no Correio da Manhã online e no total da versão digital dos três jornais.

Olhando para os dados, conclui-se haver três pontos a destacar: primeiro, a pontuação continua a ser a área em que mais se erra, correspondendo a quase um terço de todos os erros cometidos; em segundo lugar, as estruturas argumentais figurarem entre os três tipos de erros mais frequentes em todos os jornais, ocupando assim o lugar que na edição impressa tinham as orações relativas e passando a segundo tipo de erros mais frequente; em terceiro lugar, as estruturas de elevação, as construções passivas e a propriedade de vocabulário serem, tal como no papel, os três campos em que os desvios à norma são menos frequentes, de tal maneira, aliás, que nos artigos analisados *online* não existe qualquer erro em construções passivas e existe apenas um em estruturas de elevação, no *Expresso*.

O destaque da pontuação como a área em que se verifica um maior número de desvios, tanto na edição impressa como na edição digital, aponta sem dúvida para um domínio deficiente das regras que lhe dizem respeito – sobretudo no que toca à pontuação dos modificadores apositivos e dos elementos intercalados, que foram os dois tipos de erros mais frequentes. Já o aumento dos erros em estruturas argumentais (passam de 12% dos erros no impresso para 16,2% no *online*) e a redução dos desvios em orações relativas (de 16,9% no impresso para 12,5% no *online*) não quererá dizer certamente que quem escreve no papel tem um menor conhecimento das regras das orações relativas do que quem escreve no *site* (até porque se trata muitas vezes das mesmas pessoas), mas, porventura, que as equipas de revisão têm uma maior preocupação – ainda que inconscientemente – com os casos de erros em estruturas argumentais (por exemplo, regências erradas e supressão ou adição de argumentos), o que causa uma alteração da

proporção de cada tipo de ocorrências. Quanto às categorias em que os erros são menos frequentes, os resultados comprovam que estamos, de facto, perante desvios à norma pouco comuns, sendo natural que num período de análise correspondente a uma semana não se chegue a encontrar nenhum caso.

Adotando de novo uma ordenação descendente em termos de frequência (tomando como referência o resultado do conjunto e não o de um jornal específico), aprofundar-se-á agora cada um dos tipos de erros categorizados, apresentando-se exemplos para cada um. Aqueles que correspondam a uma percentagem inferior a 10% da totalidade serão elencados na Tabela 12.

Começamos então, naturalmente, pela pontuação, área que correspondeu a 29,2% dos erros cometidos no total, a 34,6% dos cometidos no *Público*, a 25% dos erros do *Expresso* e a 25,6% dos do *Correio da Manhã*. Como foi já referido, destacaram-se neste campo a falta de pontuação nos modificadores apositivos (caso ilustrado no Exemplo 10) e a pontuação incorreta dos elementos intercalados (presente no Exemplo 11).

*E10.* Steve Bannon, ex-assessor de Donald Trump que já se reuniu com Abascal, quer incluir o Vox na internacional de extrema-direita que anda a promover na Europa, e onde já figuram de maneira destacada o primeiro-ministro húngaro Viktor Orbán, a nacionalista francesa Marine Le Pen, o vice-primeiro-ministro italiano Matteo Salvini e ultradireitistas austríacos, holandeses e alemães, unidos sob o chapéu de chuva do ultranacionalismo, da xenofobia e do racismo<sup>125</sup> (*Expresso*, 9 de dezembro).  
*E11.* Jogadores de futebol ao volante de grandes máquinas já não são notícia, mas a verdade é que muitos pensaram que com a saída de Cristiano Ronaldo do Real Madrid, os jornalistas e adeptos que diariamente se juntam à entrada do centro de treinos dos "merengues", em Valdebebas, teriam muito menos para ver<sup>126</sup> (*Correio da Manhã*, 5 de dezembro).

No Exemplo 10, perante a conhecida impossibilidade de existir mais do que um primeiro-ministro húngaro, o nome “Viktor Orbán” tem de estar obrigatoriamente entre vírgulas (Raposo *et al.*, 2013, p. 1046).

No Exemplo 11, temos o segmento “com a saída de Cristiano Ronaldo do Real Madrid” intercalado na oração completiva “que os jornalistas e adeptos que diariamente se juntam à entrada do centro de treinos dos «merengues», em Valdebebas, teriam muito menos para ver”. O ideal seria, assim, acrescentar uma vírgula antes de “com a saída”, de maneira que o referido segmento ficasse entre vírgulas, o que é mais habitual (Neves, 2019, p. 122), ou, pelo menos, retirar a vírgula a seguir a “Real Madrid”.

Entre os erros relacionados com estruturas argumentais, a que correspondem 16,2% dos erros – 14,7% dos do *Público*, 18,9% dos do *Expresso* e 15,4% dos do *Correio da Manhã* –, aqueles que

---

<sup>125</sup> Calle, A. L. de la (2018, dezembro 9). Extrema-direita pode chegar aos 25 deputados em Madrid. *Expresso*. Disponível em <https://expresso.pt/internacional/2018-12-09-Extrema-direita-pode-chegar-aos-25-deputados-em-Madrid> [Consult. em: 12 de junho de 2019].

<sup>126</sup> Substituto de Ronaldo no Real Madrid compra Rolls-Royce de 400 mil euros. (2018, dezembro 5). *Correio da Manhã*. Disponível em [https://www.cmjornal.pt/desporto/futebol/detalhe/substituto-de-ronaldo-no-real-madrid-comprou-rolls-royce-de-400-mil-euros?ref=Pesquisa\\_Destaques](https://www.cmjornal.pt/desporto/futebol/detalhe/substituto-de-ronaldo-no-real-madrid-comprou-rolls-royce-de-400-mil-euros?ref=Pesquisa_Destaques) [Consult. em: 10 de junho de 2019].

mais vezes ocorrem são os que se devem ao uso errado de uma regência verbal, nominal ou adjetival, tal como se pode ver no Exemplo 12:

*E12.* “O elemento experimental sempre nos interessou, gostamos de mudar de som de disco para disco. Não faço ideia o que poderá ser o ‘som Mouse On Mars’, porque nunca nos interessou ter um”, ri-se ele, “mas é verdade que, no final de todos os processos, existe qualquer coisa que emerge e que reconhecemos como nosso. E neste caso isso voltou a acontecer, por mais incrível que pareça.”<sup>127</sup> (*Público*, 6 de dezembro).

A forma correta seria “não faço ideia do que poderá ser”, dado que se faz ideia *de* algo, tem-se ideia *de* algo<sup>128</sup>.

Seguem-se às estruturas argumentais os “outros erros”, que, tal como acontece na edição impressa dos jornais, ganham esta proporção por serem o aglomerado de diversos tipos de erros dos quais nenhum é suficientemente representativo para se lhe fazer corresponder uma única categoria. No *online*, porém, surgem alguns casos que no impresso não ocorrem: erros relacionados com o Novo Acordo Ortográfico<sup>129</sup> e erros de ortografia<sup>130</sup>. Essa diferença conduz-nos à conclusão de que não se tratará de erros que surgem por vezes na primeira versão dos textos mas que a equipa de revisão elimina.

Entre os erros que correspondem a mais de 10% do total, surgem ainda aqueles que estão relacionados com as orações relativas, que representam 12,5% de todos os erros, 14,1% dos do *Público*, 14,9% dos do *Expresso* e 6,8% dos do *Correio da Manhã*. Os desvios mais comuns nesta área são, tal como na edição impressa, os que são causados por não se assinalar as orações relativas explicativas. Em *E13* podemos ver um desses casos:

*E13.* A conclusão é da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE) que hoje divulgou a versão de 2018 do relatório “Pensions at a Glance”<sup>131</sup> (*Público*, 3 de dezembro).

---

<sup>127</sup> Belanciano, V. (2018, dezembro 5). O caos criativo dos Mouse On Mars está em Lisboa. *Público*. Disponível em <https://www.publico.pt/2018/12/05/culturaipsilon/entrevista/caos-criativo-mouse-on-mars-lisboa-1853577> [Consult. em: 13 de junho de 2019].

<sup>128</sup> Note-se, porém, que há mais um erro na frase: a primeira vírgula que surge neste excerto devia ser substituída por dois pontos ou um ponto e vírgula, por exemplo, uma vez que não há nenhuma relação de subordinação entre as duas frases (Neves, 2019, p. 119).

<sup>129</sup> Veja-se, por exemplo, esta entrada de um artigo do *Expresso*: “ONG internacional quer alterar expressões anti-animal.” Albuquerque, R. (2018, dezembro 8). Pregos dois pregos de uma só martelada... para salvar os coelhos. *Expresso*. Disponível em <https://expresso.pt/sociedade/2018-12-08-Pregar-dois-pregos-de-uma-so-martelada.-para-salvar-os-coelhos> [Consult. em: 12 de junho de 2019].

<sup>130</sup> Veja-se o seguinte exemplo, retirado do *Correio da Manhã*, em que se grafou a forma verbal como se se tratasse do substantivo que lhe está associado: “Ao quarto combate, Sherazadishvili colocou o Sporting com três vitórias (3-1) e fora do alcance do Yawara-Neva, pelo que a derrota de Jorge Fonseca no quinto e último combate (+90 kg) já não influência na decisão final”. Lusa. (2018, dezembro 7). Sporting sagra-se campeão europeu de judo. *Correio da Manhã*. Disponível em [https://www.cmjornal.pt/desporto/modalidades/detalhe/20181207\\_1642\\_sporting-sagra-se-campeao-europeu-de-judo?ref=Pesquisa\\_Destaques](https://www.cmjornal.pt/desporto/modalidades/detalhe/20181207_1642_sporting-sagra-se-campeao-europeu-de-judo?ref=Pesquisa_Destaques) [Consult. em: 11 de junho de 2019].

<sup>131</sup> Martins, R. (2018, dezembro 3). Portugal tem a idade mais baixa para aceder à pensão de sobrevivência. *Público*. Disponível em <https://www.publico.pt/2018/12/03/economia/noticia/portugal-pais-onde-idade-aceder-pensao-sobrevivencia-menor-1853313> [Consult. em: 13 de junho de 2019].

Uma vez que a OCDE é uma entidade única, a oração relativa presente nesta frase é explicativa e tem, por isso, de estar entre vírgulas (Raposo *et al.*, 2013, pp. 2109-2110).

Na Tabela 13 encontramos os restantes tipos de erros (excetuando, é claro, os erros em construções passivas, por não ter sido registado nenhum no período em análise do *online*), acompanhados de um exemplo (ou vários, sempre que for relevante apresentar mais do que um caso) e de uma breve explicação sobre este.

<b>Categoria</b>	<b>Exemplo</b>	<b>Observações</b>
Coordenação	Rui Baleiras, Rui Dias e Miguel Almeida debruçam-se igualmente <u>sobre o IMI (o mais importante dos impostos municipais)</u> e que, fruto de grande instabilidade legislativa (no espaço de 12 anos as taxas mudaram 13 vezes) não só se está a transformar num imposto “de administração bastante complexa”, como “está a introduzir discriminação entre contribuintes no interior de cada concelho e entre concelhos” <sup>132</sup> ( <i>Expresso</i> , 4 de dezembro).	Neste caso coordenam-se um complemento oblíquo (“sobre o IMI”) e uma oração relativa, sendo que esta oração tem como antecedente “o IMI”, precisamente, embora a estrutura da frase dê a entender ao leitor que o segundo membro da coordenação se trata ainda de um complemento do verbo “debruçar-se” (cf. Peres & Mória, 1995, pp. 376-377) <sup>133</sup> .
Concordância	(sujeito/predicado) Sublinhou, contudo, mais uma vez que “ <u>as participações do Ministro em qualquer evento ou iniciativa só é oficializado pelo Gabinete de Imprensa no dia antes</u> ” <sup>134</sup> ( <i>Expresso</i> , 5 de dezembro).	Temos neste caso um exemplo de como pode valer a pena editar ligeiramente as citações feitas nos artigos ou, em alternativa, quebrá-las para que se substitua uma parte do discurso direto por discurso indireto do jornalista, corrigindo assim o erro. Nesta frase, há um erro de concordância em número e em género entre o sujeito e o predicado: “as participações do Ministro (...) só é oficializado (...) no dia antes” (Neves, 2019, p. 123). Corrigir o erro na própria citação não afetaria o significado das palavras do entrevistado.
	(silepse) Há uns anos David Byrne dizia que a ironia, na música, era uma das figuras de estilo mais difíceis de ser apreendida pelo público <sup>135</sup> ( <i>Público</i> , 8 de dezembro).	Há nesta frase uma concordância feita pelo significado e não gramaticalmente: David Byrne dizia que a ironia era uma das figuras de estilo mais difíceis <i>de serem apreendidas</i> pelo público (Neves, 2019, p. 118).

<sup>132</sup> Miranda, E. (2018, dezembro 4). 6 argumentos para acabar com o IMT (e mais 6 sugestões de revisão do IMI). *Expresso*. Disponível em <https://expresso.pt/economia/2018-12-04-6-argumentos-para-acabar-com-o-IMT--e-mais-6-sugestoes-de-revisao-do-IMI-> [Consult. em: 11 de junho de 2019].

<sup>133</sup> Há ainda um erro de pontuação nesta frase: a falta da vírgula a seguir ao fecho do parênteses, uma vez que “fruto de grande instabilidade legislativa” deveria estar entre vírgulas (Raposo *et al.*, 2013, p. 1046).

<sup>134</sup> Vicente, I. (2018, dezembro 5). Ministro Vieira da Silva ao lado do candidato Tomás Correia? “Foi precipitação”. *Expresso*. Disponível em <https://expresso.pt/economia/2018-12-05-Ministro-Vieira-da-Silva-ao-lado-do-candidato-Tomas-Correia--Foi-precipitacao> [Consult. em: 11 de junho de 2019].

<sup>135</sup> Belanciano, V. (2018, dezembro 8). Cantigas de amor e de maldizer do Porto pelos Conjunto Corona. *Público*. Disponível em <https://www.publico.pt/2018/12/08/culturaipsilon/noticia/cantigas-amor-maldizer-porto-conjunto-corona-1853984> [Consult. em: 13 de junho de 2019].

	(anáfora) A mostra incluirá dezenas de coleções de diversas temáticas e os visitantes poderão levar as suas peças repetidas para trocar e vender, assim como comprar as que <u>lhe</u> faltam na sua coleção <sup>136</sup> ( <i>Correio da Manhã</i> , 8 de dezembro).	Neste exemplo, o pronome “ <u>lhe</u> ” não está a concordar com o nome que retoma (“os visitantes”): “os visitantes poderão levar as suas peças (...) assim como comprar as que <u>lhes</u> faltam [aos visitantes]” (Raposo <i>et al.</i> , 2018, p. 1712).
Perceção	Menos delicada parece ser a previsão de uma floresta que tenha mais capacidade de sequestrar CO2, sendo decisivo, para isso, <u>reduzir a área ardida anualmente para cerca de metade e aumentar mesmo o seu espaço</u> <sup>137</sup> ( <i>Público</i> , 4 de dezembro).	Neste caso, é difícil compreender a última parte da frase, que parece ser até um pouco contraditória, transmitindo a mensagem de que é importante reduzir a área ardida e simultaneamente aumentar a sua dimensão.
	Peter McNeish, o seu nome real, tinha 63 anos e terá morrido de ataque cardíaco, avança a BBC <sup>138</sup> ( <i>Correio da Manhã</i> , 6 de dezembro).	Nesta frase, embora se entenda a mensagem que se pretende transmitir, em rigor o que se diz é que o nome Peter McNeish tinha 63 anos e morreu de ataque cardíaco. Este erro, curiosamente, surge também no <i>Público</i> (na edição impressa e na <i>online</i> ), o que sugere existir uma fonte comum na origem deste erro (eventualmente, o artigo de uma agência noticiosa).
	O ex-chefe da diplomacia norte-americana adiantou que sugeriu a Trump "regressar ao Congresso e procurar mudar alguma legislação", para adequar as suas ideias à realidade legislativa do país <sup>139</sup> ( <i>Expresso</i> , 7 de dezembro).	Neste exemplo, o que se escreve é o oposto do que se pretendia transmitir. Se a sugestão era “procurar mudar alguma legislação”, o objetivo não será adequar as ideias à realidade legislativa, mas o contrário.
	Se quiser contar com o apoio da formação de Santiago Abascal para tomar posse vai ter é de aceitar cumprir algumas das suas propostas eleitorais, o que não se <u>avizinha</u> menos controverso. <sup>140</sup>	Nesta frase existe uma possível confusão entre o verbo <i>adivinhar</i> e o verbo <i>avizinhar</i> .

<sup>136</sup> Santos, J. P. (2018, dezembro 8). Exposição sobre Madonna na festa do Centro Comercial Cedofeita. *Correio da Manhã*. Disponível em [https://www.cmjornal.pt/cultura/detalhe/madonna-na-festa-do-40-aniversario-do-centro-comercial-cedofeita?ref=Pesquisa\\_Destaques](https://www.cmjornal.pt/cultura/detalhe/madonna-na-festa-do-40-aniversario-do-centro-comercial-cedofeita?ref=Pesquisa_Destaques) [Consult. em: 11 de junho de 2019].

<sup>137</sup> Ferreira, L. (2018, dezembro 4). Roteiro da descarbonização: os cimentos querem mais, a agro-pecuária menos. *Público*. Disponível em <https://www.publico.pt/2018/12/04/economia/noticia/roteiro-descarbonizacao-cimentos-querem-agropecuaria-quer-menos-1853523> [Consult. em: 13 de junho de 2019].

<sup>138</sup> Morreu Pete Shelley, vocalista dos Buzzcocks. (2018, dezembro 6). *Correio da Manhã*. Disponível em [https://www.cmjornal.pt/cultura/detalhe/morreu-pete-shelley-vocalista-dos-buzzcocks?ref=Pesquisa\\_Destaques](https://www.cmjornal.pt/cultura/detalhe/morreu-pete-shelley-vocalista-dos-buzzcocks?ref=Pesquisa_Destaques) [Consult. em: 10 de junho de 2019].

<sup>139</sup> Lusa. (2018, dezembro 7). Trump responde a críticas de Tillerson: é “estúpido que nem um calhau”. *Expresso*. Disponível em <https://expresso.pt/internacional/2018-12-07-Trump-responde-a-criticas-de-Tillerson-e-estupido-que-nem-um-calhau> [Consult. em: 12 de junho de 2019].

<sup>140</sup> Lorena, S. (2018, dezembro 5). Cidadãos considera “irresponsável” excluir Vox de um governo na Andaluzia. *Público*. Disponível em <https://www.publico.pt/2018/12/05/mundo/noticia/cidadaos-considera-irresponsavel-excluir-vox-governo-andaluzia-1853684> [Consult. em: 13 de junho de 2019].

Impropriedade	Obras de José Luís Peixoto, Nuno Júdice, José Saramago e Lobo Antunes estiveram também representadas nos stands das suas editoras espanholas e latino-americanas, e esses números <u>não foram possíveis de obter</u> até ao encerramento da Feira do Livro (FIL) este domingo <sup>141</sup> ( <i>Expresso</i> , 3 de dezembro).	Esta estrutura (“esses números não foram possíveis de obter”) não é legítima; uma alternativa seria, por exemplo, “e não foi possível obter esses números até ao encerramento da Feira do Livro” (Peres & Mória, 1995, p. 258). Isto porque, curiosamente, embora o predicador <i>impossível</i> permita esta elevação, o mesmo não acontece com <i>possível</i> (Peres & Mória, 1995, p. 257).
---------------	---	---

Tabela 12: Exemplos de erros de coordenação, percepção, impropriedade, estruturas de elevação e construções passivas dos três jornais.

Fica claro, assim, neste capítulo, que existem algumas diferenças fundamentais entre o impresso e o *online*, originadas tanto no facto de o *online*, por regra, não passar por uma equipa de revisão (exceção feita ao *Público*, em que é mais comum os textos desse suporte serem revistos), como na pressão crescente que existe para que se publiquem os artigos cada vez mais depressa, tentando-se sempre dar a notícia antes da concorrência. Isso resulta (mais uma vez, com a exceção do *Público*) num aumento considerável dos erros em relação à edição impressa.

Através desta análise, é também possível perceber o resultado de estarem mais ou menos pessoas a trabalhar, sendo muito visível tanto no *online* como no impresso o aumento da ocorrência de erros nos dias em que há menos jornalistas e menos revisores na redação (o sábado e o domingo), o que significa um aumento da carga de trabalho atribuída a cada pessoa. Um cansaço agravado e prazos ainda mais reduzidos que o habitual têm sem dúvida um impacto considerável na correção do português.

O tipo de erros que se cometem é também essencialmente o mesmo no *online* e no impresso, embora a troca específica da categoria “estruturas argumentais” com a de “orações relativas” sugira mais uma vez a forte presença da equipa de *copydesks* e de algum cuidado especial com a estrutura das frases, com as regências e com a supressão e a adição de argumentos. Mais do que isso, porém, algo neste campo fica muito claro: existem diversos problemas na área da pontuação, cujas regras são quebradas com muita frequência nos três jornais. Algumas formações nesta área (tal como no das orações relativas e das estruturas argumentais) poderiam contribuir para diminuir consideravelmente os erros que surgem na imprensa portuguesa.

<sup>141</sup> Beleza, J. (2018, dezembro 3). Muito mais do que fado e saudade. A semana em que Guadalajara se transformou num enorme Largo do Chiado. *Expresso*. Disponível em <https://expresso.pt/cultura/2018-12-03-Muito-mais-do-que-fado-e-saudade.-A-semana-em-que-Guadalajara-se-transformou-num-enorme-Largo-do-Chiado> [Consult. em: 11 de junho de 2019].

## Conclusão

A presente dissertação propôs-se investigar qual a frequência real com que surgem erros linguísticos na imprensa portuguesa. Com esse fim, foram analisadas 29 edições do *Público* e do *Correio da Manhã* e cinco do *Expresso*, pretendendo-se assim perceber que influência têm na correção da escrita aspetos como a periodicidade ou determinadas características editoriais dos jornais, nomeadamente o facto de estarmos perante um jornal de referência ou um jornal tabloide. As restantes categorias de análise, definidas com o propósito de nos ajudar a compreender que condições tornam mais provável a ocorrência de um erro, foram a secção do jornal, a autoria, o género jornalístico, o dia da semana, a zona do texto e o tipo de erro.

Verificou-se que o jornal tabloide analisado foi precisamente aquele em que se registou um número mais reduzido de desvios à norma: enquanto os resultados do *Expresso* e do *Público* (na edição impressa) são equivalentes, o *Correio da Manhã* demonstrou ter um maior intervalo entre uma sequência de dois erros do que os outros dois periódicos. Este dado é porventura justificado pela linguagem mais simples que caracteriza o jornalismo tabloide, com frases mais curtas e assentes sobretudo numa matriz que obedece à ordem direta dos constituintes sintáticos, mas também, com grande probabilidade, pelo facto de o *Correio da Manhã* dispor de um maior número de *copydesks*. Quanto à periodicidade, a correlação entre este fator e o número de erros registados não parece ser tão estreita quanto se esperava, não se verificando diferenças notórias entre o *Expresso* e os dois diários (este semanário apresenta até desvios com maior frequência que o *Correio da Manhã*) – plausivelmente devido ao facto de, mesmo neste jornal, vários artigos serem concluídos perto da hora de fecho, e de o trabalho para a edição impressa ter de ser coordenado com o da edição *online* e com o *Expresso Diário*.

No *online*, porém, os resultados são marcadamente diferentes, passando o *Correio da Manhã*, que no papel é o jornal com menos desvios à norma, a ser o órgão com maior número de erros. O *Público*, por sua vez, passa a ser o jornal em que as ocorrências de erros são menos frequentes, além de se tratar do único caso em que os resultados não se alteram em relação aos da edição impressa: consequência muito provável de ser o único jornal que revê, ainda que não na totalidade, os artigos do *online* (e já o fazia no período sobre a qual incidiu esta análise, ainda que só mais recentemente essa revisão tenha sido sistematizada).

No que diz respeito às secções em que mais desvios são registados, há dois pontos que merecem ser referidos. Em primeiro lugar, o firme destaque do Desporto (no caso do *Expresso* e do *Correio da Manhã*) e da Economia (no caso do *Público*) enquanto secções em que os erros são mais

frequentes, o que estará com certeza ligado ao facto de ambas terem uma linguagem muito específica, que não encontramos noutras secções, e que é caracterizada por termos e expressões que fazem parte do tecnoleto dessas áreas e que são difíceis de compreender para quem com eles não está familiarizado. Igualmente curioso, porém, é o facto de o Desporto ser, no *Público*, uma das secções com menor número de ocorrências, tanto na edição impressa como no *online*, o que nos leva, aliás, ao segundo ponto que merece referência no âmbito desta categoria: existe uma constância nas secções que têm mais e menos erros no impresso e no *online* de cada jornal, podendo haver, quando muito, uma outra secção que se agrega à primeira nesses resultados (por exemplo, no *Expresso online*, além do Desporto, também a Cultura passa a destacar-se pelo número de ocorrências que apresenta). Este ponto é um forte indicador do papel do jornalista neste processo: se as mesmas secções se mantêm como aquelas que têm mais e menos ocorrências no papel e no *online*, existe então uma ligação direta (como é natural que exista) entre o número de erros produzidos quando se escreve uma peça e o número de erros remanescente quando essa peça é publicada, mesmo com o crivo dos *copydesks*.

Entre os géneros jornalísticos, a entrevista e a reportagem destacam-se pela elevada frequência com que apresentam desvios à norma. O estilo narrativo mais livre que caracteriza a reportagem e o facto de ambos os géneros (sobretudo a entrevista) estarem muito ligados à oralidade, mais atreita a erros de linguagem, têm consequências visíveis na correção linguística. Assim, a maior disponibilidade temporal que, em teoria, se oferece à escrita das reportagens e das entrevistas não se traduz num menor número de ocorrências de erros (também, provavelmente, por estes artigos demorarem mais tempo a ser preparados). No *online*, contudo, a pressão do imediatismo suplanta todos estes problemas, sendo a notícia o género que apresenta mais desvios à norma.

No que diz respeito à autoria dos artigos, identificaram-se dois processos inversos. Se, por um lado, no *Expresso* os erros parecem diminuir à medida que mais autores estão envolvidos na escrita do artigo, no *Público* e no *Correio da Manhã* acontece precisamente o contrário. Sendo a periodicidade a única característica que os distingue, a hipótese mais plausível será que no *Expresso*, por existir, regra geral, mais tempo para se construir um artigo, haverá uma maior disponibilidade dos jornalistas para reverem o texto que escreveram – a parte redigida por si e também a dos colegas. No *Correio da Manhã* e no *Público*, ambos diários, é mais provável que a pressão da hora do fecho conduza à tentação de se confiar no que os colegas escreveram, sem se fazer uma revisão dessa parte, além de haver menos tempo para se tentar uniformizar o encontro dos dois (ou mais) estilos. Estes dois jornais teriam a ganhar com a inversão dessa tendência, através da promoção de um escrutínio

cordial entre pares, de maneira que, estando dois jornalistas a escrever um artigo, estes revissem o trabalho um do outro e contribuíssem para um texto mais ‘limpo’ e correto.

Quanto às zonas de destaque visual dos artigos, há um evidente cuidado, consciente ou inconsciente, com estas áreas. O facto de se tratar de zonas com pouco texto e constituídas habitualmente de frases curtas contribuirá também sem dúvida para estes resultados.

A análise da categoria “dia da semana” revela que uma maior quantidade de erros está estreitamente associada ao reduzido número de jornalistas e revisores de texto presentes na redação em determinados dias, dias esses em que, naturalmente, a carga de trabalho atribuída a cada um é muito superior ao habitual. Seria, por isso, de manifesta proficuidade conseguir-se garantir a presença de mais pessoas ao fim de semana, sem, naturalmente, comprometer as folgas dos trabalhadores – o que só poderia ser feito através da contratação de mais jornalistas e *copydesks*.

Sobre a última das categorias de análise, o tipo de desvios cometidos, concluiu-se que a pontuação é, sem dúvida e por uma larga margem, a área em que mais se erra, seguida pelas orações relativas (no caso do papel) ou pelas estruturas argumentais (no caso do *online*). A coordenação e a concordância são também, porém, áreas com um número considerável de ocorrências de erros, surgindo alternadamente, tanto na edição impressa como no *online*, entre as quatro áreas da língua em que mais se erra. Seriam, assim, estas as áreas da língua portuguesa em que, caso os jornais iniciassem ações de formação direcionadas aos jornalistas, mais se justificaria investir.

A razão pela qual a promoção de ações de formação poderia ser um passo para se minimizar a quantidade de erros encontrados na imprensa prende-se com a necessidade de reduzir à partida – na escrita do artigo, antes de qualquer edição ou revisão – o número de desvios que figuram no texto. Quanto menos erros forem escritos, menos serão publicados, mesmo que os *copydesks*, devido à pressão várias vezes mencionada pelas revisoras, não consigam eliminar todos os desvios e algum acabe por escapar – é como o caudal de um rio que tenha de passar por vales mais estreitos e pedrosos; se a água à nascente for abundante, na foz ainda muita sobrar, mas se logo de início correr apenas um fio de água, provavelmente nenhuma chegará ao fim do seu curso.

Neste momento, cada jornal tem uma equipa de *copydesks* muito reduzida, o que significa uma menor capacidade para se rever todos os textos e mesmo para se rever cada um com a atenção necessária, mas, ao mesmo tempo, não existe uma especial preocupação com o conhecimento que os jornalistas têm da língua: há, por um lado, uma crença generalizada de que um jornalista saberá escrever corretamente e, por outro, uma priorização do saber procurar e dar notícias e do saber fazer televisão em detrimento do saber-se falar e escrever sem erros. Não se pretende insinuar que uma

inversão desses valores seria proveitosa, mas, sim, que, não havendo *a priori* um cuidado com a forma como escreve o jornalista, poderia valer a pena investir-se nesse aspeto *a posteriori*.

Assim, não se investe na parte da escrita (não há medidas ou precauções para que esta se torne mais correta) e retira-se investimento da parte da revisão, ao diminuírem-se cada vez mais as equipas de *copydesks*; isto resulta, naturalmente, num aumento dos erros registados. Escreve Joaquim Vieira, no artigo “Em defesa da pátria”, já de 2009, que os erros “poderiam ser corrigidos com melhor formação ou até com um pouco mais de atenção ao que se verte para o teclado” (Vieira, 2009). Defende o antigo provedor do leitor do *Público* que “a extinção progressiva” dos revisores “só tem ajudado a tornar as coisas piores” e que seria possível evitar muitos erros “se os jornalistas tivessem um pouco mais de sensibilidade para o problema” (Vieira, 2009).

Parte desse desinvestimento parece estar relacionada com o surgimento de novas tecnologias, como os corretores automáticos, que têm a função de ajudar na revisão dos artigos de uma forma mais rápida – ou, na realidade, quase instantânea. De forma sintomática, ao ser questionado sobre se o *Correio da Manhã* tem alguma medida para diminuir a quantidade de erros publicados, Esteves Pereira respondeu: “Claro; além dos revisores, temos os corretores ortográficos nos computadores”. Amílcar Correia, do *Público*, ao falar sobre os critérios de contratação de elementos para a equipa de *copydesks*, afirmou que “os jornais não têm contratado muitos revisores, até porque na última década surgiram várias formas de autocorreção, respostas tecnológicas que ajudam a mitigar os erros”. Vale a pena, porém, ler o que escreveu Rui Araújo, também antigo provedor do *Público*: “As novas tecnologias e os *copydesks* representam, necessariamente, apenas parte da solução. Os jornalistas (...) são sempre os primeiros responsáveis” (Araújo, 2006).

O que ficou demonstrado na presente dissertação foi que, de facto, ocorrem erros de português na imprensa, de gravidade variável, com uma frequência que não pode ser considerada propriamente reduzida. Trata-se de uma matéria sobre a qual seria frutuoso refletir e, desejavelmente, atuar, pois, nas palavras de José Queirós, a indignação sentida pelos leitores “perante as agressões à língua” é a que é sentida por qualquer consumidor “ao adquirir um qualquer produto defeituoso que lhe é apresentado com o rótulo de «qualidade»” (2012). Um esforço no sentido de diminuir os desvios à norma linguística publicados nos jornais, quer impressos quer *online*, poderia, assim, constituir um passo no caminho de restaurar a credibilidade que estes têm vindo a perder e que é muito necessário recuperar.

## Referências bibliográficas

- AA.VV. (1983). *Estão a assassinar o português!* Lisboa, Portugal: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- Academia das Ciências de Lisboa. (2001). *Dicionário da língua portuguesa contemporânea*. Lisboa, Portugal: Verbo.
- Amorim, C. & Sousa, C. (2014). *Gramática da língua portuguesa*. Porto, Portugal: Areal editores.
- Aurélio, D. P. (1999, fevereiro 1) Tolerância zero em ortografia. *Diário de Notícias*, 4.
- Aurélio, D. P. (2001). *Livro de reclamações*. Lisboa, Portugal: Editorial Notícias.
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa, Portugal: Edições 70.
- Duarte, I. (2000). *Língua portuguesa – Instrumentos de análise*. Lisboa, Portugal: Universidade Aberta.
- Eliseu, A. (2008). *Sintaxe do português*. Alfragide, Portugal: Editorial Caminho.
- Estrela, E. [1991]. *Dúvidas do falar português II* (2.<sup>a</sup> ed.). Lisboa, Portugal: Editorial Notícias.
- Estrela, E. [1991a]. *Dúvidas do falar português III* (2.<sup>a</sup> ed.). Lisboa, Portugal: Editorial Notícias.
- Estrela, E. [1996]. *Dúvidas do falar português V*. Lisboa, Portugal: Editorial Notícias.
- Estrela, E. & Pinto-Correia, J. D. [1990]. *Guia essencial da língua portuguesa para a comunicação social*. Lisboa, Portugal: Editorial Notícias.
- Fernandes, F. (2003) *Dicionário de verbos e regimes* (44.<sup>a</sup> ed.). São Paulo, Brasil: Globo.
- Fromkin, V. & Rodman, R. (1993). *Introdução à linguagem*. Coimbra, Portugal: Almedina.
- Gonçalves, J. A. (2019). Raios & coriscos. *Clube de jornalistas*. Disponível em: <http://www.clubedejornalistas.pt/?p=16583#more-16583> [Consult. em: 18 de outubro de 2019].
- Guegués, H. (2015). *Em português, se faz favor*. Lisboa, Portugal: Guerra e Paz.
- Guerra, I. C. (2006). *Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo: Sentidos e formas de uso*. Cascais, Portugal: Princípia.
- Houaiss, A. & Villar, M. de S. (Ed.). (2015). *Grande dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Lisboa, Portugal: Círculo de Leitores.
- Leite, S. de A. (2017). *Como escrever (tudo) em português correto*. Lisboa, Portugal: Manuscrito.
- Leite, S. de A. (2018). *Para acabar de vez com o mau português*. Lisboa, Portugal: Manuscrito.
- Livro de estilo do *Público*. (1998). Disponível em [http://static.publico.pt/nos/livro\\_estilo/03-guia.html](http://static.publico.pt/nos/livro_estilo/03-guia.html) [Consult. em 14 de julho de 2019].
- Machado, R. [1998]. *Charlas linguísticas na RTP*. Lisboa, Portugal: Sociedade da língua portuguesa.

- Mateus, P. (2010, dezembro 16). A diferença entre erro e desvio. *Ciberdúvidas*. Disponível em: <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/a-diferenca-entre-erro-e-desvio/29419?fbclid=IwAR0--DpqI5WbrdYq4P37adONUKKbypYfaCTJITLQhd7bFloXqgyrJEH5wqg> [Consult. em: 14 de outubro de 2019].
- Móia, T. & Peres, J. A. (1995). *Áreas críticas da língua portuguesa*. Lisboa, Portugal: Caminho.
- Monteiro, M. (2018). *Por amor à língua: Contra a linguagem que por aí circula*. Lisboa, Portugal: Penguin Random House.
- Neves, M. (2016). *Doze segredos da língua portuguesa*. Lisboa, Portugal: Guerra e Paz.
- Neves, M. (2018). *Dicionário de erros falsos e mitos do português*. Lisboa, Portugal: Guerra e Paz.
- Neves, M. (2019). *Gramática para todos: O português na ponta da língua*. Lisboa, Portugal: Guerra e Paz.
- Pinto, M. (2005). *Ainda bem que mo sugeriu: 'Jornalês', que diabo de linguagem é essa?* Porto, Portugal: Edições Universidade Fernando Pessoa.
- Platão (1981). *Fedro* (2.<sup>a</sup> ed.). Lisboa, Portugal: Guimarães & C.<sup>a</sup> Editores.
- Queirós, J. (2012, julho 29). Os erros de escrita não são inevitáveis. *Público*. Disponível em <https://www.publico.pt/2012/07/29/jornal/os-erros-de-escrita-nao-sao-inevitaveis-24973571> [Consult. em: 18 de outubro de 2019].
- Raimundo, O. (s.d.). *A linguagem dos jornalistas: Manual de escrita jornalística* (2.<sup>a</sup> ed.). Lisboa, Portugal: Acontecimento.
- Raposo *et al.* (2013). *Gramática do português – 2 vols.* Coimbra, Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Ricardo, D. (2010). *Ainda bem que me pergunta*. Lisboa, Portugal: Casa das Letras.
- Sparks, C. (1992). Popular journalism: Theories and practice. In Dahlgreen, P. & C. Sparks (Eds.), *Journalism and Popular Culture* (pp. 37-39). Londres, Reino Unido: Sage Publications.
- Stake, R. E. (2010). *Qualitative research: Studying how things work*. Nova Iorque, Estados Unidos da América: The Guilford Press.
- Tavares, S. D. (2016). *Falar bem, escrever melhor*. Lisboa, Portugal: A esfera dos livros.
- Tavares, S. D. & Leite, S. de A. (2015). *Pares difíceis da língua portuguesa*
- Ventura, H. & Caseiro, M. (2011). *Guia prático de verbos com preposições* (3.<sup>a</sup> ed.). Lisboa, Portugal: Lidel.
- Vieira, J. (2009, outubro 4). Em defesa da pátria. *Público*. Disponível em: <https://www.publico.pt/2009/10/04/jornal/em-defesa-da-patria-17947119> [Consult. em: 18 de outubro de 2019].

## Artigos analisados

“Aquarius” deixa o Mediterrâneo. (2018, dezembro 8). *Expresso* – Primeiro Caderno, 39.

“Atentado grave ao interesse de Espanha”. (2018, dezembro 19). *Correio da Manhã*, 29.

“É um fraco e não é uma pessoa muito inteligente”: Trump dispara contra ex-advogado que admitiu mentir ao Congresso. (2018, dezembro 3). *Expresso*. Disponível em <https://expresso.pt/internacional/2018-12-03-E-um-fraco-e-nao-e-uma-pessoa-muito-inteligente-Trump-dispara-contra-ex-advogado-que-admitiu-mentir-ao-Congresso> [Consult. em: 11 de junho de 2019].

“Isolados da contestação”. (2018, dezembro 22). *Correio da Manhã*, 33.

“Obamacare” declarado inconstitucional. (2018, dezembro 16). *Público*, 15.

“Olhou para trás e viu um senhor a arder”: o acidente em Peniche. (2018, dezembro 7). *Expresso*. Disponível em <https://expresso.pt/sociedade/2018-12-07-Olhou-para-tras-e-viu-um-senhor-a-arder-o-acidente-em-Peniche> [Consult. em: 11 de junho de 2019].

‘Paião’ já tem primeiras datas para apresentação ao vivo. (2018, dezembro 18). *Correio da Manhã*, 39.

“Pode haver uma rotura social violenta”. (2018, dezembro 15). *Expresso* – Primeiro Caderno, 11.

“Polícia” da bolsa facilita a apresentação de denúncias e sugestões. (2018, dezembro 3). *Público*. Disponível em <https://www.publico.pt/2018/12/03/economia/noticia/policia-bolsa-facilita-apresentacao-denuncias-sugestoes-1853365> [Consult. em: 13 de junho de 2019].

“Quando fizemos golo comemorei com um palavrão pelo meio”. (2018, dezembro 6). *Expresso*. Disponível em <https://tribunaexpresso.pt/porto/2018-12-06-Quando-fizemos-golo-comemorei-com-um-palavrao-pelo-meio> [Consult. em: 12 de junho de 2019].

‘Shutdown’ até depois do Natal. (2018, dezembro 24). *Correio da Manhã*, 29.

“Sporting em lua de mel”. (2018, dezembro 8). *Correio da Manhã*, 34.

“Vamos fazer Porto-Lisboa de comboio em menos de duas horas”. (2018, dezembro 22). *Expresso* – Primeiro Caderno, 10-11.

€615. (2018, dezembro 22). *Expresso* – Economia, 2.

1,32 milhões foram ao cinema. (2018, dezembro 9). *Correio da Manhã*, 41.

17ª Gala do Fado é daqui a um mês. (2018, dezembro 23). *Correio da Manhã*, 39.

193 mil euros para Sardet fazer Réveillon. (2018, dezembro 3). *Correio da Manhã*, 23.

200 milhões de telemóveis exportados. (2018, dezembro 26). *Correio da Manhã*, 21.

274 milhões de euros pela Feira Popular. (2018, dezembro 15). Expresso – Economia, 2.

4,3. (2018, dezembro 22). Expresso – Primeiro Caderno, 29.

A. L. (2018, dezembro 4). Tribunais do Alentejo sem condições. *Correio da Manhã*, 18.

A. S. (2018, dezembro 8). O amor de Marcelo. Expresso – Primeiro Caderno, 10.

A. S. (2018, dezembro 13). Acordam com o filho inanimado. *Correio da Manhã*, 19.

A. S. M. (2018, dezembro 6). Primeiro presidente do IPO recebe prémio e homenagem. *Correio da Manhã*, 17.

A escolha dos leitores: João Lourenço. (2018, dezembro 22). Expresso – Primeiro Caderno, 37.

A escolha dos leitores: Reforço dos populismos. (2018, dezembro 22). Expresso – Primeiro Caderno, 35.

A semana em dois minutos. (2018, dezembro 8). Expresso – Economia, 3.

A semana em dois minutos. (2018, dezembro 15). Expresso – Economia, 3.

A semana em dois minutos. (2018, dezembro 22). Expresso – Economia, 3.

A semana em dois minutos. (2018, dezembro 29). Expresso – Economia, 3.

Abreu, A. S. de (2018, dezembro 15). “A nossa base de recrutamento é uma migalha”. Expresso – Primeiro Caderno, 44-45.

Abreu, P. (2018, dezembro 11). Derrota histórica sem o ‘fantasma’ Cristina. *Correio da Manhã*, 41.

Abreu, P. (2018, dezembro 16). Judite de Sousa escreve novo livro em dez dias. *Correio da Manhã*, 41.

Acidente com avião faz dois mortos em Barcelona. (2018, dezembro 7). *Correio da Manhã*. Disponível em [https://www.cmjornal.pt/mundo/detalhe/acidente-com-aviao-faz-dois-mortos-em-barcelona?ref=Pesquisa\\_Destaques](https://www.cmjornal.pt/mundo/detalhe/acidente-com-aviao-faz-dois-mortos-em-barcelona?ref=Pesquisa_Destaques) [Consult. em: 11 de junho de 2019].

Acordo à direita para tirar poder aos socialistas na Andaluzia. (2018, dezembro 27). *Correio da Manhã*, 29.

Acordo tímido para o clima. (2018, dezembro 17). *Correio da Manhã*, 30.

AdC faz buscas a Altice, Nos, Vodafone e Nowo/Oni. (2018, dezembro 22). Público, 23.

Aeroporto retomou actividade aos soluços. (2018, dezembro 22). Público, 27.

Agricultores em França ameaçam com protestos na próxima semana. (2018, dezembro 5). *Correio da Manhã*. Disponível em [https://www.cmjornal.pt/mundo/detalhe/agricultores-em-franca-ameacam-com-mais-protestos-na-proxima-semana?ref=Pesquisa\\_Destaques](https://www.cmjornal.pt/mundo/detalhe/agricultores-em-franca-ameacam-com-mais-protestos-na-proxima-semana?ref=Pesquisa_Destaques) [Consult. em: 10 de junho de 2019].

Albuquerque, R. (2018, dezembro 8). Pregar dois pregos de uma só martelada... para salvar os coelhos. *Expresso*. Disponível em <https://expresso.pt/sociedade/2018-12-08-Pregar-dois-pregos-de-uma-so-martelada.-para-salvar-os-coelhos> [Consult. em: 12 de junho de 2019].

Albuquerque, R. (2018, dezembro 29). Há dez anos que não havia tanta diversidade. *Expresso – Primeiro Caderno*, 5.

Albuquerque, R. & Franco, H. (2018, dezembro 22). Os bastidores no WhatsApp e Facebook. *Expresso – Primeiro Caderno*, 8.

Alugue um pinheiro e ajude os bombeiros. (2018, dezembro 9). *Expresso*. Disponível em <https://expresso.pt/sociedade/2018-12-09-Alugue-um-pinheiro-e-ajude-os-bombeiros> [Consult. em: 13 de junho de 2019].

Andrade, D. (2018, dezembro 11). FC Porto joga em Istambul por 2,7 milhões e um recorde de 22 anos. *Público*, 39.

Andrade, D. (2018, dezembro 12). Gestão de Conceição em Istambul resultou em lucro e recordes. *Público*, 38-39.

Andrade, D. (2018, dezembro 13). Real Madrid humilhado em casa pelo CSKA, Ronaldo e Mourinho também perdem. *Público*, 39.

Andrade, D. (2018, dezembro 16). Sociedade entre Soares e Marega garante a 13.<sup>a</sup> vitória consecutiva. *Público*, 24.

Andrade, D. (2018, dezembro 18). “Mercado de Inverno” ditará se a AS Roma era o adversário ideal. *Público*, 38-39.

Andrade, D. (2018, dezembro 27). Meia hora de Cristiano Ronaldo bastou para a Juventus evitar a primeira derrota na Serie A. *Público*, 39.

Andrade, D. (2018, dezembro 31). FC Porto garante recorde e lugar nas meias-finais da Taça da Liga. *Público*, 30.

Andrade, S. C. (2018, dezembro 2). Morreu o minimalista que nunca parou de fazer coisas novas. *Público*, 20.

Andrade, S. C. (2018, dezembro 5). Braga da Cruz sai mas Serralves deve optar pela continuidade. *Público*, 36-37.

Andrade, S. C. (2018, dezembro 5). Mais Mirós em Serralves, antes de Joana Vasconcelos (e com Kapoor por concluir). *Público*, 37.

Andrade, S. C. (2018, dezembro 11). Um *Messias Participativo* para “encher a alma e o coração”. *Público*, 30-31.

Andrade, S. C. (2018, dezembro 12). Joan Miró, um artista radical aos 80 anos regressa a Serralves. *Público*, 30.

Andrade, S. C. (2018, dezembro 15). Rãs-marionetas e a grega inquietude no São João em 2019. *Público*, 32-33.

Andrade, V. (2018, dezembro 1). Setúbal está em 4º lugar mas é crucial para a Autoeuropa. *Expresso - Economia*, 12.

Andrade, V. (2018, dezembro 22). Bacalhau: Um vício de €400 milhões. *Expresso - Economia*, 11.

Aníbal, S. (2018, dezembro 1). Portugal forçado a manter almofada financeira confortável. *Público*, 21.

Aníbal, S. (2018, dezembro 3). EUA e China ganham 90 dias para evitar guerra comercial. *Público*, 24.

Aníbal, S. (2018, dezembro 13). Pagamento ao FMI exige prazo médio da dívida elevado. *Público*, 16.

Aníbal, S. (2018, dezembro 14). BCE vai parar de comprar dívida pública. E agora?. *Público*, 22.

Aníbal, S. (2018, dezembro 26). EUA tentam repetir com a China o que fizeram ao Japão nos anos 80. *Público*, 14-15.

Aníbal, S. (2018, dezembro 26). Um acordo entre Japão e União Europeia que é também um sinal para Trump. *Público*, 15.

Antunes, C. (2018, dezembro 22). Decodificador – As rendas que vêm para durar. *Expresso - Economia*, 3.

Arreigoso, V. L. (2018, dezembro 15). Enfermeiros planeiam greve no WhatsApp. *Expresso*, 10-11.

Arreigoso, V. L. (2018, dezembro 29). Fim de ano com anestésias garantidas na Urgência. *Expresso – Primeiro Caderno*, 4.

As chaves para entender os “coletes” e a impopularidade de Macron. (2018, dezembro 9). *Público*, 5.

Atentado contra autocarro turístico faz quatro mortos. (2018, dezembro 29). *Correio da Manhã*, 30.

Ativista Rafael Marques foi proibido de entrar no palácio presidencial. (2018, dezembro 4). *Correio da Manhã*. Disponível em [https://www.cmjornal.pt/mundo/detalhe/ativista-rafael-marques-foi-proibido-de-entrar-no-palacio-presidencial?ref=Pesquisa\\_Destaques](https://www.cmjornal.pt/mundo/detalhe/ativista-rafael-marques-foi-proibido-de-entrar-no-palacio-presidencial?ref=Pesquisa_Destaques) [Consult. em: 10 de junho de 2019].

Aung San Suu Kyi. (2018, dezembro 22). *Expresso – Primeiro Caderno*, 37.

Avaliação das casas pela banca atinge novo máximo. (2018, dezembro 29). *Expresso – Economia*, 2.

Azenha, A. S. (2018, dezembro 8). EDP propôs a governo texto de lei energética. *Correio da Manhã*, 21.

Azevedo, M. (2018, dezembro 7). “Este foi um ano muito intenso para mim”. *Correio da Manhã*, 38.

Azevedo, M. (2018, dezembro 7). Luísa Sobral encabeça Festival de Montevideo. *Correio da Manhã*. Disponível em [https://www.cmjornal.pt/cultura/detalhe/luisa-sobral-encabeca-festival-de-montevideo?ref=Pesquisa\\_Destaques](https://www.cmjornal.pt/cultura/detalhe/luisa-sobral-encabeca-festival-de-montevideo?ref=Pesquisa_Destaques) [Consult. em: 16 de junho de 2019].

Azevedo, M. (2018, dezembro 15). Miguel Araújo 5 meses a solo por todo o País. *Correio da Manhã*, 39.

Azevedo, M. (2018, dezembro 19). “Foram quarenta anos vividos intensamente”. *Correio da Manhã*, 39.

Azevedo, M. (2018, dezembro 20). “O Natal deve ser uma postura de vida”. *Correio da Manhã*, 39.

Azevedo, V. (2018, dezembro 8). Cinco candidatas à construção da base espacial. *Expresso – Primeiro Caderno*, 6.

B. E. (2018, dezembro 22). Incêndios caem 216% face a 2017. *Correio da Manhã*, 17.

Baptista, A., Pereira, J. V. & Bourbon, M. J. (2018, dezembro 22). Google reforça investimento em Portugal com mais 6000 m<sup>2</sup> e 800 pessoas. *Expresso - Economia*, 6.

Barata, C. (2018, dezembro 23). Supremo não deixa mudar regras de asilo. *Público*, 18.

Barata, C. & Chaíça, I. (2018, dezembro 3). Le Pen e Mélenchon pedem eleições antecipadas em França. *Público*, 22-23.

Barata, C. & Villalobos, L. (2018, dezembro 26). Trump e Mnuchin agitam os mercados que já estão nervosos. *Público*, 16.

Barroso, M. A. (2018, dezembro 1). Jogadores têm de provar investimento. *Expresso – Economia*, 15.

Barroso, M. A. (2018, dezembro 29). Da depressão à euforia. *Expresso – Economia*, 10-11.

BdC vs segurança do Sporting. (2018, dezembro 8). *Expresso – Primeiro Caderno*, contracapa.

Belanciano, V. (2018, dezembro 5). O caos criativo dos Mouse On Mars está em Lisboa. *Público*. Disponível em <https://www.publico.pt/2018/12/05/culturaipilon/entrevista/caos-criativo-mouse-on-mars-lisboa-1853577> [Consult. em: 13 de junho de 2019].

Belanciano, V. (2018, dezembro 8). Cantigas de amor e de maldizer do Porto pelos Conjunto Corona. *Público*. Disponível em <https://www.publico.pt/2018/12/08/culturaipilon/noticia/cantigas-amor-maldizer-porto-conjunto-corona-1853984> [Consult. em: 13 de junho de 2019].

Belanciano, V. (2018, dezembro 16). Bruce Springsteen despede-se da Broadway e estreia-se no Netflix. *Público*, 21.

Belanciano, V. (2018, dezembro 27). O mundo electrónico de Carlos Maria Trindade redescoberto. *Público*, 30.

Beleza, J. (2018, dezembro 3). Muito mais do que fado e saudade. A semana em que Guadalajara se transformou num enorme Largo do Chiado. *Expresso*. Disponível em

<https://expresso.pt/cultura/2018-12-03-Muito-mais-do-que-fado-e-saudade.-A-semana-em-que-Guadalajara-se-transformou-num-enorme-Largo-do-Chiado> [Consult. em: 11 de junho de 2019].

Benfica vai ser cabeça de série. (2018, dezembro 13). *Correio da Manhã*, 33.

Berenguer, M. (2018, dezembro 17). Separa alunos para melhorar os resultados? Nestas escolas resulta. *Público*, 12.

Berenguer, M. (2018, dezembro 24). Centro de Inclusão Social de sete milhões na Madeira quer ser referência nacional. *Público*, 14.

Berenguer, M. (2018, dezembro 29). Os Açores como refúgio. *Público*, 12-13.

Bernardino, A. (2018, dezembro 6). Mourinho empata Arsenal mas perde mais uma posição. *Público*, 40.

Bernardino, A. (2018, dezembro 8). Brahimí exorcizou os fantasmas em noite fértil de Marega. *Público*, 47.

Bernardino, A. (2018, dezembro 8). Sp. Braga vence em Tondela à justa. *Público*. Disponível em <https://www.publico.pt/2018/12/08/desporto/noticia/sp-braga-vence-tondela-justa-1854080> [Consult. em: 13 de junho de 2019].

Bernardino, A. (2018, dezembro 10). Pecado dos penáltis pesou na discussão do quinto lugar. *Público*, 38.

Bernardino, A. (2018, dezembro 20). Benfica lá acabou por entrar na festa com a cabeça na Liga. *Público*, 41.

Bernardino, A. (2018, dezembro 24). Benfica soterra Sp. Braga com avalanche de golos. *Público*, 36.

Bichardo, P. R. (2018, dezembro 28). Achado arqueológico atrai novos clientes. *Correio da Manhã*, 39.

Boléo, P. (2018, dezembro 17). Saramago segundo Pinho Vargas. *Público*, 27.

Bolsa de Lisboa caiu 15%, mas não foi das piores da Europa. (2018, dezembro 29). *Expresso – Economia*, 2.

Brexit. Eurocéticos e trabalhistas manifestam-se separadamente em Londres. (2018, dezembro 9). *Expresso*. Disponível em <https://expresso.pt/internacional/2018-12-09-Brexit.-Euroceticos-e-trabalhistas-manifestam-se-separadamente-em-Londres> [Consult. em: 13 de junho de 2019].

Brito, A. (2018, dezembro 3). Prazo para a venda da Generg à chinesa Datang já caducou. *Público*, 20.

Brito, A. (2018, dezembro 7). Nenhum accionista quer ver a REN “sacrificar o que tem hoje”. *Público*. Disponível em <https://www.publico.pt/2018/12/07/economia/noticia/accionista-quer-ren-sacrificar-hoje-1853815> [Consult. em: 13 de junho de 2019].

Brito, A. (2018, dezembro 16). As avaliações que antes de o ser já eram. *Público*, 13.

Brito, A. (2018, dezembro 16). Ministério de Pinho tentou reter avaliações das barragens da EDP. *Público*, 12-13.

Brito, A. (2018, dezembro 21). Pinho envolve Castro Guerra no dossiê das barragens. *Público*, 20.

Brito, A. (2018, dezembro 21). Preço da luz vai beneficiar de oito milhões não reclamados. *Público*, 21.

Bruno de Carvalho revela ter “novo projeto”. (2018, dezembro 3). *Correio da Manhã*. Disponível em [https://www.cmjornal.pt/desporto/futebol/detalhe/bruno-de-carvalho-revela-ter-novo-projeto?ref=Pesquisa\\_Destaques](https://www.cmjornal.pt/desporto/futebol/detalhe/bruno-de-carvalho-revela-ter-novo-projeto?ref=Pesquisa_Destaques) [Consult. em: 10 de junho de 2019].

C. M. C. (2018, dezembro 23). Jovens bombeiros fazem parto. *Correio da Manhã*, 21.

Caeiro, A. (2018, dezembro 22). Natal? Só se for para vender! *Expresso – Primeiro Caderno*, 24.

Calado, J. (2018, dezembro 15). Pintar o Povo. *Expresso – Revista E*, 62-63.

Calado, J. (2018, dezembro 22). Fim de festa. *Expresso – Revista E*, 75.

Calado, J. (2018, dezembro 29). Imagens imóveis. *Expresso – Revista E*, 66-67.

Calle, A. L. de la (2018, dezembro 1). Sánchez procura força na vitória da rival andaluza. *Expresso – Primeiro Caderno*, 29.

Calle, A. L. de la (2018, dezembro 8). Extrema-direita pode chegar aos 25 deputados em Madrid. *Expresso – Primeiro Caderno*, 37.

Calle, A. L. de la (2018, dezembro 9). Extrema-direita pode chegar aos 25 deputados em Madrid. *Expresso*. Disponível em <https://expresso.pt/internacional/2018-12-09-Extrema-direita-pode-chegar-aos-25-deputados-em-Madrid> [Consult. em: 12 de junho de 2019].

Calle, A. L. de la (2018, dezembro 22). Diálogo encenado não alivia tensão na Catalunha. *Expresso – Primeiro Caderno*, 24.

Cambridge Analytica. (2018, dezembro 22). *Expresso – Primeiro Caderno*, 34.

Campos, A. (2018, dezembro 5). Taxa de vacinação em Lisboa não dá imunidade contra Sarampo. *Público*, 16-17.

Campos, A. (2018, dezembro 11). Hospitalizações por anorexia nervosa duplicaram em 15 anos.

Campos, A. (2018, dezembro 17). A partir de 2024 haverá médicos de família desempregados. *Público*, 10-11.

Campos, A. & Maia, A. (2018, dezembro 8). Greve adia quatro mil cirurgias. Alguns doentes irão para o privado. *Público*, 16.

- Campos, A. & Maia, A. (2018, dezembro 28). No centro hospitalar a que pertence a MAC faltam 44 anestesistas no quadro. Público, 14.
- Candeias, P. (2018, dezembro 1). Rui Vitória ficou mas nada ficará igual. Expresso – Primeiro Caderno, 6.
- Canelas, L. (2018, dezembro 7). Sorolla, um pintor optimista para descobrir no Museu de Arte Antiga. Público, 38-39.
- Canelas, L. (2018, dezembro 14). As 350 figuras deste grande presépio recuperaram o fulgor. Público, 32-33.
- Canelas, L. (2018, dezembro 26). O Japão volta a ser recebido na Ajuda, mas desta vez sem D. Luís. Público, 22-23.
- Cardoso, J. A. (2018, dezembro 13). Para que este “filme Netflix” chegue às salas, Portugal vai abrir uma exceção. Público, 30.
- Cardoso, J. A. (2018, dezembro 20). Quantas vezes já vimos *Música no Coração* e *Sozinho em Casa* no Natal?. Público, 30-31.
- Cardoso, J. A. (2018, dezembro 22). Paulo Branco deixa Monumental, que não quer deixar o cinema. Público, 28-29.
- Cardoso, J. A. (2018, dezembro 24). “Na RTP2 mostramos aquilo que só a TV pode mostrar”. Público, 24-25.
- Cardoso, J. A. (2018, dezembro 27). Navio negreiro português é agora património nacional da África do Sul. Público, 31.
- Cardoso, M. (2018, dezembro 8). Decodificador – Science4you no jogo da bolsa. Expresso - Economia, 3.
- Cardoso, M. (2018, dezembro 8). Guimarães está a crescer e vai ter mais casas para estudantes. *Expresso*. Disponível em <https://expresso.pt/economia/2018-12-08-Guimaraes-esta-a-crescer-e-vai-ter-mais-casas-para-estudantes> [Consult. em: 12 de junho de 2019].
- Cardoso, M. D. (2018, dezembro 1). Resgatados da pedreira mais dois corpos. Público, 14.
- Cardoso, M. D. (2018, dezembro 21). Plataforma de gestão das escolas permitiu poupar uma tonelada de papel. Público, 11.
- Cardoso, P. (2018, dezembro 1). López Obrador lança a ‘Quarta Transformação’. Expresso – Primeiro Caderno, 31.
- Cardoso, S. P. (2018, dezembro 4). “Expulsão? Não estava na missa”. Correio da Manhã, 33.
- Cardoso, S. P. (2018, dezembro 12). À roda nos milhões. Correio da Manhã, 30-31.
- Cardoso, S. P. (2018, dezembro 13). Tiro no resgate dos 2,7 milhões. Correio da Manhã, 32-33.

Cardoso, S. P. (2018, dezembro 14). “Pés assentes no chão”. *Correio da Manhã*, 32.

Cardoso, S. P. (2018, dezembro 19). Nos “quartos” depois de noite de stress. *Correio da Manhã*, 32.

Cardoso, S. P. (2018, dezembro 20). Conti de Natal não afasta os fantasmas. *Correio da Manhã*, 31.

Carneiro, J. (2018, dezembro 22). Da ópera à robótica. *Expresso – Revista E*, 78.

Carrapatoso, M. S. (2018, dezembro 1). As rosas e os espinhos do Governo. *Expresso – Primeiro Caderno*, 9.

Carrapatoso, M. S. (2018, dezembro 22). Governo em jogo para conter greves e protestos. *Expresso – Primeiro Caderno*, 9.

Carrapatoso, M. S. & Arreigoso, V. L. (2018, dezembro 15). Ministra obrigada a suavizar nova lei da Saúde. *Expresso – Primeiro Caderno*, 12.

Carrapatoso, M. S. & Lima, R. P. (2018, dezembro 1). Costa aguentou a lide e ganhou OE. *Expresso – Primeiro Caderno*, 10.

Carrapatoso, M. S. & Matos, V. (2018, dezembro 29). Costa em campanha de fim de semana até anunciar candidato à Europa. *Expresso – Primeiro Caderno*, 4.

Carreira, P. (2018, dezembro 27). Luiz Phellype já marca em Alvalade. *Correio da Manhã*, 32.

Carreira, P. (2018, dezembro 30). A quatro golos do apuramento. *Correio da Manhã*, 34.

Carreira, P. (2018, dezembro 31). Chaves quase fez história. *Correio da Manhã*, 32.

Carvalho, D. (2018, dezembro 14). Acordo secreto leva magistrados à greve. *Correio da Manhã*, 16.

Cerca de 50 manifestantes em Lisboa em defesa do clima. (2018, dezembro 8). *Correio da Manhã*. Disponível em [https://www.cmjornal.pt/sociedade/detalhe/cerca-de-50-manifestantes-em-lisboa-em-defesa-do-clima?ref=Pesquisa\\_Destaques](https://www.cmjornal.pt/sociedade/detalhe/cerca-de-50-manifestantes-em-lisboa-em-defesa-do-clima?ref=Pesquisa_Destaques) [Consult. em: 11 de junho de 2019].

Chaiça, I. (2018, dezembro 2). Fim de operações em Borba: foi “feito tudo aquilo que podia e devia ser feito”. *Público*, 13.

Chaiça, I. (2018, dezembro 5). Tribunal espanhol confirma nove anos de prisão para *La Manada*. *Público*. Disponível em <https://www.publico.pt/2018/12/05/mundo/noticia/tribunal-superior-confirma-pena-nove-anos-prisao-manada-1853587> [Consult. em: 13 de junho de 2019].

Chefe de gabinete de Trump abandona Casa Branca no final do mês. (2018, dezembro 8). *Expresso*. Disponível em <https://expresso.pt/internacional/2018-12-08-Chefe-de-gabinete-de-Trump-abandona-Casa-Branca-no-final-do-mes> [Consult. em: 12 de junho de 2019].

China: “A venda de ativos acabou”. (2018, dezembro 1). *Expresso – Primeiro Caderno*, contracapa.

Cimeira do clima sem acordo. (2018, dezembro 16). *Correio da Manhã*, 31.

Cipriano, C. (2018, dezembro 17). CP demite director que se opôs a medida que ameaça segurança. *Público*, 18-19.

CMTV divulga na íntegra interrogatório judicial de Bruno de Carvalho. (2018, dezembro 4). *Correio da Manhã*. Disponível em [https://www.cmjornal.pt/desporto/futebol/detalhe/cmtv-divulga-na-integra-interrogatorio-judicial-de-bruno-de-carvalho-acompanhe-em-direto?ref=Pesquisa\\_Destaques](https://www.cmjornal.pt/desporto/futebol/detalhe/cmtv-divulga-na-integra-interrogatorio-judicial-de-bruno-de-carvalho-acompanhe-em-direto?ref=Pesquisa_Destaques) [Consult. em: 10 de junho de 2019].

Coelho, A. P. (2018, dezembro 1). Um baile culinário para celebrar a batata-doce de Aljezur. *Público*, 31.

Coelho, L. (2018, dezembro 6). Boris Johnson pede desculpa por não ter declarado rendimentos. *Expresso*. Disponível em <https://expresso.pt/internacional/2018-12-06-Boris-Johnson-pede-desculpa-por-nao-ter-declarado-rendimentos> [Consult. em: 11 de junho de 2019].

Coentrão, A. (2018, dezembro 11). Na sua primeira greve, o metro do Porto (quase) parou. *Público*, 22-23.

Colisão de dois aviões militares norte-americanos faz pelo menos um morto. Cinco tribulantes continuam desaparecidos. (2018, dezembro 6). *Expresso*. Disponível em <https://expresso.pt/internacional/2018-12-06-Colisao-de-dois-avioes-militares-norte-americanos-faz-pelo-menos-um-morto.-Cinco-tribulantes-continuam-desaparecidos> [Consult. em: 11 de junho de 2019].

Combustíveis descem dois cêntimos. (2018, dezembro 24). *Correio da Manhã*, 27.

Conhece as irmãs que não sabia existirem no “Separados pela Vida”. (2018, dezembro 9). *Correio da Manhã*. Disponível em [https://www.cmjornal.pt/sociedade/detalhe/conhece-as-irmas-que-nao-sabia-existirem-no-separados-pela-vida?ref=Pesquisa\\_Destaques](https://www.cmjornal.pt/sociedade/detalhe/conhece-as-irmas-que-nao-sabia-existirem-no-separados-pela-vida?ref=Pesquisa_Destaques) [Consult. em: 11 de junho de 2019].

Consumidores menos confiantes. (2018, dezembro 1). *Expresso - Economia*, 10.

Contagem decrescente para o fim do QE do Banco Central Europeu. (2018, dezembro 8). *Expresso – Economia*, 2.

Continua o recital da Juventus na Série A. (2018, dezembro 7). *Público*. Disponível em <https://www.publico.pt/2018/12/07/desporto/noticia/continua-recital-juventus-serie-1854032> [Consult. em: 13 de junho de 2019].

Corbyn garante que o Labour pode conseguir um melhor acordo para o “Brexit”. (2018, dezembro 7). *Público*. Disponível em <https://www.publico.pt/2018/12/07/mundo/noticia/corbyn-garante-labour-conseguir-melhor-acordo-brexit-1854004> [Consult. em: 13 de junho de 2019].

Cordeiro, A. D. (2018, dezembro 4). Estado perdeu o rasto a cinco jovens forçados a mendigar. *Público*, 16-17.

Cordeiro, A. D. (2018, dezembro 7). “O sistema prisional é onde ninguém cuida de ninguém”. *Público*, 17.

Cordeiro, A. D. (2018, dezembro 27). Falta de alternativas aos lates é uma “violação gravíssima da lei”. *Público*, 12-13.

Cordeiro, A. D. (2018, dezembro 27). Santa Casa continua à espera do Governo para avançar com famílias de acolhimento. *Público*, 13.

Cordeiro, A. D. & Oliveira, M. (2018, dezembro 7). Justiça quer negociar com guardas mas decisão final cabe às Finanças. *Público*, 16.

Cordeiro, A. D. & Oliveira, M. (2018, dezembro 7). Justiça quer negociar com guardas prisionais, mas decisão final cabe às Finanças. *Público*. Disponível em <https://www.publico.pt/2018/12/07/sociedade/noticia/ha-protestos-prisoas-sao-conhecidos-1853847> [Consult. em: 13 de junho de 2019].

Cordeiro, P. (2018, dezembro 15). Saída da UE acelera saída de May. *Expresso – Primeiro Caderno*, 34.

Cordeiro, P. & Rosa, S. M. (2018, dezembro 8). 8 cenários para sair (ou não) da UE. *Expresso – Primeiro Caderno*, 8-9.

Cordeiro, P. & Rosa, S. M. (2018, dezembro 8). Chumbo anunciado põe ‘Brexit’ em risco. *Expresso – Primeiro Caderno*, 8-9.

Correia, F. (2018, dezembro 1). Treinador do Benfica promete “mudanças” e diz que adeptos “vão voltar a ter orgulho na equipa”. *Público*, 51.

Correios pedem desculpa por erro na foto do Dia D. (2018, dezembro 29). *Público*, 25.

CP avisa para perturbações nos comboios. (2018, dezembro 5). *Correio da Manhã*, 21.

Cutileiro já entregou o espólio. (2018, dezembro 20). *Correio da Manhã*, 39.

Costa, C. A. (2018, dezembro 8). Trump insiste em ‘fake news’ para falar sobre manifestações em França. *Correio da Manhã*. Disponível em [https://www.cmjornal.pt/mundo/detalhe/trump-insiste-em-fake-news-para-falar-sobre-manifestacoes-em-franca?ref=Pesquisa\\_Destaques](https://www.cmjornal.pt/mundo/detalhe/trump-insiste-em-fake-news-para-falar-sobre-manifestacoes-em-franca?ref=Pesquisa_Destaques) [Consult. em: 11 de junho de 2019].

Costa, F. S. (2018, dezembro 1). Agora é cada um por si. Hoje já há campanha. *Expresso – Primeiro Caderno*, 8-9.

Costa, F. S. (2018, dezembro 1). Presidente da CIP colabora em programa alternativo a Rui Rio. *Expresso – Primeiro Caderno*, 12.

Costa, F. S. (2018, dezembro 8). “Porque não diz aqui o que diz lá fora?”. *Expresso – Primeiro Caderno*, 13.

Costa, F. S. (2018, dezembro 29). “Se Rio for autenticamente azelha não pode ser candidato a PM”. *Expresso – Primeiro Caderno*, 10.

- Costa, F. S. & Cunha, M. L. (2018, dezembro 1). Partidos disponíveis para mudar registo de presenças. *Expresso – Primeiro Caderno*, 10.
- Costa, R. M. (2018, dezembro 11). Dragão joga para 67,7 milhões. *Correio da Manhã*, 33.
- Costa, R. M. (2018, dezembro 14). Exclusividade é uma medida positiva mas “paga-se”. *Público*, 11.
- Costa, R. M. (2018, dezembro 24). O Natal é “uma época muito delicada” para quem é LGBTI. *Público*, 12-13.
- Costa, R. M. (2018, dezembro 31). Hospitais não estão preparados para pico forte de gripe. *Público*, 10.
- Costa, R. M. & Adam, M. (2018, dezembro 23). Morreu Catalina Pestana, “uma mulher de muitas convicções”. *Público*, 12.
- Costa, R.M.; Ferreira, L. & Flor, A. (2018, dezembro 8). “Não estamos a salvar o planeta. Estamos a salvar a nós mesmos”. *Público*. Disponível em <https://www.publico.pt/2018/12/08/mundo/noticia/europa-counta-6-clima-joao-camargo-1854038> [Consult. em: 13 de junho de 2019].
- Coutinho, I. (2018, dezembro 3). Faltaram livros de portugueses em português na feira de Guadalajara. *Público*. Disponível em <https://www.publico.pt/2018/12/03/culturaipsilon/noticia/faltaram-livros-portugueses-portugues-feira-guadalajara-1853344> [Consult. em: 13 de junho de 2019].
- Coutinho, I. (2018, dezembro 3). Os pecados de Portugal em África foram um tema em Guadalajara. *Público*, 28-29.
- Coutinho, I. (2018, dezembro 3). Pessoa chegou ao México no heavy metal dos Moonspell. *Público*, 30.
- Coutinho, I. (2018, dezembro 4). Faltaram livros de portugueses em português na feira de Guadalajara. *Público*, 28-29.
- Coutinho, I. (2018, dezembro 28). Guadalajara abriu uma porta mas é preciso que haja estratégia. *Público*, 30-31.
- Crisóstomo, P. (2018, dezembro 5). Impostos sobre o consumo ganham peso e já valem quase 13% do PIB. *Público*. Disponível em <https://www.publico.pt/2018/12/05/economia/noticia/impostos-consumo-ganham-peso-ja-valem-13-pib-1853589> [Consult. em: 13 de junho de 2019].
- Crisóstomo, P. (2018, dezembro 7). Finlândia lança IRS a reformados em Portugal em Janeiro. *Público*, 28.
- Crisóstomo, P. (2018, dezembro 8). Novo acordo permite ao fisco português investigar com Angola. *Público*, 24.

Crisóstomo, P. (2018, dezembro 8). Novo acordo permite ao fisco português investigar com Angola. *Público*. Disponível em <https://www.publico.pt/2018/12/08/economia/noticia/novo-acordo-permite-fisco-portugues-investigar-angola-1854005> [Consult. em: 13 de junho de 2019].

Crisóstomo, P. (2018, dezembro 15). Transparência e Integridade reclama auditoria à Inspeção de Finanças. *Público*, 23.

Crisóstomo, P. (2018, dezembro 20). Fisco assume receita a mais e dá “ideia desproporcionada” do combate à fraude. *Público*, 21.

Crisóstomo, P. (2018, dezembro 27). Governo usa “interesse público” para omitir dados da zona franca. *Público*, 18-19.

Crisóstomo, P. (2018, dezembro 31). Esperar pelo desconto mensal. *Público*, 14.

Crisóstomo, P. (2018, dezembro 31). Limites dos escalões sem mudanças. *Público*, 14.

Crisóstomo, P. & Henriques, A. (2018, dezembro 12). Inspeção de Finanças deixou na gaveta auditoria à Cruz Vermelha. *Público*, 17.

Cunha, M. L. (2018, dezembro 1). Verbas para descentralização em risco. *Expresso – Primeiro Caderno*, 6.

Cunha, M. L. (2018, dezembro 8). Políticos não se entendem nas regras... para os políticos. *Expresso – Primeiro Caderno*, 14.

Cunha, M. L. (2018, dezembro 29). Regionalização a caminho das eleições. *Expresso – Primeiro Caderno*, 13.

Cunha, S. (2018, dezembro 15). Pão só vai aumentar nas férias de verão. *Correio da Manhã*, 20.

Cunha, S. (2018, dezembro 17). Bispos lançam alerta para flagelo da pobreza. *Correio da Manhã*, 20.

Curado, P. (2018, dezembro 1). Números de Vitória superam os de Jesus em quase toda a linha. *Público*, 50-51.

Curado, P. (2018, dezembro 2). O “novo” Benfica do “velho” Vitória estreou-se com goleada. *Público*, 24-25.

Curado, P. (2018, dezembro 3). O último suspiro valeu a décima vitória do FC Porto de Conceição. *Público*, 38.

Curado, P. (2018, dezembro 8). O último suspiro valeu a décima vitória do FC Porto de Conceição. *Público*, 38.

Curado, P. (2018, dezembro 17). O conto de fadas de Keizer prossegue em Alvalade. *Público*, 38.

Curado, P. (2018, dezembro 22). Benfica ilibado mas Paulo Gonçalves será julgado. *Público*, 42.

Curado, P. (2018, dezembro 29). Seferovic salvou o Benfica no adeus às vitórias. *Público*, 44.

Curado, P. (2018, dezembro 29). Sporting tem de vencer e isso pode não ser suficiente. *Público*, 45.

Curado, P. (2018, dezembro 30). Depois da pausa em Guimarães, o Sporting regressou às goleadas. *Público*, 24.

Curto, D. R. (2018, dezembro 8). Dos Descobrimentos às histórias de África. *Expresso – Revista E*, 68-69.

Curto, D. R. (2018, dezembro 29). Integralismo e Modernismo. *Expresso – Revista E*, 68-69.

D. C. (2018, dezembro 15). Consultoras suspeitas de fazerem ‘jogo duplo’. *Correio da Manhã*, 21.

D. G. S. (2018, dezembro 12). May procura apoio de parceiros europeus. *Correio da Manhã*, 28.

D.A.M.A festejam na Guarda. (2018, dezembro 17). *Correio da Manhã*, 40.

Dantas, M. (2018, dezembro 3). Portugal vai defrontar Suíça na meia-final da Liga das Nações. *Público*. Disponível em <https://www.publico.pt/2018/12/03/desporto/noticia/portugal-vai-defrontar-suica-semifinal-liga-nacoes-1853311> [Consult. em: 13 de junho de 2019].

Dantas, M. (2018, dezembro 8). *Hat-trick* de Salah dá liderança provisória ao Liverpool. *Público*. Disponível em <https://www.publico.pt/2018/12/08/desporto/noticia/hattrick-salah-aproxima-liverpool-lideranca-1854055> [Consult. em: 13 de junho de 2019].

Dantas, M. (2018, dezembro 11). Juan Quintero: o “fracassado” que conquistou glória eterna. *Público*, 40.

Dantas, M. (2018, dezembro 28). Gil Vicente, uma época inteira “jogada a feijões”. *Público*, 39-40.

Dantas, M. (2018, dezembro 28). Rui Vitória afasta euforia após goleada sobre o Sp. Braga. *Público*, 41.

Défices vão subir, avisa BCE. Culpa é de Itália. (2018, dezembro 29). *Expresso – Economia*, 2.

Despejo dos idosos travados. (2018, dezembro 20). *Correio da Manhã*, 21.

Despiste de autocarro com equipa de futebol juvenil faz um morto e dezenas de feridos nos EUA. (2018, dezembro 3). *Correio da Manhã*. Disponível em [https://www.cmjornal.pt/mundo/detalhe/despiste-de-autocarro-que-transportava-equipa-de-futebol-juvenil-faz-um-morto-e-dezenas-de-feridos-nos-eua?ref=Pesquisa\\_Destaques](https://www.cmjornal.pt/mundo/detalhe/despiste-de-autocarro-que-transportava-equipa-de-futebol-juvenil-faz-um-morto-e-dezenas-de-feridos-nos-eua?ref=Pesquisa_Destaques) [Consult. em: 10 de junho de 2019].

Detenções por uso de drones. (2018, dezembro 23). *Correio da Manhã*, 31.

Dias, S. (2018, dezembro 21). Transformers e Mary Poppins animam Natal. *Correio da Manhã*, 38.

Dias, S. (2018, dezembro 22). João Ribas escolhido para Bienal de Veneza. *Correio da Manhã*, 39.

Dias, S. (2018, dezembro 29). Amos Oz nunca deixou de sonhar com a paz. *Correio da Manhã*, 39.

Dias, T. M. (2018, dezembro 14). Michael Clark e Mão Morta num GUIDance que ultrapassa os limites da dança. *Público*, 34.

Dias, T. M. (2018, dezembro 18). O Festival de Guitarra de Guimarães está cada vez maior e mais internacional. *Público*, 29.

Direitinho, J. R. (2018, dezembro 10). ‘Escrever é fazer com que o tempo que conhecemos não morra’. *Público*, 26-27.

Dívida pública atinge recorde acima de 251 mil milhões antes de reembolso ao FMI. (2018, dezembro 3). *Correio da Manhã*. Disponível em [https://www.cmjornal.pt/economia/detalhe/divida-publica-atinge-recorde-acima-de-251-mil-milhoes-antes-de-reembolso-ao-fmi?ref=Pesquisa\\_Destaques](https://www.cmjornal.pt/economia/detalhe/divida-publica-atinge-recorde-acima-de-251-mil-milhoes-antes-de-reembolso-ao-fmi?ref=Pesquisa_Destaques) [Consult. em: 10 de junho de 2019].

Donald Trump. (2018, dezembro 22). *Expresso – Primeiro Caderno*, 37.

*Drones* obrigaram a fechar aeroporto de Gatwick e Exército a intervir. (2018, dezembro 21). *Público*, 25.

Duarte, M. (2018, dezembro 16). Um tapete inspirado em Kubrick com música, movimento e ilusões. *Público*, 20.

Duarte, P. J. (2018, dezembro 16). Fim do ciclo negro. *Correio da Manhã*, 35.

Duarte, P. J. (2018, dezembro 17). Equilíbrio até no resultado. *Correio da Manhã*, 33.

Duarte, P. J. (2018, dezembro 18). Sérgio Conceição responde ao Benfica. *Correio da Manhã*, 30.

Durão, J. (2018, dezembro 4). Nova taxa turística preocupa comércio. *Correio da Manhã*, 17.

E. M. (2018, dezembro 15). Vêm aí novas regras de faturação. *Expresso - Economia*, 9.

Em off. (2018, dezembro 22). *Expresso – Economia*, 2.

Em onze que vence não se mexe: as (não) novidades do onze do Sporting. (2018, dezembro 9). *Expresso*. Disponível em <https://tribunaexpresso.pt/sporting/2018-12-09-Em-onze-que-vence-nao-se-mexe-as--nao--novidades-do-onze-do-Sporting> [Consult. em: 13 de junho de 2019].

Empresários já receberam €2024 milhões de incentivos. (2018, dezembro 22). *Expresso – Economia*, 2.

Entrega da casa pode vir a liquidar crédito à habitação. (2018, dezembro 29). *Expresso – Economia*, 2.

Erupção do Etna provoca sismos na Sicília. (2018, dezembro 27). *Público*, 23.

Espanhóis elogiam Keizer. (2018, dezembro 15). *Correio da Manhã*, 33.

Estatuto “é insuficiente”. (2018, dezembro 29). *Correio da Manhã*, 39.

Esteves, B. (2018, dezembro 2). Tetraplégico protesta e chama Marcelo e Costa. *Correio da Manhã*, 20.

Esteves, B. (2018, dezembro 8). Boicote às horas extra na Justiça. *Correio da Manhã*, 19.

- Esteves, B. (2018, dezembro 16). Ameaça de greves e protestos em 2019. *Correio da Manhã*, 20.
- Esteves, B. (2018, dezembro 24). Governo ausente no adeus a Catalina. *Correio da Manhã*, 20.
- Esteves, B. (2018, dezembro 26). Professores à espera da decisão de Marcelo. *Correio da Manhã*, 16.
- Esteves, P. F. (2018, dezembro 29). A figura: Tomás Correia. *Público*, 20.
- Estreia de Keizer na liga só com alterações na defesa. (2018, dezembro 3). *Expresso*. Disponível em <https://tribunaexpresso.pt/sporting/2018-12-03-Estreia-de-Keizer-na-liga-so-com-alteracoes-na-defesa> [Consult. em: 11 de junho de 2019].
- Expresso & Lusa. (2018, dezembro 7). Função Pública: Sindicato acusa PCP e BE de se comportarem como “virgens ofendidas”. *Expresso*. Disponível em <https://expresso.pt/economia/2018-12-07-Funcao-Publica-Sindicato-acusa-PCP-e-BE-de-se-comportarem-como-virgens-ofendidas> [Consult. em: 12 de junho de 2019].
- F. G. (2018, dezembro 11). Apenas metade dos doentes morre no local escolhido. *Correio da Manhã*, 18.
- F. G. (2018, dezembro 15). Circulação condicionada no IC16 por tempo indeterminado. *Correio da Manhã*, 16.
- Fadista José da Câmara canta no Casino Estoril depois do Natal. (2018, dezembro 24). *Correio da Manhã*, 39.
- Faria, L. M. (2018, dezembro 1). Menos que outros. *Expresso – Revista E*, 68.
- Faria, L. M. (2018, dezembro 5). Giuliani acusa o Twitter de conspirar contra ele, mas quem fez a asneira foi ele próprio. *Expresso*. Disponível em <https://expresso.pt/internacional/2018-12-05-Giuliani-acusa-o-Twitter-de-conspirar-contr-a-ele-mas-quem-fez-a-asneira-foi-ele-proprio> [Consult. em: 11 de junho de 2019].
- Faria, L. M. (2018, dezembro 5). Granada usava câmaras ocultas para espiar jogadores e dirigentes. *Expresso*. Disponível em <https://tribunaexpresso.pt/futebol-internacional/2018-12-05-Granada-usava-camaras-ocultas-para-espiar-jogadores-e-dirigentes> [Consult. em: 11 de junho de 2019].
- Faria, L. M. (2018, dezembro 8). O Iluminismo agora. *Expresso – Revista E*, 52.
- Faria, L. M. (2018, dezembro 29). Paradoxos prussianos. *Expresso – Revista E*, 73.
- Faria, N. (2018, dezembro 6). Católicos: 67,9% admitem eutanásia “dentro de certos limites”. *Público*, 13.
- Faria, N. & Franco, G. (2018, dezembro 20). “Há formas de greve que vão longe de mais”. *Público*, 12-13.
- Fernandes, A. (2018, dezembro 12). Plano de apoio a quem não plantar eucaliptos chega a Monchique. *Público*, 10.

Ferrão, F. (2018, dezembro 22). Paula Amorim eleita Empresária do Ano. *Expresso – Economia*, 14-15.

Ferreira, A. (2018, dezembro 7). Greve afeta metro do Porto na segunda-feira. *Expresso*. Disponível em <https://expresso.pt/economia/2018-12-07-Greve-afeta-metro-do-Porto-na-segunda-feira> [Consult. em: 12 de junho de 2019].

Ferreira, A. G. (2018, dezembro 31). Após 17 mortos e acusações de fraude, oposição do Bangladesh exige novas eleições. *Público*, 18.

Ferreira, B. (2018, dezembro 1). Pensões antecipadas sofrem corte de 14,7%. *Correio da Manhã*, 23.

Ferreira, B. (2018, dezembro 11). Subsídio de Natal custa 1,1 mil milhões de euros. *Correio da Manhã*, 20.

Ferreira, B. (2018, dezembro 19). Pacote vira hotel. *Correio da Manhã*, 22.

Ferreira, B. (2018, dezembro 21). Salários até 607€ perdem os pontos. *Correio da Manhã*, 21.

Ferreira, B. (2018, dezembro 26). Mais de 420 comboios suprimidos no Natal. *Correio da Manhã*, 21.

Ferreira, B. (2018, dezembro 30). 797 mil portugueses trabalham por turnos. *Correio da Manhã*, 24.

Ferreira, C. (2018, dezembro 15). Liderança do Crédito Agrícola está na mira do Banco de Portugal. *Público*, 22.

Ferreira, C. (2018, dezembro 19). Banco de Portugal vai buscar 100 milhões às caixas agrícolas. *Público*, 18.

Ferreira, C. (2018, dezembro 29). Ricardo Salgado falha no ataque à isenção de Carlos Costa. *Público*, 18.

Ferreira, C. & Carvalho, M. (2018, dezembro 30). “Crises na Europa resolvem-se às 4h00, com todos cansados”. *Público*, 12-13.

Ferreira, D. (2018, dezembro 19). O contexto único da sala de Maria João Pires. *Público*, 27.

Ferreira, F. (2018, dezembro 1). Muito ‘melo’ em drama comum. *Expresso – Revista E*, 71.

Ferreira, F. (2018, dezembro 8). Dançamos sobre um vulcão. *Expresso – Revista E*, 64-65.

Ferreira, F. (2018, dezembro 15). A brava dança de Ralph. *Expresso – Revista E*, 64-65.

Ferreira, F. (2018, dezembro 15). Este não é o meu corpo. *Expresso – Revista E*, 73.

Ferreira, F. (2018, dezembro 22). A miúda do carocha amarelo. *Expresso – Revista E*, 82-83.

Ferreira, F. (2018, dezembro 22). Aqui por casa, ganhou Paul Schrader. *Expresso – Revista E*, 68-69.

Ferreira, F. (2018, dezembro 29). A singularidade de “Clean Up”, vencedor em Macau. *Expresso – Revista E*, 76.

- Ferreira, F. (2018, dezembro 29). Depois do embrutecimento. *Expresso – Revista E*, 74.
- Ferreira, F. A. (2018, dezembro 1). Pinto da Costa ataca Governo. *Correio da Manhã*, 32.
- Ferreira, F. A. (2018, dezembro 3). “Candidatos mas não favoritos”. *Correio da Manhã*, 31.
- Ferreira, F. A. (2018, dezembro 6). Avançado Muriel rejeita Sporting. *Correio da Manhã*, 33.
- Ferreira, F. A. (2018, dezembro 7). Ferreyra para ceder. *Correio da Manhã*, 33.
- Ferreira, F. A. (2018, dezembro 21). Luiz Phellype já não foge. *Correio da Manhã*, 33.
- Ferreira, F. A. (2018, dezembro 24). Consoada triste em Trás-os-Montes. *Correio da Manhã*, 32.
- Ferreira, F. A. (2018, dezembro 29). Sofrimento – Benfica passa com sustos. *Correio da Manhã*, 32.
- Ferreira, L. (2018, dezembro 4). Menos vacas e fogos florestais para descarbonizar Portugal. *Público*, 22-23.
- Ferreira, L. (2018, dezembro 4). Roteiro da descarbonização: os cimentos querem mais, a agropecuária menos. *Público*. Disponível em <https://www.publico.pt/2018/12/04/economia/noticia/roteiro-descarbonizacao-cimentos-querem-agropecuaria-quer-menos-1853523> [Consult. em: 13 de junho de 2019].
- Ferreira, V. (2018, dezembro 2). “Precisamos de mais activismo accionista”. *Público*, 15.
- Ferreira, V. (2018, dezembro 2). Salários dos gestores imunes à crise e desempenho das empresas. *Público*, 14-15.
- Ferreira, V. (2018, dezembro 9). “Ser dono de um carro vai deixar de fazer sentido”. *Público*, 16-17.
- Ferreira, V. (2018, dezembro 24). Metade dos utilizadores da Internet faz compras *online*. *Público*, 18-19.
- Ferreira, V. (2018, dezembro 27). “Não compre este carro”: A nova abordagem da indústria automóvel. *Público*, 20-21.
- Figueiredo, C. & Santos, D. V. (2018, dezembro 19). CM online consolida liderança. *Correio da Manhã*, 41.
- Figueiredo, M. (2018, dezembro 1). Keizer trava euforia. *Correio da Manhã*, 33.
- Figueiredo, M. (2018, dezembro 7). “Vim por causa de Jorge Jesus”. *Correio da Manhã*, 32.
- Figueiredo, M. (2018, dezembro 8). Leão procura clone de Bas Dost. *Correio da Manhã*, 34.
- Figueiredo, M. (2018, dezembro 14). Jovens leões passam teste. *Correio da Manhã*, 30-31.
- Figueiredo, M. (2018, dezembro 20). Leão de taça cheia em rio de facilidades. *Correio da Manhã*, 32.
- Figueiredo, M. (2018, dezembro 24). Varandas ataca Benfica em Fafe. *Correio da Manhã*, 31.
- Figueiredo, M. (2018, dezembro 26). Marcel Keizer pede reforços. *Correio da Manhã*, 32.

Filme de Jean-Luc Godard abre Noite do Cinema Europeu. (2018, dezembro 1). *Correio da Manhã*, 37.

Filme português premiado em 11 países chega às salas dia 24. (2018, dezembro 31). *Correio da Manhã*, 40.

Flor, A. (2018, dezembro 3). “Não se pode defender apenas algumas igualdades”, pedem as feministas negras. *Público*, 16.

Flor, A. (2018, dezembro 4). Polícias prometem manifestações com agentes fardados. *Público*. Disponível em <https://www.publico.pt/2018/12/04/sociedade/noticia/policias-prometem-manifestacao-agentes-fardados-1853530> [Consult. em: 13 de junho de 2019].

Flor, A. (2018, dezembro 9). Feministas apelam à adesão dos sindicatos à greve de 8 de Março. *Público*, 14.

Flor, A. (2018, dezembro 17). A conquista das palavras na Argentina pós-referendo. *Público*, 26.

Foi ele quem mais faturou. (2018, dezembro 7). *Correio da Manhã*, 38.

Fontes, C. (2018, dezembro 6). De Buenos Aires a Madrid: rivalidade até nas alturas. *Expresso*. Disponível em <https://tribunaexpresso.pt/futebol-internacional/2018-12-06-De-Buenos-Aires-a-Madrid-rivalidade-ate-nas-alturas> [Consult. em: 11 de junho de 2019].

França cancela aumento do imposto sobre o combustível em 2019. (2018, dezembro 5). *Correio da Manhã*. Disponível em [https://www.cmjornal.pt/mundo/detalhe/franca-cancela-aumento-do-imposto-sobre-o-combustivel-em-2019?ref=Pesquisa\\_Destaques](https://www.cmjornal.pt/mundo/detalhe/franca-cancela-aumento-do-imposto-sobre-o-combustivel-em-2019?ref=Pesquisa_Destaques) [Consult. em: 10 de junho de 2019].

Franco, H. (2018, dezembro 1). MP procura *casuals* de Alcochete. *Expresso – Primeiro Caderno*, 37.

Franco, H. (2018, dezembro 3). Ministério Público abre inquérito ao uso de violência no curso da GNR. *Expresso*. Disponível em <https://expresso.pt/sociedade/2018-12-03-Ministerio-Publico-abre-inquerito-ao-uso-de-violencia-no-curso-da-GNR> [Consult. em: 11 de junho de 2019].

Franco, H. (2018, dezembro 8). ‘Skins’ e ‘anarcas’ entre os guardas prisionais. *Expresso – Primeiro Caderno*, 7.

Franco, H. (2018, dezembro 9). Ministro Eduardo Cabrita critica duramente Liga dos Bombeiros. *Expresso*. Disponível em <https://expresso.pt/sociedade/2018-12-09-Ministro-Eduardo-Cabrita-critica-duramente-Liga-dos-Bombeiros> [Consult. em: 12 de junho de 2019].

Franco, H. & Araújo, A. (2018, dezembro 22). PSP critica Proteção Civil no caso do helicóptero do INEM. *Expresso*, 6.

Franco, H. & Gustavo, R. (2018, dezembro 4). Mustafá ‘iliba’ Bruno de Carvalho no ataque de Alcochete. *Expresso*. Disponível em <https://tribunaexpresso.pt/sporting/2018-12-04-Mustafa-iliba-Bruno-de-Carvalho-no-ataque-de-Alcochete-1> [Consult. em: 11 de junho de 2019].

- Franco, H. & Gustavo, R. (2018, dezembro 22). Armas desaparecidas estão enterradas em local desconhecido. *Expresso – Primeiro Caderno*, 6.
- Franco, H. & Gustavo, R. (2018, dezembro 29). Os cinco golpes que feriram a e-Toupeira. *Expresso – Primeiro Caderno*, 29.
- Franco, H. & Moleiro, R. (2018, dezembro 15). Portugal ajudou a evitar atentados em mercados de França. *Expresso – Primeiro Caderno*, 8.
- Freire, M. & Moleiro, R. (2018, dezembro 7). Inquilino acusa autarca de não realizar obras. *Correio da Manhã*, 17.
- Freitas, M. de (2018, dezembro 1). Sombra silêncio. *Expresso – Revista E*, 68.
- Frexes, S. (2018, dezembro 8). Passo a passo, reformam os líderes a moeda única. *Expresso - Economia*, 8.
- Frexes, S. (2018, dezembro 15). Não é um diálogo, são dois monólogos. *Expresso – Primeiro Caderno*, 34-35.
- Frota, G. (2018, dezembro 1). No Festival Porta-Jazz são os encontros que importam. *Público*, 30.
- Frota, G. (2018, dezembro 7). Ninguém sabe por onde anda a verdade no Teatro Aberto. *Público*, 40.
- Frota, G. (2018, dezembro 7). Ninguém sabe por onde anda a verdade no Teatro Aberto. *Público*. Disponível em <https://www.publico.pt/2018/12/07/culturaipsilon/noticia/ninguem-sabe-onde-anda-verdade-teatro-aberto-1853854> [Consult. em: 13 de junho de 2019].
- Frota, G. (2018, dezembro 8). O jazz com vestígios de música indiana e hip-hop de Ohad Talmor. *Público*, 32.
- Frota, G. (2018, dezembro 8). O jazz com vestígios de música indiana e hip-hop que Ohad Talmor traz ao Porto. *Público*. Disponível em <https://www.publico.pt/2018/12/08/culturaipsilon/noticia/jazz-vestigios-musica-indiana-hiphop-ohad-talmor-traz-porto-1853981> [Consult. em: 13 de junho de 2019].
- Frota, G. (2018, dezembro 11). Um *Quartett* de crueldade, amor e compreensão. *Público*, 32.
- Frota, G. (2018, dezembro 23). Teatro do Bairro Alto não será “um clube de jovens artistas”. *Público*, 20-21.
- Função Pública perdeu 13% do poder de compra nos últimos sete anos. (2018, dezembro 8). *Correio da Manhã*. Disponível em [https://www.cmjornal.pt/multimedia/videos/detalhe/funcao-publica-perdeu-13-do-poder-de-compra-nos-ultimos-sete-anos?ref=Pesquisa\\_Destaques](https://www.cmjornal.pt/multimedia/videos/detalhe/funcao-publica-perdeu-13-do-poder-de-compra-nos-ultimos-sete-anos?ref=Pesquisa_Destaques) [Consult. em: 11 de junho de 2019].
- Funcionário de carrinha de valores atacado com martelo em tentativa de assalto num supermercado. (2018, dezembro 6). *Expresso*. Disponível em <https://expresso.pt/sociedade/2018-12-06-Funcionario->

de-carrinha-de-valores-atacado-com-martelo-em-tentativa-de-assalto-num-supermercado [Consult. em: 12 de junho de 2019].

Furoni, E. (2018, dezembro 15). O último grito do futebol brasileiro. *Expresso – Primeiro Caderno*, 45.

Futebol. (2018, dezembro 22). *Expresso – Primeiro Caderno*, 29.

Galhós, C. (2018, dezembro 1). A escultura como dança. *Expresso – Revista E*, 64-65.

Galhós, C. (2018, dezembro 22). Vergonha e comoção. *Expresso – Revista E*, 79.

Ganhão, M. A. (2018, dezembro 3). Privados queriam salvar o Banco Espírito Santo. *Correio da Manhã*. Disponível em [https://www.cmjornal.pt/economia/detalhe/privados-queriam-salvar-o-banco-espírito-santo?ref=Pesquisa\\_Destaques](https://www.cmjornal.pt/economia/detalhe/privados-queriam-salvar-o-banco-espírito-santo?ref=Pesquisa_Destaques) [Consult. em: 10 de junho de 2019].

Ganhão, M. A. (2018, dezembro 7). Desempregados recebem no dia 20. *Correio da Manhã*, 21.

Ganhão, M. A. (2018, dezembro 8). EDP vendeu défice tarifário por 384 milhões de euros. *Correio da Manhã*. Disponível em [https://www.cmjornal.pt/economia/detalhe/edp-vendeu-defice-tarifario-por-384-milhoes-de-euros?ref=Pesquisa\\_Destaques](https://www.cmjornal.pt/economia/detalhe/edp-vendeu-defice-tarifario-por-384-milhoes-de-euros?ref=Pesquisa_Destaques) [Consult. em: 11 de junho de 2019].

Ganhão, M. A. (2018, dezembro 11). Centeno pagou dívida com dívida. *Correio da Manhã*, 21.

Garcia, S. (2018, dezembro 31). Funcionários passam ano em empresa falida. *Correio da Manhã*, 22.

Genésio, F. (2018, dezembro 9). Meia centena de ambientalistas marcha pela defesa do clima. *Correio da Manhã*. Disponível em [https://www.cmjornal.pt/sociedade/detalhe/meia-centena-de-ambientalistas-marcha-pela-defesa-do-clima?ref=Pesquisa\\_Destaques](https://www.cmjornal.pt/sociedade/detalhe/meia-centena-de-ambientalistas-marcha-pela-defesa-do-clima?ref=Pesquisa_Destaques) [Consult. em: 11 de junho de 2019].

Genésio, F. (2018, dezembro 9). Meia centena pela defesa do clima. *Correio da Manhã*, 19.

Genésio, F. (2018, dezembro 11). Troca de exames leva a diagnóstico de tumor. *Correio da Manhã*, 18.

Genésio, F. (2018, dezembro 14). População com 65 ou mais anos pouco protegida. *Correio da Manhã*, 17.

Genésio, F. (2018, dezembro 18). Quadra natalícia fria e sem chuva. *Correio da Manhã*, 18.

Genésio, F. (2018, dezembro 20). Cotonetes e palhinhas de plástico proibidas. *Correio da Manhã*, 16.

Genésio, F. (2018, dezembro 31). Héli do INEM aterrou em relvado. *Correio da Manhã*, 18.

Gomes, H. (2018, dezembro 8). Não há almoços grátis na rede social. *Expresso – Primeiro Caderno*, 39.

Gomes, L. P. (2018, dezembro 8). Mais importante do que o tango. *Expresso – Primeiro Caderno*, 45.

Gomes, L. P. (2018, dezembro 8). Uma final mais importante do que o tango. *Expresso*. Disponível em <https://tribunaexpresso.pt/futebol-internacional/2018-12-08-Uma-final-mais-importante-do-que-o-tango> [Consult. em: 12 de junho de 2019].

Gomes, M. (2019, dezembro 5). Demissões no Turismo do Porto e Norte fazem cair direcção. *Público*. Disponível em <https://www.publico.pt/2018/12/05/economia/noticia/demissoes-turismo-porto-norte-fazem-cair-direccao-1853669> [Consult. em: 13 de junho de 2019].

Gomes, M. (2018, dezembro 5). Henrique Barros vai presidir ao CNS. *Público*, 17.

Gonçalves, F. J. (2018, dezembro 1). Tensão marca início da cimeira do G20. *Correio da Manhã*, 30.

Gonçalves, F. J. (2018, dezembro 1). Trump defende negócio na Rússia. *Correio da Manhã*, 31.

Gonçalves, F. J. (2018, dezembro 2). Comunicado genérico salva a face do G20. *Correio da Manhã*, 32.

Gonçalves, F. J. (2018, dezembro 8). ‘Protegida’ sucede a Merkel. *Correio da Manhã*, 29.

Gonçalves, F. J. (2018, dezembro 8). ‘Protegida’ sucede a Merkel. *Correio da Manhã*. Disponível em [https://www.cmjornal.pt/mundo/detalhe/protegida-sucede-a-merkel?ref=Pesquisa\\_Destaques](https://www.cmjornal.pt/mundo/detalhe/protegida-sucede-a-merkel?ref=Pesquisa_Destaques) [Consult. em: 11 de junho de 2019].

Gonçalves, F. J. (2018, dezembro 9). Justiça aperta cerco ao presidente Trump. *Correio da Manhã*, 33.

Gonçalves, F. J. (2018, dezembro 12). May procura apoio de parceiros europeus. *Correio da Manhã*, 28.

Gonçalves, F. J. (2018, dezembro 16). Tribunal ilegaliza lei de saúde de Obama. *Correio da Manhã*, 31.

Gonçalves, F. J. (2018, dezembro 17). May ataca Blair por pedir novo referendo. *Correio da Manhã*, 30.

Gonçalves, F. J. (2018, dezembro 20). UE prepara saída britânica sem acordo. *Correio da Manhã*, 29.

Gonçalves, F. J. (2018, dezembro 21). Promessa de apostar “pelo diálogo efetivo”. *Correio da Manhã*, 30.

Gonçalves, F. J. (2018, dezembro, 23). Muro do México causa ‘fecho’ do governo. *Correio da Manhã*, 31.

Gonçalves, F. J. (2018, dezembro 24). Polícias cercados por ‘coletes amarelos’. *Correio da Manhã*, 29.

Gonçalves, F. J. (2018, dezembro 26). Número de vítimas aumenta e há risco de novo tsunami. *Correio da Manhã*, 28.

Gonçalves, F. J. (2018, dezembro 27). Morre outra criança detida na fronteira. *Correio da Manhã*, 29.

Gonçalves, F. J. (2018, dezembro 28). Indonésia eleva alerta por causa do vulcão. *Correio da Manhã*, 29.

Governo alerta para violência. (2018, dezembro 7). *Correio da Manhã*, 28.

Governo atrai realizadores. (2018, dezembro 2). *Correio da Manhã*, 41.

Governo centraliza contratação no Estado para poupar e acelerar admissões. (2018, dezembro 8). *Expresso – Economia*, 2.

Grécia. (2018, dezembro 8). *Expresso – Primeiro Caderno*, 39.

Greve de fome na prisão. (2018, dezembro 2). *Correio da Manhã*, 32.

Guerreiro, A. (2018, dezembro 3). Morreu Fernando Belo, o filósofo que nos deu outra leitura de São Marcos. *Público*. Disponível em <https://www.publico.pt/2018/12/03/culturaipsilon/noticia/morreu-fernando-belo-1853295> [Consult. em: 13 de junho de 2019].

Guerreiro, A. (2018, dezembro 4). Morreu Fernando Belo, o filósofo que nos deu outra leitura de São Marcos. *Público*, 30.

Guerreiro, P. (2018, dezembro 9). Jaime Marta Soares: “Mais de 80%, muito próximo de 90%” dos bombeiros não reportaram ocorrências aos CDOS. *Público*. Disponível em <https://www.publico.pt/2018/12/09/sociedade/noticia/jaime-marta-soares-80-proximo-90-bombeiros-nao-reportaram-ocorrencias-cdos-1854142> [Consult. em: 13 de junho de 2019].

Guerreiro, P. S. & Arreigoso, V. L. (2018, dezembro 15). Hospitais privados ameaçam fazer ‘brexit’ da ADSE. *Expresso – Primeiro Caderno*, 13.

Guimarães, M. J. (2018, dezembro 4). “Perante um júri, o príncipe [saudita] seria condenado em 30 minutos”. *Público*. Disponível em <https://www.publico.pt/2018/12/04/mundo/noticia/juri-principe-saudita-condenado-30-minutos-1853507> [Consult. em: 13 de junho de 2019].

Guimarães, M. J. (2018, dezembro 7). Dois anti-Merkel e uma mini-Merkel disputam chefia da CDU. *Público*, 32-33.

Guimarães, M. J. (2018, dezembro 18). Protesto contra “lei de escravos” torna-se cerco a deputados. *Público*, 24.

Guimarães, M. J. (2018, dezembro 23). Erdogan perguntou: ‘Continuam lá porquê?’ e Trump saiu da Síria. *Público*, 18-19.

Guimarães, M. J. (2018, dezembro 26). Netanyahu marca eleições confiante de que as irá vencer. *Público*, 18.

Gustavo, R. (2018, dezembro 1). Polícia teme aumento de assaltos no transporte de valores. *Expresso – Primeiro Caderno*, 6.

Gustavo, R. (2018, dezembro 8). Juízes querem mudar lei da adoção. *Expresso – Primeiro Caderno*, 23.

Há um novo museu em Oliveira do Hospital dedicado ao azeite. (2018, dezembro 9). *Expresso*. Disponível em <https://expresso.pt/cultura/2018-12-09-Ha-um-novo-museu-em-Oliveira-do-Hospital-dedicado-ao-azeite> [Consult. em: 13 de junho de 2019].

Henriques, J. G. (2018, dezembro 7). MP acusa mais dois agentes da PSP da Amadora de agressão. *Público*. Disponível em <https://www.publico.pt/2018/12/07/sociedade/noticia/mp-acusa-dois-agentes-psp-amadora-agressao-1853971> [Consult. em: 13 de junho de 2019].

Henriques, J. G. (2018, dezembro 9). “O que são 100 euros, com duas crianças, para o mês todo?”. *Público*, 12-13.

Henriques, J. G. (2018, dezembro 16). Dispararam pedidos de nacionalidade portuguesa feitos por britânicos. *Público*, 8.

Henriques, J. G. (2018, dezembro 18). Emigração continua a descer – mas não para Espanha. *Público*, 14.

Henriques, J. G. & Costa, R. M. (2018, dezembro 1). Portugal nunca teve tão poucos pobres. Mas não entre os idosos. *Público*, 12-13.

Henriques, J. G. & Faria, N. (2018, dezembro 6). Budistas já são tantos como os muçulmanos na Grande Lisboa. *Público*, 12-13.

Homenagem a Bergman. (2018, dezembro 28). *Correio da Manhã*, 39.

I. P. (2018, dezembro 22). PJ sabe onde estão bebês vendidos. *Expresso – Primeiro Caderno*, 6.

Indonésia prepara-se para nova erupção do Anak Krakatau. (2018, dezembro 28). *Público*, 26.

IPO gasta um milhão por semana. (2018, dezembro 24). *Correio da Manhã*, 20.

J. F. (2018, dezembro 29). CDS ataca Governo por falta de vagas para anestesistas. *Correio da Manhã*, 16.

J. L. R. (2018, dezembro 1). Yardie. *Expresso – Revista E*, 73.

J. L. R. (2018, dezembro 15). Engenhos mortíferos. *Expresso – Revista E*, 74.

J. N. P. (2018, dezembro 12). Doente oncológico sem acesso a exames. *Correio da Manhã*, 17.

Jackpot de 70 milhões no próximo sorteio do Euromilhões. (2018, dezembro 4). *Correio da Manhã*. Disponível em [https://www.cmjornal.pt/sociedade/detalhe/euromilhoes--conheca-a-chave-sorteada-esta-terca-feira-e-saiba-se-ficou-milionario?ref=Pesquisa\\_Destaques](https://www.cmjornal.pt/sociedade/detalhe/euromilhoes--conheca-a-chave-sorteada-esta-terca-feira-e-saiba-se-ficou-milionario?ref=Pesquisa_Destaques) [Consult. em: 10 de junho de 2019].

Jerome Powell. (2018, dezembro 22). *Expresso – Primeiro Caderno*, 37.

João Lourenço. (2018, dezembro 22). *Expresso – Primeiro Caderno*, 37.

Jordão, I. (2018, dezembro 30). Negócios de milhões com Papa. *Correio da Manhã*, 18.

Jornalista fantasma assombra vitória de Modric na Bola de Ouro. (2018, dezembro 7). *Correio da Manhã*. Disponível em [https://www.cmjornal.pt/desporto/futebol/detalhe/jornalista-fantasma-assombra-vitoria-de-modric-na-bola-de-ouro?ref=Pesquisa\\_Destaques](https://www.cmjornal.pt/desporto/futebol/detalhe/jornalista-fantasma-assombra-vitoria-de-modric-na-bola-de-ouro?ref=Pesquisa_Destaques) [Consult. em: 11 de junho de 2019].

Jurados condenam Fields. (2018, dezembro 9). *Correio da Manhã*, 33.

Kendrick Lamar domina. (2018, dezembro 8). *Correio da Manhã*, 38.

Kendrick Lamar e Drake na linha da frente dos Grammy de 2019. (2018, dezembro 7). *Público*. Disponível em <https://www.publico.pt/2018/12/07/culturaipilon/noticia/kendrick-lamar-drake-linha-frente-grammy-2019-1853929> [Consult. em: 13 de junho de 2019].

Keul, P. (2018, dezembro 21). Maria João Koehler é agora nome de treinadora. *Público*, 40.

Khashoggi: “Não consigo respirar”. (2018, dezembro 11). *Correio da Manhã*, 28.

Krovinovic fora dos convocados do Benfica para visita ao Vitória de Setúbal. (2018, dezembro 8). *Correio da Manhã*. Disponível em [https://www.cmjornal.pt/desporto/futebol/detalhe/20181208\\_1444\\_krovinovic-fora-dos-convocados-do-benfica-para-visita-ao-vitoria-de-setubal?ref=Pesquisa\\_Destaques](https://www.cmjornal.pt/desporto/futebol/detalhe/20181208_1444_krovinovic-fora-dos-convocados-do-benfica-para-visita-ao-vitoria-de-setubal?ref=Pesquisa_Destaques) [Consult. em: 11 de junho de 2019].

L. M. Q. (2018, dezembro 15). Biografia de Beckett abre nova coleção. *Público*, 32.

L. O. (2018, dezembro 17). Bispo Auxiliar do Porto foi ontem ordenado em Viseu. *Correio da Manhã*, 20.

Laranjo, T. (2018, dezembro 5). Benfica afasta-se de Gonçalves. *Correio da Manhã*, 31.

Laranjo, T. (2018, dezembro 11). Fatura passada para dia de jogo. *Correio da Manhã*, 32.

Laranjo, T. (2018, dezembro 21). Doença de juíza adia E-Toupeira. *Correio da Manhã*, 32.

Laranjo, T. (2018, dezembro 23). Benfica ficou nas mãos de assessor. *Correio da Manhã*, 33.

Laranjo, T. & Pereira, M. (2018, dezembro 16). Sócios mantêm Bruno suspenso. *Correio da Manhã*, 34.

Ledo, W. (2018, dezembro 2). Autarquias fazem subir empregos no Estado. *Correio da Manhã*, 28.

Ledo, W. (2018, dezembro 23). Condições de higiene fecham 355 empresas. *Correio da Manhã*, 28.

Ledo, W. (2018, dezembro 24). Quatro em cada dez firmas dão prejuízo. *Correio da Manhã*, 26.

Leia as declarações do ex-funcionário do Sporting Bruno Jacinto em interrogatório judicial. (2018, dezembro 6). *Correio da Manhã*. Disponível em [https://www.cmjornal.pt/desporto/futebol/detalhe/leia-na-integra-as-declaracoes-de-bruno-jacinto-no-primeiro-interrogatorio-judicial?ref=Pesquisa\\_Destaques](https://www.cmjornal.pt/desporto/futebol/detalhe/leia-na-integra-as-declaracoes-de-bruno-jacinto-no-primeiro-interrogatorio-judicial?ref=Pesquisa_Destaques) [Consult. em: 10 de junho de 2019].

- Leiria, I. (2018, dezembro 29). Após 25 anos, Arlindo ainda não está a meio da carreira. *Expresso – Primeiro Caderno*, 7.
- Leiria, I. (2018, dezembro 29). Sindicatos não abdicam de “um só dia”. *Expresso – Primeiro Caderno*, 7.
- Leonardo, A. C. (2018, dezembro 8). Sísifo na piscina. *Expresso – Revista E*, 74.
- Lima, A. S. (2018, dezembro 1). A vez de A.M.L.O.: México troca de Presidente e de regime. *Público*, 24.
- Lima, A. S. (2018, dezembro 3). PP quer governar na Andaluzia e pisca o olho à extrema-direita. *Público*. Disponível em <https://www.publico.pt/2018/12/03/mundo/noticia/pp-quer-governar-andaluzia-pisca-olho-extremadireita-1853285> [Consult. em: 13 de junho de 2019].
- Lima, A. S. (2018, dezembro 4). Das eleições na Andaluzia está a nascer uma nova era política. *Público*, 26-27.
- Lima, A. S. (2018, dezembro 4). Possibilidade de Londres revogar “Brexit” ganha força. *Público*. Disponível em <https://www.publico.pt/2018/12/04/mundo/noticia/possibilidade-londres-revogar-pedido-saida-ue-ganha-forca-justica-europeia-1853407> [Consult. em: 13 de junho de 2019].
- Lima, A. S. (2018, dezembro 5). Justiça europeia dá força à possibilidade de Londres revogar o “Brexit”. *Público*, 31.
- Lima, A. S. (2018, dezembro 6). Imagens de satélite revelam base de mísseis secreta na Coreia do Norte. *Público*. Disponível em [https://www.publico.pt/2018/12/06/mundo/noticia/imagens-satelite-revelam-base-secreta-misseis-coreia-norte-1853733?fbclid=IwAR1xIR5YebaH\\_3XYeNJiDzNsRh-S5c4-l\\_P2hnbzFrFoBNtWA6bid1uVEQ](https://www.publico.pt/2018/12/06/mundo/noticia/imagens-satelite-revelam-base-secreta-misseis-coreia-norte-1853733?fbclid=IwAR1xIR5YebaH_3XYeNJiDzNsRh-S5c4-l_P2hnbzFrFoBNtWA6bid1uVEQ) [Consult. em: 13 de junho de 2019].
- Lima, A. S. (2018, dezembro 7). “Coletes amarelos”: 90 mil polícias mobilizados para mais um sábado de protestos. *Público*. Disponível em <https://www.publico.pt/2018/12/07/mundo/noticia/perto-90-mil-policias-mobilizados-sabado-protestos-coletes-amarelos-1853895> [Consult. em: 13 de junho de 2019].
- Lima, A. S. (2018, dezembro 8). Blindados a postos em Paris e 90 mil polícias em todo o país. *Público*, 27.
- Lima, A. S. (2018, dezembro 11). Marcha-atrás na votação decisiva enche “Brexit” de interrogações. *Público*, 26-27.
- Lima, A. S. (2018, dezembro 14). Governo pede aos “coletes” que não protestem depois de ataque. *Público*, 24-25.
- Lima, A. S. (2018, dezembro 18). Corbyn troca as voltas aos deputados e propõe moção de censura a May. *Público*, 26.
- Lima, A. S. (2018, dezembro 19). Juiz acusa Flynn de “vender” os EUA mas aceita adiar condenação. *Público*, 22.

- Lima, A. S. (2018, dezembro 27). Cidadãos e PP repartem cargos para tirar a Andaluzia ao PSOE. *Público*, 22.
- Lima, P. (2018, dezembro 3). Denúncias internas vão passar a poder ser feitas no site da CMVM. *Expresso*. Disponível em <https://expresso.pt/economia/2018-12-03-Denuncias-internas-vaopassar-a-poder-ser-feitas-no-site-da-CMVM> [Consult. em: 11 de junho de 2019].
- Lima, R. P. (2018, dezembro 8). A capela que se abriu ao mundo. *Expresso – Revista E*, 66-67.
- Lima, R. P. (2018, dezembro 8). Greves são um caso sem fim à vista. *Expresso – Primeiro Caderno*, 18.
- Lima, R. P. (2018, dezembro 15). PCP e CGTP criticam greve paga. *Expresso – Primeiro Caderno*, 11.
- Lima, R. P. (2018, dezembro 22). Igreja contra proibição de padres nas prisões. *Expresso – Primeiro Caderno*, 7.
- Lima, R. P. (2018, dezembro 22). Pouco amarelo. *Expresso – Primeiro Caderno*, 8.
- Linda Martini no WoodRock'19. (2018, dezembro 5). *Correio da Manhã*, 39.
- Lopes, M. (2018, dezembro 29). Duas décadas depois, a primeira vez dos Dealema. *Público*, 30.
- Lopes, M. (2018, dezembro 31). Foi você que pediu uma passagem de ano?. *Público*, 22-23.
- Lorena, S. (2018, dezembro 2). PSOE vai vencer sem maioria as eleições na Andaluzia. *Público*, 17.
- Lorena, S. (2018, dezembro 5). Cidadãos considera “irresponsável” excluir Vox de um governo na Andaluzia. *Público*, 24.
- Lorena, S. (2018, dezembro 5). Cidadãos considera “irresponsável” excluir Vox de um governo na Andaluzia. *Público*. Disponível em <https://www.publico.pt/2018/12/05/mundo/noticia/cidadaos-considera-irresponsavel-excluir-vox-governo-andaluzia-1853684> [Consult. em: 13 de junho de 2019].
- Lorena, S. (2018, dezembro 6). Senado desafia Trump e quer condenar líder saudita por assassinio de jornalista. *Público*. Disponível em <https://www.publico.pt/2018/12/06/mundo/noticia/senado-desafia-trump-quer-condenar-lider-saudita-assassinio-jornalista-1853834> [Consult. em: 13 de junho de 2019].
- Lorena, S. (2018, dezembro 7). Senado desafia Trump e quer condenar líder saudita por morte de jornalista. *Público*, 34.
- Lorena, S. (2018, dezembro 10). A EU não é uma união e o Pacto das Migrações é a prova disso. *Público*, 20-21.
- Lorena, S. (2018, dezembro 14). Cessar-fogo em Hudheida é primeiro êxito das negociações sobre o Iémen. *Público*, 27.
- Lorena, S. (2018, dezembro 22). Gestos políticos para “abrir a porta ao fim do conflito” catalão. *Público*, 26.

- Lorena, S. (2018, dezembro 29). Abandonados por Trump, curdos oferecem vitória a Assad. *Público*, 24.
- Lorena, S. (2018, dezembro 30). Alemã do Daesh deixou criança morrer de sede. *Público*, 17.
- Lorena, S. (2018, dezembro 30). Bolsonaro vai legalizar posse de arma por decreto presidencial. *Público*, 16.
- Lorena, S. (2018, dezembro 31). Há cada vez mais gente a negar o genocídio de Srebrenica. *Público*, 16-17.
- Lourenço, R. (2018, dezembro 1). “É legal, mas não cheira bem”. *Expresso – Primeiro Caderno*, 31.
- Lourenço recebeu Marques. (2018, dezembro 6). *Correio da Manhã*, 29.
- Lourenço, S. M. (2018, dezembro 29). Mais de 80 mil à espreita da solução dos professores. *Expresso – Primeiro Caderno*, 8.
- Louro, M. (2018, dezembro 1). López Obrador está há 42 anos na política e ainda é a cara da renovação na política mexicana. *Público*, 26.
- Louro, M. (2018, dezembro 12). Estudantes protestam contra Macron em “terça-feira negra”. *Público*, 21.
- Louro, M. (2018, dezembro 17). Bolsonaro formou Governo em clima de guerra, como governará?. *Público*, 20-21.
- Louro, M. & Chaíça, I. (2018, dezembro 2). “Coletes amarelos” não desmobilizam: “Se for preciso, volto no próximo sábado”. *Público*, 18.
- Lourenço, S. M. (2018, dezembro 1). “Um salário de €580, €600 ou €615 não é digno”. *Expresso – Economia*, 14.
- Lozano, D. (2018, dezembro 15). A guerra fria de Nicolás Maduro. *Expresso – Primeiro Caderno*, 36.
- Lozano, D. (2018, dezembro 22). Em modo de catástrofe. *Expresso – Primeiro Caderno*, 35.
- Lucas, I. (2018, dezembro 29). Do deserto do Neguev, ele observava o mundo inteiro. *Público*, 28-29.
- Lucros derrapam em 2018, mas melhoram em 2019. (2018, dezembro 15). *Expresso – Economia*, 6.
- Lusa. (2018, dezembro 3). Alterações climáticas. Guterres pede atenção para “o assunto mais importante” de todos. *Expresso*. Disponível em <https://expresso.pt/internacional/2018-12-03-Alteracoes-climaticas.-Guterres-pede-atencao-para-o-assunto-mais-importante-de-todos> [Consult. em: 11 de junho de 2019].
- Lusa. (2018, dezembro 3). Bombeiros profissionais marcam greve de duas semanas. *Público*. Disponível em <https://www.publico.pt/2018/12/03/sociedade/noticia/bombeiros-profissionais-marcam-greve-duas-semanas-1853375> [Consult. em: 13 de junho de 2019].

Lusa. (2018, dezembro 3). Maior acelerador de partículas do mundo em paragem técnica até 2021. *Expresso*. Disponível em <https://expresso.pt/sociedade/2018-12-03-Maior-acelerador-de-particulas-do-mundo-em-paragem-tecnica-ate-2021> [Consult. em: 11 de junho de 2019].

Lusa. (2018, dezembro 3). Montalegre avança com obras no estádio. *Público*. Disponível em <https://www.publico.pt/2018/12/03/desporto/noticia/montalegre-avanca-obras-estadio-1853386> [Consult. em: 13 de junho de 2019].

Lusa. (2018, dezembro 3). OMS vai criar grupo de trabalho sobre manipulação genética após polémica chinesa. *Correio da Manhã*. Disponível em [https://www.cmjornal.pt/sociedade/detalhe/oms-vai-criar-grupo-de-trabalho-sobre-manipulacao-genetica-apos-polemica-chinesa?ref=Pesquisa\\_Destaques](https://www.cmjornal.pt/sociedade/detalhe/oms-vai-criar-grupo-de-trabalho-sobre-manipulacao-genetica-apos-polemica-chinesa?ref=Pesquisa_Destaques) [Consult. em: 10 de junho de 2019].

Lusa. (2018, dezembro 3). Sting é o primeiro nome confirmado do Festival Marés Vivas em Gaia para 2019. *Correio da Manhã*. Disponível em [https://www.cmjornal.pt/cultura/detalhe/sting-e-a-primeira-confirmacao-do-festival-mares-vivas-em-gaia-para-2019?ref=Pesquisa\\_Destaques](https://www.cmjornal.pt/cultura/detalhe/sting-e-a-primeira-confirmacao-do-festival-mares-vivas-em-gaia-para-2019?ref=Pesquisa_Destaques) [Consult. em: 10 de junho de 2019].

Lusa. (2018, dezembro 4). Benfica sobre a multa a Conceição: “É o descrédito total”. *Público*. Disponível em <https://www.publico.pt/2018/12/04/desporto/noticia/benfica-multa-conceicao-descredito-total-1853506> [Consult. em: 13 de junho de 2019].

Lusa. (2018, dezembro 4). Budapeste vai organizar Mundiais de atletismo de 2023. *Público*. Disponível em <https://www.publico.pt/2018/12/04/desporto/noticia/budapeste-vai-organizar-mundiais-atletismo-2023-1853420> [Consult. em: 13 de junho de 2019].

Lusa. (2018, dezembro 4). Centeno faz “balanço positivo” do seu primeiro ano após eleição para Eurogrupo. *Correio da Manhã*. Disponível em [https://www.cmjornal.pt/economia/detalhe/centeno-faz-balanco-positivo-do-seu-primeiro-ano-apos-eleicao-para-eurogrupo?ref=Pesquisa\\_Destaques](https://www.cmjornal.pt/economia/detalhe/centeno-faz-balanco-positivo-do-seu-primeiro-ano-apos-eleicao-para-eurogrupo?ref=Pesquisa_Destaques) [Consult. em: 10 de junho de 2019].

Lusa. (2018, dezembro 4). Credores europeus viabilizam reembolso antecipado ao FMI. *Expresso*. Disponível em <https://expresso.pt/economia/2018-12-04-Credores-europeus-viabilizam-reembolso-antecipado-ao-FMI> [Consult. em: 11 de junho de 2019].

Lusa. (2018, dezembro 4). ERC dá parecer favorável a mudanças na RTP sob contestação do presidente. *Expresso*. Disponível em <https://expresso.pt/sociedade/2018-12-04-ERC-da-parecer-favoravel-a-mudancas-na-RTP-sob-contestacao-do-presidente> [Consult. em: 11 de junho de 2019].

Lusa. (2018, dezembro 4). Investigadores portugueses criam nova ferramenta para identificar a asma. *Correio da Manhã*. Disponível em [https://www.cmjornal.pt/sociedade/detalhe/investigadores-portugueses-criam-nova-ferramenta-para-identificar-a-asma?ref=Pesquisa\\_Destaques](https://www.cmjornal.pt/sociedade/detalhe/investigadores-portugueses-criam-nova-ferramenta-para-identificar-a-asma?ref=Pesquisa_Destaques) [Consult. em: 10 de junho de 2019].

Lusa. (2018, dezembro 4). Polícia francesa pede adiamento do jogo entre PSG e Montpellier. *Correio da Manhã*. Disponível em <https://www.cmjornal.pt/desporto/futebol/detalhe/jogo-entre-psg-e>

montpellier-adiado-a-pedido-da-policia-francesa?ref=Pesquisa\_Destaques [Consult. em: 10 de junho de 2019].

Lusa. (2018, dezembro 4). Portugal autorizado a completar reembolso antecipado ao FMI. *Público*. Disponível em <https://www.publico.pt/2018/12/04/economia/noticia/portugal-autorizado-completar-reembolso-antecipado-fmi-1853422> [Consult. em: 13 de junho de 2019].

Lusa. (2018, dezembro 4). Um milhão de vacinas da gripe já foram dadas nos centros de saúde. *Público*. Disponível em <https://www.publico.pt/2018/12/04/sociedade/noticia/milhao-vacinas-gripe-ja-dadas-centros-saude-1853434> [Consult. em: 13 de junho de 2019].

Lusa. (2018, dezembro 5). Benfica com várias alterações nos convocados para o jogo com o Paços de Ferreira. *Correio da Manhã*. Disponível em [https://www.cmjornal.pt/desporto/futebol/detalhe/benfica-com-varias-mexidas-nos-convocados-para-o-jogo-com-o-pacos-de-ferreira?ref=Pesquisa\\_Destaques](https://www.cmjornal.pt/desporto/futebol/detalhe/benfica-com-varias-mexidas-nos-convocados-para-o-jogo-com-o-pacos-de-ferreira?ref=Pesquisa_Destaques) [Consult. em: 10 de junho de 2019].

Lusa. (2018, dezembro 5). Conan Osiris, D.A.M.A., Surma e Lura entre os compositores do Festival da Canção 1019. *Correio da Manhã*. Disponível em [https://www.cmjornal.pt/cultura/detalhe/conan-osiris-dama-surma-e-lura-entre-os-compositores-do-festival-da-cancao-2019?ref=Pesquisa\\_Destaques](https://www.cmjornal.pt/cultura/detalhe/conan-osiris-dama-surma-e-lura-entre-os-compositores-do-festival-da-cancao-2019?ref=Pesquisa_Destaques) [Consult. em: 10 de junho de 2019].

Lusa. (2018, dezembro 5). Detido por suspeitas de ter lesado Serviço Nacional de Saúde em meio milhão. *Público*. Disponível em <https://www.publico.pt/2018/12/05/sociedade/noticia/detido-suspeitas-lesado-servico-nacional-saude-meio-milhao-1853596> [Consult. em: 13 de junho de 2019].

Lusa. (2018, dezembro 5). Greve de enfermeiros. Panorama de cirurgias adiadas é “extremamente grave”. *Expresso*. Disponível em <https://expresso.pt/sociedade/2018-12-05-Greve-de-enfermeiros.-Panorama-de-cirurgias-adiadas-e-extremamente-grave> [Consult. em: 11 de junho de 2019].

Lusa. (2018, dezembro 5). Khashoggi. Ministério Público turco pede prisão de dois altos cargos sauditas. *Expresso*. Disponível em <https://expresso.pt/internacional/2018-12-05-Khashoggi.-Ministerio-Publico-turco-pede-prisao-de-dois-altos-cargos-sauditas> [Consult. em: 11 de junho de 2019].

Lusa. (2018, dezembro 5). Navio Funchal vendido em hasta pública a grupo britânico por 3,9 milhões de euros. *Correio da Manhã*. Disponível em [https://www.cmjornal.pt/sociedade/detalhe/navio-funchal-vendido-em-hasta-publica-a-grupo-britanico-signature-living-por-39-me?ref=Pesquisa\\_Destaques](https://www.cmjornal.pt/sociedade/detalhe/navio-funchal-vendido-em-hasta-publica-a-grupo-britanico-signature-living-por-39-me?ref=Pesquisa_Destaques) [Consult. em: 10 de junho de 2019].

Lusa. (2018, dezembro 5). Rali de Portugal realiza-se entre 30 de Maio e 2 de Junho. *Público*. Disponível em <https://www.publico.pt/2018/12/05/desporto/noticia/rali-portugal-realizase-30-maio-2-junho-1853691> <https://www.publico.pt/2018/12/05/sociedade/noticia/sata-condenada-pagar-328-mil-euros-piloto-despedido-post-facebook-1853690> [Consult. em: 13 de junho de 2019].

Lusa. (2018, dezembro 5). Rui Vilar eleito como “voto unânime” presidente do Conselho de Fundadores de Serralves. *Expresso*. Disponível em <https://expresso.pt/cultura/2018-12-05-Rui-Vilar->

eleito-com-voto-unanime-presidente-do-Conselho-de-Fundadores-de-Serralves [Consult. em: 11 de junho de 2019].

Lusa. (2018, dezembro 5). SATA condenada a pagar 328 mil euros a piloto despedido por *post* no Facebook. *Público*. Disponível em [Consult. em: 13 de junho de 2019].

Lusa. (2018, dezembro 5). Tribunal de Contas alerta para seguro de saúde ilegal de deputados. *Correio da Manhã*. Disponível em [https://www.cmjornal.pt/economia/detalhe/tribunal-de-contas-alerta-para-seguro-de-saude-ilegal-de-deputados?ref=Pesquisa\\_Destaques](https://www.cmjornal.pt/economia/detalhe/tribunal-de-contas-alerta-para-seguro-de-saude-ilegal-de-deputados?ref=Pesquisa_Destaques) [Consult. em: 10 de junho de 2019].

Lusa. (2018, dezembro 6). Comité Olímpico confiante na introdução dos 50 km marcha femininos em Tóquio2020. *Público*. Disponível em <https://www.publico.pt/2018/12/06/desporto/noticia/comite-olimpico-confiante-introducao-50-km-marcha-femininos-toquio2020-1853759> [Consult. em: 13 de junho de 2019].

Lusa. (2018, dezembro 6). Maratona literária com a leitura ininterrupta de “Todos os Nomes” vai homenagear Saramago. *Expresso*. Disponível em <https://expresso.pt/cultura/2018-12-06-Maratona-literaria-com-a-leitura-ininterrupta-de-Todos-os-Nomes-vai-homenagear-Saramago> [Consult. em: 12 de junho de 2019].

Lusa. (2018, dezembro 6). Medina considera “inaceitável” não haver serviços mínimos para greve da CP. *Público*. Disponível em <https://www.publico.pt/2018/12/06/economia/noticia/medina-considera-inaceitavel-nao-haver-servicos-minimos-greve-cp-1853745> [Consult. em: 13 de junho de 2019].

Lusa. (2018, dezembro 6). Pierre Moscovici: Portugal deveria “ir um pouco mais além” nas metas do Orçamento para 2019. *Expresso*. Disponível em <https://expresso.pt/economia/2018-12-06-Pierre-Moscovici-Portugal-deveria-ir-um-pouco-mais-alem-nas-metas-do-Orcamento-para-2019> [Consult. em: 12 de junho de 2019].

Lusa. (2018, dezembro 6). Português faz greve de fome em Cabo Verde para mulher receber visto. *Correio da Manhã*. Disponível em [https://www.cmjornal.pt/mundo/detalhe/portugues-faz-greve-de-fome-em-cabo-verde-para-mulher-receber-visto?ref=Pesquisa\\_Destaques](https://www.cmjornal.pt/mundo/detalhe/portugues-faz-greve-de-fome-em-cabo-verde-para-mulher-receber-visto?ref=Pesquisa_Destaques) [Consult. em: 10 de junho de 2019].

Lusa. (2018, dezembro 6). Requalificação do Martim Moniz vai custar três milhões de euros. *Correio da Manhã*. Disponível em [https://www.cmjornal.pt/sociedade/detalhe/requalificacao-do-martim-moniz-vai-custar-tres-milhoes-de-euros?ref=Pesquisa\\_Destaques](https://www.cmjornal.pt/sociedade/detalhe/requalificacao-do-martim-moniz-vai-custar-tres-milhoes-de-euros?ref=Pesquisa_Destaques) [Consult. em: 10 de junho de 2019].

Lusa. (2018, dezembro 7). Bastonária avisa António Costa que adiamento de cirurgias é “catástrofe e calamidade sem precedentes”. *Correio da Manhã*. Disponível em [https://www.cmjornal.pt/sociedade/detalhe/greveenfermeiros-bastonaria-avisa-pm-que-adiamento-de-cirurgias-e-catastrofe-e-calamidade-sem-precedentes?ref=Pesquisa\\_Destaques](https://www.cmjornal.pt/sociedade/detalhe/greveenfermeiros-bastonaria-avisa-pm-que-adiamento-de-cirurgias-e-catastrofe-e-calamidade-sem-precedentes?ref=Pesquisa_Destaques) [Consult. em: 11 de junho de 2019].

Lusa. (2018, dezembro 7). Brexit. Partido Trabalhista tem condições para ganhar eleições, garante Jeremy Corbyn. *Expresso*. Disponível em <https://expresso.pt/internacional/2018-12-07-Brexit.->

Partido-Trabalhista-tem-condicoes-para-ganhar-eleicoes-garante-Jeremy-Corbyn [Consult. em: 12 de junho de 2019].

Lusa. (2018, dezembro 7). Cocktails Molotov e bombas caseiras apreendidas em zona ocupada por “coletes amarelos”. *Correio da Manhã*. Disponível em [https://www.cmjornal.pt/mundo/detalhe/cocktails-molotov-e-bombas-caseiras-apreendidas-em-zona-ocupada-por-coletes-amarelos?ref=Pesquisa\\_Destaques](https://www.cmjornal.pt/mundo/detalhe/cocktails-molotov-e-bombas-caseiras-apreendidas-em-zona-ocupada-por-coletes-amarelos?ref=Pesquisa_Destaques) [Consult. em: 10 de junho de 2019].

Lusa. (2018, dezembro 7). Investigadores do Porto lançam projeto para integrar Torre do Tombo no “mundo digital”. *Expresso*. Disponível em <https://expresso.pt/cultura/2018-12-07-Investigadores-do-Porto-lancam-projeto-para-integrar-Torre-do-Tombo-no-mundo-digital> [Consult. em: 12 de junho de 2019].

Lusa. (2018, dezembro 7) Ministra diz que cirurgias desmarcadas devido a greve serão reagendadas a partir de janeiro. *Correio da Manhã*. Disponível em [https://www.cmjornal.pt/sociedade/detalhe/greveenfermeiros-ministra-diz-que-cirurgias-desmarcadas-serao-reagendadas-a-partir-de-janeiro?ref=Pesquisa\\_Destaques](https://www.cmjornal.pt/sociedade/detalhe/greveenfermeiros-ministra-diz-que-cirurgias-desmarcadas-serao-reagendadas-a-partir-de-janeiro?ref=Pesquisa_Destaques) [Consult. em: 10 de junho de 2019].

Lusa. (2018, dezembro 7). Operação Fizz. Orlando Figueira admite condenação e vai fazer queixa por denegação da justiça. *Expresso*. Disponível em <https://expresso.pt/sociedade/2018-12-07-Operacao-Fizz.-Orlando-Figueira-admite-condenacao-e-vai-fazer-queixa-por-denegacao-de-justica> [Consult. em: 12 de junho de 2019].

Lusa. (2018, dezembro 7). Rui Vitória diz que Ferreyra “não é carta fora do baralho” no Benfica. *Público*. Disponível em <https://www.publico.pt/2018/12/07/desporto/noticia/rui-vitoria-ferreyra-nao-carta-baralho-benfica-1853930> [Consult. em: 13 de junho de 2019].

Lusa. (2018, dezembro 7). Sporting sagra-se campeão europeu de judo. *Correio da Manhã*. Disponível em [https://www.cmjornal.pt/desporto/modalidades/detalhe/20181207\\_1642\\_sporting-sagra-se-campeao-europeu-de-judo?ref=Pesquisa\\_Destaques](https://www.cmjornal.pt/desporto/modalidades/detalhe/20181207_1642_sporting-sagra-se-campeao-europeu-de-judo?ref=Pesquisa_Destaques) [Consult. em: 11 de junho de 2019].

Lusa. (2018, dezembro 7). Trump responde a críticas de Tillerson: é “estúpido que nem um calhau”. *Expresso*. Disponível em <https://expresso.pt/internacional/2018-12-07-Trump-responde-a-criticas-de-Tillerson-e-estupido-que-nem-um-calhau> [Consult. em: 12 de junho de 2019].

Lusa. (2018, dezembro 8). Bombeiros voluntários abandonam Protecção Civil e deixam de prestar informação ao CDOS. *Público*. Disponível em <https://www.publico.pt/2018/12/08/sociedade/noticia/bombeiros-voluntarios-abandonam-proteccao-civil-protesto-diploma-governo-1854056> [Consult. em: 13 de junho de 2019].

Lusa. (2018, dezembro 8). Subida do salário mínimo para 635 euros no Estado abrange 70 mil. *Correio da Manhã*. Disponível em [https://www.cmjornal.pt/economia/detalhe/subida-do-salario-minimo-para-635-euros-no-estado-abrange-70-mil---financas?ref=Pesquisa\\_Destaques](https://www.cmjornal.pt/economia/detalhe/subida-do-salario-minimo-para-635-euros-no-estado-abrange-70-mil---financas?ref=Pesquisa_Destaques) [Consult. em: 11 de junho de 2019].

Lusa. (2018, dezembro 9). Fim das faturas em papel pouparia corte de 280 mil árvores por ano. *Expresso*. Disponível em <https://expresso.pt/economia/2018-12-09-Fim-das-faturas-em-papel-pouparia-corte-de-280-mil-arvores-por-ano> [Consult. em: 18 de junho de 2019].

Lusa. (2018, dezembro 9). Greve vai parar Metro do Porto esta segunda-feira. *Público*. Disponível em <https://www.publico.pt/2018/12/09/economia/noticia/greve-vai-parar-metro-porto-segundafeira-1854127> [Consult. em: 13 de junho de 2019].

Lusa. (2018, dezembro 9). Já há acordo de sindicato e empresas do porto de Setúbal para aumentar efectivos. *Público*. Disponível em <https://www.publico.pt/2018/12/09/economia/noticia/ja-ha-acordo-sindicato-empresas-porto-setubal-aumentar-efectivos-1854099> [Consult. em: 13 de junho de 2019].

Lusa & Público. (2018, dezembro 3). Ministério Público abre inquérito ao caso das alegadas agressões na GNR. *Público*. Disponível em <https://www.publico.pt/2018/12/03/sociedade/noticia/ministerio-publico-abre-inquerito-caso-alegadas-agressoes-gnr-1853307> [Consult. em: 13 de junho de 2019].

Lusa & Público. (2018, dezembro 6). Governo protege CP da concorrência por 15 anos. *Público*. Disponível em <https://www.publico.pt/2018/12/06/economia/noticia/governo-protege-cp-concorrenca-15-anos-1853814> [Consult. em: 13 de junho de 2019].

Lusa & Público. (2018, dezembro 6). Professores entregam 20 mil postais de protesto ao Governo. *Público*. Disponível em [https://www.publico.pt/2018/12/06/sociedade/noticia/professores-entregam-20-mil-postais-protesto-governo-1853760?fbclid=IwAR3qEx1gsFFeDtRqTdAWqvF9KJAd\\_MDvA43YGfNrFBR\\_ELn0uQ7HhAleOTE](https://www.publico.pt/2018/12/06/sociedade/noticia/professores-entregam-20-mil-postais-protesto-governo-1853760?fbclid=IwAR3qEx1gsFFeDtRqTdAWqvF9KJAd_MDvA43YGfNrFBR_ELn0uQ7HhAleOTE) [Consult. em: 13 de junho de 2019].

Luz Saúde fora do mercado. (2018, dezembro 1). *Expresso - Economia*, 10.

M. B. (2018, dezembro 16). Protesto contra part-time. *Correio da Manhã*, 20.

M. G. S. (2018, dezembro 29). Os cinco desafios de Bolsonaro. *Expresso – Primeiro Caderno*, 23.

M. S. C. (2018, dezembro 15). Bloco questiona ambiguidades da lei e não se compromete com apoio. *Expresso – Primeiro Caderno*, 12.

Mãe recebeu vídeo de decapitação. (2018, dezembro 22). *Correio da Manhã*, 30.

Maia, A. (2018, dezembro 2). Nova Lei de Bases da Saúde é vaga na relação entre público e privado. *Público*, 12.

Maia, A. (2018, dezembro 13). Doenças respiratórias matam duas pessoas por hora. *Público*, 8.

Maia, A. (2018, dezembro 13). Hospital de Braga deverá voltar à esfera do SNS. *Público*, 9.

Maia, A. (2018, dezembro 14). Lei de bases do Governo deixa cair estatuto do cuidador informal. *Público*, 10-11.

Maia, A. (2018, dezembro 15). BE quer *cannabis* para fins recreativos vendida em lojas. Público, 14-15.

Maia, A. (2018, dezembro 22). Hospital Garcia de Orta faz menos 250 cirurgias por mês por falta de anestesistas. Público, 13.

Maia, A. (2018, dezembro 22). Nova greve de enfermeiros afectará sete centros hospitalares. Público, 12.

Maioria não quer privilegiar relações com os EUA. (2018, dezembro 28). Público, 26.

Mais de 500 paralisações até outubro. (2018, dezembro 23). Correio da Manhã, 28.

Maltez, J. (2018, dezembro 8). Greve parou comboios. Correio da Manhã, 22.

Maltez, J. (2018, dezembro 12). Crédito para compra de casa volta a crescer. Correio da Manhã, 21.

Maltez, J. (2018, dezembro 21). Crédito ao consumo sobe 6 milhões de euros ao dia. Correio da Manhã, 20.

Maltez, J. (2018, dezembro 22). Preço da habitação sofre subida de 8,5%. Correio da Manhã, 23.

Maltez, J. (2018, dezembro 30). Tribunal recusa pedido a Salgado. Correio da Manhã, 25.

Marcel Keizer "ansioso" pela estreia em Alvalade. (2018, dezembro 9). Público, 24.

Marcelo participa em homenagem às vítimas da tragédia em Borba. (2018, dezembro 8). *Expresso*. Disponível em <https://expresso.pt/sociedade/2018-12-08-Marcelo-participa-em-homenagem-as-vitimas-da-tragedia-em-Borba> [Consult. em: 12 de junho de 2019].

Margato, C. (2018, dezembro 15). O elogio da sombra. *Expresso – Revista E*, 66-67.

Marques Mendes lança hoje ‘Afirmar Portugal no Mundo’. (2018, dezembro 12). Correio da Manhã, 39.

Marques, N. (2018, dezembro 8). #sexismo. Deixem lá o Ed Sheeran e a Beyoncé em paz. *Expresso*. Disponível em <https://expresso.pt/cultura/2018-12-08-sexismo.-Deixem-la-o-Ed-Sheeran-e-a-Beyonce-em-paz> [Consult. em: 12 de junho de 2019].

Marques, V. B. (2018, dezembro 1). Robin Hood. *Expresso – Revista E*, 72.

Marques, V. B. (2018, dezembro 8). Traumatologia. *Expresso – Revista E*, 76.

Marques, V. B. (2018, dezembro 22). Ou nadas ou afundas. *Expresso – Revista E*, 85.

Marrocos sob alerta do Governo. (2018, dezembro 29). *Expresso – Primeiro Caderno*, contracapa.

Martins, A. (2018, dezembro 15). Criança de sete anos morre à guarda do serviço de fronteiras dos EUA. Público, 28.

Martins, C. & Martins, H. C. (2018, dezembro 22). Brasil, à direita, marche! *Expresso – Primeiro Caderno*, 37.

- Martins, H. C. (2018, dezembro 29). “O Governo Bolsonaro é uma articulação perversa”. *Expresso – Primeiro Caderno*, 23.
- Martins, R. (2018, dezembro 1). Alívio nas reformas antecipadas vai abranger mais pessoas. *Público*, 20.
- Mateus, J. N. (2018, dezembro 22). “Se as pessoas são sempre as mesmas, é claro que se criam vícios”. *Expresso – Economia*, 17.
- Mateus, J. N. & Carrapatoso, M. S. (2018, dezembro 22). Governo prevê €20 mil milhões em grandes obras públicas. *Expresso – Primeiro Caderno*, 10.
- Matias, J. M. (2018, dezembro 8). V. Setúbal, o primeiro teste a sério à recuperação do Benfica. *Público*, 48.
- Matias, J. M. (2018, dezembro 13). Um momento de inspiração salvou uma equipa desinspirada. *Público*, 38-39.
- Matias, J. M. (2018, dezembro 14). Quais os adversários de Benfica e Sporting. *Público*, 44.
- Matias, J. M. (2018, dezembro 17). Diagnóstico do Benfica: doença prolongada, com ténues sinais de retoma. *Público*, 39.
- Matias, J. M. (2018, dezembro 21). Os portugueses que levaram Portugal até ao topo. *Público*, 38-39.
- Martins, A. (2018, dezembro 3). Grupo de “coletes amarelos” recusa diálogo com o Governo francês. *Público*. Disponível em <https://www.publico.pt/2018/12/03/mundo/noticia/grupo-coletes-amarelos-recusa-dialogo-governo-frances-1853380> [Consult. em: 13 de junho de 2019].
- Martins, A. (2018, dezembro 4). Grupo de “coletes amarelos” recusa diálogos com o Governo. *Público*, 25.
- Martins, A. (2018, dezembro 5). Macron dá um passo atrás mas os “coletes amarelos” querem mais. *Público*, 30.
- Martins, A. (2018, dezembro 6). O cerco ao “Russiagate” ganha força mas os muros de Trump ainda resistem. *Público*, 22-23.
- Martins, A. (2018, dezembro 12). Medidas de Macron não calam protestos e dão munições a Itália. *Público*, 20-21.
- Martins, A. (2018, dezembro 20). CNN revela carta sobre construção na Rússia assinada por Trump. *Público*, 24-25.
- Martins, A. (2018, dezembro 21). Trump sai da Síria para deixar de ser “polícia do Médio Oriente”. *Público*, 24.
- Martins, C. (2018, dezembro 22). O ano Mapplethorpe. *Expresso – Revista E*, 80-81.
- Martins, C. (2018, dezembro 29). A palavra imperfeita. *Expresso – Revista E*, 71.

- Martins, R. (2018, dezembro 3). Portugal tem a idade mais baixa para aceder à pensão de sobrevivência. *Público*. Disponível em <https://www.publico.pt/2018/12/03/economia/noticia/portugal-pais-onde-idade-aceder-pensao-sobrevivencia-menor-1853313> [Consult. em: 13 de junho de 2019].
- Martins, R. (2018, dezembro 6). Programa para conciliar trabalho e família tem medidas “úteis” mas devia ir mais longe. *Público*, 20.
- Martins, R. (2018, dezembro 7). Aumentos na função pública só chegam aos salários mais baixos. *Público*. Disponível em <https://www.publico.pt/2018/12/07/economia/noticia/aumentos-funcao-publica-so-chegam-salarios-baixos-1853941> [Consult. em: 13 de junho de 2019].
- Martins, R. (2018, dezembro 8). Mais de 600 mil funcionários públicos sem aumentos. *Público*, 22-23.
- Martins, R. (2018, dezembro 11). Reformados a trabalhar no Estado não vão perder dinheiro. *Público*, 21.
- Martins, R. (2018, dezembro 20). Cresap acusa Governo de pôr em causa a sua independência. *Público*, 20.
- Martins, R. (2018, dezembro 22). Queixas por atrasos nas pensões triplicam em 2018. *Público*, 22.
- Martins, R. (2018, dezembro 28). Governo fixa na lei duas vias de acesso à reforma antecipada. *Público*, 20-21.
- Martins, R. & Aníbal, S. (2018, dezembro 13). Pensões aumentam entre seis e 41,8 euros e maioria ganha poder de compra. *Público*, 17.
- Mateus, J. N. (2018, dezembro 8). Consultor denuncia corrupção nos fundos. *Expresso – Economia*, 6.
- Matias, J. M. (2018, dezembro 12). Liverpool empurra o Nápoles para a Liga Europa. *Público*, 39.
- Matias, J. M. (2018, dezembro 22). Satisfação de quase todos os advogados pela decisão do tribunal. *Público*, 43.
- Matos, V. (2018, dezembro 8). A bandeira chinesa a ocidente. *Expresso – Primeiro Caderno*, 10.
- Matos, V. (2018, dezembro 8). PS depende de ‘geringonça’ à direita. *Expresso – Primeiro Caderno*, 20.
- Matos, V. & Carrapatoso, M. S. (2018, dezembro 29). Marcelo quer solução criativa para professores. *Expresso – Primeiro Caderno*, 6.
- May esconde relatório. (2018, dezembro 4). *Correio da Manhã*, 27.
- May exige explicações a Juncker. (2018, dezembro 15). *Correio da Manhã*, 30.
- May sofre dupla derrota nos Comuns. (2018, dezembro 5). *Correio da Manhã*, 29.

Medeia deixa Monumental. (2018, dezembro 22). *Correio da Manhã*, 39.

Medidas vão custar 10 mil milhões. (2018, dezembro 18). *Correio da Manhã*, 28.

Mexia, P. (2018, dezembro 1). Ofício de paciência. *Expresso – Revista E*, 67.

Mexia, P. (2018, dezembro 8). Alguém e ninguém. *Expresso – Revista E*, 72.

Mexia, P. (2018, dezembro 15). A ordem do caos. *Expresso – Revista E*, 70.

Mexia, P. (2018, dezembro 29). Animais poéticos. *Expresso – Revista E*, 72.

Milan recorre para o TAD da penalização da UEFA. (2018, dezembro 26). *Público*, 32.

Ministra quer discutir nova lei. (2018, dezembro 21). *Correio da Manhã*, 38.

Ministra vai rever apoio às artes com ajuda do Grupo de Trabalho. (2018, dezembro 3). *Correio da Manhã*, 40.

Miranda, E. (2018, dezembro 1). Contrariedades, tabus e tábuas de salvação de Centeno. *Expresso – Economia*, 8-9.

Miranda, E. (2018, dezembro 4). 6 argumentos para acabar com o IMT (e mais 6 sugestões de revisão do IMI). *Expresso*. Disponível em <https://expresso.pt/economia/2018-12-04-6-argumentos-para-acabar-com-o-IMT--e-mais-6-sugestoes-de-revisao-do-IMI-> [Consult. em: 11 de junho de 2019].

Miranda, E. (2018, dezembro 8). Fisco lança raide sobre empresas na Zona Franca da Madeira. *Expresso – Economia*, 9.

Miranda, E. (2018, dezembro 9). Fisco lança raide sobre empresas na Zona Franca da Madeira. *Expresso*. Disponível em <https://expresso.pt/economia/2018-12-09-Fisco-lanca-raide-sobre-empresas-na-Zona-Franca-da-Madeira> [Consult. em: 13 de junho de 2019].

Miranda, E. (2018, dezembro 15). Advogados baixam descontos para a Caixa de Previdência. *Expresso – Economia*, 9.

Miranda, E. (2018, dezembro 22). Acesso do Fisco a contas bancárias ficou esquecido. *Expresso – Economia*, 10.

Moleiro, R. (2018, dezembro 22). ANA teme caos na fronteira. *Expresso – Primeiro Caderno*, 11.

Monteiro, A. S. (2018, dezembro 9). Confrontos entre claques em Famalicão ferem adepto. *Correio da Manhã*. Disponível em [https://www.cmjornal.pt/desporto/futebol/detalhe/confrontos-entre-claques-em-famalicao-ferem-adepto?ref=Pesquisa\\_Destaques](https://www.cmjornal.pt/desporto/futebol/detalhe/confrontos-entre-claques-em-famalicao-ferem-adepto?ref=Pesquisa_Destaques) [Consult. em: 11 de junho de 2019].

Monteiro, M. J. (2018, dezembro 6). Nesta roda da sorte do presente, o futuro está em jogo. *Público*, 37.

Monteiro, M. J. (2018, dezembro 9). Joanne Harris: “Na escrita há uma espera semelhante à fermentação do vinho”. *Público*. Disponível em

<https://www.publico.pt/2018/12/09/culturaipsilon/noticia/joanne-harris-escrita-ha-espera-semelhante-fermentacao-vinho-1854103> [Consult. em: 13 de junho de 2019].

Monteiro, M. J. (2018, dezembro 10). “Na escrita há uma espera semelhante à fermentação do vinho”. *Público*, 27.

Moreira, J. G. (2018, dezembro 29). A morte do comendador. *Expresso – Revista E*, 72.

Moreira, N. de S. (2018, dezembro 10). Franceses são tréguas temporárias a Macron. *Correio da Manhã*, 28-29.

Morreu Pete Shelley, vocalista dos Buzzcocks. (2018, dezembro 6). *Correio da Manhã*. Disponível em [https://www.cmjornal.pt/cultura/detalhe/morreu-pete-shelley-vocalista-dos-buzzcocks?ref=Pesquisa\\_Destaques](https://www.cmjornal.pt/cultura/detalhe/morreu-pete-shelley-vocalista-dos-buzzcocks?ref=Pesquisa_Destaques) [Consult. em: 10 de junho de 2019].

Mota, M. (2018, dezembro 22). De Nazaré a Belém, 2018 anos depois. *Expresso – Primeiro Caderno*, 22-23.

Moura, C. L. (2018, dezembro 23). O futuro do retalho está algures entre o mundo físico e digital (e no que as lojas sabem sobre nós). *Público*, 16-17.

Mourinha, J. (2018, dezembro 2). Os segredos de António Reis e Margarida Cordeiro estão aí para ser descobertos. *Público*, 21.

Movimento dos ‘Coletes Amarelos’. (2018, dezembro 22). *Expresso – Primeiro Caderno*, 34.

Mulher de 136 quilos senta-se em cima do namorado e mata-o. (2018, dezembro 4). *Correio da Manhã*. Disponível em [https://www.cmjornal.pt/mundo/detalhe/mulher-de-136-quilos-senta-se-em-cima-do-namorado-e-mata-o?ref=Pesquisa\\_Destaques](https://www.cmjornal.pt/mundo/detalhe/mulher-de-136-quilos-senta-se-em-cima-do-namorado-e-mata-o?ref=Pesquisa_Destaques) [Consult. em: 10 de junho de 2019].

Nascimento, E. (2018, dezembro 10). Natal e Ano Novo sem comboios. *Correio da Manhã*, 20.

Nascimento, E. (2018, dezembro 13). Tabaco provoca 32 mortes diariamente. *Correio da Manhã*, 18.

Nascimento, E. (2018, dezembro 21). Imigração trava mais perda de população. *Correio da Manhã*, 16.

Negociações directas no Iémen com progressos. (2018, dezembro 10). *Público*, 22.

Nogueira, R. (2018, dezembro 4). Madlib, IAMDDDB, Kamaal Williams e Arca no novo festival do Estoril. *Público*. Disponível em <https://www.publico.pt/2018/12/04/culturaipsilon/noticia/madlib-iamddb-kamaal-williams-arca-vao-estoril-marco-1853433> [Consult. em: 13 de junho de 2019].

Nogueira, R. (2018, dezembro 22). UHF: soprar as velas dos 40 com Legendary Tigerman, Frankie Chavez e João Pedro Pais. *Público*, 30.

Nogueira, R. (2018, dezembro 24). Projecto de divulgação digital da música portuguesa só em 2019. *Público*, 26.

Nogueira, R. (2018, dezembro 30). As novas séries que vamos querer descobrir em 2019. *Público*, 20-22.

Nova greve dos guardas prisionais ameaça relançar protestos nas cadeias. (2018, dezembro 6). *Expresso*. Disponível em <https://expresso.pt/sociedade/2018-12-06-Nova-greve-dos-guardas-prisionais-ameaca-relancar-protestos-nas-cadeias> [Consult. em: 11 de junho de 2019].

Novo Banco vende créditos e sai da Madeira. (2018, dezembro 29). *Expresso – Economia*, 2.

Novo episódio na novela dos devedores da CGD. (2018, dezembro 15). *Expresso – Economia*, 2.

O caminho do Porto foi dar a Roma. (2018, dezembro 22). *Expresso – Primeiro Caderno*, 29.

O economista-detetive – Quanto pode valer um rim no mercado negro?. (2018, dezembro 8). *Expresso – Economia*, 2.

O mesmo onze para continuar longe da crise. *Expresso*. (2018, dezembro 8). Disponível em <https://tribunaexpresso.pt/futebol-nacional/2018-12-08-O-mesmo-onze-para-continuar-longo-da-crise> [Consult. em: 12 de junho de 2019].

O porto de Setúbal vai voltar a ser o que sempre foi: apenas um porto. (2018, dezembro 15). *Expresso – Economia*, 2.

Óbidos segura ‘Menino Jesus’. (2018, dezembro 16). *Correio da Manhã*, 41.

Oliveira, M. (2018, dezembro 3). Instrutores da GNR terão agredido formandos já no chão. *Público*, 14.

Oliveira, M. (2018, dezembro 15). Registo da atribuição do caso Sócrates a Carlos Alexandre desapareceu. *Público*, 16.

Oliveira, M. (2018, dezembro 18). Famílias de médico e enfermeira recebem pelo menos meio milhão. *Público*, 12-13.

Oliveira, M. (2018, dezembro 19). Central do 112 terminou buscas sem avisar Força Aérea. *Público*, 10-11.

Oliveira, M. & Crisóstomo, P. (2018, dezembro 14). Chefia da EGF travou pedido para Cruz Vermelha repor 8,7 milhões. *Público*, 20-21.

Oliveira, R. (2018, dezembro 10). Deco quer devolução de taxa 'ilegal' do gás. *Correio da Manhã*, 28.

Oliveira, R. (2018, dezembro 11). Renovável competitiva. *Correio da Manhã*, 22.

Oliveira, R. (2018, dezembro 12). Mais 170 com apoios. *Correio da Manhã*, 22.

Oliveira, R. (2018, dezembro 13). Maioria das pensões sobe 1,6% em janeiro. *Correio da Manhã*, 21.

Oliveira, R. (2018, dezembro 17). Pinho vai ser ouvido sobre rendas da EDP. *Correio da Manhã*, 29.

Oliveira, R. (2018, dezembro 17). Investigação judicial prossegue em paralelo. *Correio da Manhã*, 29.

Oliveira, R. (2018, dezembro 18). Preços vão descer 3,5% já em janeiro. *Correio da Manhã*, 21.

Oliveira, R. (2018, dezembro 22). Eletricidade baixa. *Correio da Manhã*, 22.

Oliveira, T. (2018, dezembro 1). A economia dos genéricos está a mudar. *Expresso – Economia*, 16.

Ornatos regressam em 2019. (2018, dezembro 14). *Correio da Manhã*, 39.

Pacheco, N. (2018, dezembro 18). Filipe Raposo e Rita Maria revelam de que é feita a arte das canções. *Público*, 28.

Pacheco, N. (2018, dezembro 19). “O Natal, para mim, começa por ser um cuidado com os outros”. *Público*, 26.

Pacheco, N. (2018, dezembro 20). Mostrar Francisco de Holanda como um dos grandes do Renascimento. *Público*, 32.

Paixão, P. & Arreigoso, V. L. (2018, dezembro 29). Mortes de peões aumentam 32%. *Expresso – Primeiro Caderno*, 5.

Pânico em discoteca italiana provoca a morte a seis pessoas e ferimentos em mais de 100. (2018, dezembro 8). *Expresso*. Disponível em <https://expresso.pt/internacional/2018-12-08-Panico-em-discoteca-italiana-provoca-a-morte-a-seis-pessoas-e-ferimentos-em-mais-de-100> [Consult. em: 12 de junho de 2019].

Papa ataca consumismo. (2018, dezembro 26). *Correio da Manhã*, 17.

Para contratos acima de 2 anos. (2018, dezembro 18). *Correio da Manhã*, 21.

Paulo, I. (2018, dezembro 1). Troca de *e-mails* entre juristas compromete Rio na Arrábida. *Expresso – Primeiro Caderno*, 16.

Paulo, I. (2018, dezembro 8). “Já ouvi ‘vai para casa coser meias’, mas também já saí com palmas”. *Expresso – Primeiro Caderno*, 44.

Paulo, I. (2018, dezembro 8). Rio quer “esta pouca-vergonha” na Justiça. *Expresso – Primeiro Caderno*, 16-17.

Pequenino, K. (2018, dezembro 15). Ganhar nos videojogos também implica boa forma física. *Público*, 50-51.

Pereira, A. C. (2018, dezembro 10). O que Emília mais quer é ver os filhos encaminhados. *Público*, 12-13.

Pereira, A. C. (2018, dezembro 12). Felismina ficou sem abrigo com uma filha pequena e um filho deficiente. *Público*, 12-13.

Pereira, A. E. (2018, dezembro 9). Funcionários escolhem entre salário e pensão. *Correio da Manhã*, 28.

Pereira, A. M. (2018, dezembro 10). Jonas é vitamina para Rui Vitória. *Correio da Manhã*, 30.

- Pereira, A. M. (2018, dezembro 15). Apelo interno à resistência. *Correio da Manhã*, 32.
- Pereira, A. M. (2018, dezembro 26). Rui Vitória cala crítica interna. *Correio da Manhã*, 33.
- Pereira, A. M. & Ferreira, F. A. (2018, dezembro 27). Rui Vitória muda para a Taça da Liga. *Correio da Manhã*, 33.
- Pereira, A. M. & M. F. (2018, dezembro 28). Dyego Sousa é muito caro. *Correio da Manhã*, 32.
- Pereira, H. & Lourenço, E. (2018, dezembro 6). “Se continuarmos assim, o Porto de Setúbal deixará de ser viável”. *Público*, 18-19.
- Pereira, L. (2018, dezembro 15). Luz e sombra do herói americano. *Expresso – Revista E*, 59-61.
- Pereira, M. (2018, dezembro 1). Nova casa é do primo. *Expresso – Primeiro Caderno*, 7.
- Pereira, M. (2018, dezembro 4). “FC Porto tem sido favorecido”. *Correio da Manhã*, 32.
- Pereira, M. (2018, dezembro 5). Jovane ‘pede’ lugar no onze. *Correio da Manhã*, 32.
- Pereira, M. (2018, dezembro 30). Sporting avança para a final four. *Correio da Manhã*, 33.
- Pereira, M. & Gustavo, R. (2018, dezembro 4). Tribunal devolve a título definitivo todos os quadros a Sócrates, menos “Salomé” de Júlio Pomar. *Expresso*. Disponível em <https://expresso.pt/sociedade/2018-12-04-Tribunal-devolve-a-titulo-definitivo-todos-os-quadros-a-Socrates-menos-Salome-de-Julio-Pomar> [Consult. em: 11 de junho de 2019].
- Pereira, M. P. & Ferreira, F. A. (2018, dezembro 3). Vieira elogiou atitude da equipa. *Correio da Manhã*, 30.
- Pereira, R. L. (2018, dezembro 17). Nuno Pinto luta contra cancro. *Correio da Manhã*, 32.
- Pereira, R. L. (2018, dezembro 18). Nuno Pinto quer voltar em breve. *Correio da Manhã*, 31.
- Pereira, R. L. (2018, dezembro 29). Goleada ajuda a esquecer... a Luz. *Correio da Manhã*, 33.
- Pereira, T. V. (2018, dezembro 9). Wilson Eduardo põe Braga em 2.º. *Correio da Manhã*, 36.
- Pereira, T. V. (2018, dezembro 9). Wilson Eduardo põe Braga no 2.º lugar da Liga. *Correio da Manhã*. Disponível em [https://www.cmjornal.pt/desporto/futebol/detalhe/wilson-eduardo-poe-braga-no-2-lugar-da-liga?ref=Pesquisa\\_Destaques](https://www.cmjornal.pt/desporto/futebol/detalhe/wilson-eduardo-poe-braga-no-2-lugar-da-liga?ref=Pesquisa_Destaques) [Consult. em: 11 de junho de 2019].
- Pereira, T. V. (2018, dezembro 15). Tribunal de Seia fecha por falta de condições. *Correio da Manhã*, 16.
- Pereira, T. V. & Pepino, J. N. (2018, dezembro 8). Ratos, chuva e frio em escolas do Centro. *Correio da Manhã*, 18.
- Peres, C. (2018, dezembro 1). Favorita de Merkel encabeça corrida à liderança da CDU. *Expresso – Primeiro Caderno*, 29.
- Peres, C. (2018, dezembro 8). AKK recebe testemunho de Merkel. *Expresso – Primeiro Caderno*, 38.

Peres, C. (2018, dezembro 15). A líder que vai ter de voltar a unir a CDU. Expresso – Primeiro Caderno, 36.

Peres, C. (2018, dezembro 29). A fúria de Krakatu, Etna e Stromboli. Expresso – Primeiro Caderno, 19.

PGR considera “ilícito” cada enfermeiro decidir paralisação. (2018, dezembro 1). Correio da Manhã, 17.

Pimentel, T. (2018, dezembro 4). Uma Bola de Ouro para Modric e sem qualquer *suspense*. Público, 39.

Pimentel, T. (2018, dezembro 9). Exibição curta deu vitória igualmente curta. Público, 23.

Pimentel, T. (2018, dezembro 19). Manchester United de volta à estaca zero. Público, 37.

Pimentel, T. (2018, dezembro 26). Eles são os “fiéis escudeiros” dos treinadores da I Liga. Público, 30-31.

Pimentel, T. (2018, dezembro 30). Três candidatos para a última vaga na final a quatro. Público, 25.

Pimentel, T. (2018, dezembro 31). Manchester United despede-se de 2018 com melhor série da época. Público, 31.

Pimentel, T. & Sousa, N. (2018, dezembro 23). Palace estraga Natal do Man. City, Solskjaer melhora o do United. Público, 24-25.

Pinto, L. (2018, dezembro 4). Insolvência volta a pairar na Soares da Costa. Público, 24.

Pinto, L. (2018, dezembro 5). Câmaras desprezam armas para combater prémios devolutos. Público, 24.

Pinto, L. (2018, dezembro 7). Governo cria uma espécie de Plano Juncker para apoiar empresas. Público, 26-27.

Pinto, L. (2018, dezembro 10). Da Av. Almirante Reis à gentrificação. Público, 25.

Pinto, L. (2018, dezembro 10). “Há um défice de política pública na habitação”. Público, 24-25.

Pinto, L. (2018, dezembro 28). Bloco propõe a criação de um Serviço Nacional de Habitação. Público, 22.

Pinto, M. (2018, dezembro 15). “Ouvi 5 tiros seguidos e vi pessoas a correr”. Correio da Manhã, 30.

Pinto, P. M. (2018, dezembro 3). Mulher tem bebé no WC do hospital. Correio da Manhã, 19.

Pinto, S. (2018, dezembro 29). Casa liquida crédito. Correio da Manhã, 22.

Pombo, D. (2018, dezembro 22). Adeus não, “Kikas”, até breve. Expresso – Primeiro Caderno, 29.

Porto de Setúbal perde rotas de contentores. (2018, dezembro 8). Expresso – Economia, 2.

Portugal defronta Suíça na meia-final da Liga das Nações. (2018, dezembro 3). *Expresso*. Disponível em <https://tribunaexpresso.pt/selecoes/2018-12-03-Portugal-defronta-Suica-na-meia-final-da-Liga-das-Nacoes> [Consult. em: 11 de junho de 2019].

Portugal eleito como o melhor destino turístico do Mundo. (2018, dezembro 2). *Correio da Manhã*, 29.

Portugueses apreensivos com aumento de violência eleitoral. (2018, dezembro 28). *Correio da Manhã*, 29.

Prado, M. (2018, dezembro 1). EDP entra na corrida solar em Portugal. *Expresso – Economia*, 11.

Prado, M. (2018, dezembro 1). Venda da Comporta acaba com ameaças de processos-crime. *Expresso – Economia*, 10.

Prado, M. (2018, dezembro 8). Ex-ministro do Ambiente vai ao DCIAP. *Expresso – Primeiro Caderno*, 6.

Prado, M. (2018, dezembro 8). Preço da eletricidade vai descer 3,5% em janeiro. *Expresso – Primeiro Caderno*, 6.

Prado, M. (2018, dezembro 8). Subida de preços cria défice de €46 milhões. *Expresso – Economia*, 12.

Prado, M. (2018, dezembro 15). Évora, sol e um novo mundo sem subsídios. *Expresso – Economia*, 8.

Prado, M. (2018, dezembro 15). Relatório à *troika* fintou Henrique Gomes. *Expresso – Economia*, 8.

Prado, M. (2018, dezembro 22). Mexia redesenha a EDP em plena OPA. *Expresso – Economia*, 8-9.

Prado, M. (2018, dezembro 29). “O regulador é independente mas não é soberano”. *Expresso – Economia*, 8-9.

Prado, M. & Pereira, J. V. (2018, dezembro 15). OPA à EDP está cada vez mais difícil. *Expresso – Economia*, 8.

Prado, M., V. M. & P. S. G. (2018, dezembro 8). Ninguém falou da OPA? Oficialmente, não. *Expresso – Primeiro Caderno*, 10.

Preço da eletricidade baixa até 6,3%. (2018, dezembro 29). *Expresso - Economia*, 2.

Prémio Voluntariado – Santander Universidades. (2018, dezembro 5). *Correio da Manhã*. Disponível em [https://www.cmjornal.pt/sociedade/detalhe/premio-voluntariado---santander-universidades?ref=Pesquisa\\_Destaques](https://www.cmjornal.pt/sociedade/detalhe/premio-voluntariado---santander-universidades?ref=Pesquisa_Destaques) [Consult. em: 10 de junho de 2019].

Presidente fecha associação porque diz que está “curada”. (2018, dezembro 5). *Correio da Manhã*, 18.

Preso britânico volta para casa. (2018, dezembro 26). *Correio da Manhã*, 29.

Príncipe Harry e Megan Markle ameaçados de morte por grupo de nazi britânico. (2018, dezembro 6). *Correio da Manhã*. Disponível em [https://www.cmjornal.pt/mundo/detalhe/principe-harry-e-megan-markle-ameacados-de-morte-por-grupo-nazi-britanico?ref=Pesquisa\\_Destaques](https://www.cmjornal.pt/mundo/detalhe/principe-harry-e-megan-markle-ameacados-de-morte-por-grupo-nazi-britanico?ref=Pesquisa_Destaques) [Consult. em: 10 de junho de 2019].

Proença, L. (2018, dezembro 8). A nova estratégia do YouTube: conteúdos originais deixam de ser pagos mas passam a ter publicidade. *Expresso*. Disponível em <https://expresso.pt/cultura/2018-12-08-A-nova-estrategia-do-YouTube-conteudos-originais-deixam-de-ser-pagos-mas-passam-a-ter-publicidade> [Consult. em: 12 de junho de 2019].

Protesto junto ao Supremo. (2018, dezembro 28). *Correio da Manhã*, 16.

PSD quer ouvir presidente da CP e director demitido. (2018, dezembro 19). *Público*, 19.

Público & Lusa. (2018, dezembro 2). Sp. Braga vence Moreirense e mantém-se no topo. *Público*, 25.

Público & Lusa. (2018, dezembro 3). A boa e a má fase do Vitória e do Desp. Chaves. *Público*, 39.

Público & Lusa. (2018, dezembro 5). Neneh Cherry, Janelle Monáe, Solange e Rosalía no primeiro Primavera Sound de Barcelona paritária. *Público*. Disponível em <https://www.publico.pt/2018/12/05/culturaipsilon/noticia/interpol-tame-impala-deerhunter-james-blake-primal-scream-cartaz-primavera-sound-barcelona-1853706> [Consult. em: 13 de junho de 2019].

Público & Lusa. (2018, dezembro 8). Gás lacrimogénio contra os “coletes” em Bruxelas. *Público*. Disponível em <https://www.publico.pt/2018/12/08/mundo/noticia/gas-lacrimogeneo-coletes-belgas-1854079> [Consult. em: 13 de junho de 2019].

Público & Lusa. (2018, dezembro 8). Tomás Correia diz que se separou o “trigo do joio” no Montepio. *Público*. Disponível em <https://www.publico.pt/2018/12/08/economia/noticia/adversarios-destacam-perda-maioria-tomas-correia-associacao-mutualista-montepio-1854054> [Consult. em: 13 de junho de 2019].

Público & Lusa. (2018, dezembro 16). Boavista regressa às vitórias, o Tondela não. *Público*, 25.

Público & Lusa. (2018, dezembro 19). Liga dos Bombeiros admite “pontos de convergência” com o Ministério da Administração Interna. *Público*, 12.

Público & Lusa. (2018, dezembro 19). Portuguesa condenada a cinco anos de prisão por pertencer a grupo neonazi. *Público*, 23.

Público & Lusa. (2018, dezembro 30). Bombeiros mantêm suspensão dos protestos. *Público*, 7.

Público & Reuters. (2018, dezembro 9). Pequenos progressos nas primeiras conversações directas no Iémen. *Público*. Disponível em <https://www.publico.pt/2018/12/09/mundo/noticia/progressos-primeiras-conversacoes-directas-iyemen-1854119> [Consult. em: 13 de junho de 2019].

Putín garante que a Rússia está “aberta ao diálogo” com os EUA. (2018, dezembro 31). *Correio da Manhã*, 28.

- Putin recusa entregar navios. (2018, dezembro 3). *Correio da Manhã*, 28.
- Queirós, L. M. (2018, dezembro 6). Director do Museu de Serralves será escolhido por convite. *Público*, 36.
- Queirós, L. M. (2018, dezembro 9). Fundação Mário Soares: o fim anunciado de um arquivo único. *Público*, 18-19.
- Queirós, L. M. (2018, dezembro 9). Uma Casa Comum para uma memória partilhada. *Público*, 19-21.
- Queirós, L. M. (2018, dezembro 9). Uma Casa Comum para uma memória partilhada. *Público*. Disponível em <https://www.publico.pt/2018/12/09/culturaipsilon/noticia/casa-comum-memoria-partilhada-1854052> [Consult. em: 13 de junho de 2019].
- Queirós, L. M. (2018, dezembro 13). Gil Vicente e Beckett encontram-se uma noite no futuro. *Público*, 28-29.
- Ralph Hasenhüttl substitui Mark Hughes no Southampton. (2018, dezembro 5). *Público*. Disponível em <https://www.publico.pt/2018/12/05/desporto/noticia/southampton-contrata-austriaco-ralph-hasenhuttl-1853638> [Consult. em: 13 de junho de 2019].
- Ramos, D. (2018, dezembro 4). Carne de porco e uvas ajudam exportações. *Correio da Manhã*, 23.
- Ramos, D. (2018, dezembro 5). Centeno pede medidas adicionais a Portugal. *Correio da Manhã*. Disponível em [https://www.cmjornal.pt/economia/detalhe/centeno-pede-medidas-adicionais-a-portugal?ref=Pesquisa\\_Destaques](https://www.cmjornal.pt/economia/detalhe/centeno-pede-medidas-adicionais-a-portugal?ref=Pesquisa_Destaques) [Consult. em: 10 de junho de 2019].
- Ramos, D. (2018, dezembro 5). Centeno pede medidas adicionais a Portugal. *Correio da Manhã*, 21.
- Ramos, D. (2018, dezembro 6). Juros baixos até ao verão de 2020. *Correio da Manhã*. Disponível em [https://www.cmjornal.pt/exclusivos/detalhe/juros-negativos-ficam-por-mais-ano-e-meio?ref=Pesquisa\\_Destaques](https://www.cmjornal.pt/exclusivos/detalhe/juros-negativos-ficam-por-mais-ano-e-meio?ref=Pesquisa_Destaques) [Consult. em: 10 de junho de 2019].
- Ramos, D. (2018, dezembro 6). Juros negativos ficam por mais ano e meio. *Correio da Manhã*, 23.
- Ramos, D. (2018, dezembro 7). Contas da mutualista são a principal dúvida. *Correio da Manhã*, 20.
- Ramos, D. (2018, dezembro 7). Contas da mutualista são a principal dúvida em dia de eleições no Montepio. *Correio da Manhã*. Disponível em [https://www.cmjornal.pt/economia/detalhe/contas-da-mutualista-sao-a-principal-duvida-em-dia-de-eleicoes-no-montepio?ref=Pesquisa\\_Destaques](https://www.cmjornal.pt/economia/detalhe/contas-da-mutualista-sao-a-principal-duvida-em-dia-de-eleicoes-no-montepio?ref=Pesquisa_Destaques) [Consult. em: 10 de junho de 2019].
- Ramos, D. & Frazão, J. (2018, dezembro 7). Assinados 17 acordos para a cooperação económica entre Portugal e China. *Correio da Manhã*. Disponível em [https://www.cmjornal.pt/economia/detalhe/assinados-17-acordos-para-a-cooperacao-economica-entre-portugal-e-china?ref=Pesquisa\\_Destaques](https://www.cmjornal.pt/economia/detalhe/assinados-17-acordos-para-a-cooperacao-economica-entre-portugal-e-china?ref=Pesquisa_Destaques) [Consult. em: 10 de junho de 2019].
- Ramos, D. (2018, dezembro 13). Marcha de reboques. *Correio da Manhã*, 22.
- Ramos, D. (2018, dezembro 14). Contas do Montepio voltam ao vermelho. *Correio da Manhã*, 21.

Ramos, D. (2018, dezembro 19). Salários sobem mas rendimento não mexe. Correio da Manhã, 23.

Ramos, D. (2018, dezembro 20). Portagem desce para SUV com Via Verde. Correio da Manhã, 21.

Ramos, D. (2018, dezembro 28). 45 anos de descontos dão pensão aos 65. Correio da Manhã, 20.

Ramos, D. (2018, dezembro 29). Combustível a cair no arranque do ano. Correio da Manhã, 23.

Ramos, D. & Oliveira, R. (2018, dezembro 16). Cobradores de dívidas andam a atropelar a lei. Correio da Manhã, 28.

Ramos, J. L. (2018, dezembro 1). Bonomia doce. Expresso – Revista E, 70.

Ramos, J. L. (2018, dezembro 1). Dias frios em Leninegrado. Expresso – Revista E, 72.

Ramos, J. L. (2018, dezembro 8). Parque Mayer. Expresso – Revista E, 76.

Ramos, J. L. (2018, dezembro 15). Colette. Expresso – Revista E, 74.

Ramos, J. L. (2018, dezembro 15). Íntimo e épico. Expresso – Revista E, 72.

Ramos, J. L. (2018, dezembro 22). Açúcar para o Natal. Expresso – Revista E, 84.

Ramos, J. L. (2018, dezembro 22). “Sara” e os outros. Expresso – Revista E, 70.

Ramos, J. L. (2018, dezembro 29). Bergman no ano zénite. Expresso – Revista E, 75.

Ramos, R. (2018, dezembro 4). ‘Coletes amarelos’ rejeitam negociações. Correio da Manhã, 27.

Ramos, R. (2018, dezembro 5). Recuo de Macron não trava protestos. Correio da Manhã, 29.

Ramos, R. (2018, dezembro 6). Relatório legal reforça revolta contra May. Correio da Manhã, 29.

Ramos, R. (2018, dezembro 7). Três candidatos lutam por herança de Merkel. Correio da Manhã, 28.

Ramos, R. (2018, dezembro 8). Paris barricada contra nova onda de violência. Correio da Manhã, 30.

Ramos, R. (2018, dezembro 11). May adia votação para evitar derrota. Correio da Manhã, 28.

Ramos, R. (2018, dezembro 13). Theresa May resiste e mantém liderança. Correio da Manhã, 30.

Ramos, R. (2018, dezembro 14). Votação do Brexit adiada para janeiro. Correio da Manhã, 28.

Ramos, R. (2018, dezembro 18). May adia voto para pressionar deputados. Correio da Manhã, 28.

Ramos, R. (2018, dezembro 19). “Atentado grave ao interesse de Espanha”. Correio da Manhã, 29.

Ramos, R. (2018, dezembro 22). Fúria independentista bloqueia Barcelona. Correio da Manhã, 30.

Ramos, R. (2018, dezembro 29). Trump ameaça fechar fronteira com o México. Correio da Manhã, 30.

Ramos, R. (2018, dezembro 30). Egito mata 40 terroristas. Correio da Manhã, 32.

Ramos, R. (2018, dezembro 31). Trump culpa oposição por morte de crianças. Correio da Manhã, 28.

- Reforço dos populismos. (2018, dezembro 22). Expresso – Primeiro Caderno, 34.
- Reis, C. (2018, dezembro 15). PSD quer EMEL a enviar SMS antes de rebocar carros. Expresso – Primeiro Caderno, 8.
- Reis, C. & Lima, R. P. (2018, dezembro 8). Costa faz conciliação sozinho. Expresso – Primeiro Caderno, 22.
- Renamo fala sobre rapto de português. (2018, dezembro 8). Expresso – Primeiro Caderno, 39.
- Reuters (2018, dezembro 9). Pacto das Migrações leva nacionalistas flamengos a abandonar governo belga. *Público*. Disponível em <https://www.publico.pt/2018/12/09/mundo/noticia/governo-belga-minoria-apos-desacordo-relacao-pacto-migracoes-1854105> [Consult. em: 13 de junho de 2019].
- Revez, I. (2018, dezembro 16). Só 38% dos médicos formados no Algarve ficaram na região. *Público*, 6-7.
- Ribeiro, A. M. (2018, dezembro 2). Marés Vivas à frente na descida dos preços. *Correio da Manhã*, 41.
- Ribeiro, A. M. (2018, dezembro 3). O gato Bob tem mais um livro publicado. *Correio da Manhã*, 40.
- Ribeiro, A. M. (2018, dezembro 4). Henrique Feist quer mais êxito de Natal. *Correio da Manhã*. Disponível em [https://www.cmjornal.pt/cultura/detalhe/henrique-feist-quer-mais-exito-de-natal?ref=Pesquisa\\_Destaques](https://www.cmjornal.pt/cultura/detalhe/henrique-feist-quer-mais-exito-de-natal?ref=Pesquisa_Destaques) [Consult. em: 10 de junho de 2019].
- Ribeiro, A. M. (2018, dezembro 6). Filme mostra ano em que Salazar triunfou. *Correio da Manhã*, 39.
- Ribeiro, A. M. (2018, dezembro 8). Coleção Gulbenkian já anda em digressão. *Correio da Manhã*, 38.
- Ribeiro, A. M. (2018, dezembro 8). Coleção Gulbenkian já anda em digressão. *Correio da Manhã*. Disponível em [https://www.cmjornal.pt/cultura/detalhe/colecao-gulbenkian-ja-anda-em-digressao?ref=Pesquisa\\_Destaques](https://www.cmjornal.pt/cultura/detalhe/colecao-gulbenkian-ja-anda-em-digressao?ref=Pesquisa_Destaques) [Consult. em: 11 de junho de 2019].
- Ribeiro, A. M. (2018, dezembro 9). Angola pode pedir devolução de arte. *Correio da Manhã*, 41.
- Ribeiro, A. M. (2018, dezembro 9). Angola pode pedir devolução de arte a Portugal. *Correio da Manhã*. Disponível em [https://www.cmjornal.pt/cultura/detalhe/angola-pode-pedir-devolucao-de-arte-a-portugal?ref=Pesquisa\\_Destaques](https://www.cmjornal.pt/cultura/detalhe/angola-pode-pedir-devolucao-de-arte-a-portugal?ref=Pesquisa_Destaques) [Consult. em: 11 de junho de 2019].
- Ribeiro, A. M. (2018, dezembro 10). Fundação Mário Soares vai reduzir o seu acervo. *Correio da Manhã*, 39.
- Ribeiro, A. M. (2018, dezembro 10). Fundação Mário Soares vai reduzir o seu acervo. *Correio da Manhã*. Disponível em [https://www.cmjornal.pt/cultura/detalhe/fundacao-mario-soares-vai-reduzir-o-seu-acervo?ref=Pesquisa\\_Destaques](https://www.cmjornal.pt/cultura/detalhe/fundacao-mario-soares-vai-reduzir-o-seu-acervo?ref=Pesquisa_Destaques) [Consult. em: 11 de junho de 2019].
- Ribeiro, A. M. (2018, dezembro 11). ICA dá 2,5 milhões a seis realizadores. *Correio da Manhã*, 39.
- Ribeiro, A. M. (2018, dezembro 17). Toda a gente mente sobretudo os casais. *Correio da Manhã*, 40.

- Ribeiro, A. M. (2018, dezembro 18). Apoios às artes vão a discussão pública. *Correio da Manhã*, 39.
- Ribeiro, A. M. (2018, dezembro 23). Joaquim Monchique volta a ser ‘Deus’. *Correio da Manhã*, 39.
- Ribeiro, A. M. (2018, dezembro 24). Ed Sheeran tem a tour mais rentável do ano. *Correio da Manhã*, 39.
- Ribeiro, A. M. (2018, dezembro 27). Obras em restaurante revelam 28 esqueletos. *Correio da Manhã*, 39.
- Ribeiro, A. M. (2018, dezembro 30). Uma ‘Alice’ para quem precisa de fantasia. *Correio da Manhã*, 41.
- Ribeiro, A. M. (2018, dezembro 31). Gospel luso esgota e faz sessão extra. *Correio da Manhã*, 40.
- Ribeiro, D. (2018, dezembro 1). Irredutíveis gauleses contra Presidente “insensível às pessoas”. *Expresso – Primeiro Caderno*, 28.
- Ribeiro, D. (2018, dezembro 8). ‘Coletes amarelos’ esvaziam Paris. *Expresso – Primeiro Caderno*, 36.
- Ribeiro, D. (2018, dezembro 15). Terror não distrai ‘coletes amarelos’. *Expresso – Primeiro Caderno*, 38.
- Ribeiro, J. R. (2018, dezembro 13). “Se fosse a Ucrânia a agredir a Rússia, Sentsov estaria do lado da Rússia”. *Público*, 23.
- Ribeiro, J. R. (2018, dezembro 13). Sentsov perdeu a liberdade mas mantém o poder da palavra. *Público*, 22-23.
- Ribeiro, J. R. (2018, dezembro 16). Ao quinto sábado, Coletes Amarelos perdem intensidade. *Público*, 14.
- Ribeiro, J. R. (2018, dezembro 17). João de Deus, o homem que usava o espiritismo para violar crenças. *Público*, 22.
- Ribeiro, J. R. (2018, dezembro 20). Juiz deu hipótese à libertação de Lula mas procuradora fechou-lhe a porta. *Público*, 26.
- Ribeiro, J. R. (2018, dezembro 24). Bolsonaro não quer Venezuela e Cuba na tomada de posse. *Público*, 20.
- Rios, P. (2018, dezembro 6). Lana Del Rey volta em 2019 ao Super Bock Super Rock. *Público*. Disponível em <https://www.publico.pt/2018/12/06/culturaipsilon/noticia/ana-del-rey-volta-2019-super-bock-super-rock-1853820> [Consult. em: 13 de junho de 2019].
- Rios, P. (2018, dezembro 8). Morreu o líder dos históricos Buzzcocks. *Público*, 33.
- Rocha, A. (2018, dezembro 8). “Janáček inventou um novo som para o piano”. *Expresso – Revista E*, 70.
- Rocha, A. (2018, dezembro 29). Zimmer, o visionário. *Expresso – Revista E*, 63-65.

- Rodrigues, C. M. (2018, dezembro 2). Mendy trama Petit na estreia. *Correio da Manhã*, 35.
- Rodrigues, J. N. (2018, dezembro 3) 10 Dicas para a sua empresa “entrar” na China. *Expresso*. Disponível em <https://expresso.pt/economia/2018-12-03-10-Dicas-para-a-sua-empresa-entrar-na-China> [Consult. em: 11 de junho de 2019].
- Rodrigues, J. N. (2018, dezembro 3). Portugal adia pagamentos de €1906 milhões de dívida pública para 2023 e 2027. *Expresso*. Disponível em <https://expresso.pt/economia/2018-12-05-Portugal-adia-pagamento-de-1906-milhoes-de-divida-publica-para-2023-e-2027> [Consult. em: 11 de junho de 2019].
- Rodrigues, J. N. (2018, dezembro 15) Descodificador – FMI: reembolso valeu a pena?. *Expresso – Economia*, 3.
- Rodrigues, J. N. (2018, dezembro 22). 2018: Ano negro nas bolsas mundiais. *Expresso – Economia*, 16.
- Rodrigues, J. N. & Lourenço, S. (2018, dezembro 29). Descodificador – Trump *versus* Powell. *Expresso – Economia*, 3.
- Rodrigues, L. (2018, dezembro 8). Jogadores que encurralaram árbitros arriscam expulsão do clube. *Correio da Manhã*. Disponível em [https://www.cmjornal.pt/portugal/detalhe/jogadores-que-encurralaram-arbitros-arriscam-expulsao-do-clube?ref=Pesquisa\\_Destaques](https://www.cmjornal.pt/portugal/detalhe/jogadores-que-encurralaram-arbitros-arriscam-expulsao-do-clube?ref=Pesquisa_Destaques) [Consult. em: 11 de junho de 2019].
- Rodrigues, S. & Lopes, M. J. (2018, dezembro 11). BE e PAN com propostas sobre crime de violação. *Público*, 11.
- Rui Vitória: “Vencer pelo prestígio”. (2018, dezembro 12). *Correio da Manhã*, 31.
- Ryan, 7 anos. Crítico de brinquedos e uma máquina de fazer dinheiro. (2018, dezembro 4). *Expresso*. Disponível em <https://expresso.pt/internacional/2018-12-04-Ryan-7-anos.-Critico-de-brinquedos-e-uma-maquina-de-fazer-dinheiro> [Consult. em: 11 de junho de 2019].
- S. P. (2018, dezembro 31). Há 96,3 M € em notas de escudos. *Correio da Manhã*, 22.
- Salários vão subir 0,75%. (2018, dezembro 4). *Correio da Manhã*, 23.
- Salema, I. (2018, dezembro 4). O Museu Gulbenkian tem uma nova curadora de arte islâmica. *Público*. Disponível em <https://www.publico.pt/2018/12/04/culturaipsilon/noticia/museu-gulbenkian-nova-curadora-arte-islamica-1853515> [Consult. em: 13 de junho de 2019].
- Salema, I. (2018, dezembro 6). Rui Vilar: “Os tempos em Serralves estão normalizados. Agora temos de olhar para o futuro”. *Público*. Disponível em <https://www.publico.pt/2018/12/06/culturaipsilon/noticia/rui-vilar-1853732> [Consult. em: 13 de junho de 2019].
- Salema, I. (2018, dezembro 21). Uma igreja não deixa de ser igreja mesmo sem Deus. Ou deixa?. *Público*, 28-29.

Salgado perde recurso na Relação. (2018, dezembro 1). Expresso – Economia, 10.

Salgueiro, A. (2018, dezembro 15). Maria João Pires com clássicos de Mozart. *Correio da Manhã*, 37.

Saltar em poças de água faz parte do ‘programa’ da Escola da Floresta em Sintra. (2018, dezembro 8). *Correio da Manhã*. Disponível em [https://www.cmjornal.pt/sociedade/detalhe/saltar-em-pocas-de-agua-faz-parte-do-programa-da-escola-da-floresta-em-sintra?ref=Pesquisa\\_Destaques](https://www.cmjornal.pt/sociedade/detalhe/saltar-em-pocas-de-agua-faz-parte-do-programa-da-escola-da-floresta-em-sintra?ref=Pesquisa_Destaques) [Consult. em: 11 de junho de 2019].

Salvador, J. M. (2018, dezembro 1). Quem matou Nola Kellergan?. Expresso – Revista E, 74-75.

Salvador, J. M. (2018, dezembro 22). Sem horário nem limites. Expresso – Revista E, 72-73.

Sanches, A. (2018, dezembro 6). OCDE recomenda mudanças nas regras de colocação de professores nas escolas e na sua avaliação. *Público*. Disponível em <https://www.publico.pt/2018/12/06/sociedade/noticia/ocde-pede-mudancas-avaliacao-professores-forma-sao-colocados-escolas-1853855> [Consult. em: 13 de junho de 2019].

Santos, J. P. (2018, dezembro 8). Exposição sobre Madonna na festa do Centro Comercial Cedofeita. *Correio da Manhã*. Disponível em [https://www.cmjornal.pt/cultura/detalhe/madonna-na-festa-do-40-aniversario-do-centro-comercial-cedofeita?ref=Pesquisa\\_Destaques](https://www.cmjornal.pt/cultura/detalhe/madonna-na-festa-do-40-aniversario-do-centro-comercial-cedofeita?ref=Pesquisa_Destaques) [Consult. em: 11 de junho de 2019].

Santos, P. R. (2018, dezembro 5). Salles pronto para refletir o novo Brasil. *Correio da Manhã*, 39.

Santos, P. R. (2018, dezembro 5). Salles pronto para refletir o novo Brasil. *Correio da Manhã*. Disponível em [https://www.cmjornal.pt/cultura/detalhe/salles-pronto-para-refletir-o-novo-brasil?ref=Pesquisa\\_Destaques](https://www.cmjornal.pt/cultura/detalhe/salles-pronto-para-refletir-o-novo-brasil?ref=Pesquisa_Destaques) [Consult. em: 10 de junho de 2019].

Santos, P. R. (2018, dezembro 12). Salvador Martinha de ‘Cabeça Ausente’. *Correio da Manhã*, 39.

Saramago, J. (2018, dezembro 2). Sarampo dispara 410% por contágio exterior. *Correio da Manhã*, 19.

Saramago, J. (2018, dezembro 3). Chuva de novembro reforça barragens. *Correio da Manhã*, 18.

Saramago, J. (2018, dezembro 3). “Homossexuais não devem entrar na Igreja”. *Correio da Manhã*, 28.

Saramago, J. (2018, dezembro 3). Venda de terrenos da antiga Feira Popular em Lisboa foi novamente adiada. *Correio da Manhã*. Disponível em [https://www.cmjornal.pt/sociedade/detalhe/venda-de-terrenos-da-antiga-feira-popular-em-lisboa-foi-novamente-adiada?ref=Pesquisa\\_Destaques](https://www.cmjornal.pt/sociedade/detalhe/venda-de-terrenos-da-antiga-feira-popular-em-lisboa-foi-novamente-adiada?ref=Pesquisa_Destaques) [Consult. em: 10 de junho de 2019].

Saramago, J. (2018, dezembro 9). Casinos e bingos com receita de 100 milhões. *Correio da Manhã*, 18.

Saramago, J. (2018, dezembro 18). Emigração em queda regista 90 mil em 2017. *Correio da Manhã*, 18.

Saramago, J. (2018, dezembro 19). “Proposta dos professores hipoteca futuro do País”. *Correio da Manhã*, 19.

Saramago, J. (2018, dezembro 21). Veio do Brasil para Natal com irmãos. *Correio da Manhã*, 17.

Saramago, J. (2018, dezembro 22). Enfermeiros marcam mais 45 dias de greve. *Correio da Manhã*, 16.

Saramago, J. (2018, dezembro 27). Entregar vidro, plástico e metal vai dar prémios. *Correio da Manhã*, 17.

Saramago, J. (2018, dezembro 28). Fatura da água chega em litros em janeiro. *Correio da Manhã*, 16.

Saramago, J. (2018, dezembro 29). Vão para tribunal para exigir melhor salário. *Correio da Manhã*, 16.

Saramago, J. (2018, dezembro 30). Planeamento da Família com salários em atraso. *Correio da Manhã*, 17.

Saramago, J. (2018, dezembro 31). Governo dá 200 milhões para queima do lixo. *Correio da Manhã*, 17.

Senadores dos EUA sobre caso Khashoggi: “É preciso querer ser cego” para não ver a culpa do príncipe saudita. (2018, dezembro 4). *Expresso*. Disponível em <https://expresso.pt/internacional/2018-12-04-Senadores-dos-EUA-sobre-caso-Khashoggi-E-preciso-querer-ser-cego-para-nao-ver-a-culpa-do-principe-saudita> [Consult. em: 11 de junho de 2019].

Serrano, R. (2018, dezembro 9). Dezembristas. *Expresso*. Disponível em <https://expresso.pt/cultura/2018-12-09-Dezembristas> [Consult. em: 13 de junho de 2019].

Serrinha, D. G. (2018, dezembro 3). Avião com indígenas desaparece na Amazónia. *Correio da Manhã*. Disponível em [https://www.cmjornal.pt/mundo/detalhe/aviao-com-indios-desaparece-na-amazonia?ref=Pesquisa\\_Destaques](https://www.cmjornal.pt/mundo/detalhe/aviao-com-indios-desaparece-na-amazonia?ref=Pesquisa_Destaques) [Consult. em: 10 de junho de 2019].

Serrinha, D. G. (2018, dezembro 13). Atirador sofreu surto psicótico. *Correio da Manhã*, 31.

Serrinha, D. G. (2018, dezembro 30). Bolsonaro liberaliza armas por decreto. *Correio da Manhã*, 31.

SIC Notícias (2018, dezembro 4) “A acusação vai continuar contra Paulo Gonçalves mas vai cair contra o Benfica”. *Expresso*. Disponível em <https://tribunaexpresso.pt/benfica/2018-12-04-A-acusacao-vai-continuar-contr-Paulo-Goncalves-mas-vai-cair-contr-o-Benfica> [Consult. em: 11 de junho de 2019].

SIC Notícias (2018, dezembro 5). Benfica recebe esta quarta-feira o Paços de Ferreira na Taça da Liga. *Expresso*. Disponível em <https://tribunaexpresso.pt/benfica/2018-12-05-Benfica-recebe-esta-quarta-feira-o-Pacos-de-Ferreira-na-Taca-da-Liga> [Consult. em: 11 de junho de 2019].

SIC Notícias (2018, dezembro 5). Governo garante visitas no EPL apesar da greve dos guardas prisionais. *Expresso*. Disponível em <https://expresso.pt/sociedade/2018-12-05-Governo-garante-visitas-no-EPL-apesar-da-greve-dos-guardas-prisionais> [Consult. em: 11 de junho de 2019].

Silva, A. (2018, dezembro 1). Assessor de Marcelo é o candidato do partido de Santana às europeias. *Expresso – Primeiro Caderno*, 7.

Silva, A. (2018, dezembro 1). Da “lua de mel” à vigilância mútua. *Expresso – Primeiro Caderno*, 9.

Silva, A. (2018, dezembro 1). Desafio de Marcelo apanha Governo e partidos de surpresa. *Expresso – Primeiro Caderno*, 14.

Silva, A. (2018, dezembro 15). Marcelo dispensa candidato de Santana. *Expresso – Primeiro Caderno*, 8.

Silva, A. (2018, dezembro 15). Marcelo: “Revejo-me no diploma da dra. Maria de Belém”. *Expresso – Primeiro Caderno*, 13.

Silva, A. (2018, dezembro 22). “Gostaria de ter um ano calmo, mas vai ser difícil”. *Expresso – Primeiro Caderno*, 7.

Silva, A. & Carrapatoso, M. S. (2018, dezembro 15). Costa gere contestação com o “medo” na agenda. *Expresso – Primeiro Caderno*, 10.

Silva, A. & Leiria, I. (2018, dezembro 8). Costa tira argumentos ao veto de Marcelo. *Expresso – Primeiro Caderno*, 6.

Silva, J. M. (2018, dezembro 1). Larvas do astral. *Expresso – Revista E*, 66-67.

Silva, J. M. (2018, dezembro 8). Olhar para lá das gaiolas douradas. *Expresso – Revista E*, 73.

Silva, J. M. (2018, dezembro 8). Viagem do rinoceronte. *Expresso – Revista E*, 75.

Silva, J. M. (2018, dezembro 15). O olho do furacão. *Expresso – Revista E*, 68-69.

Silva, J. M. (2018, dezembro 15). Só o meu computador me compreende. *Expresso – Revista E*, 70.

Silva, J. M. (2018, dezembro 22). O ano de Guadalajara. *Expresso – Revista E*, 64-65.

Silva, J. M. (2018, dezembro 29). Manta 90/40. *Expresso – Revista E*, 73.

Silva, J. M. (2018, dezembro 29). O preço das palavras. *Expresso – Revista E*, 70-71.

Silva, S. (2018, dezembro 4). Fenprof acusa Governo de fazer “chantagem”. *Público*, 18.

Silva, S. (2018, dezembro 8). Mais de um terço das instituições de ensino proíbe a praxe. *Público*, 14-15.

Silva, S. (2018, dezembro 10). Crise fez duplicar imigrantes abaixo do limiar da pobreza. *Público*, 14.

Silva, S. (2018, dezembro 21). Universidades poderão construir residências sem concurso público. *Público*, 10.

Silva, S. (2018, dezembro 26). Número de alunos sobe há quatro anos nas universidades privadas. Público, 8-9.

Silva, S. (2018, dezembro 28). “Passamos o ano a pedir dinheiro para cumprir obrigações”. Público, 12-13.

Silva, S. (2018, dezembro 30). Estado volta a garantir linhas de crédito a universitárias. Público, 6.

Silvestre, J. & Matos, V. (2018, dezembro 29). Administração Trump quer “vigilância reforçada” a investimentos chineses em Portugal. Expresso – Primeiro Caderno, 12.

Sindicatos não dão tréguas nem no Natal nem no próximo ano. (2018, dezembro 22). Expresso – Primeiro Caderno, 9.

Siza, R. (2018, dezembro 5). “Plano para fortalecer o euro” avança com dois temas quentes em aberto. Público, 25.

Siza, R. (2018, dezembro 8). “Coletes amarelos” “preparados para tudo”; não aguentam mais. Público, 26-27.

Siza, R. (2018, dezembro 9). Cerco policial não abafou a “raiva” e o “desespero” dos “coletes amarelos”. Público, 2-4.

Siza, R. (2018, dezembro 15). May não conseguiu arrancar nada aos “*bullies* europeus”. Público, 26-27.

Soares, M. G. (2018, dezembro 29). “O triunfo do baixo clero”. Expresso – Primeiro Caderno, 22-23.

Soares, R. (2018, dezembro 18). Famílias pedem mais crédito para consumo e por prazos mais alargados. Público, 20.

Soares, R. (2018, dezembro 18). Metade do crédito ao consumo é contratada nas lojas. Público, 18-19.

Soldado, C. (2018, dezembro 21). A grande emissão da propaganda portuguesa e o que dela resta hoje. Público, 30.

Soldado, C. (2018, dezembro 23). Em duas aldeias de Góis, tem de se ir à janela para falar ao telefone. Público, 10-11.

Soldado, C. (2018, dezembro 31). “As universidades inventam dinheiro onde?”. Público, 8-9.

Soromenho, A. (2018, dezembro 8). Esboços de Espanha. Expresso – Revista E, 61-63.

Sousa, A. (2018, dezembro 2). Braga vence e encosta na liderança. Correio da Manhã, 34.

Sousa, A. (2018, dezembro 10). Castro vence na despedida. Correio da Manhã, 31.

Sousa, L. P. (2018, dezembro 31). Dragão vai à cimeira dos grandes. Correio da Manhã, 31.

Sousa, N. (2018, dezembro 15). Dyego Sousa voltou a facilitar a vida ao Sp. Braga. Público, 52.

Sousa, P. N. de (2018, dezembro 22). Jardel – “Aprendi muito com o Jorge Jesus”. *Correio da Manhã*, 32.

Sousa, P. N. (2018, dezembro 28). “Terrorismo como o de Alcochete”. *Correio da Manhã*, 31.

Sousa, T. de (2018, dezembro 11). A hora da verdade não chegou apenas para May. *Público*, 27.

Sporting volta a isolar-se na liderança da Liga. (2018, dezembro 9). *Público*. Disponível em <https://www.publico.pt/2018/12/09/desporto/noticia/sporting-volta-isolarse-lideranca-liga-1854114> [Consult. em: 13 de junho de 2019].

Sting vem ao Marés Vivas '19. (2018, dezembro 4). *Correio da Manhã*, 39.

Substituto de Ronaldo no Real Madrid compra Rolls-Royce de 400 mil euros. (2018, dezembro 5). *Correio da Manhã*. Disponível em [https://www.cmjornal.pt/desporto/futebol/detalhe/substituto-de-ronaldo-no-real-madrid-comprou-rolls-royce-de-400-mil-euros?ref=Pesquisa\\_Destaques](https://www.cmjornal.pt/desporto/futebol/detalhe/substituto-de-ronaldo-no-real-madrid-comprou-rolls-royce-de-400-mil-euros?ref=Pesquisa_Destaques) [Consult. em: 10 de junho de 2019].

Super Bock Super Rock volta à Aldeia do Meco em 2019. (2018, dezembro 6). *Correio da Manhã*, 39.

T. V. P. (2018, dezembro 23). Natal com mais sabor. *Correio da Manhã*, 34.

Tavares, J. P. (2018, dezembro 15). Nascem 395 bebés sírios por dia. *Expresso – Primeiro Caderno*, 37.

Taxa de juro das novas emissões de dívida é a mais baixa de sempre. (2018, dezembro 29). *Expresso – Economia*, 2.

Teixeira, R. (2018, dezembro 19). Vitória à parte do ataque ao VAR. *Correio da Manhã*, 33.

Teixeira, T. (2018, dezembro 9). Simples, realista, focado, positivo e ambicioso: o homem que está a mudar o Sporting. *Expresso*. Disponível em <https://tribunaexpresso.pt/sporting/2018-12-09-Simples-realista-focado-positivo-e-ambicioso-o-homem-que-esta-a-mudar-o-Sporting> [Consult. em: 13 de junho de 2019].

Temer acusado de corrupção passiva e lavagem de dinheiro. (2018, dezembro 21). *Correio da Manhã*, 30.

Tentúgal, R. (2018, dezembro 22). Protestos. *Expresso – Revista E*, 74.

Tomás, C. (2018, dezembro 15). Miguel Bastos Araújo vence Prémio Pessoa 2018. *Expresso – Primeiro Caderno*, 9.

Tomás, C. (2018, dezembro 29). Governo embarga primeira casa nas dunas. *Expresso – Primeiro Caderno*, 4.

Tomás Correia mantém-se na liderança. (2018, dezembro 9). *Correio da Manhã*, 28.

Trefaut, M. da P. (2018, dezembro 29). Justiça na era global. *Expresso – Primeiro Caderno*, 23.

Trigueirão, S. (2018, dezembro 1). Roubo de escultura ‘escondido’ 20 anos. *Correio da Manhã*, 37.

Trigueirão, S. (2018, dezembro 1). Taxas valem 695 milhões. *Correio da Manhã*, 17.

Trigueirão, S. (2018, dezembro 5). Queimar 23 milhões de Tamiflu custou 6 mil €. *Correio da Manhã*, 18.

Trigueirão, S. (2018, dezembro 6). Governo quer trabalho mas não garante meios. *Correio da Manhã*, 17.

Trigueirão, S. (2018, dezembro 7). Vacina mais barata só em março de 2019. *Correio da Manhã*, 16.

Trigueirão, S. (2018, dezembro 10). 22 mil contra o fecho da farmácia de Loures. *Correio da Manhã*, 19.

Trigueirão, S. (2018, dezembro 12). Cirurgias anuladas feitas até final de março. *Correio da Manhã*, 17.

Trigueirão, S. (2018, dezembro 19). Garantia de negociar salários cancela greve. *Correio da Manhã*, 18.

Trigueirão, S. (2018, dezembro 20). Emitidos 2600 cheques-cirurgia. *Correio da Manhã*, 17.

Trigueirão, S. (2018, dezembro 23). Saúde comparticipa remédio inovador. *Correio da Manhã*, 21.

Trigueirão, S. (2018, dezembro 27). Aumentam os registos de reações adversas. *Correio da Manhã*, 16.

Trump distancia-se de Cohen. (2018, dezembro 14). *Correio da Manhã*, 28.

Tusk: UE não renegoceia ‘Brexit’. (2018, dezembro 1). *Expresso – Primeiro Caderno*, contracapa.

UE receia que a Rússia tenha armas nucleares na Crimeia. (2018, dezembro 20). *Correio da Manhã*, 29.

Um título para amenizar a crise. (2018, dezembro 22). *Expresso – Primeiro Caderno*, 29.

V. B. M. (2018, dezembro 1). Tudo a nu na Normandia. *Expresso – Revista E*, 73.

V. B. M. (2018, dezembro 15). Dovlatov. *Expresso – Revista E*, 74.

V. Guimarães bate Rio Ave e isola-se no quinto lugar. (2018, dezembro 9). *Público*. Disponível em <https://www.publico.pt/2018/12/09/desporto/noticia/v-guimaraes-bate-rio-ave-isolase-quinto-lugar-1854130> [Consult. em: 13 de junho de 2019].

Valente, L. (2018, dezembro 9). Ministro diz que atitude dos bombeiros põe em causa segurança dos portugueses. Liga desmente. *Público*. Disponível em <https://www.publico.pt/2018/12/09/sociedade/noticia/ministro-atitude-absolutamente-irresponsavel-liga-poe-causa-seguranca-portugueses-1854102> [Consult. em: 13 de junho de 2019].

Vampire Weekend no Alive. (2018, dezembro 15). *Correio da Manhã*, 37.

Vaz, M. & Ramos, D. (2018, dezembro 14). Famílias penalizadas. *Correio da Manhã*, 22.

- Vaza, M. (2018, dezembro 4). Este Sporting também serve para a Liga. *Público*, 40.
- Vaza, M. (2018, dezembro 5). Marcus Wendel, um craque que chegou tarde ao futebol. *Público*, 47.
- Vaza, M. (2018, dezembro 6). O Benfica foi melhor que o Paços de Ferreira no jogo dos suplentes. *Público*, 39.
- Vaza, M. (2018, dezembro 6). O futebol europeu está a ficar cada vez mais desequilibrado. *Público*. Disponível em <https://www.publico.pt/2018/12/06/desporto/noticia/futebol-europeu-ficar-desequilibrado-1853863> [Consult. em: 13 de junho de 2019].
- Vaza, M. (2018, dezembro 7). O futebol europeu está a ficar cada vez mais desequilibrado. *Público*, 50.
- Vaza, M. (2018, dezembro 10). Sporting transformou um susto em goleada. *Público*, 37.
- Vaza, M. (2018, dezembro 14). Um Sporting alternativo que foi igual a si próprio. *Público*, 43-44.
- Vaza, M. (2018, dezembro 19). Como Mourinho deixou de estar confortável no Teatro dos Sonhos. *Público*, 36.
- Vaza, M. (2018, dezembro 20). O “novo normal” do Sporting é ganhar, golear e sofrer. *Público*, 40.
- Vaza, M. (2018, dezembro 23). Sem CR7 pela primeira vez, o Real Madrid foi um campeão mundial suficiente. *Público*, 25.
- Vaza, M. (2018, dezembro 24). Vitória foi o primeiro a anular o “Keizerball”. *Público*, 37.
- Vaza, M. (2018, dezembro 27). Manchester City voltou a ir ao tapete no Boxing Day. *Público*, 38.
- Veículo em contramão causa dois acidentes na A1. (2018, dezembro 8). *Público*. Disponível em <https://www.publico.pt/2018/12/08/sociedade/noticia/veiculo-contramao-causa-dois-acidentes-a1-1854086> [Consult. em: 13 de junho de 2019].
- Viana, C. (2018, dezembro 29). A marcar passo no continente 25 anos depois. *Público*, 12.
- Vicente, I. (2018, dezembro 1). Crédito Agrícola ainda tem €1,8 mil milhões de dívida italiana. *Expresso – Economia*, 6.
- Vicente, I. (2018, dezembro 1). Que Montepio herda quem ganhar as eleições?. *Expresso – Economia*, 6.
- Vicente, I. (2018, dezembro 5). Ministro Vieira da Silva ao lado do candidato Tomás Correia? “Foi precipitação”. *Expresso*. Disponível em <https://expresso.pt/economia/2018-12-05-Ministro-Vieira-da-Silva-ao-lado-do-candidato-Tomas-Correia--Foi-precipitacao> [Consult. em: 11 de junho de 2019].
- Vicente, I. (2018, dezembro 8). Montepio: Ribeiro Mendes assume resultado “abaixo das expectativas”. *Expresso*. Disponível em <https://expresso.pt/economia/2018-12-08-Montepio-Ribeiro-Mendes-assume-resultado-abaixo-das-expectativas> [Consult. em: 12 de junho de 2019].

Vicente, I. (2018, dezembro 15). Tomás Correia pode escapar a avaliação de idoneidade. *Expresso – Economia*, 6.

Vicente, I. (2018, dezembro 22). Julgamento do ‘Dono Disto Tudo’ ainda está no início. *Expresso – Economia*, 10.

Vicente, I. (2018, dezembro 29). CMVM recusa pedido de Carlos Tavares para manter KPMG como auditora. *Expresso – Economia*, 6.

Vicente, I. & Barroso, M. A. (2018, dezembro 8). Um modo próprio de trabalhar. *Expresso – Economia*, 10.

Videoárbitro confirmado na Liga dos Campeões a partir dos oitavos de final. (2018, dezembro 3). *Correio da Manhã*. Disponível em [https://www.cmjornal.pt/desporto/futebol/detalhe/videoarbitro-confirmado-na-liga-dos-campeoes-a-partir-dos-oitavos-de-final?ref=Pesquisa\\_Destaques](https://www.cmjornal.pt/desporto/futebol/detalhe/videoarbitro-confirmado-na-liga-dos-campeoes-a-partir-dos-oitavos-de-final?ref=Pesquisa_Destaques) [Consult. em: 10 de junho de 2019].

Villalobos, L. (2018, dezembro 3). Novos acordos laborais não podem prejudicar “o sucesso” da Ryanair: “a viagem mais barata. *Público*, 21.

Villalobos, L. (2018, dezembro 26). Greve da CP pára mais de 80% dos comboios. *Público*, 10.

Villalobos, L. & Ferreira, V. (2018, dezembro 12). Estado vai apoiar compra de mais carros eléctricos até ao final do mês. *Público*, 18.

Vitória pede ambição perante Paços de Ferreira. (2018, dezembro 5). *Público*, 48.

Xi Jinping. (2018, dezembro 22). *Expresso – Primeiro Caderno*, 37.

Xi Jinping assinou 17 acordos de cooperação. (2018, dezembro 8). *Expresso – Economia*, 2.

Xutos & Pontapés editam novo álbum em janeiro com músicas de Zé Pedro. (2018, dezembro 5). *Correio da Manhã*. Disponível em [https://www.cmjornal.pt/cultura/detalhe/xutos-editam-novo-album-em-janeiro-e-vaio-apresenta-lo-em-lisboa-e-no-porto?ref=Pesquisa\\_Destaques](https://www.cmjornal.pt/cultura/detalhe/xutos-editam-novo-album-em-janeiro-e-vaio-apresenta-lo-em-lisboa-e-no-porto?ref=Pesquisa_Destaques) [Consult. em: 10 de junho de 2019].

Xutos vão lançar novo disco. (2018, dezembro 30). *Correio da Manhã*, 41.

## Anexos

### 1. Total de artigos analisados e de desvios à norma registados

#### 1.1. Edições impressas

Jornal	Artigos analisados	Desvios registados
Público	290	1102
Correio da Manhã	298	409
Expresso	196	721

Tabela 1 (Anexos): Total de artigos analisados e de desvios registados no total de cada jornal.

	Público		Correio da Manhã		Expresso	
	AA	DR	AA	DR	AA	DR
<b>Sociedade</b>	60	283	60	81	60	234
<b>Economia</b>	55	262	58	74	60	186
<b>Internacional</b>	59	213	60	54	47	87
<b>Cultura</b>	55	196	60	60	60	165
<b>Desporto</b>	60	149	60	140	13	49

Tabela 2 (Anexos): Total de artigos analisados e de desvios registados na categoria "secção". AA: Artigos analisados. DR: Desvios registados.

	Público		Correio da Manhã		Expresso	
	AA	DR	AA	DR	AA	DR
<b>Notícia</b>	189	611	274	365	132	383
<b>Reportagem</b>	39	183	3	7	26	145
<b>Análise</b>	3	2	---	---	1	1
<b>Entrevista</b>	15	144	---	---	6	40
<b>Crítica</b>	2	4	---	---	37	75
<b>Crónica de jogo</b>	21	60	20	36	---	---
<b>Outro</b>	23	99	1	1	35	77

Tabela 3 (Anexos): Total de artigos analisados e de desvios registados na categoria "género". AA: Artigos analisados. DR: Desvios registados.

	<b>Público</b>		<b>Correio da Manhã</b>		<b>Expresso</b>	
	<b>AA</b>	<b>DR</b>	<b>AA</b>	<b>DR</b>	<b>AA</b>	<b>DR</b>
<b>Um autor</b>	263	951	183	304	160	578
<b>Dois autores</b>	21	116	10	28	26	88
<b>Vários autores</b>	1	7	---	---	4	12
<b>Jornal</b>	16	17	68	34	48	43
<b>Com agência</b>	8	12	48	43	---	---

Tabela 4 (Anexos): Total de artigos analisados e de desvios registrados na categoria "autoria". AA: Artigos analisados. DR: Desvios registrados.

	<b>Público</b>		<b>Correio da Manhã</b>	
	<b>AA</b>	<b>DR</b>	<b>AA</b>	<b>DR</b>
<b>Segunda-feira</b>	37	196	49	79
<b>Terça-feira</b>	30	124	30	35
<b>Quarta-feira</b>	39	121	40	59
<b>Quinta-feira</b>	40	140	40	63
<b>Sexta-feira</b>	39	154	40	56
<b>Sábado</b>	50	161	50	61
<b>Domingo</b>	46	207	49	56

Tabela 5 (Anexos): Total de artigos analisados e de desvios registrados na categoria "dia da semana". AA: Artigos analisados. DR: Desvios registrados.

## 1.2. Edições *online*

Jornal	Artigos analisados	Desvios rejeitados
Público <i>online</i>	71	191
Correio da Manhã <i>online</i>	60	117
Expresso <i>online</i>	60	148

Tabela 6 (Anexos): Total de artigos analisados online e de desvios registados no total de cada jornal.

	Público <i>online</i>		Correio da Manhã <i>online</i>		Expresso <i>online</i>	
	AA	DR	AA	DR	AA	DR
Sociedade	16	44	13	40	14	21
Economia	13	45	8	14	13	48
Internacional	14	44	14	13	13	21
Cultura	14	42	10	23	8	24
Desporto	14	16	14	27	12	32

Tabela 7 (Anexos): Total de artigos analisados e de desvios registados na categoria "secção" online. AA: Artigos analisados. DR: Desvios registados.

	Público <i>online</i>		Correio da Manhã <i>online</i>		Expresso <i>online</i>	
	AA	DR	AA	DR	AA	DR
Notícia	61	159	58	115	56	129
Reportagem	5	25	---	---	2	12
Crónica	4	5	---	---	---	---
Análise	---	---	---	---	1	4
Outro	1	2	2	2	1	3

Tabela 8 (Anexos): Total de artigos analisados e de desvios registados na categoria "género" online. AA: Artigos analisados. DR: Desvios registados.

	<i>Público online</i>		<i>Correio da Manhã online</i>		<i>Expresso online</i>	
	<b>AA</b>	<b>DR</b>	<b>AA</b>	<b>DR</b>	<b>AA</b>	<b>DR</b>
<b>Um autor</b>	37	124	19	32	21	89
<b>Dois autores</b>	1	10	1	2	2	11
<b>Vários autores</b>	1	2	---	---	---	---
<b>Jornal</b>	9	15	25	51	18	14
<b>Com agência</b>	10	16	1	4	3	6
<b>Agência</b>	12	24	15	28	13	27

Tabela 9 (Anexos): Total de artigos analisados e de desvios registrados na categoria "autoria" online. AA: Artigos analisados. DR: Desvios registrados.

	<i>Público online</i>		<i>Correio da Manhã online</i>		<i>Expresso online</i>	
	<b>AA</b>	<b>DR</b>	<b>AA</b>	<b>DR</b>	<b>AA</b>	<b>DR</b>
<b>Segunda-feira</b>	10	24	9	20	8	14
<b>Terça-feira</b>	10	17	9	12	8	29
<b>Quarta-feira</b>	10	35	9	31	9	22
<b>Quinta-feira</b>	11	20	8	13	9	11
<b>Sexta-feira</b>	10	35	9	15	7	13
<b>Sábado</b>	10	27	11	18	10	28
<b>Domingo</b>	10	33	6	8	10	31

Tabela 10 (Anexos): Total de artigos analisados e de desvios registrados na categoria "dia da semana" online. AA: Artigos analisados. DR: Desvios registrados.

2. Tabelas retiradas do livro de estilo do *Público*

<b>Certo</b>	<b>Errado</b>
<i>Tavares ingressou no Benfica. "Mas — afirma — não me sentia mal no Boavista. Antes pelo contrário, sentia-me até muito bem no Bessa."</i>	<i>Tavares ingressou no Benfica, mas afirma que "não se sentia mal no Boavista, antes pelo contrário, sentia-me até muito bem no Bessa".</i>
<i>Uma multidão de pessoas revoltadas tomou de assalto dois pequenos hospitais da cidade de Surat. Um estudante envolvido nos distúrbios justifica a fúria popular: "Os médicos não deviam ter abandonado a cidade, deixando-nos para trás."</i>	<i>Uma multidão de pessoas revoltadas tomou de assalto dois pequenos hospitais da cidade de Surat, manifestando-se porque, segundo um estudante, "os médicos não deviam ter abandonado a cidade, deixando-nos para trás".</i>
<i>(...) considerou a hipótese de sabotagem do avião "absolutamente excluída": "Se tal tivesse acontecido, não haveria sobreviventes." E acrescentou: "Além disso, o Cessna caiu apenas a 500 metros da pista e, aí, nós temos controlo do terreno, centímetro a centímetro."</i>	<i>(...) considerou "absolutamente excluída" a hipótese de sabotagem do avião, porque, se tal tivesse acontecido, "não haveria sobreviventes, e depois porque o Cessna caiu apenas a 500 metros da pista, e aí nós temos controlo do terreno, centímetro a centímetro".</i>

Tabela 11 (Anexos): Forma correta e errada de se fazer a transição entre o discurso direto e o indireto.

<b>Certo</b>	<b>Errado</b>
Faz muitos anos Poderá haver, houve festas	Fazem muitos anos Poderão haver, houveram festas
Os ministros do Trabalho e da Saúde	Os ministros do Trabalho e Saúde
O Conselho de Ministros reuniu-se	O Conselho de Ministros reuniu
Os preços aumentaram 50 por cento	Os preços aumentaram em 50 por cento
Recusa de, tentativa de	Recusa em, tentativa em
Preferir a	Preferir (mais) do que

*Tabela 12 (Anexos): Erros sintáticos, de concordância, de regência ou de colocação.*

<b>Certo</b>	<b>Errado</b>
acerca	àcerca
alfinete de ama	alfinete de dama
açoriano, cabo-verdiano	açoreano, caboverdeano
bege	beige, beje
com certeza	concereteza
caem, roem, saem, traem	caiem, roiem, saiem, traiem
definir, desequilíbrio	defenir, desiquelíbrio

despender, dispêndio	dispender, despêndio
(des)pretensioso	(des)pretencioso
dignitário	dignatário
emirados	emiratos
infra-estrutura	infraestrutura
maciço	massivo, massiço
meteorologia	metereologia
obcecado, obsessão	obsecado, obcessão
organograma	organigrama
a sida	a SIDA
o síndrome, a síndrome	o síndrome
paralisar	paralizar
propor, compor, antepor	propôr, compôr, antepôr
última hora	última da hora

*Tabela 13 (Anexos): Erros de expressão ou de grafia.*

### 3. Entrevistas

#### 3.1. Entrevista a Amílcar Correia (diretor-adjunto do *Público*)

- Há quanto tempo está aqui no *Público*?

Sou jornalista do *Público* desde o início. Entrei como estagiário em setembro de '89 e o *Público* foi depois lançado em março de '90, portanto estou cá desde o início. Há 30 anos.

- Há quanto tempo é diretor-adjunto?

Sou diretor-adjunto desde agosto de 2018. Anteriormente já tinha exercido funções de subdiretor em várias direções, por isso ao longo deste tempo já tive todo o tipo de funções e de papéis aqui dentro.

- O *Público* tem uma equipa de revisão, certo?

Certo.

- Quantas pessoas tem a equipa de revisão?

Neste momento, cinco pessoas.

- Como funciona o processo de revisão no *Público*?

Temos dois turnos. Há um turno da manhã, que se concentra sobretudo na leitura dos textos mais importantes para o *online* e que depois ao longo da tarde, sobretudo a meio da tarde, acompanha a revisão dos textos que são publicados na edição impressa.

- Todos os textos são revistos?

Todos os textos são revistos, mas na edição *online* apenas são revistos os mais importantes. Não é possível... Nós publicamos mais de cem textos diariamente no *online*, portanto nem todos podem ser revistos, porque a equipa é pequena. No caso da edição impressa, todos os textos são revistos com exceção daqueles que são finalizados muito tarde, a horas a que já não é possível serem revistos por causa dos horários de fecho que temos.

- Nesses textos que às vezes não é possível rever, acontece verem, por exemplo, as áreas de maior destaque e não verem o corpo do texto?

Sim. Sim.

- Qual é o critério, no *online*, para decidir quais são os textos mais importantes?

Os textos mais importantes são aqueles que têm potencial de manchete no *site*, textos que são de temas mais importantes, textos que sabemos que poderão ter mais leitura e textos que pretendemos fechar como conteúdo exclusivo para assinantes.

- Por quantas pessoas passa um texto até ser publicado?

O texto em princípio é escrito por uma pessoa, que o entrega a um editor de secção – Sociedade, Mundo, Desporto, por aí fora -, e depois esse texto será em princípio revisto por um *desk* e, sempre que possível, por um jornalista de fecho e por um editor de fecho. Há uma estrutura de fecho do jornal: há um jornalista de fecho na edição impressa e um editor de fecho para a edição impressa e para a edição *online*, que em princípio também o lê.

- Então, normalmente, quatro pessoas?

Sim.

- Acontece muitas vezes alterarem um texto no *online* depois de este ter sido publicado?

Sim. Os revisores muitas vezes fazem isso, quando executam intervenções mais profundas, e substituem, no *back office*, o texto do *online* pelo texto que acabaram de rever na edição impressa.

- Quanto tempo há normalmente para rever cada texto?

Depende da hora do dia e do trabalho que o texto dê; não há um padrão. Depois os revisores também têm velocidades e competências diferentes uns dos outros, por isso é um bocadinho difícil precisar. Não sei. Nunca me dediquei a isso.

- Quais são as principais preocupações na revisão de um texto?

São revisões de uniformização gráfica, para que determinadas palavras tenham caixa alta, de acordo com o nosso livro de estilo: “Governo” tem caixa alta, “Presidente da República” tem caixa alta, “governante” tem caixa baixa. Esse tipo de uniformidade de escrita. Obviamente, gralhas e coisas do género. São questões de grafia, de orientação editorial; é sobretudo isso. É aplicar as regras que nós temos no livro de estilo.

- Há uma grande preocupação com a parte gramatical ou apenas com gralhas e coisas mais evidentes?

Não, há uma preocupação muito grande com a parte gramatical, para que a língua seja bem tratada. O *Público* tem como posição de força, como matriz, como *statement*, o respeito pela grafia antiga do português e tem-se mantido fiel a essa causa; portanto, há um respeito pela língua e por uma determinada forma de se escrever português. Essa é uma preocupação preponderante. A preocupação é mais gramatical; agora, à medida que nos aproximamos das horas de fecho da edição impressa e a revisão tem de ser feita num espaço mais curto de tempo, é óbvio que a parte das gralhas assume outra importância.

- Há alguma diferença entre secções? Há secções que tendam a ser mais vistas do que outras, por exemplo, ou para as quais haja uma maior atenção?

O Desporto tem menos revisão porque essas páginas são as últimas a fechar, por causa dos jogos de futebol; muitas vezes [os artigos do Desporto] não são alvo de revisão, o que faz com que os editores tenham de ser muito mais cirúrgicos na leitura dos textos. A Opinião é lida com mais cuidado; depois os destaques, a parte de arranque. As páginas de arranque do jornal são aquelas que motivam sempre mais preocupação. E a primeira página.

- Quantos revisores estão na redação por cada dia da semana?

Depende um bocadinho das folgas, porque quem trabalha ao fim de semana folga depois segunda e terça, mas três pessoas. Três a quatro pessoas.

- E tendencialmente são as mesmas pessoas nos mesmos dias ou há rotatividade?

Há rotatividade.

- O *Público* tem um livro de estilo que é muito conhecido; como é que posso ter acesso à versão mais atualizada?

Penso que ela está no *online*. Está no *site*.

- Eu tenho consultado essa versão, mas não tinha a certeza de que fosse a versão mais atualizada.

Sim, ela foi revista já há muito tempo. Não houve nenhuma revisão depois dessa.

- Todos os jornalistas recebem o livro de estilo ao chegar ao jornal, ou é-lhes recomendado que leiam o livro de estilo? Como é que funciona?

O livro de estilo já tem algum tempo... Desde o início do jornal, em 1990, que o livro de estilo era uma espécie de Bíblia interna que era dada a quem acabava de chegar para se inteirar das regras e preceitos do jornalismo do *Público*. Depois esse hábito foi caindo em desuso, o que é normal, mas há a preocupação de fazer com que quem acaba de chegar tenha conhecimento e contacto com o livro de estilo.

- Acha que todos os jornalistas o vão consultar?

Penso que nem todos o façam. As gerações também são diferentes... Não consigo responder cabalmente à pergunta.

- Quanto aos revisores, quais costumam ser os critérios de contratação? Que se procura no que toca à formação, por exemplo?

Experiência, sobretudo. A experiência nesta área é fundamental para que as pessoas se possam encaixar rapidamente nas equipas. Os jornais não têm contratado muitos revisores, até porque, na última década, surgiram várias formas de autocorreção – respostas tecnológicas que ajudam a mitigar os erros.

- E, quando os jornalistas são contratados, existe uma preocupação com o jornalista saber escrever bem português?

Sim, claro, isso é fundamental. Um jornalista pode ser extremamente útil pela sua capacidade de obtenção de informação, mas é fundamental também que domine a língua. Um jornalista que não domine a língua, que não escreva bem ou que não mostre grande conhecimento da língua, acaba por não ser propriamente a pessoa ideal para um jornal como o *Público*.

- Costuma haver reações dos jornalistas a alterações feitas nos artigos? Sim, é natural, mas isso é válido para um arquiteto, para um *designer* ou para um jornalista. Mas

sim, quando um jornalista escreve um texto, há dois tipos de alterações. Há alterações que são introduzidas por um editor ou por um diretor, porque acha que um título é mais adequado, ou porque o início do texto não é o ideal e muda parágrafos do sítio, ou porque acha que determinada palavra não deve ser aplicada; e depois há a intervenção dos *desks*. A intervenção dos *desks* é uma questão mais formal; a intervenção dos editores ou dos diretores é uma intervenção mais da ordem editorial – o que usar num título, o que escrever numa entrada, como começar um texto, como escrever um subtítulo.

- O facto de estar em vigor o Novo Acordo e de o *Público* seguir o antigo causa confusões às vezes?

Sobretudo nos jornalistas mais jovens, que já escreveram com o Novo Acordo. Isso às vezes cria ali uma ambiguidade de escrita. Mas penso que isso não é problema.

- Considera que os artigos do *Público* cumprem as regras da língua portuguesa?

Sim, globalmente acho que sim. Acho que o *Público*, apesar de tudo, é dos jornais mais legíveis e mais bem escritos em Portugal.

- E a ideia que tem é que há muitos ou poucos erros de português no *Público*?

Penso que a revisão é eficaz e que tem ajudado a evitar isso. É possível encontrar mais erros naquilo que publicamos diretamente no *online*, mas isso também tem a ver com alguma pressão e rapidez com que se escreve e também com alguma ausência de revisão.

- Há um cuidado para que se formulem frases mais curtas, como se recomenda no jornalismo? Eu noto muitas vezes que no *Público* há frases mais longas. Recomendam as frases mais curtas ou as frases mais longas têm também que ver com o estilo do *Público*?

As frases mais longas são registo de escrita de alguém que está a pensar sobretudo na edição impressa, que trabalha num ciclo de fecho da edição impressa. Acho que as equipas que fazem o *online* não têm tanto esse vício. Creio que isso é algo que começa a ser cada vez mais mitigado e que só acontece em dois ou três casos – uma crítica, num registo mais próprio, intrínseco, mais específico de alguém em especial. Penso que maioritariamente a escrita é mais direta, mais concisa e mais curta.

- Costumam receber reclamações dos leitores quanto a erros que encontram no *Público*?

Sim. Nós temos uma opção no *site* que é a de corrigir: é possível ler o *Público* no *desktop* ou no telefone e é possível acrescentar correções. E muitas dessas correções são por vezes de ordem ortográfica.

- E depois de receberem essas correções costumam ir alterar o texto?

Sim, as correções são alteradas e sempre que possível é comunicado ao autor da sugestão que a correção foi feita.

- Além do livro de estilo e da equipa de revisão o *Público* tem alguma ação para tentar que existam menos, ou que não existam, erros de português?

A ação que existe, como lhe disse há pouco, são as ferramentas de correção automática, que existem no nosso *back office*.

- Não costuma haver formações nem nada do género?

Não. Não há formações de escrita nem de revisão, não.

### 3.2. Entrevista a Rita Pimenta (*copydesk* do *Público*)

- Há quanto tempo está aqui no *Público*?

Estou desde 1990. Não sou do núcleo fundador, mas isto começou em março e eu vim para cá em junho ou julho de 1990.

- Quantas pessoas tem a equipa de revisão?

Agora somos cinco. Quatro em Lisboa e um no Porto.

- Como funciona o processo de revisão no *Público*?

Isto agora mudou um bocadinho por causa da edição *online* e porque esta direção nos pediu que fosse assim. Nós neste momento estamos a privilegiar a edição em papel, portanto os textos são feitos, são despejados na página, digamos assim, e nós vamos vendo o que já está feito. Vamos revendo. Tentamos ler toda a edição em papel. Nem sempre conseguimos, porque temos páginas prioritárias que têm de ir para a gráfica a uma certa hora e nem sempre os jornalistas conseguem fechá-las a tempo de nós ainda as podermos ver. No geral, ficam três ou quatro páginas por ver. Às vezes são as do Desporto, por questões de atualidade, porque já estamos muito em cima da hora; os jogos são tardios e o jornal tem de ir para a gráfica às 22h30/23h. Mas, regra geral, a edição em papel é toda revista. A edição *online*, nós... Por exemplo, como nós temos um sistema em que os textos vão para o *online* e depois é que são exportados para o papel, e como nós só os vemos no papel, se nos apercebermos de que aquilo está muito mal, vamos ao *online* voltar a rever ou copiamos e voltamos a pôr *online*. Mas aquela produção diária de *online*, sempre, nós não conseguimos controlar. Recentemente começámos a ter uma pessoa que – não é diariamente, à sexta-feira não é, por exemplo –entre as onze e as seis, só vê textos *online*. Mas só vê o que é a *homepage*, os textos que estão a ter mais leitura ou os textos que são fechados: àqueles textos que são só para assinantes, portanto, os textos que são pagos, nós damos preferência, porque vamos limpá-los, digamos assim. É mais ou menos assim que funciona.

- Então, pelo que estou a perceber, os textos do *online* são normalmente vistos depois de já estarem na página. É isso?

Exato. Os que saem em papel; há muitos que saem *online* e nunca chegam a sair no papel. É uma produção muito maior e esses, lamentavelmente, nós não temos equipa suficiente para os rever. Agora, os que saem *online* e que também saem em papel, porque normalmente até são adaptados... Nós no *online* temos, por exemplo, um texto em que se diz “nesta terça-feira...”. Quando estamos na edição em papel dizemos ou “hoje” ou “ontem”. Portanto ainda vamos editar o que está no papel. E voltamos ao *online* se o texto estiver muito mau; dizemos “isto não pode estar no *online* assim” e vamos lá – quando podemos. Alguns vamos sempre limpar – limpar, envernizar, como costume dizer –, que são os editoriais... os mais nobres, por assim dizer. Não vamos corrigir uma breve, que provavelmente nem sai no *online*. Tentamos que isto seja bonitinho, limpinho, com as regras do nosso livro de estilo, com as caixas altas, as caixas baixas, sem incorrer em processos de difamação, que isto não é só revisão, nós somos *copydesks*. Nós fazemos o controlo de qualidade, que tem uma parte formal, da escrita, e tem outra de conteúdo – que é não estarmos a incorrer em processos de difamação, ouvirmos todas as partes... Portanto isto é mais abrangente do que “tira a gralha e põe a vírgula”.

- É mais frequente ir do *online* para o papel do que do papel para o *online*?

Sim, agora o sistema funciona assim. As pessoas escrevem no *online* e exportam para o papel. Não são todos: alguns são só mesmo para o *online*, e outros são seleccionados para ir para o papel. Os do *online* às vezes são reeditados e atualizados, os do papel não; a certa altura acabou. Aquilo vai ser impresso. E é reduzido: às vezes tenho três mil caracteres no *online* mas só tenho 2500 no papel. Também isso tem de ser às vezes doseado. Já nos aconteceu apercebermo-nos de que o título já nem está no texto, porque foi uma notícia mal construída (se tivesse sido bem construída estava lá justificada no *lead*). Isto acontece, é prática normal, não é dizer mal de ninguém; também faço notícias (risos). Vamos à procura do título e ele já não está lá. E porquê? Porque aquele título foi feito a pensar no *online*, mas depois no papel foi cortado e quem o cortou já nem se apercebeu disso. Porque há a pressão, há a pressa... Temos de ter muita atenção. Mas é muito giro (risos). Eu gosto muito.

- A pessoa que costuma estar só para o *online* vê esses textos antes ou depois de serem publicados?

Não está nunca ninguém só para o *online*; nós rodamos. Todos os dias – exceto à sexta, porque não temos número suficiente, e no verão isso nem vai ser possível. A pessoa que está às 11h vem de manhã... Em princípio só vê *online*, mas, se, por volta das 16h, 17h, a equipa for pequena por um motivo qualquer e as prioritárias tiverem de ser despachadas, ele larga o *online* e vem para o papel. Mas também há a vantagem de algumas coisas que vão sair no papel já terem sido vistas de manhã, porque estavam no *online*. Se sofreram atualização é preciso informar, se não a pessoa diz: “Este texto não vale a pena verem, que eu já vi”. E nós vemos sempre, porque depois passamos o dicionário automático e temos de atualizar aquela “foi na sexta-feira, foi ontem, é hoje, é amanhã”... Há esses pormenores. E depois os cortes, porque às vezes quando se vai cortar um texto faz-se disparate. Ou muda a concordância, ou muda o verbo... Nós tentamos fazer o melhor, mas nem sempre é suficiente.

- Enquanto a pessoa está a ver o *online*, só vê os textos que vão para o impresso? Qual é o critério para se verem uns e não outros? Porque imagino que não dê para ver todos.

Não, nunca dá para ver todos. Nós temos vários critérios; foi uma coisa definida recentemente, com esta nova direção. Por um lado, a *homepage*: ficar toda a montra, digamos assim, sem mácula. Por outro lado, os textos fechados, os textos só para assinantes. Depois os textos que estão a ter mais leitura. E depois é uma questão de os que vão para o papel serem vistos antes, se houver possibilidade. Mas só este pequeno critério já representa milhares de caracteres. E depois é também apercebermo-nos das atualizações, porque nós vemos um texto às 11 da manhã que à uma da tarde no *online* já tem atualizações. Andamos sempre ali a tentar perceber o que está a “bombar”, digamos assim, para isso não nos envergonhar (risos).

- E os textos são vistos antes ou depois de serem publicados?

Acho que decidimos vê-los depois de serem publicados. A menos que haja um pedido do editor, que está atrapalhado e nos diz “tentem ver lá isto antes de eu publicar”. Mas o normal é não ficarem à nossa espera porque também não sabem da nossa disponibilidade, porque somos poucos. Já fomos 13 *copydesks* no *Público*, quando não havia sequer *online*. E, portanto, é ver a proporção – e agora o volume de trabalho, que é muito maior.

- Quanto tempo é que há normalmente para rever cada texto, mais ou menos?

Isso não consigo dizer, porque nós temos textos de dois mil caracteres e de 16 mil. Eu estou mais ligada ao *P2*, que sai ao domingo; a edição em papel do *P2*, sou quase eu que a vejo toda. E é muito variável. Porque às vezes parece que um texto de 2500 caracteres se vê rapidamente, mas tem tanto disparate, é preciso fazer tanta pergunta, porque não está bem sustentado, ou porque foi um estagiário, ou porque foi alguém que o fez sob pressão, ou quando estava fora, ou sem o teclado português... Assim, esse, de 2500 caracteres, pode demorar 15 minutos, e um de cinco mil em cinco minutos está visto porque foi escrito uma pessoa com experiência ou com todas as condições de trabalho. Fazer uma média para isso é muito difícil.

- Quais são as principais preocupações na revisão de um texto?

São as questões de conteúdo e de forma. As de conteúdo são: terem sido ouvidas todas as partes, não incorrerem em processos de difamação, ser uma notícia sustentada, não ser um rumor... Na parte da forma: ser um texto legível, correto, escrito com correção e que respeite as nossas normas – o que é caixa alta, o que é caixa baixa... Se a pontuação está correta, se não tem um parágrafo que adormece o leitor, o ritmo... Isso é já na parte da escrita. Portanto temos muita coisa com que nos preocupar (risos). Mas também falamos com o autor, damos sugestões – se não está claro para nós, que somos o primeiro leitor, e até somos um leitor experiente, se calhar é preciso repensar aquela frase, aquela estrutura. E, nesse sentido, falamos com o autor, sempre. E também há a questão da técnica: se respeita as técnicas jornalísticas, o *lead*... se for uma notícia; se for uma reportagem, claro que há mais liberdade. Portanto, além do conteúdo e da forma, é respeitar as regras jornalísticas, mas também ter a flexibilidade de perceber o que é uma reportagem, o que é uma opinião, o que é um comentário. E o que é uma notícia. Por exemplo, uma das minhas preocupações é quando nós estamos a fazer uma notícia e sem querer descambamos e pomos lá a nossa gracinha ou a nossa tendência. É humano, não é? Por isso é sempre bom haver um filtro. Nenhuma notícia deve sair sem que alguém a tenha lido – um colega ou um editor – porque nós

sem querer pomos lá as nossas vontades, as nossas preferências. E isso é também um dos nossos trabalhos.

- Na Opinião, por exemplo, qual é o filtro? É uma grelha mais apertada ou, pelo contrário, é um bocadinho mais larga?

Não. Na Opinião é mesmo só a questão ortográfica e até respeitamos os que aderiram ao Acordo Ortográfico, a que nós não aderimos. Aí, a menos que seja um insulto, mesmo que seja uma opinião complicada que insulte alguém, colocamos a questão à direção e eles depois logo decidem. Mas aí a liberdade é muito maior, temos colaboradores que escrevem o que quiserem, são de esquerda, são de direita...

- Mas em termos gramaticais, por exemplo, há mais cuidado para não se alterarem demasiadas coisas?

Não, se estiver errado, corrige-se. Se estiver impercetível também se fala com o autor. Aí o critério é igual. O critério da correção linguística, do passar da mensagem, é igual. Agora, podemos não concordar com a mensagem (risos), mas respeitamos. Até podemos nem concordar com o uso do Acordo e respeitamos isso.

- Há diferenças entre secções? Disse-me que a do Desporto, por exemplo, é por vezes a menos vista por ser a que vem no fim.

Porque fecha mais tarde, e às vezes a Política também. Ontem foram as eleições [europeias] e eu não sei como é que foi com o meu colega, porque não falei com ele. Também quando há acontecimentos que já se sabe que são tardios há compromissos com a gráfica para adiar um bocadinho o fecho. Mas normalmente os mais tardios são o Desporto e a Política, porque eles gostam muito de dar as notícias às oito horas, e isso às vezes não se compadece com a escrita. Ou quando há um sismo, ou uma coisa qualquer... De resto, as pessoas vão tentando fechar cedo, e, se não houver nenhuma atualidade que imponha um fecho mais tardio, o que é mais comum é o Desporto, pelas horas do futebol, e a Política, muitas vezes por causa dos congressos, ou porque deixam tudo para o jornal das oito porque têm audiência. E até se escrever, e até sair, e arranjar foto há ali um intervalo que às vezes já não se compadece com a revisão.

- Sem ser em relação às horas, há secções que por algum motivo recebam mais atenção? Têm entrado muitos estagiários e temos de estar mais alerta (risos), mas não, em princípio está tudo... Estou assim a olhar e não há nenhuma hierarquia nesse sentido, nós tratamos todos por igual (risos), por assim dizer. A menos que haja... por exemplo, entraram dois estagiários numa secção, mas aí os editores também nos pedem. De resto está tudo democraticamente repartido, pelo menos assim quero acreditar (risos)!

- Quantos revisores costuma haver por cada dia da semana?

Quando é possível estamos todos, mas é muito... Porque nós temos folga. Num dia normal em que não está ninguém de férias... O Zé António trabalhou sábado e domingo, sozinho... Portanto hoje estamos quatro. Está um de folga, estive uma a trabalhar de manhã e nós estamos agora três ao fecho.

- E ao fim de semana costumam estar quantas pessoas?

Ao fim de semana agora só temos uma pessoa. Estávamos agora ali a tentar negociar a entrada de mais alguém pelo menos para reforçar a sexta e o domingo, que são os dias mais difíceis agora na nossa escala, porque são jornais maiores. O sábado não é muito mau, porque sai o suplemento, que já foi revisto durante a semana por mim – sai no domingo e no sábado são só uns acertozitos –, e o jornal tem 32 páginas. Na sexta e no domingo é que é pior porque são jornais de 56 páginas e ao fim de semana só conseguimos ter uma pessoa, porque senão as pessoas não conseguem ter fins de semana e nós queremos ser pessoas felizes.

- Então durante o resto da semana estão quatro, cinco pessoas?

Sim, mas o mais normal é quatro, porque alguém tem de folgar.

- E costuma estar menos uma à tarde ou aconteceu hoje por acaso?

Não, desde que começaram a pedir que viesse uma de manhã começou a ser assim. Estão três, quatro; depende de alguém estar de folga, mas nunca é mais do que isso. Porque vem uma de manhã – até às seis, não é só manhã. Mas fica desfalcada, digamos assim, a parte do papel ao fim do dia.

- No que toca a expressões em que há uma versão mais correta do que outra mas a que é menos correta já começou a ser muito utilizada, como o *ter que* e o *ter de*...

Corrigimos sempre. O *ter que*, nunca; é *ter de*. Se alguém aceita, é porque está a ser incompetente (risos). Ou está distraído. O *há tempo atrás*: nada disso. Sai o *atrás*. *Há dois dias atrás*, não, se é *há dois dias* não podia ser *há dois dias à frente*. Depois temos umas embirrações... ah, o *sendo que é*. É um disparate! Usa-se muito. Há um de que eu não gosto nada, também, que é o *é suposto*, que é do inglês *it's supposed*... Nós temos outras possibilidades para isso: *espera-se que*... Há muita, muita importação. Agora, por exemplo, temos aí grandes discussões por causa do *por que* (separado) e o *porque* (junto), o *demais* (junto) e o *de mais* (separado). Temos algumas coisas no livro de estilo, algumas com que eu já não concordo... Vamos negociando. Não somos ditadores. Mas, se não está mal, está bem; é um dos nossos lemas. Se temos uma corrente linguística a defender uma coisa e outra a defender outra, também não achamos que somos nós a decidir. Ainda que tenhamos um livro de estilo que em princípio é a diretiva. Mas o livro de estilo também já precisava de ser trabalhado. Vamos fazendo assim, sem fundamentalismos, mas tentando que a mensagem passe.

- E com *ter a ver* e *ter que ver*?

*Ter que ver*. Mas nem sei se isso é consensual entre nós, neste momento. Eu ponho *ter que ver*. A forma correta é *ter que*. Agora, se for na oralidade, se for numa entrevista, e alguém diz... posso ter dúvidas. Se for só uma vez, se calhar deixo passar. Se for daquelas pessoas que insistem, depois acabo por corrigir. É uma negociação pacífica. Também não vale a pena criar guerras. Erros, erros, não.

- Até que ponto o livro de estilo ainda é seguido?

Em grande parte é. Aquilo não tem só a parte ortográfica e de registo de dicionário. Mas, em termos de conteúdo e de ética e deontologia, eu acho que ele continua a valer.

- E quanto ao português?

Eu acho que devíamos repensar algumas coisas. E, além do português, também as partes relativas a hierarquias militares, coisas que foram atualizadas e que não temos ali, mas é difícil. No geral, aquilo está tudo certo! Aquilo foi estudado, com gramáticos.

- Os *copydesks* leram todos o livro de estilo?

E participámos nele. Quero dizer, todos não – eu e a Manuela, que somos as mais antigas, e o Aurélio, que está no Porto. Mas participámos; aliás, nesta última revisão eu até tenho um prefácio, uma introdução. Mas já foi há uns aninhos, apesar de tudo. Embora, por exemplo, haja critérios de designação de países, uns que estão aportuguesados e outros não, em que temos incongruências. E há coisas que deixámos de praticar e coisas que precisavam de ser apuradas. Mas de resto ainda é um bom instrumento de trabalho para qualquer estudante. E para nós próprios também, que volta e meia estamos lá.

- Todos os jornalistas leem o livro de estilo?

Não (risos). Mesmo que seja oferecido. Mas quando precisam consultam-no; aquilo também não é um romance. Quando é preciso vão lá, nem que seja para nos dizer “Olhem, vocês fizeram assim mas aqui está ao contrário”.

- Costuma haver muitos conflitos ou reações dos jornalistas por causa de alterações feitas aos artigos?

Em tempos havia mais. Não sei se as pessoas estão mais desligadas, se estão mais cansadas... Se também confiam mais em nós. Também é por aí: a princípio era mais difícil, nós tínhamos de ter autoridade. Agora dizem “Rita, faz o que quiseres porque está em boas mãos”. É uma mistura das duas coisas. “Olha, eu fiz isto de tal maneira que tens mesmo de ler e vê lá se lêes com a tua atenção e altera o que quiseres” – uma coisa que a princípio ninguém me dizia, “faz o que quiseres”. Mas as pessoas no geral têm cuidado, têm brio.

- Há muitas confusões, digamos, por causa do Acordo Ortográfico, por causa de usarem um acordo que já não é o que está em vigor?

Não, nós não temos porque nós não usamos. Às vezes as confusões são entre nós, quando um cronista que acha que usa o Acordo só usa quando lhe apetece; há umas palavras de que gosta com o Acordo e depois não sabe o Acordo o suficiente, e nós é que andamos a estudar o Acordo, apesar de sermos contra. De resto, na redação as pessoas escrevem como sempre escreveram.

- Então com o Novo Acordo não costuma haver problemas.

Não, só entre nós, porque temos mais pesquisa e porque há muita gente que adere ao Acordo porque sim, ou porque tem de ser, porque também são autores das editoras, só que depois não sabem o suficiente da língua, e já nem sabiam antes do Acordo, e, portanto, quando estão

baralhados nós temos de perceber “então afinal este homem segue o Acordo ou não segue o Acordo?”.

- Quanto aos revisores, quais são os critérios de contratação? Em termos de formação, por exemplo, que se pede?

Nós... isto já variou de muitas maneiras. Eu entrei numa altura diferente. Mas as pessoas fazem sempre testes. Nós não pedimos habilitações, digamos assim. Mas é normal que as pessoas que concorrem tenham habilitações, ou sejam de linguística, ou de letras, ou sejam tradutoras... Nós fazemos testes com ratoeiras, mas nisso a Manuela é melhor do que eu para explicar porque ela fez os últimos testes às pessoas que foram admitidas – foram a Florbela e o Zé António que foram admitidos e até foram testes feitos por ela. São testes que misturam isto tudo: a atualidade, a correção ortográfica... Estamos a falar de um Presidente dos Estados Unidos, e estamos a falar do ano tal, e pomos o Clinton e afinal naquela altura não era o Clinton. Pomos assim umas ratoeiras para ver tudo: a pessoa tem de ter conhecimento da atualidade, conhecimento noticioso e escrita. Eu acho que os últimos testes que eles fizeram até foi *online*. No meu tempo eu fiz um teste escrito e presencial. Mas as últimas pessoas que foram contratadas foi assim. Há pessoas que são revisoras há muitos anos e que não têm cursos, que não havia, e que, no entanto, são muito boas a fazer este trabalho.

- Pode dizer-me qual é a sua formação?

Eu sou de Geografia e Planeamento Regional e de Filosofia da Ciência. E depois, quando vim para o *Público*, fui fazer uma especialização em Técnicas Editoriais, porque, já que aqui estava, achei que devia fazer alguma coisa na área. Porque isto era para ser provisório, como se vê. Depois também comecei a escrever: faço artigos e escrevo sobre Literatura Infantil – eu é que faço a parte de Literatura Infantil, a página de Crianças, mas isso não interessa para aqui. As pessoas que trabalham nestas áreas têm de ser pessoas informadas, cultas, pessoas que leem muito; mais do que terem uma habilitação literária, têm de ser pessoas que gostam de ler, que gostem das palavras, que se interessem por leitura e por comunicação. Eu vim por acidente, mas olha, fiquei! Foi por acaso (risos).

- Quando os textos chegam aos *copies*, como costuma estar a escrita? Costuma haver muitos erros, muitos problemas? Quais são as dificuldades que costuma encontrar?

Depende, não vou dizer... É um bocadinho variável. Isso é difícil, porque são muitas origens, mas acho que no geral não é assim nada de dramático. Às vezes há assim umas coisas que me chocam, por as pessoas porem um *há* sem H, ou um *à* com H; às vezes também é precipitação. Agora há os automatismos dos corretores, que põem a palavra que não... Estava chateada porque saiu no *P2*... eu não vi a legenda, ainda não estava pronta, e em vez de dizer que ele era superintendente das escolas saiu “superintendente das escolhas”. É chato, mas toda a gente percebe que foi um erro. Mas uma pessoa fica chateada!

- Acontece verem só as áreas de destaque de um texto, quando já estão muito em cima da hora de fecho?

Sim, sim. Ou então passar o dicionário, ver o título... O que nós temos sempre de ver é: título, antetítulo, entrada, a palavra-chave, que nós agora temos, o primeiro parágrafo, os subtítulos, a legenda, as assinaturas (de fotógrafo e de texto) e o último parágrafo, para ver se o texto acaba com sentido. Pelo menos os destaques, quando têm um destaque, ou uma citação que vem com o... Pelo menos isso. Passar o dicionário automático para ver se não tem gralhas. Mas esses elementos mais fluorescentes, nós temos de ver. E depois também não devem ser repetidos, ou seja, a ideia que está no título não deve ser a mesma que está no destaque nem a mesma que está na legenda. Porque às vezes o jornalista fez o título, mas o editor fez a legenda e o outro fez não sei o quê, e estavam todos a pensar no que era mais importante... Está bem, é mais importante mas também não precisamos de dizer que o leitor é burro e tem de ler três vezes até perceber que é mais importante (risos). Portanto vamos buscar outra ideia e alteramos e temos autonomia para fazer isso – tenhamos nós a clarividência a certas horas para ver isso (risos).

- Considera que os artigos do *Público* cumprem as regras da língua portuguesa? A ideia que tem é que há muitos ou poucos erros de português no jornal?

Em papel não existem muitos porque nós também corrigimos, mas também na origem não têm assim tantos. No *online* não ponho as mãos no lume (risos), porque há muita coisa que vem de agências e às vezes esses artigos até saem sem o Acordo Ortográfico, porque vêm da Lusa e às vezes na precipitação da atualidade e do frenesim aquilo é despejado... Não somos dos piores, felizmente, vamos tendo filtros, mas corremos esse risco às vezes, sim. Mas isto no *online*; no papel, em princípio... Temos um filtro maior. Funciona, não funciona sempre, mas funciona. No outro dia deixei passar uma gralha... Eu, que ainda por cima escrevo sobre Literatura Infantil há vinte anos. Saiu “a Sophia de Mello Breyner Andersen” em vez de “Andresen”. E porquê: para já, porque não vi; mas porque me irritou, que saiu outra vez a mesma fotografia dela, e fui chatear os fotógrafos. “Eh, pá, outra vez esta fotografia? Mas não têm outra fotografia da mulher?” Toma! Quando nós dispersamos a atenção para alguma coisa que é importante na mesma, alguma coisa ficou para trás. Não é nada do outro mundo, até fizemos um “O *Público* errou”, mas pronto. Eu até acho graça (risos). Mas isto para perceber a dispersão de quem está a trabalhar em cima das coisas.

- Costumam receber reclamações dos leitores quanto a erros do Português?

Algumas; houve uma altura em que recebemos mais. Mas ainda vamos recebendo e eu gosto de receber, porque acho que os leitores estão atentos; perguntam porque é que fizemos assim, e nós respondemos e mandamos as citações e dizemos para verem aqui e ali, dizemos “olhem, não vimos”, ou “vimos e fizemos mal”, ou “são as duas aceites” –às vezes também temos isso. Eles não gostam nada dessa resposta, mas é verdade. Os jornalistas não gostam. “Então mas como é que nós escrevemos?” Mas sim, volta e meia temos; há pouco tempo tivemos por causa do *demais* e do *de mais*. Mas é bom, eu gosto. Quando as pessoas dizem “os leitores são uns chatos” - não são nada! Ainda bem que nós os temos e que eles se preocupam.

- Isso tanto para o impresso como para o *online*?

Não sei se nos chegam muito os do *online*... Eu também não costumo ir muito aos comentários. Mas acho que é mais ou menos igual. Até porque quando sai asneira num lado... Não, nem sempre é a mesma coisa. Mas se calhar é mais para o *online*.

- Quando recebem no *online* depois normalmente vão alterar?

Sim, se for uma coisa que está disparatada nós vamos alterar. Ou pomos “atualização”, ou às vezes nem pomos, ou agradecemos e mudamos. Sem vergonha (risos), e até agradecemos.

- Além da equipa de *copydesks*, e do livro de estilo, naturalmente, o jornal tem alguma ação para tentar que existam menos erros ou que não existam erros?

Eu de vez em quando fazia umas coisas que tinham piada. Nós volta e meia fazemos assim umas campanhas e dizemos “oh, pá! Não escrevam isto assim e escrevam assado”. E mandamos uns *e-mails*. Mas, mesmo antes dos *e-mails*, eu tinha uns *cartoons*, dumas ações de formação que eu fazia, com o Calvin [& Hobbes]. E então tinha os bonequinhos e punha sugestões, por exemplo: “Presidente da República, com caixa alta; mas presidente da junta”. E punha ao pé da máquina do café. Depois cansei-me (risos). Fazia algumas... por exemplo, o “desfrutar”... Mas nunca escrevo o erro, por causa da memória visual. Fazia assim umas coisas, mas ultimamente não. São muitas coisas para fazer. Agora não temos nada. Mas, como agora vamos começar outra vez com o “*Público* na escola”, pode ser que se faça alguma coisa. Não para dentro, mas para fora.

- Mas fazia ações de formação, antes?

Fazia, mas não era aqui. Coisas que me pedem, porque, como trabalho com muitas coisas com miúdos, por causa da literatura infantil... Faço muita promoção da leitura, porque acho que a leitura é fundamental. Então misturava um bocadinho as duas coisas e fazia para eles e punha aqui, mais adaptado para gente grande, mas divertido, uma coisa bem-disposta, e punha ao pé da máquina do café.

- Hoje não costuma haver ações de formação dirigidas à língua portuguesa?

Não, nem dirigidas para coisa nenhuma, que eu saiba (risos).

### 3.3. Entrevista a Maria Manuela Barreto (*copydesk* do *Público*)

- Há quanto tempo está aqui no *Público*?

Estou aqui no *Público* desde dezembro de '89.

- Entrou logo como revisora?

Sim. Fiz um estágio e passado... foi muito rápido, acho que foi um mês.

- Quantas pessoas tem a equipa de revisão?

A equipa de revisão neste momento tem cinco pessoas. Há uma pessoa que faz uma parte de revisão de anúncios e depois faz também revisão de textos escritos pela redação.

- Como funciona o processo de revisão no *Público*?

Digamos que há dois *timings*. Há o *timing* sem limites, para o *online*, e há o *timing* com limites, que é o da edição em papel. Nós neste momento temos uma pessoa a vir de manhã para ver sobretudo o *online*, visto que agora também estamos a barrar conteúdos e a dar mais atenção aos leitores que são assinantes. Normalmente fazíamos isso quando chegávamos – os nossos horários apanham o princípio da tarde... Pode ser às 14h, às 15h ou às 16h, e depois o que entra às 16h fica para o fecho. É claro que no princípio da tarde não há tanto trabalho e a gente vai revendo alguma coisa do *online*. Havendo uma pessoa de manhã... Exceto à sexta-feira, que é sempre o mal maior... aí torna-se difícil haver alguém a rever *online* e não há ninguém de manhã. Isto é uma novidade agora do mês de maio, a revisão no horário de manhã. Nós já fomos 15. Esta é uma redação com Lisboa e Porto e o projeto foi concebido com uma equipa de *copydesks*, o que é uma questão diferenciadora. Como o núcleo fundador, que veio do *Expresso*, tinha essa experiência e a foi reportando, os dois coordenadores que tomavam conta da secção e que a formaram foram recrutando pessoas e deram alguma formação, muito rápida; havia pessoas de Línguas, que é o meu caso, havia pessoas de Geografia e havia pessoas com experiência, aquelas pessoas que aprenderam nos jornais. Depois, à medida que o jornal foi sendo reduzido, a equipa foi sendo reduzida. Infelizmente é assim. Mas houve sempre equipa, e eu acho que esta direção novamente sentiu esse interesse, porque nos veio pedir essa tarefa matinal, com o *online*; não está em causa haver um *Público* sem *copydesks*. Nós temos este nome porque vamos um bocadinho além dos revisores (quando o tempo o permite. Quando o tempo não o permite é uma leitura mais rápida e menos aprofundada). Mas nós, no princípio, tomávamos atenção – e tentamos tomar – à construção da notícia, ao título, ao *lead*, à entrada e víamos se aquilo estava bem feito – e quando não estava íamos dialogar com o editor, com o autor... Ainda fazemos isso, mas, voltando à questão do papel, o papel tem *timings*. E depois há umas páginas que têm de fechar mais cedo: é um caderno central que tem de fechar até às 20h30. Às vezes arranca tarde, mas agora estão a tentar disciplinar isso, porque depois chega tarde à gráfica e às bancas e além do mais pagamos multa na gráfica. E a partir dessa altura, se as páginas não vêm com uma boa cadência, tudo desagua ali entre as sete e as oito e meia e é o fim do mundo, portanto a gente tem de ver com mais rapidez e não lê tão profundamente. Depois, há ali uma pausazita e continuamos a rever para o papel, que tem o limite das onze da noite. Às onze da noite tem de estar pronto. Isso disciplina-nos o trabalho. Depois, em princípio, a gente lê o jornal todo, exceto as tais páginas centrais, das quais algumas já vêm atrasadas e não há tempo para as ler. Pode acontecer naquele caderno, que normalmente é da 17 à 30 e tal, dependendo do tamanho do jornal, às vezes acontece com a Cultura, tem acontecido com o Mundo... É variável. A Sociedade... Essa secção a gente já não lê *toda*. Depois também pode acontecer haver um jogo de futebol tardio e por isso poderá também já não ser lido. Acontece – tenho de deixar este elogio – que os colegas do Desporto escrevem genericamente muito bem. Não quer dizer que não haja... evidentemente acontece isso. Penso que a qualidade de escrita é bastante boa, aqui, mas mesmo assim há falhas, há regras que são ignoradas, há gralhas... O que acontece também às vezes é que há editores que nos vêm pedir especificamente se antes de exportarem o texto nós podemos ler – isto tem dois processos e no que se chama “exportar” o texto é produzido para o *online* e é exportado para o papel. Pedem-nos. Aí fica lido nos dois suportes, *online* e papel. Isso não acontece muito. Outras vezes, a gente ao ler o texto para o papel vê que aquilo realmente tem alguns problemas e então fazemos ao contrário, que é copiar e despejar para dentro do *online* e então já ficou revisto. Se estiver

afogada em trabalho... Ou vou lá fazer mesmo uma intervenção cirúrgica, porque é uma coisa muito ‘vergonhenta’ (risos), e então corrijo aquilo... Às vezes passa-se palavra, ou aos editores do *online*, ou ao editor da secção, porque há aqui editores do *online*, que tratam só do *online*, e há editores de secção. É mais ou menos este ritmo.

- Então na edição impressa só não são vistos os textos que chegam em cima da hora de fecho?

É, é. Em princípio sim. Pode acontecer. No *online*, a gente vê uma gota de água, mesmo que esteja cá as sete horas a fazer o nosso trabalho; a pessoa fica muito cansada. A pessoa vê entre 14 e 19 textos, e mesmo assim depois também depende do tamanho dos dossiês. Depois a gente também revê o *P2*, que é um suplemento de domingo, que é revisto praticamente na íntegra; damos uma leitura em coisas que nos pedem avulso no *Ípsilon*; e no *Fugas* acho que também acontece a mesma coisa. O *Fugas* é feito no Porto. É um bocadinho assim, mas esses suplementos têm muito pouca leitura. Pouca revisão. Leitura de leitores acho que têm muita e eu acho que até é pena; se houvesse mais gente na equipa... Mesmo assim já muito fazemos nós. Depois há pessoas que nos vêm colocar questões e, naturalmente, respondemos às dúvidas, ou há um *e-mail* de leitor e pedem-nos que a gente esclareça se é assim ou não é... Há esta interação.

- Qual é o critério no *online* para se rever uns e não outros?

São vários critérios. São os textos que estão em destaque; os textos que são mais lidos; os textos fechados para assinantes; e depois aquilo de que a gente gosta e que lhe apetece ler (risos). A gente combina tudo, os quatro critérios. Ou os autores que nós sabemos que às vezes são mais problemáticos, pronto, a gente vai ler... Ou então o título: às vezes começo por aí, por um título que está mal feito. Entro para corrigir o título e depois acabo por corrigir a notícia. Normalmente isso fazemos quase sempre, mesmo antes de haver manhãs: olhar para a *homepage* e ver onde é que há coisas esquisitas. A gente corrigia e depois acabava por ler mais alguma coisa. São critérios múltiplos. Mas os textos *online* são imensos... Eu costumo dizer que é vazar o mar com a colher de chá. Há muitos que escapam.

- Se têm em conta os mais lidos, há então textos do *online* que só são vistos depois de publicados.

Exatamente. Os textos que a gente lê no *online* já estão todos publicados.

- Por quantas pessoas passa um texto, no total?

Em princípio devia passar pelo menos por três. Pelo autor, pelo editor e depois pelo *copydesk*. Pelo menos por duas. Eu acho que há textos que são só escritos pelo autor e não são lidos por ninguém. Ensinar-nos, quando a gente começou no jornal: “pelo menos dás a ler ao colega do lado, se não houver tempo”. Era uma regra. Eu não tenho a certeza de que a regra seja cumprida (risos). Há muita pressão na produção de texto, e agora com o *online* mais ainda do que quando era só com o papel. A reação à atualidade e à concorrência, as fontes que surgem, as redes sociais... Tudo isso cria muita pressão, por isso é preciso ser mais rápido. Embora eu ache que aqui se tem um bocadinho o espírito de “é melhor não ser tão rápido e fazer melhor”. Mas não deixa de haver essa pressão.

- É uma grande diferença.

É. É. Isto mudou imenso. Então do ponto de vista tecnológico, desde que eu comecei aqui até agora... isto é... Ui! Da noite para o dia. É muito impressionante.

- Disse que a iniciativa de haver uma pessoa para o *online* foi agora neste mês.

Sim, no mês de maio, quero dizer, só para o *online* foi praticamente. Porque havia revisão do *online*, só que a direção pediu-nos isso. Coincide também com os tais conteúdos fechados. O jornal anda à procura de financiamento, e os assinantes são essa forma, o modelo empresarial, como é que a gente financia o jornalismo... Isso está em aberto. É complicado.

- Estou a perguntar porque a minha análise incide sobre o mês de dezembro e queria perceber se há uma grande diferença em termos de funcionamento.

Não, não é uma grande diferença. A diferença é que realmente essa pessoa... Agora tem havido disponibilidade, porque se a equipa reduzir o número temos de estar aqui a cobrir o papel. Como agora estamos todos e ainda não há férias, ou há poucas férias, há alguém que vem; cada um vem uma manhã. Distribuímos assim. E não é assim uma coisa tão grande, porque o *online* não estava abandonado, não, isso nunca esteve. Mas agora é mais sistemático.

- Quanto tempo há normalmente para rever cada texto?

Depende dos textos. Podem ser dez minutos ou podem ser vinte, o dobro, depende. Depende do tamanho e das questões que coloca o texto. Às vezes há textos longos... Às vezes há muita, muita contaminação do inglês, por exemplo, e a gente tem de tentar perceber exatamente o que é aquilo em português... Depende. Isso varia um bocado.

- Quais são as principais preocupações na revisão de um texto?

Então, é a clareza, o bom uso da língua... e ensinaram-me que, se a gente tem de ler duas vezes o arranque de um texto, há alguma coisa que não está bem, porque nós somos o primeiro leitor. É a clareza e a correção da língua. E, se podemos usar a nossa língua, a sua estrutura e o seu vocabulário, não vamos estar a usar coisas... um bocadinho mais parecidas com o inglês do que com o português (risos) – isso é de facto um problema. É um problema porque as pessoas leem muito em inglês, mais do que em francês, acho eu.

- Em critérios como, por exemplo, o *ter que* e o *ter de*, em que um é uma forma muito utilizada...

Nós utilizamos o *ter de*, que é a forma correta.

- E nas outras questões desse género optam sempre pela que está mais correta?

Sim. Exato.

- Há diferenças entre secções? Sem ser o Desporto, que normalmente é fechado mais tarde, há secções que recebam mais atenção por algum motivo?

Depende das iniciativas do editor – às vezes há editores num determinado dia que pedem mais, isso acontece por exemplo com a Cultura... Depende um bocadinho do editor ou de nós próprios sentirmos que... ou porque um texto vai ter impacto e destaque... Eu nunca deixo de ler um editorial nos dois

suportes, no impresso e no *online*. Normalmente não tem problemas, mas acho que é uma matéria importante, relevante, portanto não vamos deixá-la desamparada; pode haver ali qualquer coisa que não está tão bem. Normalmente o destaque vê-se, a página 2-3, às vezes até vai mais longe; hoje, por exemplo, é enorme, vai até à 11, acho eu. Isso convém ter leitura. As aberturas de secção – o primeiro texto da Cultura, o primeiro da Sociedade, o primeiro do Desporto... Isso tenta-se cumprir, mas às vezes pode não ser cumprido, esse é um critério antigo.

- Quantos revisores por dia?

Podemos ter cinco. À sexta-feira nunca somos mais de três. E ao fim de semana só está um, porque é a forma de a gente se organizar, porque depois, se estão dois, esses têm de estar de folga e depois ficam sempre pessoas no horário mais tardio. E para a gente poder rodar... Porque a gente tem de ter vida para além do trabalho (risos). Para rodar um bocadinho, para não sairmos sempre daqui tão tarde.

- Então as mesmas pessoas não coincidem sempre nos mesmos dias, não é?

Não, não. Os horários rodam. Há três pessoas que rodam em todos os horários e depois há uma pessoa que não roda, que faz só noite – mas até um certo limite – e há outra pessoa que vai rodando também.

- O livro de estilo ainda é muito seguido?

A gente tenta guiar-se por ele e atualizá-lo. Vamos fazendo anotações, porque há coisas novas que não surgiram quando a gente começou. Também a evolução tecnológica ditou isso e teve reflexo na língua, naturalmente. Mas o livro de estilo também não é exaustivo e há coisas que evoluíram e se calhar já são um bocadinho diferentes.

- E há um grande acompanhamento dos jornalistas em relação ao livro de estilo?

Eu não tenho a certeza (risos), mas dos mais antigos, sem dúvida; os mais novos, imagino que lhes dão o livro de estilo para as mãos. Nós já tivemos aqui uma estagiária e demos-lhe o livro de estilo para as mãos, para ela conhecer. Penso que sim. Até porque ele também está *online*. Também isso é importante, o nosso papel de uniformizar um bocadinho. Porque depois há outros critérios, há pessoas que vêm de outros jornais; nós aqui só escrevemos em caixa alta – letra grande – Presidente da República; mas se calhar há jornais em que escrevem o primeiro-ministro. Essa uniformização, o livro de estilo fala dela; convém que as pessoas o conheçam. Como a gente não lê tudo, pode haver discrepâncias... às vezes nota-se um bocadinho quando as pessoas vêm de novo, de outros jornais, até a pessoa depois aprender como se faz aqui.

- Porque é que acha que os jornalistas mais jovens não acompanham tanto o livro de estilo como os mais antigos?

Eu não sei, não tenho a certeza de isso ser assim. Mas talvez porque lhes ensinam outras coisas, não sei; não estou nas secções quando eles chegam. Talvez note isso quando os textos chegam escritos, mas às vezes acontece até com textos de jornalistas mais velhos que vêm de outros jornais, porque os critérios foram outros, e as prioridades de a pessoa se ambientar... se calhar não começou logo a tratar do livro de estilo, depois quando tem dúvidas é que começa... Acho que se calhar depende das secções, não consigo dizer isso... O que posso dizer é que dos textos que me chegam às mãos às vezes

se calhar percebo que a pessoa ainda não tomou conta, ainda não lhe chamaram a atenção... e nós também cá estamos um bocadinho para ajudar nisso, para dar essa formaçozinha quando surge a dúvida, quando surge o que está menos bem.

- Quando os textos chegam aqui à revisão, costumam vir com muitos erros? Em que estado costumam chegar?

Não, já vêm com uma edição, em princípio... Depende também dos textos, da pressa, do editor... Têm alguns erros; têm sempre. Depende um bocadinho da edição que foi feita antes de chegar às nossas mãos. Se for um bocadinho mais à pressa se calhar tem mais erros, se for mais cuidada tem menos. Também depende, se calhar há editores que fazem mais esse trabalho de leitura, se calhar há outros que dão atenção a outras coisas, à construção da notícia... Eu acho que as pessoas estão todas um pouco assoberbadas, isso é verdade.

- Quais costumam ser os critérios de contratação para os *copydesks*?

Os *copydesks* tiveram a sua formação inicial e o que se exige é que a pessoa tenha bons conhecimentos linguísticos, de técnica jornalística... Em princípio isso só se testa depois ao vivo, mas tem de ser uma pessoa com alguma arte diplomática, porque às vezes é preciso dirimir questões ... tem de ser relativamente rápida a fazer o trabalho... E a Rita estava a falar dos testes. Nós tivemos uma contratação com testes. Foi assim: tive a ideia. Nós temos correspondentes no estrangeiro e eu percebi que os mais velhos, veteranos, tinham feito uns testes para escolher quem é que era o correspondente, que neste caso estava nos Estados Unidos. E eu pensei “Olha, isto é uma boa ideia”! Então inventei uns testes: estraguei uns textos com um grau de dificuldade que ia crescendo, cerca cinco textos, de tamanho também diferente e dava um *timing*, o tempo de rever e resolver as dificuldades. As pessoas até fizeram os testes *online*, nos seus *e-mails*, não aqui. Porque os testes que nós fizemos de início para contratar *desks* eram com toda a gente sentada numa mesa. Já não foi assim. Depois eu fazia a correção e foi assim que se apurou. A partir daí esse modelo vingou e eu fui dando mais testes, que eram sempre os mesmos textos... Agora é verdade que a qualidade daqueles candidatos que tivemos em 2011 não se repetiu (risos): foi sempre piorando. Isto foi para suprimir faltas que tivemos. Houve um colega de baixa, depois houve um colega que se foi embora... Foi uma forma de os escolher, pronto. E têm de ter também, é evidente, cultura geral, conhecimento de geografia...

- E essa parte também entra nos testes?

Também entra nos testes. Tinha algumas armadilhas, por exemplo, a pessoa tem de saber que um determinado presidente não teve quatro mandatos, coisas deste tipo.

- E quanto tempo havia para fazer os testes? Acho que isso ajuda a perceber...

Se for um texto pequenino eram cerca de cinco minutos. Se for um maiorzinho, vinte. Eu acho que nunca ia além dos 25, se fosse um texto assim já maior. Havia um texto de análise, grande, que eu espatifei todo (risos)...

- Há reações dos jornalistas quanto a alterações feitas nos artigos?

Às vezes vêm perguntar porque é que fizemos, e a gente explica... Sim, às vezes há.

- Chega a haver conflitos ou discussões por causa dessas alterações?

(Risos) Às vezes, mas não é... A gente tenta explicar... Normalmente as pessoas acatam, digamos; acho que nós temos alguma autoridade aqui dentro.

- Não costuma haver problemas por causa do Acordo?

Há problemas porque há pessoas que começaram a aprender com o Novo Acordo, sobretudo as que chegam agora, e os textos aqui são escritos com o antigo acordo. Mas os cronistas, as cartas... aí as pessoas escolhem como é que escrevem e nós respeitamos essa grafia e tentamos fazer as correções em função dela. Porque há pessoas que começam a escrever com o Novo Acordo e a meio do texto mudam para o velho e aquilo às vezes é um bocado difícil, andar a pescar à linha para perceber o que é que eles verdadeiramente pretendem. Isso também fazemos.

- Considera que os artigos do *Público* cumprem as regras da língua portuguesa? A ideia que tem é que há muitos ou poucos erros de português no jornal?

Eu acho que não tem muitos, mas tem alguns. Estou a falar do papel. Se calhar conheço melhor o papel do que o *online*. Tem alguns, infelizmente.

- E no *online* acha que tem mais ou menos?

Ai, tem mais, claramente tem mais. A massa é maior, portanto o *corpus* é maior; tem necessariamente mais. E os suplementos que não têm revisão também têm... Às vezes até em lugares de destaque, o que é aborrecido.

- Com os textos de opinião há uma grelha mais apertada ou mais larga?

A regra, que me ensinaram aqui, é que os textos de Opinião... digamos que seguem os critérios do jornal. Não se vai pôr “primeiro-ministro” em caixa alta porque não é o que fazemos aqui. Agora, há algumas liberdades ... eu lembro-me de que o Bernardo da Costa às vezes escrevia e punha “mãe” em caixa alta, e a gente não escreve assim; eu isso não mudava. Ou o Frei Bento, que escreve naturalmente utilizando nomenclatura religiosa, escreve essas palavras em letra grande – a gente em princípio não mexe nisso. É esse o critério.

- Quanto às regras de português também há...?

A gente adota as regras corretas e se há um erro a gente emenda, não vai deixar... Às vezes há pessoas que... Estou-me a lembrar da questão do “histórico”, por exemplo; “histórico” para dizer “historial” está errado, e uma vez telefonei a um cronista para saber se ele queria que eu corrigisse ou não; disse que não, então saiu “histórico”. Mas era “historial” que estava correto. Mas normalmente os cronistas não reagem mal, pelo contrário, agradecem. E os jornalistas também (risos), quando têm tempo para perceber o que se passou ali, porque isto é tão rápido, a produção dia após dia...

- Costumam receber reclamações dos...?

Às vezes, sim, por uma coisa que o leitor acha que saiu mal – às vezes até nem saiu – chegam-nos os mails... O diretor, ou um editor às vezes, diz-nos: “Vejam lá, este leitor está a dizer isto, é verdade ou não é?”. Reclama com uma coisa, às vezes tem razão, outras vezes não tem.

- Tanto para o *online* como para o impresso?

Sim. Sim.

- E, quando é para o *online*, depois costumam alterar?

O *online* é possível corrigir, exato. Vamos sempre a tempo, no papel é que já não. Por isso é que depois há aquela rubricazinha, ou para conteúdos ou para coisas de forma, “O *Público* errou”, em que se corrige. Mas é mais para coisas de forma.

- Sabe-me dizer sobre que questões é que costumam incidir mais as queixas?

Os leitores falam às vezes de mau uso de português... Ou uma coisa que está numa primeira página... Às vezes eles não têm razão, mas outras já têm tido. Eu acho que são mais questões – pelo menos as que nos chegam – sobre a posição política do jornal... Talvez já tenhamos tido antes, com outros diretores, queixarem-se de ser muito à direita, ou muito à esquerda, ou muito não sei quê.

- Dentro do português há erros que sejam mais referidos?

Erros recorrentes, há. Há erros que as pessoas cometem sistematicamente, sim.

- Como quais?

Como, por exemplo, o *peru*: põem acento no *peru*, que não tem. O *reúnem-se*, *reúne-se*, que leva o acento e as pessoas não o põem. O *estrear-se*, que também é conjugado reflexamente, também não o escrevem assim. Há assim umas clássicas, digamos.

- E nos erros que os leitores mencionam há alguns a que se note que as pessoas dão mais atenção?

Eu acho que as pessoas se aborrecem muito quando alguma coisa corre mal na primeira página. Com isso ficam um bocado zangadas. Exigem – e têm razão nisso – alguma atenção à primeira página. Por isso é que a gente também dá atenção à chamada *homepage*. Aí acho que se aborrecem – dá um ar desmazelado, eu concordo nisso (risos). Mas às vezes, ou porque não houve tempo, ou porque se está cansado e se falhou... nós também falhamos! São vários olhos que estão a ver e às vezes as pessoas leem uma coisa que está correta e de facto não está correto o que lá está escrito! Isso é um pouco chato.

- O *Público* tem alguma ação (além da equipa de revisão e do livro de estilo) para tentar que não existam ou que existam menos erros de Português? O que é que é feito nesse sentido?

Quando detetamos alguma coisa recorrente, mandamos um *e-mail* ao autor da peça, ou ao editor, ou clarificamos critérios... fazemos isso. Uma coisa cá interna.

- Nunca houve formações internas, ou algo semelhante?

Não. No tempo em que a Rita foi coordenadora ela fazia o erro da semana. Isso era uma forma de formação, digamos.

### 3.4. Entrevista a Armando Esteves Pereira (diretor-geral editorial adjunto do *Correio da Manhã*)

- Há quanto tempo está aqui no *Correio da Manhã*?

Há quase 27 anos.

- Há quanto tempo desempenha as funções de diretor-geral editorial adjunto?

Há um ano e pico. Era diretor-adjunto do *Correio da Manhã* desde 2007 e antes tive outras funções, como a de editor desportivo, desde 2001, e antes tinha sido – e sou – editor de Economia.

- O *CM* tem uma equipa de revisão?

Tem, tem, tem.

- Quantas pessoas tem?

A equipa não é só do *Correio da Manhã*; faz o *Correio da Manhã* e as outras publicações de revista. Não lhe sei dizer ao certo quantos são. É uma equipa grande, mas o número certo já lhe digo.

- Como funciona o processo de revisão no *CM*?

Os jornalistas entregam os textos ao editor e o editor dá o OK, portanto a revisão é no fundo a última rede dos textos.

- Todos os textos são revistos?

Os mais importantes. Não necessariamente todos. Depende da hora de fecho e de várias condicionantes. Mas os mais importantes, de preferência, são.

- Então esses são alguns critérios para decidir que textos rever, certo? Entram critérios como a secção a que pertencem...?

Não, é a importância da notícia. Se for manchete, se for uma notícia mais importante, obviamente. De preferência são todos, mas às vezes não é possível, e tem a ver também com a hora de fecho, com a hora do acontecimento...

- Os artigos que vêm de agências costumam ser revistos?

Sim, mas no *Correio da Manhã* não há entrada direta no papel de textos das agências; têm sempre trabalho editorial, portanto são uma peça como as outras.

- Há diferenças entre o *online* e o impresso?

Os textos nativos do *online* raramente são revistos; isso passa pelo editor. Não há receitas suficientes.

- E para algum texto ser revisto no *online* há algum critério específico?

Não, só se for assim muito importante e se houver alguma dificuldade do jornalista, mas regra geral isso nunca acontece. É raro um texto só para o *online* ser revisto.

- Por quantas pessoas passa um texto? Pelo que percebi, por três pessoas, à partida: por quem escreve, pelo editor e pelo revisor.

Exatamente. No *online*, às vezes passa só por um. No *online* esse crivo não existe.

- Quanto tempo há para rever cada texto?

O jornal tem uma hora de fecho muito apertada, que tem de ser cumprida. Não lhe sei dizer quanto tempo há, mas tem de ser rápido; a pressão de tempo é fundamental.

- Qual é a hora de fecho normalmente?

O jornal agora tem de estar pronto às 23h.

- Quais são as principais preocupações na revisão de um texto?

O principal é erros ortográficos e gralhas. Depois a sintaxe, o português correto e que seja perceptível. Que as pessoas percebam o que se está a dizer e que não haja contradições.

- Quando um texto é revisto, normalmente é revisto integralmente ou quando há uma maior pressão é possível que se vejam apenas as entradas, os destaques...?

Às vezes quando a pressão é muita, por exemplo, se for uma coisa às 22h30, provavelmente só veem as entradas, os destaques e as legendas. Preferencialmente não, leem tudo.

- Eu sei que já lhe perguntei isto, mas só para perceber melhor: são os textos mais importantes que são revistos, mas, em termos de secções, não costuma haver distinção? Não há secções que sejam mais lidas e por isso tenham...?

Não, não, não, exatamente. São todas lidas.

- O *CM* tem um livro de estilo?

Sim, sim.

- Como é que funciona o livro de estilo? Todos os jornalistas que chegam têm de o ter, de o ler?

Por acaso, não, por acaso... Há um manual de boas práticas e este não existe como manual acessível a toda a gente. Ou seja, a revisão sabe... há uns princípios, que depois os editores tentam ir passando... Mas não existe esse documento, o livro de estilo. Aliás, em Portugal só existe um publicado, que é o do *Público*. Não temos um livro de estilo publicado. Mas há um princípio de boas práticas, que em cada secção os editores preparam e cujos princípios vão passando aos jornalistas que entram.

- Há maneira de eu ter acesso ao vosso livro de estilo?

Não sei se existe esse documento escrito. Há os nossos princípios editoriais, que foram publicados. Mas, em termos de escrita de português, é o português, ou seja, há uns anos já mudámos para o Novo Acordo Ortográfico, portanto seguimos as regras de português.

- No processo de recrutamento dos jornalistas, existe alguma preocupação com a correção da escrita?

Nós agora recrutamos, basicamente... A televisão tem um grande poder. O saber bem televisão é mais importante do que saber ler e escrever, que é uma coisa da qual se presume que as pessoas agora têm um conhecimento básico. Infelizmente houve uma degradação da qualidade de escrita dos jornalistas nos últimos 15, 20 anos, e temos muitos jornalistas que nunca leram um livro na vida. A qualidade da escrita também é um reflexo disso. Mas pronto, o mais importante num jornalista é saber procurar e dar notícias. Isso é mais importante ainda do que saber ler e escrever bem.

- Mas é levada em conta essa parte?

Claro, obviamente, se der erros num teste não entra.

- E quanto aos revisores quais é que são os critérios de contratação?

É também o saberem português, saberem regras de português, de sintaxe e de gramática e estarem atentos. Quando há erros nós somos exigentes e tem havido despedimentos por causa de erros publicados.

- E na altura da contratação em si, por exemplo...

É a chefe da secção que diz quais as pessoas a contratar. E obviamente esse critério é muito importante, claro.

- Quanto aos despedimentos que já houve, por existirem erros, é uma coisa frequente, ou aconteceu algumas vezes...?

Infelizmente, aconteceu uma vez, numa forma muito grave. É evidente que, se uma pessoa que está sob contrato comete erros, o contrato termina e não é renovado. Mas já já foram despedidas pessoas por causa de erros graves, obviamente.

- Por gravidade ou frequência? Ou as duas coisas?

Pode acontecer por frequência; se uma pessoa faz três erros, quatro erros, não tem jeito para aquilo, portanto normalmente isso vê-se no primeiro contrato. E infelizmente já tivemos de dispensar pessoas por deixarem passar erros muito graves.

- Só para ter a certeza, estamos a falar de revisores ou de jornalistas?

De revisores.

- Existe sempre o mesmo número de revisores na redação ao longo da semana?

Não, isso depende da escala das pessoas e das férias.

- Sem contar com os meses de férias, nos meses normais, em que dias é que normalmente há mais e menos revisores?

No fim de semana há de haver menos. Nos outros dias deve ser mais ou menos equitativo.

- Ao longo dos dias úteis, é um número equilibrado? Mantém-se estável?

Sim.

- Há reações dos jornalistas quanto a alterações feitas nos artigos?

Há, claro.

- Qual é que é a relação entre jornalistas e revisores?

Regra geral é boa, mas depois há gente... há sempre atritos, isso faz parte do trabalho.

- Considera que os artigos do *CM* cumprem as regras da língua portuguesa?

Há algumas gralhas... Há erros. Mas sim, hoje em dia acho que o *Correio da Manhã* até é dos jornais mais bem escritos em Portugal. Sinceramente.

- A ideia que tem é que há muitos ou poucos erros de português no jornal?

Há muito mais do que aquilo de que eu gostaria. E depois os erros é que se notam, mas obviamente em termos de jornal será uma percentagem mínima; mas obviamente há erros.

- Costumam receber reclamações dos leitores sobre questões do Português?

Há, há, e agora até mais no *online*, curiosamente. Porque no *online* há mais erros, precisamente por não haver revisão.

- Quando recebem essas queixas e é no *online* – porque obviamente no impresso não é possível corrigir – costumam alterar?

Sim, claro. Quando é um erro óbvio até é um serviço de revisão que agradecemos aos leitores.

- Por curiosidade, quando recebem essas queixas, acontece também receberem queixas de coisas que os leitores consideram que estão erradas mas que os revisores consideram certas?

Já aconteceu isso, mas menos. Às vezes a dúvida até é entre os jornalistas e os revisores. Mas com as coisas do Acordo às vezes há essa alteração.

- Acontece por vezes aquela divisão entre os puristas, que gostam da forma como as coisas se diziam antigamente, e a evolução que a língua começa a sofrer, e as coisas passam a ser ditas de uma maneira diferente. Sabe se aqui costumam seguir a forma mais correta ou a forma atual?

Nós tentamos ser mais eficazes na comunicação e tentamos também ser adeptos do português em detrimento dos estrangeirismos. Só que há palavras... *bullying*. Já é *bullying*. Há palavras que entram por força na comunicação, como *carjacking*. O que interessa é a eficácia da comunicação.

- Refiro-me também a questões mais pequenas, por exemplo, *ter de* é mais gramatical, no entanto, hoje em dia, *ter que* é a forma mais generalizada...

Não é uma questão fundamental. Desde que seja bom português, escoreito, que as pessoas percebam, isso é que é fundamental.

- O jornal tem alguma ação concreta para tentar que não existam ou que existam menos erros de Português? Que é feito nesse sentido?

Claro, além dos revisores, temos os corretores ortográficos nos computadores.

- Os corretores ortográficos já deram algum problema?

Às vezes dão. Quando o corretor ortográfico está associado a falta de atenção, já deu problemas.

- O corretor ortográfico à partida vem antes do revisor, não é?

Sim, exatamente.

### 3.5. Entrevista a Patrícia Gomes Ramos (coordenadora da equipa de *copydesks* do *Correio da Manhã* e da Cofina)

- Há quanto tempo faz revisão?

Há cerca de seis anos.

- E há quanto tempo está aqui, no *Correio da Manhã*?

Há quatro anos.

- E há quanto tempo é a chefe da equipa de revisão do *CM*?

Para o *Correio da Manhã* ou para o geral?

- Diga-me as duas coisas.

Para o *Correio da Manhã*, há um ano e meio. E passei a coordenadora-geral há um ano.

- Quantas pessoas tem a revisão do *Correio da Manhã*?

12.

- Do *Correio da Manhã* em específico?

Ah, não. A Cofina tem 12, o *Correio da Manhã* tem seis.

- Como é que funciona o processo de revisão do *Correio da Manhã*?

Para começar, nós somos a terceira linha, por assim dizer. Porque primeiro o jornalista escreve e a seguir o editor tem de editar – porque os textos para nós nunca vêm, ou quase nunca vêm, em bruto – “em bruto” é aquilo que o jornalista escreve em si. O texto é sempre editado antes de passar para nós. Depois cabe-nos a nós ler, rever, ver se está tudo OK, se não existe incongruência nenhuma em termos de nomes, de idades, de informação no geral; se houver, temos de contactar o jornalista, ver o que é que está bem e o que é que tem de se mudar, e a partir daí nós fechamos a página.

- Todos os textos são revistos?

Todos os textos são revistos.

- Não há diferença nenhuma quanto a secção, a destaques, etc.? Todos são vistos de igual forma?

Todos são vistos de igual forma, sendo que as aberturas de secção têm sempre outro cuidado; a revisão das aberturas tem de ser sempre mais minuciosa. Até em termos de linguagem, porque o meu conhecimento de Economia não vai ser o conhecimento de Economia de um senhor de oitenta anos nem o de uma pessoa de vinte, portanto isto tem de ser tudo tido em conta.

- E de umas secções para as outras? Há diferenças?

O cuidado é o mesmo – o cuidado *tem de ser* o mesmo. Pode não ser o mesmo dependendo dos dias, mas a ideia é ter sempre o mesmo cuidado na revisão.

- Acontece haver algum texto que já tenha de ser visto com muito pouco tempo e que por isso nesse só vejam entradas, destaques...?

Não, nunca. As páginas são todas revistas. Com mais ou menos tempo, nada segue para a gráfica sem revisão.

- O texto passa, então, por três pessoas: jornalista, editor e revisor?

E a seguir vai para editor de fecho. O editor de fecho é a última linha antes de [o jornal] seguir para a gráfica e é quem tem de dar um olho geral à página e ver se está tudo OK. Sendo que editores de fecho muitas vezes são poucos, e, portanto, a visão é geral; não existe atenção ao pormenor.

- E aí há partes que voltam a ser vistas, que são vistas duas vezes?

Não são vistas duas vezes, porque uma coisa é um editor de fecho e outra coisa é um revisor. Basicamente eles olham muito mais para títulos, destaques, o que seja, até porque os próprios editores de fecho têm áreas específicas. Tens um editor de fecho que é, por exemplo, mais da área de Economia e Política, e outro que é mais da área da Sociedade; isso influencia sempre o final.

- Mas, no fundo, títulos e destaques acabam por ser vistos duas vezes.

Sim, por assim dizer.

- Há diferença entre o *online* e o impresso?

Sim, o *online* não é revisto (risos).

- Nunca é visto ou há casos em que...?

Nunca é visto. Nós não temos revisão do *online*. Sei que é uma coisa que a empresa pretende mudar, mas neste momento o *online* não tem revisão. O que acontece é: a primeira página que surge quando abrimos o *browser* de manhã é o *Correio da Manhã* e, portanto, acontece nós vermos alguma coisa e se detetarmos algum erro ligamos e é mudado; mas não tem revisão.

- Os artigos que vêm de agência são revistos também?

Não, nós não publicamos textos de agência. Ou seja, são fontes e nós podemos basear-nos neles, mas o texto... posso dizer que não me lembro de texto nenhum que tenha sido tirado em bruto, por exemplo, da Lusa, que é a única agência que nós usamos.

- Quanto tempo têm normalmente para rever cada texto? Dê-me apenas uma estimativa.

Ui! Uma estimativa... Depende do que é. Isso é muito relativo, porque depende do tempo de revisão da pessoa, do à-vontade que a pessoa tem com o tema – uma pessoa que não tem à-vontade ou não se sente segura a ler Desporto vai sempre demorar mais tempo do que outra que se sente segura a fazê-lo. Mas posso dizer que uma página maior se calhar leva um quarto de hora, dez minutos, uma página mais pequena, sete, mais ou menos. Mas depende sempre muito e depende sempre das temáticas.

- Quanto ao Desporto, há uma linguagem muito específica, e há o futebolês, em que há termos que por vezes até são erros em si mesmos.

Sim.

- Como é que lidam com essas partes? Têm de os deixar assim porque são os termos do futebol?

Sim. Dependendo de algumas coisas, mas sim, claro que há expressões que em termos de português não estão no dicionário, não são dicionarizadas, mas que, pela gíria e pelo uso comum da língua portuguesa, já começam a ser ditas mais regularmente e, portanto, é natural que o leitor já tenha alguma familiaridade com as palavras. Mas depende sempre, depende sempre. Se o editor quiser manter assim, nós mantemos.

- Em geral, o número de alterações que têm de fazer é muito elevado?

É.

- Acontece muitas vezes terem de mudar frases para que fiquem mais legíveis ou mais compreensíveis, por exemplo?

Mudar uma frase inteira talvez não, mas muitas vezes temos de perceber que estas pessoas trabalham sempre... uma notícia é produzida em muito pouco tempo e o que acontece muitas das vezes – e ao ler apercebemo-nos disso – é que eles escrevem exatamente como estão a pensar. E, portanto, às vezes o atabalhoado da linguagem é mesmo por isso, porque querem pôr muita informação ao mesmo tempo. Eu não digo mudar uma frase inteira, mas que muitas vezes é preciso nós rescreevermos aquilo de alguma forma... Porque às vezes basta uma palavra para a coisa ficar diferente. E isso é feito *muitas* vezes. Isso é feito em 99% dos casos, por assim dizer. Mas mudar uma frase inteira depende muito do jornalista.

- Quais são as principais preocupações na revisão de um texto?

Não saírem erros, tanto em termos de português como de conteúdo, porque nós, ao contrário do que se pode pensar, não revemos só o português. Muitas das vezes há revisão – ou tem de existir

alguma revisão – de conteúdo. E por isso mesmo se diz que um revisor, quanto mais cultura tem, melhor revisor é. Isso é a nossa principal preocupação, mesmo.

- Há, por vezes, uma tentativa de equilíbrio entre uma maior correção gramatical e a boa compreensão da frase? Essas coisas por vezes chocam um bocadinho.

Chocam. Sendo que, ao contrário do que as pessoas acham, no geral, as pessoas não falam corretamente português e, portanto, nós temos muitas das vezes de adaptar isso àquilo que deixamos seguir em jornal.

- E que critério seguem em formas que são mais corretas gramaticalmente, como o *tem de* em vez do *tem que*?

O *tem de* é mudado, por exemplo; o *ter que ver* muitas vezes não é mudado... Um dos casos mais flagrantes, por exemplo, é o *à-vontade* com hífen e sem hífen. Muitas das pessoas não sabem que *à-vontade* tem hífen.

- Dependendo dos casos, não é?

Dependendo dos casos, sim. Tal como muitas pessoas também não sabem que o *bom dia* e o *boa tarde* também podem ter ou não hífen. E essas são questões que têm de ser adaptadas ao público, porque o público tem de compreender o que lá está escrito, e não pode estar constantemente a questionar-se a si próprio. Portanto o nosso objetivo é deixar seguir de maneira a que o leitor consiga ler, com o mínimo de erros possível, obviamente. *Obviamente*.

- Existe sempre o mesmo número de revisores ao longo da semana?

Não.

- Em que dias é que há mais e em que dias é que há menos?

Existem sempre mais revisores durante os dias da semana, principalmente porque temos suplementos, e esses suplementos levam a que seja necessário adaptar a escala das pessoas.

- Em que dia há mais pessoas?

À quarta e à quinta.

- Ao fim de semana há menos pessoas? Há uma grande diferença?

Há uma grande diferença e não em termos de jornal, porque o jornal ao fim de semana é maior, mas em termos de suplementos, que fazem muita diferença. Posso dizer que, por exemplo, o suplemento de hoje tem 68 páginas; portanto nós não vemos o jornal: vemos o jornal *mais* o suplemento de 68 páginas.

- E são menos pessoas ao fim de semana?

São menos pessoas ao fim de semana, exatamente porque não há essa necessidade de estarem tantas pessoas, porque é só um jornal.

- E quantas pessoas estão ao fim de semana?

Três.

- Os jornalistas costumam reagir às alterações feitas?

Sim, alguns deles.

- É frequente haver confrontos com origem em alterações feitas?

Comigo, sim, porque sou a coordenadora e, portanto, eles falam diretamente comigo. Sim.

- Há casos específicos que causem mais confrontos?

Há, o Novo Acordo. O Novo Acordo é, efetivamente, um caso de discórdia, porque nós mudamos, o jornalista não sabe que é daquela forma e muitas das vezes temos de explicar que mudou. Por muito que as pessoas não queiram, mudou.

- E fora do Novo Acordo?

[Acena negativamente]

- Na sua opinião, o *Correio da Manhã* cumpre as regras da língua portuguesa? Tem muitos ou poucos erros, o jornal?

É assim, segundo opiniões, é o que tem menos erros, porque também é dos poucos meios de comunicação impressos que têm a equipa de revisão que nós temos. Mas sim. Tem poucos.

- Costuma receber reclamações dos leitores por questões de português em específico?

Não. Existe *um* caso específico, de *uma* expressão, sobre a qual *um* leitor manda cartas. Mas sem ser isso não.

- Com frequência?

Não, quando encontra esse erro no jornal.

- Pode dizer-me qual é o erro?

O *tratam-se*. E o *haverão*. Que não existem e que em termos de português estão errados.

- O *Correio da Manhã* tem alguma ação para que existam menos erros?

Bem, o ter uma equipa de revisores já é inédito.

- Mas em termos, por exemplo, de formações...

Posso dizer que sou eu quem contrata, portanto são importantes o *curriculum* das pessoas e a formação das pessoas. Quanto mais ligação se tem à língua, melhor. Porque não faz sentido eu contratar uma pessoa de medicina ou de uma área em que a língua não é tida em conta.

- Pode acontecer haver pessoas que não venham diretamente da área da língua mas que consiga perceber que pela experiência são boas na revisão? Há alguma espécie de teste?

Muito poucas pessoas que não são formadas em Sociais e Humanas se interessam por revisão. Eu não conheço caso nenhum; já contratei muita gente para esta equipa e nunca aconteceu eu ter um caso desses. Podem existir casos, que não chegaram a mim, porque a revisão não é só ler, ao contrário do que as pessoas acham e, portanto, nem sequer tem acontecido.

- E qual é a sua formação?

Eu sou formada em Estudos Portugueses e Lusófonos, com Mestrado em Edição de Texto, e tenho uma formação na revisão.

### 3.6. Entrevista a Rita Moreira (*copydesk* do *Correio da Manhã*)

- Há quanto tempo está aqui no CM?

Faz este mês um ano.

- Há quanto tempo é revisora?

Profissionalmente?

- Sim.

Eu comecei a trabalhar aqui como revisora, mas já trabalhava antes em modo *freelancer*. Há cerca de dois anos, mais ou menos; quando comecei a tirar o mestrado já tinha uns lamirés da coisa.

- Tirou o mestrado, e que formação é que fez até chegar a revisora?

Eu fiz a licenciatura em Letras – em Línguas, Literaturas e Culturas – e depois tirei o mestrado na Nova, em Ciências Sociais, em Edição de Texto.

- Quantas pessoas tem a equipa de revisão para o *Correio da Manhã* especificamente?

Para o *Correio da Manhã*, seis pessoas.

- Como é que funciona o processo de revisão no *Correio da Manhã*?

(Risos) É uma loucura. É a minha chefe que nos atribui páginas, e todos os dias temos um plano diário daquilo que vai acontecer, sendo que nós não fazemos só o *Correio da Manhã*: fazemos também revistas, ou seja, à sexta, ao sábado e ao domingo saem sempre suplementos de revistas, das quais nós também fazemos a correção. Isso está tudo delineado de acordo com a gráfica. Agora, por exemplo, terça-feira, nós temos metade da revista *Vidas* para fechar, mais o jornal – sendo que somos só três. A minha chefe está sempre a dizer “Tu ficas aqui, tu vais para aqui; Rita, vê já a abertura da Política; Teresa, vai já para a abertura do Mundo”; é mais ou menos assim. E é até à meia-noite – onze, agora, porque os horários da gráfica mudaram. Das cinco às onze é esta loucura toda. Inclui rever a primeira do jornal, com número de páginas, com conteúdo, e isto depois envolve, a partir das dez da noite, mais ou menos, trabalhar muito com a paginação, porque são eles que fazem a primeira página, são eles que escrevem, e somos nós que temos de dizer “Isso não dá”, apertar espaços, não apertar, a caixa rebentou, este A foi para baixo e este A tem de ir para cima...

- Então não é só ver as questões de Português concretamente, mas também os aspetos gráficos?

Sim, tem de ser. Nós às vezes podemos achar que um título é um pouco feio – e há títulos terríveis. Mas naquele espaço não dá para pôr um título melhor. É preciso ter este tipo de informações – isto acontece muito também é nos *leads*, em que eu penso “Isto é terrível e eu não quero deixar isto assim”, mas tem de ser. A informação tem de estar lá e tem de ser daquela maneira muito específica. E se eu quiser mudar um título todo o resto da página vai ter de mudar, e vão ter de apertar mais de um lado e do outro, portanto eu vou ter de estar sempre a falar com a paginação e a ver se é possível ou não é. Às vezes dizem-me: “Não vai dar, Rita, vai ter de ficar como está”. Desde que não tenha erros...

- Era isso que ia perguntar: se chega a ter de deixar erros para respeitar aspetos gráficos.

Não, não, não. Nunca, nunca, nunca. Imagina que uma palavra está mal escrita ou que as formações de palavras estão mal. Não convém dizeres *tem que*, mas sim *tem de*. Imagina que por acaso não cabe. Neste caso em específico cabe normalmente, mas, se tens de trocar e não dá, não há problema: troca-se a palavra, troca-se a formulação; nunca se deixa passar erros só por uma questão de espaço. Ou de tempo. Nunca, nunca.

- E em casos desses como o *tem que* e o *tem de*, em que um caso é muito mais correto mas o outro já começa a ser aceite, a equipa corrige?

Não, porque ela [a coordenadora] é muito dura nessas coisas [risos].

- Então tem de estar da forma mais correta; é isso?

Sim. É seguir sempre o que dizem as gramáticas. E às vezes dizem-nos “Mas o leitor comum não sabe”; e nós respondemos “não importa”. Nós não estamos a trabalhar para o leitor comum, estamos a trabalhar para isto estar bem escrito. Quando pôr o *tem que* e *tem de*, o *arrendar* e *alugar* – nesses casos específicos nós somos muito duros.

- Todos os textos são revistos?

Sim.

- Todos os que estão no jornal?

Sim. Todos.

- Não há nenhuma diferença entre secções, destaques...?

Há. Nós damos muito mais atenção a páginas como, por exemplo, a Política e a Economia e às aberturas de secção – porque são as primeiras a ver-se –, e depois no final da noite recebemos sempre finais, aquelas folhas enormes que são como o jornal vai sair. E nessas nós só vemos títulos, destaques e pós-títulos, vemos se está tudo bem, se os textos acabam, se há algum problema no grafismo, se saiu um erro tremendo num título em que nós não reparámos, e aí muda-se já com a gráfica. Mas isso é pós-trabalho; quando nós estamos a trabalhar mesmo no horário normal, é rever tudo, dar atenção a tudo, até ao mais ínfimo pormenor.

- Então, à partida, no impresso não saem textos que não tenham sido revistos?

Não. Só se aconteceu um desastre, alguém não veio trabalhar e por acaso estamos com menos pessoas, mas acho que isso nunca aconteceu no ano em que eu estive cá.

- Se percebi bem, depois, no fim do dia, há elementos que até são vistos duas vezes, porque voltam a ver os destaques e títulos...

Sim. E, por exemplo, nós vamos ver com muito mais atenção na final a página correspondente à manchete, porque tem chamada na primeira, portanto convém ver mesmo com muita atenção, confirmar se não tem mesmo erro nenhum.

- E disse-me que dão mais atenção às secções de Política e Economia, não foi?

Sim, só porque essas são as mais complicadas para nós, porque estudamos Português e não sabemos propriamente muito bem os termos de Economia. Ou então, falo no meu caso, Desporto; Desporto, então, é uma coisa mesmo muito dura, apesar de termos o *Record* na Cofina. Tudo o que seja abertura de secção de Mundo, Política, Economia, e Desporto, e Portugal, e Sociedade tem uma linguagem muito própria. Política e Economia têm uma linguagem mesmo muito própria, ao contrário, se calhar, do Mundo; toda a gente sabe muito mais do que é o Brexit, por exemplo.

- Uma coisa em que tenho reparado é que no Desporto existe uma questão complicada que é o ‘futebolês’, e que existem termos relacionados com o futebol que são erros em si. Como fazem nesses casos?

Eu contorço-me um bocadinho e fico com alergia, mas deixo passar. Porque me dizem: é futebolês. E tenho sempre aqui os revisores do *Record*, que me dizem “Isso é tranquilo; toda a gente percebe isso”. E eu: “Mas isto não está bem. Isto não é português em lado nenhum”.

- Por quantas pessoas passa um texto desde que ele é escrito?

Temos o jornalista que o escreve, depois havemos de ter o editor da secção, que edita, vê se está tudo OK – normalmente conteúdos –, e depois por nós. Portanto seriam três pessoas, ou quatro, se contarmos com ver as finais – e o pessoal da paginação às vezes também olha para o texto.

- Há diferenças entre o *online* e o impresso?

Há, porque o *online* não tem revisão. Tanto quanto sei. Mas ela [a coordenadora] saberá dizer melhor do que eu.

- Os artigos que vêm de agências são revistos?

Sim. Nós tentamos não mudar muito; por exemplo, nós temos muitas coisas que são com a Lusa, ou de algum escritor em específico que fez em conjunto com a Lusa, e nesse aspeto nós tentamos não mudar muito porque não faz sentido e às vezes nem precisam de ser mudados.

- De quanto tempo é que precisam para rever cada artigo?

Dois minutos, três minutos...? É muito rápido. Uma página... Dez minutos, talvez. Numa página dura, assim mais pesada, com muitas caixas, muitos textinhos para abrir, são dez minutos, talvez.

- Quais é que são as principais preocupações quando estão a rever um texto?

Que não tenha erros (risos).

- Mas é tudo em geral, então? Não dão mais atenção a umas áreas da gramática do que a outras, por exemplo?

É mais a formulação da frase. Eu não tenho problema com a frase ser muito longa, porque normalmente são sempre muito curtas; isso é mesmo muito da formação deles [jornalistas]. Eles escrevem sempre frases muito curtas. E é muito diferente, porque eu já revi texto literário – grande parte da minha formação é em texto literário – e depois em texto jornalístico eles já têm muito mais isso em conta, é muito mais *fast, fast, fast*. Portanto é mais da sintaxe, são coisas que se baralham. “Um grupo de jovens morreram”... Eles estão a pensar que são os jovens em si e não o grupo, e nós temos de fazer a concordância com o grupo. Eu acho que é mais as concordâncias e assim; nós passamos muito tempo a batalhar nelas.

- Como é que os jornalistas reagem às alterações que são feitas?

Há uns que reagem muito bem, há outros que reagem muito mal. Mas isso depende do ego de escritor, que existe sempre em todo o lado.

- É frequente haver conflitos devido a isso?

Há, há. Bastantes. Principalmente quando, por exemplo, um texto não acaba; isto acontece porque eu estou a acrescentar qualquer coisa e o texto cai. E a paginação tem de apertar a letra e fazer ali ajustamentos. Se o editor da secção vê aquilo, às vezes passa e pergunta porque é que mudámos, às vezes começa a gritar; mas isso acontece com duas pessoas cá, se calhar. Há outras que levam isso com descontração, desde que não aconteça mudar para mal. De resto é tranquilo.

- Acontece mudarem para mal, às vezes?

Não muito. Não muito.

- Acontece os jornalistas teimarem em coisas que estão erradas e que para a equipa de revisão estão certas?

(Risos) Sim. Tal qual. Sempre.

- Na sua opinião os artigos do *Correio da Manhã* costumam cumprir as regras da língua portuguesa?

Sim.

- E acha que é um jornal que costuma ter muitos ou poucos erros?

Poucos. Nós somos *muito* bons naquilo que fazemos.

- Costumam receber reclamações dos leitores quanto a questões de Português?

Não, de Português não. Acontece com secções específicas – chatearem a Maia, ou algo assim –, mas nunca tem nada a ver connosco.

- Nunca relacionado com Português?

Não, tem mais a ver com conteúdo, por acaso. Às vezes acontece enganarem-se em nomes porque é tudo tão rápido e, como é um jornal diário, o nome do presidente da Câmara vem com o apelido errado. Mas isso não nos cabe a nós.

- Quando recebem reclamações para o *online*, alteram no artigo o que está errado?

Sim, eu calculo que alterem, mas não sei muito bem qual é o funcionamento do *online*. Daquilo que eu percebi, eles copiam os textos depois de nós os revermos, porque estão numa cor diferente; portanto eles já sabem que o artigo está revisto e conseguem copiá-lo. Às vezes não acontece, se for uma última hora ou assim... Mas em princípio não há grande problema.

- O *Correio da Manhã* tem alguma ação para que existam menos erros? Costumam fazer formações, por exemplo?

Não, isso cabe-nos só a nós, basicamente. Não existe nenhuma ação interna a não ser o pessoal começar a perceber que esta ilha é especificamente para nos ajudar. Temos ali o pessoal de televisão, que quando está a fazer os oráculos, por exemplo, vem ter connosco e diz “Nunca percebi, isto é com hífen ou não é?” e nós respondemos e eles vão tranquilos. Há mais aquela união de “Eles estão aqui é para nos ajudar”.

### 3.7. Entrevista a João Vieira Pereira (diretor-geral do *Expresso*)

- Há quanto tempo está aqui no *Expresso*?

Eu entrei no *Expresso* em 2006 para editar a Economia do *Expresso* e estou cá desde então. Vai fazer agora no próximo mês 13 anos.

- Há quanto tempo desempenha as funções de diretor-geral?

Desde 1 de abril, exatamente. Há 29 dias.

- Por o *Expresso* ser um semanário, parece imediato que os artigos têm mais tempo para serem escritos e para serem revistos. Isso é verdade? Ou depois acabam por, devido aos artigos de atualidade, terem pouco tempo na mesma?

O *Expresso* é um semanário, disso não há dúvida, mas é-o só no papel. Como marca de informação que somos, temos um semanário, é verdade, mas temos um *site* que alimentamos todos os dias e um diário que publicamos todos os dias às seis da tarde. E, portanto, isto requer diferentes ritmos de trabalho de fecho da redação e dos trabalhos da redação, e, portanto, essa ideia de que nós somos um semanário vai-se esbatendo um pouco. Depois, dentro daquilo que é o papel, nós temos diferentes ritmos de fecho consoante os cadernos que nós temos – a *Revista*, a *Economia* e o *Primeiro Caderno*. Portanto, eu diria que há temas que conseguem ser maturados, em que o jornalista consegue entregar o texto a tempo e horas para ser muito bem editado e muito bem revisto, e há temas que são fechados

em cima da hora de fecho do jornal. Isto acontece porque obviamente o jornal tem vários ritmos; nós não fechamos o jornal todo ao mesmo tempo, vamos fechando, mas há uma parte muito mais de atualidade; porque o *Expresso* também sempre quis, sendo um semanário, ser de alguma forma também um diário ao sábado, para combater também com os diários de sábado e não ser só um semanário. Portanto tem esse misto e às vezes fechamos muito em cima da hora. Depende muito dos artigos. Eu acho que se consegue olhar para um artigo e ver aquele que foi fechado muito rapidamente e aquele que foi fechado com mais tempo.

- Eu estou a ver, na *Revista E*, a parte “Culturas”. E dá-me a sensação de que esses artigos são feitos ou revistos com muito mais tempo. É verdade?

Claro. Quero dizer, eu não sei se são revistos com mais tempo; são mais planeados e, ao serem mais planeados, são mais cuidados. A *Revista* tem um ritmo de fecho completamente diferente, por isso quando saímos para as bancas no sábado há textos que já foram fechados há uma semana. E isso implica que de certeza foram muito mais bem cuidados e revistos do que um tema que fechou há cinco minutos. Nós fechamos às oito da noite, portanto há textos que se calhar estavam escritos às cinco para as oito. Acontece.

- Como funciona o processo de revisão no *Expresso*?

É decidido o planeamento do jornal; há um planeamento que é feito a vários ritmos, há um planeamento diário, há um planeamento semanal, há um planeamento mensal ou bimensal – isso depois já não tem um ritmo definido, é mais longo-prazo. É um planeamento vivo, que está sempre a mudar, consoante a atualidade. Esse planeamento passa para o trabalho do jornalista, há uma aferição sobre a qualidade do trabalho e a importância dele e perante isso há a alocação desse trabalho ao meio em que ele vai sair, seja no papel, seja no *online*, etc. Há sempre uma altura em que nós decidimos se o artigo é publicado ou se vai para o lixo; também acontece – trabalhos que nós abandonamos porque deixam de fazer sentido. E, depois desse trabalho – e vamos agora centrar-nos só no papel –, vamos imaginar que o trabalho está pronto a ser publicado; há um espaço definido para esse trabalho e ele é colocado em página, é paginado, editado, e depois de ser editado é fechado pelo editor – ou pelo coordenador, mas vamos imaginar que é sempre pelo editor, porque que é na maior parte das vezes – e é passado para os *copies*. O trabalho vai à revisão, e só depois de passar a revisão é que volta para os gráficos; são feitos todos os acertos e depois essa página é impressa e é vista outra vez pelo editor ou pela direção antes de [o trabalho] ser publicado – antes de se dar o OK para ir para a gráfica e depois ser publicado. Normalmente é este o ritmo de fecho do jornal.

- Então o texto passa por quatro pessoas – o jornalista, o editor, o *copy* e depois novamente pela direção ou pelo editor?

Eu acho que, no mínimo, o texto passa pelo jornalista, pelo editor e pelo *copy* – um texto de papel. Pode ser acrescentada uma quarta derivada, o que acontece com bastantes textos mas não com a totalidade do jornal, e passar pela direção. É impossível que a direção consiga controlar todos os textos que saem no jornal. É por isso que existem os editores, também, para fazer esse trabalho – e não só, mas isso também faz parte do trabalho deles. Mas eu diria que a direção ou os diretores responsáveis

por cada área conseguem ler a maioria dos trabalhos editados – mas não todos. Cingem-se àqueles trabalhos principais e àqueles são considerados mais importantes e mais relevantes para a edição.

- Todos os textos são revistos, então?

Todos os textos do papel são revistos. Quero dizer, pode haver exceções. Pode haver textos em que, por exemplo, não há tempo para ir à revisão porque estamos atrasados. Isso também pode acontecer. Os jornais atrasam-se – e isso acontece, mais vezes do que nós gostaríamos – e às vezes não há tempo para ir à revisão e o texto é revisto outra vez por alguém, ou é passado ao colega ao lado para este o rever, quando não há tempo para ir ao revisor. Mas eu diria que isso é raro e que quase todos os textos do papel passam pela revisão.

- Havendo atrasos e não sendo possível rever todos os artigos, qual é o critério para se ver um e não outro?

A importância do artigo e o tempo de fecho do artigo. Até pode ser um artigo extremamente importante e não ir à revisão. E há aqui um outro controlo que é importante: o texto é feito, editado, colocado em página e revisto; depois volta ao editor, é aprovada a página e a página vai para a produção. A própria produção tem um sistema de controlo e deteta erros às vezes. Ou seja, a própria produção, que é um mecanismo autónomo e nem sequer está aqui, está noutra sala, recebe as páginas, vê-as para as preparar antes de serem enviadas para a gráfica, e às vezes eles próprios têm mais um controlo que consegue... Não é um controlo fino, é um controlo mais geral, e às vezes há erros detetados por eles – que são erros, neste caso, não tanto de língua portuguesa, mas do género de uma legenda cortada ao meio, o texto não acabar... porque esse tipo de coisas acontece. Portanto ainda há mais esse controlo, mas é um controlo que não é exaustivo.

- Quais são as diferenças entre o *online* e o impresso?

São enormes. Em termos de controlo de edição são enormes. Eu acho que sobre a língua portuguesa há um muito maior cuidado no papel do que no *online*, por duas razões diferentes. Não é que liguemos menos à importância do *online*, mas são duas razões absolutamente gigantes. Primeiro: o facto de a rapidez ser inimiga dos textos bem escritos – isto acontece muitas vezes. E, segundo, é que no *online* é possível nós corrigirmos o texto, e no papel não. Isso faz uma grande diferença, ou seja, há muitas vezes aquela necessidade de termos de dar já a notícia, e às vezes dizemos “Publica que a gente já revê o texto”. E depois de ele entrar no *online* é que alguém nota que ali está uma gralha, mas é muito fácil mudar. E isso acontece muitas vezes. A diferença em termos de controlo de qualidade do português é enorme entre o papel e o *online*. Há muito maior controlo de qualidade no papel. É abissal, a diferença. Eu hoje estava a ler um artigo do nosso correspondente em Madrid, Angel Luis de la Calle. Está escrito, por exemplo: “O triunfo incontestável do seu Partido Socialista Operário Espanhol nas eleições legislativas desde domingo... não lhe rendeu, contudo, a maioria parlamentar de 176 deputados. Facilita, contudo, a possibilidade de pactuar a investidura do primeiro-ministro sem grandes esforços”. Há aqui uma repetição clara desta palavra (“contudo”), que era desnecessária, e estas coisas acontecem mais facilmente no *online* do que no papel.

- Mas então no *online* mesmo que seja depois de serem publicados os artigos são todos revistos?

Não. Nós não temos capacidade... Nós publicamos, por dia, mais de cem artigos *online*. É impossível para nós rever tudo. Não temos essa capacidade. Há uma revisão dos textos todos do papel, mas não há uma revisão de todos os textos do *online*. Eu diria que a grande maioria dos textos do *online* não são revistos. Não são revistos por um revisor, atenção! Mas são revistos por um editor, obviamente.

- E qual é que é o critério para os textos serem revistos?

Aí, vou ser muito sincero, há um critério de importância de texto – os textos mais importantes têm de ser revistos – e depois é um critério de disponibilidade humana. Ou seja, se o *copy* consegue ou não consegue naquele momento, porque a prioridade dele é a revisão do papel. Se ele tiver tempo disponível para rever alguma coisa no *online* ainda o revê, mas a prioridade é o papel, em termos de revisão.

- Disse-me que a equipa de revisão tem quatro pessoas...

Sim, quatro pessoas.

- Ao longo da semana estão cá as quatro?

Estão cá as quatro, sim, mas há picos. Eles têm horários diferentes, porque, como acompanham o fecho do jornal, têm picos de trabalho. É por isso que eles trabalham mais à noite do que trabalham de manhã e isso também implica que eles tenham picos de trabalho muito intensos durante uma parte do dia e depois na outra parte não estejam cá. Têm de ajustar os horários deles ao fecho do próprio jornal.

- O *Primeiro Caderno*, a *Economia* e a *Revista* são divididos igualmente pelos quatro ou estão distribuídos?

Não, é conforme o trabalho que existe. Eles estão a rever a *Revista* a dada altura; a *Revista* fecha, passam a rever a *Economia*; a *Economia* fecha passam a rever o *Primeiro Caderno*; é um bocadinho assim. E vão revendo – eles têm um sistema informático que assim que há um texto o envia para os *copies* e eles recebem o alerta de que há um texto e qualquer pessoa que esteja disponível pega no texto e lê o texto. Não é preciso haver nenhuma especialização neste ponto.

- Sabe-me dizer quanto tempo é que há disponível para rever cada texto, normalmente?

Não temos tempo nenhum definido para rever um texto, é o tempo que for necessário. Ou seja, ele recebe o texto e revê o texto. Pode demorar cinco minutos a rever um texto, pode demorar uma hora; depende da complexidade do texto, depende... Há textos muito fáceis de rever, há textos muito difíceis de rever.

- Quais são as principais preocupações na revisão de um texto?

A Luzia é que é a pessoa certa para falar sobre isso. Eu diria que a preocupação geral de que nós falamos com os *copies* é que o texto tem de ser bem escrito e ser perceptível para o leitor. Estas são as duas preocupações, mas, para saber com que é que eles se preocupam mais, tens de falar com ela.

- Mas, por exemplo, em termos de cuidados editoriais. Sabe-me dizer se tentam seguir critérios mais apertados, mais puristas? Entre uma forma que hoje em dia já é muito usada, por exemplo, *ter que*, ou a forma mais correta, *ter de*, tentam usar a forma mais correta ou a mais habitual?

Os *copies* têm esse cuidado total, mas isso é falar com a Luzia. Ela sabe essas coisas todas. E não é fácil, ou seja, nós temos grandes discussões de trabalho com os *copies*, porque eles acham que é de uma maneira e são muito rígidos nas opiniões que têm, e nós temos discussões – que são boas discussões – sobre como deve e não deve ser feito... Não o trabalho deles; são discussões sobre o uso correto da língua! Eles acham que é de uma maneira, a gente acha que é de outra, e andamos a discutir isso. São boas discussões, sem dúvida.

- É comum haver discussões com os jornalistas por causa das alterações nos textos?

É, é. Com os jornalistas não tanto, é mais comum haver conflitos com a direção. Por exemplo, nós queremos fazer um determinado título de primeira página e eles não nos deixam porque dizem que aquilo não faz sentido nenhum em termos de português e nós andamos ali em discussão para trás e para a frente. Depois chegamos a um acordo, mas é normal haver essas discussões. Não digo que seja todas as semanas, mas temos muitas vezes esse tipo de discussões.

- Normalmente quem é que “ganha”?

Eu diria que os *copies* têm uma grande força. Obviamente a direção, no limite, é responsável, e, portanto, a direção pode exercer o seu poder de veto e dizer que é assim e é assim. Mas nós tentamos que haja, acima de tudo, um entendimento e os *copies* têm muita força, porque nós acima de tudo queremos que as coisas saiam bem. Portanto eles é que são o garante da qualidade do uso da língua portuguesa no Expresso. No limite é a direção, mas em termos práticos e no dia a dia são eles que são esse garante.

- Uma coisa em que reparei foi que o *Expresso* assume o Novo Acordo mas que em *sector*, por exemplo, opta por colocar sempre o C. Essa é uma decisão editorial ou simplesmente todos acabam por fazer dessa forma?

Nós decidimos no *Expresso* – foi uma decisão que nem sequer foi minha, foi ainda do Henrique Monteiro – adotar de imediato o Acordo Ortográfico. Não sei se fomos o primeiro jornal, mas devemos ter sido, a adotar as regras do Acordo Ortográfico quando ele foi colocado em prática. Temos muitos colunistas que escrevem de acordo com a antiga ortografia e sem problemas nenhuns. Mas desde sempre há muitas coisas do próprio Acordo Ortográfico que não fazem sentido. O *pára*, o *sector*, o *espetador*... Por exemplo, o *atual* é uma coisa que para nós não levanta qualquer tipo de problemas: ninguém dizia *aCtual*. E nós tínhamos um caderno na altura que se chamava *Actual* e fomos os primeiros a tirar o C e a aceitar essa alteração. Mas o *espetador* e o *espectador* é uma coisa que a nós nos faz muita confusão. Dez mil “espetadores” num estádio para nós é uma coisa horrível e, portanto, o *sector* é a mesma coisa: um *sector* e um *setor* não são a mesma coisa. Mas essas regras foram sendo adotadas ao longo do tempo, em conversas com os *copies*, e foram decisões que foram sendo tomadas com eles. Eles sabem essa história toda melhor do que eu.

- Mas hoje é a norma, então, terem o C?

Para eles, sim, completamente. Mas eles têm essas normas todas, eles são ótimos nisso e podem explicar tudo, têm mais exemplos do que eu de certeza.

- Perguntei porque percebi que se usava sempre o C mas já encontrei dois ou três textos em que não estava o C – o que é normal, porque até com os computadores essas coisas passam, mas queria confirmar.

Nós não temos corretor ortográfico nos textos. Temos um corretor ortográfico que não funciona de maneira perfeita, de todo, e depois às vezes há erros desses ou passam palavras dessas. E depois depende das versões do corretor ortográfico... Isso acontece muitas vezes.

- O *Expresso* tem um livro de estilo?

Boa pergunta! O *Expresso* não tem um livro de estilo. O *Expresso* muitas vezes recorre ao livro de estilo do *Público* como... Porque o livro de estilo do *Público* foi muito bem feito, vocês devem ter estudado na faculdade de certeza. Mas é mais para dúvidas do que propriamente para seguir à risca aquilo que eles dizem. É só porque quando temos dúvidas perguntamo-nos “que diz o livro de estilos do *Público*, e vamos ver.

- Existe alguma preocupação no recrutamento relacionada com a correção da escrita quanto aos jornalistas?

Não. Primeiro, partimos do princípio de que as pessoas que são jornalistas sabem escrever *bem*. Mas independentemente disso. Nós sabemos que há jornalistas que escrevem melhor do que outros, que têm uma capacidade melhor para a escrita do que outros. A nossa grande preocupação é muitas vezes atribuir os grandes trabalhos a jornalistas cuja escrita se diferencia de algum modo da dos outros. É mais isso. No recrutamento penso que nunca foi uma preocupação do *Expresso* contratar alguém porque escreve muito bem, ou deixar de contratar alguém porque tem uma escrita com mais deficiências. Nunca ouvi nada disso em 13 anos de *Expresso*.

- Quanto aos revisores, quais são os critérios de contratação?

Não sei, porque nós não temos contratado muitos revisores nos últimos tempos. Temos contratado pessoas para substituir outras pessoas, ou quando alguém está num período de baixa prolongado e fazemos contratos de substituição, e essas contratações foram sempre feitas com recomendações por parte da Luzia. Entrevistas e tudo são todas feitas com ela porque ela é que consegue lidar com as pessoas e saber se elas estão ou não preparadas para serem revisoras. Aí existe esse cuidado, mas, como não contratámos ninguém nos últimos tempos que eu digo que tivesse passado por mim – de certeza que não, não contratámos ninguém no último mês... Mas lembro-me de alguns casos em que a Luzia é que decidiu quem é que era contratado, porque no limite vai trabalhar com ela e ela é que sabe quem é que consegue ou não rever bem os textos.

- Considera que os artigos do *Expresso* cumprem as regras da língua portuguesa? A ideia que tem é que há muitos ou poucos erros de português no jornal?

Olha, todo o erro basta ser um erro para ser muito. Eu preferia conseguir publicar todos os artigos que nós publicamos todos os dias e semanalmente sem que tivessem um único erro. Sabemos que isso é

impossível, e que há sempre erros a acontecerem; temos sempre o objetivo de minorar esses erros, mas para mim basta um erro para ser muito. Nós temos muito essa preocupação, mas sabemos que é muito, muito difícil apresentar uma publicação sem qualquer erro.

- E costumam receber queixas dos leitores?

Muitas. Quero dizer: muitas quando há erros! (risos) Normalmente as queixas dos leitores são mais sobre assuntos debatidos, porque estão zangados por termos publicado alguma coisa, a opinião de alguém, do que propriamente sobre a escrita. Mas também recebemos queixas sobre a escrita. Nomeadamente com aqueles erros mais graves da língua portuguesa. Posso dizer que, por exemplo, o *à* e o *há* é um erro que, quando acontece – já aconteceu no *Expresso* e acontece a toda a gente; a toda a gente não acontece, mas às vezes a escrever à pressa o próprio corretor ortográfico faz isso e depois a pessoa não revê bem e vai -, é daqueles que ninguém nos perdoa. Se calhar o maior que ninguém nos perdoa é esse. (risos) Esse e... sim, esse é capaz de ser o maior. Quando acontece recebemos muitos, muitos *e-mails* de correções de pessoas.

- Qual é o outro que ia referir?

Estava a tentar lembrar-me... Não, é basicamente esse. Depois há alguns menores, mas esse é talvez o maior porque é aquele que salta mais à vista das pessoas. Algumas redundâncias... *Há muitos anos atrás*... Coisas do género. E depois há coisas inacreditáveis que acontecem. Nós já tivemos erros inacreditáveis. Nós tivemos no outro dia um erro... Não é de português, mas era de... Não sei se tu sabes, mas há uma célebre notícia que ficou muito conhecida no jornalismo em Portugal, se não me engano do *Jornal de Notícias*, que foi construída sobre um atropelamento e na qual o texto começa com “ia o morto a atravessar a estrada”. Este era um bocado assim... [Procurou a notícia de que estava a falar no *e-mail*] Era no Brasil. A frase dizia assim: “Desabamento de prédio causa dois mortos e três feridos no Rio de Janeiro”. E a frase que nós publicámos foi: “Pelo menos duas pessoas morreram, entre elas três ficaram feridas e 17 desaparecidos”. Está aqui a frase. Acontece. (risos) Isto estava no *online*, numa peça sobre o Rio de Janeiro, e por acaso fui eu que apanhei isto. E depois disso recebemos *e-mails* de leitores; ainda recebemos.

- Quando recebem reclamações dos leitores, no impresso obviamente não podem alterar, mas quando é no *online* costumam ir depois fazer as alterações?

Claro que sim, imediatamente. A alteração é feita de imediato.

- No *Expresso*, além de terem a equipa de revisão, naturalmente, há alguma ação para que existam menos erros nos jornais? Formações, por exemplo.

Nós temos, todos os anos, vários tipos de formações; de escrita criativa, de escrita narrativa, de *storytelling*... e essas formações são sempre recomendadas pelo editor, ou melhor, pelo avaliador. Eu faço a avaliação do jornalista e, se acho que ele tem mais dificuldades em determinada área, nomeadamente na escrita, eu recomendo que ele faça formação dessa área. Essa avaliação é passada para os recursos humanos e fazemos quando achamos necessário.

- E têm formações para a parte da língua portuguesa em específico?

Temos, não consigo dizer o quê, mas sei que temos. [procura no catálogo *online*] Não consigo perceber... Temos tanta coisa... Temos: escrita criativa, escrita para não jornalistas, escrita para publicidade, escrita para suportes digitais... Encontrei estas, mas há tanta coisa aqui... Não imaginas a quantidade de ações de formação que os jornalistas podem fazer. *Workshop* de escrita jornalística...

- E aí normalmente estão englobados os erros de português em si?

Não sei. Podia dizer que sim ou que não. Não sei mesmo.

- No *Expresso* têm o cuidado de não escrever as frases demasiado longas?

Não, não temos essa preocupação; é um bocadinho ao critério do jornalista. Cada jornalista tem o seu estilo de escrita próprio. Claro que é muito mais fácil escrever um texto com frases curtas do que escrever um texto com frases longas; nem toda a gente consegue escrever um texto de frases longas. E nós temos pessoas que o conseguem fazer muito bem e pessoas que não o conseguem fazer. Basta ler os obituários do Cutileiro. Há pessoas que odeiam, há pessoas que adoram, mas é um estilo que... Eu era incapaz de escrever assim. Não conseguiria mesmo. Mas ele consegue, é fantástico (risos).

- Quanto a citações, se for uma entrevista, que foi feita oralmente, podem alterar de maneira que o português fique correto e se for um documento deixam palavra por palavra e vírgula por vírgula?

Sim, exatamente. Mas não é de todo. Ou seja, pode acontecer que para a frase, mesmo numa entrevista oral, ficar exatamente como o entrevistado a disse, sendo que nessa entrevista a forma como o disse pode ser importante para a mensagem que ele quer transmitir, mesmo sendo errada, nós podemos deixar estar. Mas normalmente quando isso acontece os *desks* perguntam se é mesmo aquilo que nós queremos dizer e nós vamos ouvir outra vez a gravação, perceber se foi exatamente aquilo que ele disse, e depois discutimos se faz ou não sentido deixar o erro. Mesmo que seja um erro coloquial, de conversa, etc. Quando é algo escrito, o contrário também é verdade. Pode haver até algo num documento que nós citemos e fazemos a correção se virmos que é um erro gratuito, que aconteceu o erro mas não faz sentido nós estarmos a repeti-lo se ele não é fundamental para nós percebermos a mensagem. Aqui o importante é que o leitor perceba a mensagem que está a ser transmitida.

- No período de análise ainda não encontrei nenhum artigo feito com a Lusa ou com agências.

Não, nós fazemos muitos, especialmente no *online*. No *online* publicamos muitos artigos da Lusa todos os dias.

- Mas no impresso não é costume, pois não?

Não, no impresso não, é muito raro.

- E quando publicam textos que vêm de agência reveem-nos?

Se for no papel, de certeza que sim, mas não me lembro da última vez que publicámos um texto da Lusa no papel. Não me lembro mesmo.

### 3.8. Entrevista a Luzia Guerreiro (chefe da equipa de *copydesks* do *Expresso*) e a Margarida Parreirão (*copydesk* do *Expresso*)

Margarida Parreirão: O português para mim é essencial porque... somos portugueses.

Luzia Guerreiro: É preciso falar bem...

MP: É preciso falar bem em qualquer sítio!

LG: Havia aquela história de que o Fernando Pessoa dizia “é preciso falar orgulhosamente mal as línguas estrangeiras”; que é o que a gente não faz! A gente fala orgulhosamente bem as línguas estrangeiras, mas o português? Mal, mal, mal! Basta ver a televisão, e os jornais, por exemplo ... E noto que o português escrito hoje em dia tem muito que ver com o falado, que é o erro! A pontuação é uma desgraça completa, as pessoas não sabem pontuar; portanto, não sabem gramática. E depois dão alguns erros de palmatória, percebes? Aquela expressão que toda a gente usa que é “para além de qualquer coisa”, que não existe; só se deve dizer “para lá de qualquer coisa” ou “além de qualquer coisa”. E, como essa, há montes, N!

MP: Ultimamente têm surgido alguns... o “é suposto”, por exemplo.

LG: Há muitos estrangeirismos.

MP: Têm surgido algumas expressões que eu acho que vêm direto do inglês e outras coisas que uma pessoa até fica... De repente toda a gente diz “é suposto”. Eu lembro-me de que quando era pequena ninguém dizia “é suposto”.

LG: A palavra “suposto” existe; não existe é o “supostamente”. Existe a palavra “suposto” neste sentido: o suposto indivíduo, ou qualquer coisa assim. Mas só existe nessa circunstância! Agora, como as pessoas usam – “Supostamente, ele devia não sei o quê”... Quando, em “supostamente”, já lá está o “deviam”! Se uma coisa é “suposto” é porque já devia ser! E há muitas coisas destas na escrita, e vem tudo do oral, porque depois o oral vem, sei lá, das televisões... E há aquela bola de neve: as pessoas falam mal...

MP: As redes sociais também acho que têm muita influência no falar mal.

- Há quanto tempo estão aqui no *Expresso* e nas funções que em que estão atualmente?

LG: Eu estou no *Expresso* há 38 anos e estou nestas funções...

MP: Quando eu cheguei já a Luzia estava. Quando foi o *Público*? Não, antes.

LG: A partir do *Público*, talvez.

MP: Há 25 anos?

LG: Mais ou menos, sim.

- E a Margarida?

MP: Eu estou no *Expresso* há 23 anos. Entrei primeiro numa outra revisão que havia na Duque de Palmela.

LG: É tudo a mesma coisa.

MP: É quase a mesma coisa – também mexíamos com texto. Aqui nos *desks* estou desde 1999, por aí. É só fazer as contas.

- Quantas pessoas tem a equipa de revisão?

LG: Neste momento somos quatro. Já tivemos muito mais, mas eles foram reduzindo...

MP: E não foram pondo ninguém...

LG: Até que se deram conta de que realmente éramos necessários. Depois durante algum tempo acharam que nós podíamos perfeitamente ir embora e reduziram a equipa. E as pessoas também foram saindo! Porque eu tinha colegas também um bocado mais velhas que se foram indo embora.

- Por o *Expresso* ser semanário, parece evidente que os artigos têm mais tempo para serem escritos e serem revistos. Isto é verdade ou é apenas uma ilusão?

MP: Depende.

LG: Depende, quer dizer, por ser semanário... É que o jornal tem alguns picos. Nós, segunda, terça e quarta fechamos a *Revista* – sobretudo, a parte da *Revista* – e são textos muito grandes, precisam de mais tempo.

MP: E esses têm tempo, esses podem ser mais trabalhados.

LG: Eles têm tempo para escrever, nós é que o tempo de revisão...

MP: Também temos mais algum do que quando estamos a fazer fecho de *Economia* ou do *Primeiro*.

LG: Sim, temos mais tempo do que para os textos do *Primeiro Caderno* ou da *Economia*. Mas quanto mais tempo temos melhor é, e mais sentimos que podemos fazer emendas.

MP: Principalmente nos *timings*, porque nós temos *timings* de fecho. Mais na *Economia* e no *Primeiro*. Especialmente no *Primeiro*; estou-me a lembrar daqueles textos que nós vemos em cinco minutos – quando nos deixam ver os textos!

LG: Por exemplo, há textos que vêm à hora do fecho...

MP: Às oito, vêm às oito! “Já devia estar na gráfica! Só cinco minutos para tirar não sei o quê!”

LG: O jornal está a fechar e eles estão-nos a mandar textos de Política, que precisavam de mais tempo. Mas funciona um pouco assim, também.

- Dentro da *Revista E* eu estou a ver a secção de “Culturas”, mais precisamente.

LG: Esses são os textos mais pequenos. Depois há os textos da *Revista*, os grandes textos.

MP: Os temas.

LG: Essa secção, a de “Culturas”, fica um bocado no meio, ou mais para o fim da *Revista*, depois dos temas grandes. Esses são textos mais pequenos e são particularmente bem escritos, no geral, por isso também não precisam de tanto tempo. Os textos grandes é conforme.

MP: Depende de quem escreve.

LG: Exato, depende de quem escreve.

MP: Eu já estive uma tarde inteira com um (risos). Depende muito, pronto.

- E esses textos costumam ser mais no início da semana, então?

LG: Sim, porque a *Revista* tem de fechar à quarta-feira. É tudo concentrado em segunda, terça e quarta; tem de fechar aí até às seis horas de quarta-feira. Portanto, sobretudo segunda e terça os grandes textos estão concentrados.

MP: Têm de ficar fechados, sim.

LG: Porque à quarta-feira não podem vir textos grandes, já; têm de ser coisinhas mais pequenas.

MP: É o princípio e o fim. O miolo é todo segunda e terça.

- E entre o *Primeiro Caderno* e a *Economia*?

LG: Depois temos a *Economia*, que já começa à terça... Eu, por exemplo, hoje já vi um texto ou outro de *Economia*, coisas pequenas... Também no geral são textos bem escritos. E começa normalmente à terça e quarta.

MP: E quinta.

LG: O grosso é quinta e sexta-feira. A *Economia* fecha com o *Primeiro Caderno* à sexta-feira. Fecha de manhã. O *Primeiro Caderno*, que é aquela parte que envolve o jornal, fecha à sexta, às oito da noite. Também temos bons jornalistas. O *Primeiro Caderno* é tudo Política, Sociedade, Internacional, Desporto... Têm textos muito bons, também, mas começa só por volta de quinta-feira; está concentrado em quinta e sexta.

- Então o *Primeiro Caderno* acaba por ser o que tem menos tempo?

MP: Sim.

LG: Sim. É.

- De forma geral, como funciona o processo de revisão no *Expresso*?

LG: Começamos a receber os textos à segunda-feira...

MP: Nós funcionamos com um sistema de cores.

LG: Temos um programa.

MP: O jornalista é cinzento; vai para o editor e [os textos] para nós são libertados pelo editor.

LG: São editados e são libertados para nós com a cor azul. Quando vemos que os textos estão azuis nós podemos revê-los, demorar o tempo que quisermos, em princípio, e depois mandar para um verde, que quer dizer “revisto”. A partir daí o texto está definitivo, o que não quer dizer que às vezes não tenhamos de ir buscar para fazermos pequenas emendas e coisinhas de última hora, mas é raríssimo.

MP: Ou os editores vão.

LG: O próprio jornalista muitas vezes se lembra de alguma coisa à ultima hora e quer ir lá mexer. Então, fala com o editor e vai lá e mexe, e às vezes temos de lê-lo – pelo menos partes – segunda vez; mas, no geral, quando vai para verde quer dizer que está revisto e fica ali definitivo.

- O João Vieira Pereira disse-me que por vezes depois de o texto ser revisto ainda volta a ser visto pela direção ou por algum editor.

LG: Sim, sim. Quando veem o texto em “revisto”, muitas vezes o próprio jornalista vai lá ver, e os editores podem ir lá ver, mexer, fazer o que quiserem. Nós por vezes até detetamos isso em pequenas coisas, por exemplo, nestas noticiuzinhas de última hora; eles mandaram já isto, já revimos, e eles vão mexer. E temos de voltar a ver; convém, porque eles mexem à pressa e cometem erros. E, se nós não vimos, claro que saem gralhas e coisas do género.

- Todos os textos são revistos?

MP: Sim.

LG: Todos, todos. O jornal de cima a baixo.

- No impresso, certo?

MP: No impresso. No *online* não é nenhum visto.

LG: No *online* não podemos, porque aquilo é tudo tão automático, tão feito ao correr da notícia, que não temos tempo nem pessoal para isso.

- Do *online* há alguns que são revistos ou nenhum é revisto?

LG: Muito raramente, esporadicamente, alguém nos pede, ou até um editor: “Vai uma versão para o *online*, que é mais completa do que a do papel, e nós queríamos que vocês dessem uma vista de olhos”. Mas é raríssimo, porque em princípio eles sabem que nós não temos tempo.

- O critério para no *online* se ver uns e não outros é haver um pedido especial, então, não é?

MP: Do jornalista, sim, de quem escreve.

LG: Um pedido especial e sobretudo em coisas maiores, não naquelas noticiuzinhas; são às vezes entrevistas, coisas muito grandes que eles publicam na íntegra, e realmente nós damos uma vista de olhos. Mas é raríssimo.

- Por quantas pessoas passa um texto?

LG: Jornalista, editor ou colegas do jornalista, ou colegas do editor também, e *desks* – e, se nós tivermos tempo, também vemos os textos uns dos outros, nem que seja em “visualizar”. Ou seja, quando o texto está revisto, em verde, nós temos a possibilidade de puxar a página e vê-lo já pronto, para detetar alguma coisa. E acontece muitas vezes. Porque nós às vezes estamos com pressa também e os nossos colegas dizem “passou isto e aquilo”. E nós vamos lá e ainda vamos a tempo. E temos também outra rede, que é uma revisão de página. Essa revisão de página, muitas vezes, como é à última, deteta pequenas coisas e telefona-nos.

MP: Mais legendas, destaques...

LG: Títulos...

MP: Olham para a página e veem se está um nome mal escrito... Mais coisas assim no geral.

LG: São muito bons, também; são nossos colegas há bastante tempo, estão habituados, detetam pequenas coisas e telefonam-nos. Eles também estão cá, mas pronto, é mais fácil. E eles próprios às vezes emendam, ou nós puxamos o texto de novo e emendamos.

- Acontece num texto só essas zonas de maior destaque serem vistas? Ou quando o texto é visto é visto na íntegra?

LG: Sempre na íntegra.

MP: Sim! Porque o texto é um objeto; tu puxas este texto, vem tudo: título, entrada, destaque... Isto vem tudo junto. É tipo puzzle; tu constróis um lego com peças diferentes e depois vês. Mas, quando puxas, puxas tudo.

- Naqueles artigos que só saem mesmo em cima das oito, por exemplo, acontece só verem o título e os destaques?

LG: Nunca.

MP: Não. Ou não vemos de todo, o que já aconteceu (risos), ou vemos em cinco minutos.

LG: Já aconteceu que por vezes eles estão tão pressionados pela hora de fecho e pela gráfica – que pressiona muito por causa das horas de impressão do jornal – que veem que estão mesmo em cima da hora e querem à viva força que nós não vejamos. E nós dizemos “tem paciência”, mas dois minutos... Porque nós temos um corretor ortográfico automático; não é automático, ou seja, a gente puxa-o, passa-o e vê aquelas coisas mais evidentes. Mas, no geral, isso não acontece, a não ser que ele – o Vieira Pereira, ou outro dos editores – meta os pés à parede e diga “Não, não há possibilidade de vocês mexerem em nada”.

MP: Já aconteceu.

LG: Já aconteceu. Muito raramente, também, mas já aconteceu.

MP: Mas é mais o último texto, que geralmente é de Política, para fechar à sexta-feira e é em cima das oito. E é só assim nesses casos.

LG: E é muito ingrato, porque já ouvimos dizer que às vezes passam coisas que não deviam passar, mas pronto. Pode ser que eles tenham consciência disso e que... enfim. Vamos ver.

- Com que frequência é que vão ver o *online* ou vão fazer alterações no *online* depois de o artigo estar publicado?

MP: Eu leio muito o *online*, e chamo a atenção do editor do *online* – são dois, o da noite e o de dia – e ele emenda.

LG: Às vezes ele vai a tempo de emendar; outras vezes já não dá.

MP: Porque nós não podemos emendar.

LG: Nós não temos acesso.

MP: Noutro dia vi uma coisa numa colega da infografia; ela tinha lá uma infografia e eu disse “Está aqui uma coisa muito chata, emenda”. E ela própria, que tem acesso lá ao sítio onde isso se pode fazer, não pôde fazer a emenda; teve de falar com o editor.

LG: Porque é outro programa; nós não temos acesso a isso.

- Sendo assim, os textos no *online*, depois de publicados, já não passam pelos *desks*?

MP: No *online* os textos podem ser sempre emendados, e muitas vezes nós dizemos.

LG: Se o alerta for a tempo, eles emendam sempre.

MP: Eles emendam logo. Aliás, há um colega nosso que passa a vida a fazer-nos perguntas.

LG: Sim, é um colega nosso, simpatiquíssimo, que quando tem dúvidas nos pergunta sempre; não faz nada sem nos perguntar. Sobretudo agora, com o Acordo Ortográfico, eles têm muitas dúvidas, e ele realmente nisso é impecável.

- Quanto tempo há, sensivelmente, para rever cada texto?

LG: Isso é muito difícil dizer.

MP: Não é matemático...

LG: Eu, por exemplo, agora estava a rever um texto que é para esta edição da *Revista*, em princípio, e é um texto bem escrito; portanto, eu se calhar não vou levar muito tempo. E vi outro antes, também muito bem escrito, por um dos nossos diretores, só que eu tive de mandar o texto novamente porque ele ia pôr os subtítulos. Mas não sei dizer. Pelo menos meia hora, três quartos de hora. Mas [este tempo] não é norma para todos! Porque cada texto leva o seu tempo.

MP: Não, não. Isso depende. Depende muito. E às vezes estar bem escrito também depende da própria pessoa que escreve... a inspiração é o que é, não é? Às vezes está bem, outras vezes está uma porcaria (risos).

LG: Exato, porque muitas vezes estamos a ver os textos e confrontamo-nos com coisas que não entendemos, ou que estão mal escritas, e algumas nós próprios damos a volta, mas noutras chamamos

o jornalista: “Olha, tu tens isto assim e assado, não seria melhor isto e aquilo?” Ou: “O que é que queres dizer com isto exatamente?”. E depois, aquilo explicado, lá... Depende muito dos textos.

- Quais são as principais preocupações na revisão de um texto?

LG: Olha, eu acho que há várias... As gralhas, claro, é uma fundamental.

MP: As gralhas é a primeira coisa que se limpa.

LG: A questão do sentido é muito importante – fazer sentido ou não fazer. Porque claro que cada jornalista tem a sua técnica, a sua forma de escrever, o seu género. Eu acho que é tudo, é o conjunto do texto: aquilo tem de ficar uma coisa com sentido. O que o leitor lê ao sábado está um bocadinho melhorado, aqui sem falsas modéstias. No fundo é um conjunto de coisas para o texto ficar compreensível, sem gralhas... Porque eu sei – um dos diretores disse-nos uma vez, não diretamente – que os leitores do *Expresso* gostam muito de ler um jornal sem gralhas. E eu acho que isso é fundamental para nós: que o texto seja compreensível, que faça sentido, que não tenha gralhas, a pontuação...

- E a parte da gramática?

MP: Sim, sim, isso na revisão a pessoa tem de... E muitas vezes há dúvidas, ou tiramos uns com os outros, ou vamos procurar, ou assim.

LG: Essa parte da gramática faz parte, é fundamental, não é?

MP: Uma coisa que eu também procuro fazer é não descaracterizar o texto do autor.

LG: Sem descaracterizar, nunca, por isso é que a gente o chama. Quando eles explicam o que querem dizer com aquilo, a gente diz “Então não achas que seria melhor assim ou assado?” e eles dizem “É isso mesmo!”. Portanto, sem descaracterizar. E também há textos em que a gente tem pouca intervenção e textos em que temos de ter muita.

MP: Em que temos de ter mais (risos).

LG: Mas, sem descaracterizar, fazer com que aquilo seja apelativo e realmente não tenha gralhas.

MP: Fluidez, não é? Desde que flua! (risos)

LG: Sim, desde que flua. (risos)

- Há alturas em que para a frase ficar mais correta acaba por se implicar com a leitura. Nessas alturas, qual é a opção que tomam? Acontece terem de deixar algum erro pequeno ou deixam da forma mais correta?

LG: Normalmente nós deixamos da forma mais correta.

MP: Da mais correta, sim.

LG: Não fazemos essas cedências. Fazemos algumas cedências, por exemplo, ao nível do Acordo Ortográfico, com aquela história do *para* e *pára*. Eventualmente, se chocar, “fulano para e pára alguma

coisa”, cedemos e pomos o acento. E, também, a verdade é que as pessoas se calhar não deram o Acordo Ortográfico, porque ele tem dupla grafia; nós, no Expresso, quando há dupla grafia, seguimos sempre a grafia antiga. Por exemplo, o *sector* nós escrevemos sempre com C, sempre; o *espetador* é sempre com C.

MP: O *espetador* não tem dupla, diz-se espetador.

LG: Sim, mas eles têm *espetador*.

MP: Sim, eles tiram.

LG: Nós mantemos. Sempre que há dupla grafia nós mantemos a nossa, a antiga. Mas são as únicas cedências que fazemos.

- No caso do *sector*, reparei que tinha sempre o C, então queria perguntar se é mesmo uma norma que instituíram.

LG: Sim, sempre que houver dupla grafia nós seguimos a antiga, e o *sector* é um desses casos. Embora, por exemplo, tu vejas nas televisões que eles estão sempre *setor, setor, setor, setor*. Aqui não, é sempre com C.

MP: Na altura o grupo era maior – tinha a *Visão*, por exemplo –, havia aqui um estudioso da língua, que era também diretor do *Jornal de Letras*, que também fazia parte do grupo, e eles reuniram-se todos e lá pensaram, fizeram umas normas...

LG: Fizera, um livrinho, até.

MP: Por exemplo: era para dar para o grupo todo; a *Visão* escrevia sempre diferente de nós nalgumas coisas.

LG: Exato, era para o grupo, mas eles mantinham quase a escrita brasileira.

MP: Tiravam tudo.

LG: “Espetador”, tudo por ali abaixo.

MP: E nós não; na altura o nosso diretor era o Henrique Monteiro.

LG: Porque eles seguiam muito a linguagem oral; eles disseram mesmo, numa reunião que tivemos, que seguiam a linguagem oral.

- Encontrei já num ou dois artigos *setor*, sem C, foi por isso que fiquei com a dúvida sobre se seria norma ou não.

MP: No *Expresso*, escritos?

LG: Pois, se calhar alguém passou o corretor.

MP: Também pode ser, pois...

LG: Porque o que é que acontece: o jornalista, que está mais que avisado para isso, quando manda o texto, porque teve instruções da direção – nós não éramos muito importantes, tinham a indicação de que não senhor, o jornalista é para passar o corretor e ver se está tudo bem. E o que é que eles fazem: passam pelo corretor automaticamente e o corretor tem lá “setor”. Nós, quando lemos o texto, voltamos a pôr tudo. Só que eventualmente passou-nos algum. Mas não devia escapar!

● O *Expresso* tem um livro de estilo?

MP: Tinha. Antes, tinha.

LG: Eu acho que o *Expresso* nunca teve um livro de estilo bem definido. Nós, a certa altura, baseávamo-nos um pouco no livro de estilo do *Público*, mas tínhamos uma norma de estilo que seguimos e que não estava impressa em livro. Em termos de caixas altas, por exemplo. A única caixa alta que nós admitimos no *Expresso* é Presidente da República.

MP: E o Papa.

LG: E o Papa (risos), exatamente. Os Presidentes da República de todos os países e, claro, a começar pelo nosso levam caixas altas. De resto mais nada leva, nem primeiro-ministro, nem o presidente da Assembleia, seja lá quem for, nem o cardeal patriarca, ninguém! Só os Presidentes da República e o Papa, mais nada.

MP: Depois os governos... Governo mesmo de país.

LG: Nós temos umas normas bem definidas, mas nunca foram editadas em livro.

● Então não tenho maneira de ter acesso a elas?

LG: Acho que não. Em princípio aconselhava-te a pedires o livro do estilo do *Público*, porque acho que eles ainda o têm.

● Em termos de critérios mais puristas e de consagração pelo uso, usando especificamente o exemplo do ter que/ter de, tentam usar a forma mais correta ou se é uma forma que já está em uso deixam passar?

LG: Não, é sempre o *ter de*, que é o mais correto. Mas, por exemplo, há uma expressão que se usa muito que é *ter a ver*. Que para mim – e eu acho que os brasileiros também defendem isso no Houaiss... Não sei qual é a teoria do Houaiss; sei que ele diz que o *ter que ver* é que é correto, e eu acho que o *ter a ver* vem com o francês *a voir*. E nós adotámos isso, como adotámos muitos outros estrangeirismos. Por isso sempre que me aparece o *ter a ver* é *ter que ver com*.

● E em casos em que as pessoas já acham que a forma correta é a que está errada por ser tão pouco comum? Por exemplo, “fazer com que” ou “fazer que”. Às vezes as pessoas reclamam com essas alterações porque a forma certa lhes parece errada.

LG: Não, aqui eles no geral não refilam.

MP: Eles não.

LG: Já temos tido algumas questiúnculas, mas discutimos uns com os outros e explicamos porquê e eles em princípio, por norma...

MP: Acatam.

LG: Aceitam, aceitam, sim. E temos dicionários, e gramáticas!

MP: Nessas questões de *ter que* e *ter de* não é muito, é mais noutras questões. E aquela questão de que nós tínhamos estado a falar...? O que era? Não me lembro.

LG: Mas por norma eles às vezes vêm dizer “Mas o mais correto não é isto” ou “Vocês trocaram isto por isto” e nós explicamos: “Trocámos porque o correto é isto e aquilo e aqueloutro”. E por norma até à data não tem havido problemas. No outro dia um editor perguntou-me “Correr atrás do prejuízo é errado?”. E eu disse: “Olha, é popular, mas usa-se, portanto não é errado. É popular mas usa-se, por isso não tem mal nenhum aparecer no texto “correr atrás do prejuízo”. Mas realmente, por norma, não temos tido problemas nenhuns com as pessoas.

- Essa era outra das minhas perguntas: se costuma haver conflitos com os jornalistas por causa de alterações.

LG: Não, nada de extraordinário.

MP: Não é nada de extraordinário. Há sempre as pessoas que gostam mais... Mas quando revejo também há sempre aqueles jornalistas que eu sei que não gostam de que nós tenhamos grande intervenção nos textos e eu intervenho o mínimo possível. Depois há outros que não se importam que a gente mude aquilo tudo e até melhore um bocadinho (risos). É como tudo. Mas com o tempo nós conhecemos as pessoas.

LG: É isso, é isso. Aliás, nós, quando recebemos os textos, quando recebemos por vezes até o mapa da revista, que nos indica sempre a relação dos assuntos, dos temas, vemos logo quem escreve e como é vai ser; se vai ser muito complicado, se não vai ser... Porque nós já os conhecemos há tanto tempo que já sabemos quais são os bons e os menos bons, e não há problemas de maior.

- O João Vieira Pereira disse-me que normalmente quando há discussão é mais com a direção, sobre capas, por exemplo.

MP: É.

LG: É.

MP: Eles mexem nas capas... Por exemplo, uma coisa que eles fazem muito: em PP eles põem “S”.

LG: Que não se usa em português; não há PPP’S!

MP: Não se usa. Não sei se foi o caso. E pode acontecer, e depois eles dizem “Mas queremos”... Isto é um exemplo estúpido, mas pode ser uma coisa destas.

LG: Não é tanto o português. Mas às vezes sim.

MP: Também já aconteceu!

LG: Por exemplo, há uma questão constante que é o *porque* e o *por que*.

MP: Ah, era isso! Exatamente!

LG: Acontece às vezes eles porem-se ali a discutir o sexo dos anjos. É separado, é separado! E depois vêm-nos perguntar e a gente explica porque é que é junto. É uma coisa a que damos muita atenção e que suscita muitas dúvidas aos jornalistas.

MP: Outra coisa também são os participios: quando os verbos têm duplo participio também sai sempre asneira da grossa, a pessoa emenda e depois é “Ah, mas é assim?”. Mas já foi mais.

LG: Nota-se que há falhas na gramática. Mas nada de grave, nada que não se resolva. Agora, é evidente que num jornal em que temos de ler tudo tem de passar alguma coisa, porque nós somos quatro e é um bocado difícil dar conta de tudo, tudo, tudo, mas fazemos os possíveis. Sobretudo este *Primeiro Caderno*, que começa à quinta-feira, na prática, é uma coisa sempre acelerada, apesar de as notícias serem mais pequenas, mas também há notícias grandes! Por exemplo, as notícias do Internacional e mesmo as da Política têm algumas notícias grandes. Grandes relativamente - não é como a *Revista* -, mas tem de se ter um certo cuidado. Realmente gostaríamos de que tudo saísse perfeito, mas não há nada perfeito.

- Quanto aos revisores, quais são os critérios de contratação?

LG: Ouve, não se contratam *desks* há cem anos.

MP: Acho que a última fui eu! Mas eu já estava no jornal, só subi (risos)! Na altura subi dois andares.

LG: Quando duas ou três colegas nossas saíram, tivemos uma estagiária, mas não tinha disponibilidade. Ficou três meses. Já não contratamos ninguém há uns 20 anos.

- Quando os textos chegam à revisão é preciso fazer muitas alterações?

MP: Depende.

LG: Depende. Normalmente o que fazemos é passar o corretor. Eu, normalmente, costumo passar o corretor no fim. Há colegas meus que passam logo de início. Lemos o texto, emendamos as coisas, vemos como é que está, e eu pessoalmente passo o corretor no fim, quando já está lido uma ou duas vezes, conforme o tempo que temos. Mas não diria que os textos têm muitas, muitas gralhas, não. Às vezes também é da pressa deles.

MP: Têm algumas coisas, mas assim nada...

LG: Têm algumas coisas, mas nada que a gente diga “Por amor de Deus, não se percebe nada deste texto”.

- Sei que a parte de falar bem português e dominar a gramática não é tida em conta na contratação dos jornalistas, pelo que já falei com o João Vieira Pereira. Açam que poderia ser diferente em termos de efeito final se logo na origem houvesse mais essa preocupação?

LG: Não faço ideia de quais são as normas de contratação...

MP: Também não sei, mas os últimos que têm vindo são bons.

LG: Muito bons. Dois são excelentes, do melhor que há.

MP: Também já passaram aqui outros que ‘valha-nos Nossa Senhora’, mas as contratações ultimamente têm sido muito boas.

LG: Pode haver uma coisinha ou outra, no *para além* e coisas do género, mas no geral são muito bons, mesmo.

MP: Sim, eu também acho.

- Consideram que os artigos do *Expresso* cumprem as regras da língua portuguesa? A ideia que tem é a de que no jornal há muitos ou poucos erros de português?

LG: Eu acho que cumprem totalmente as regras do português!

MP: Eu também acho. Então comparados, por exemplo, com o *Expresso online*, que eu às vezes não leio porque me faz um bocado de confusão – pode ser defeito de profissão... Mas estou a ler um artigo, começa a ter um erro – OK. O segundo, o terceiro – ao terceiro já desisti, não leio. E depois muitas vezes vou dizer. Mas eu acho que não me choca assim... É evidente que às vezes há coisas que passam.

LG: Pequenas coisas, pequenas coisas. E os livros, por exemplo, às vezes têm erros de bradar aos céus! Comparado com isso, o *Expresso* está a anos-luz de distância, não tem nada que ver, nada, nada!

MP: Sim, também acho isso.

- Costumam receber reclamações de leitores sobre erros que encontram nos jornais?

LG: Já recebi. Pontualmente. Recebi uma vez, mas já nem me lembro sequer do que era. Havia qualquer coisa num texto que não tinha sido editado, aliás, e eu depois respondi à senhora, até agradecendo-lhe o facto de ela ter chamado a atenção para aquilo. Acho que o texto não tinha passado por ninguém; veio diretamente não sei se foi do jornalista, como é que foi, porque às vezes eles enganam-se nas cores e em vez de mandarem para azul mandam diretamente para “revisto”. E nós com o trabalho às vezes, rarissimamente, não notamos. E esse foi um desses textos e ela disse “Até parece incrível que o *Expresso* tenha uma coisa destas”. E eu expliquei-lhe que o texto não tinha sido editado. De resto não, é muito raro, muitíssimo raro.

MP: Sim, é raro, mas às vezes as próprias pessoas ou os jornalistas dizem.

LG: O que eles recebem é mais coisas factuais, mas a nível de revisão e de erros é muitíssimo raro.

MP: Tanto que às vezes as retificações que aparecem são erros dos jornalistas, do trabalho que eles deveriam fazer, de retificar nomes, cargos...

LG: Por exemplo, até em textos de Opinião às vezes há coisas que falham e há colegas nossas que por curiosidade vão ler o texto e dizem “Isto aqui não é bem isto, não são estes quatro séculos, são cinco” (risos). Mas é muito raro, e eu sei que os editores e a direção não recebem esses *e-mails* porque eles,

quando os recebem, remetem-nos imediatamente para mim. Portanto, se houvesse queixas, eu sabia perfeitamente, e isso não acontece. É porque a coisa sai bem.

MP: Razoável, ou bem, sim.

- O João Vieira Pereira disse-me que acontece de vez em quando, com coisas como *há anos atrás*, mas pode ser mais no *online*.

LG: Mas *há anos atrás* não passa nunca por nós, porque é *há anos* e o *atrás* já vai cortado.

MP: Pode ser no *online*.

LG: Sim, eu acho que eles no *online* recebem mais queixas.

MP: Pois, porque os textos também não são revistos e aquilo... mas isso também depende do trabalho que o editor faz.

LG: Há colegas nossos que diziam “Vocês não reveem o *online*, é uma chatice”... Não podemos, não temos tempo.

- Por curiosidade, quando reveem os textos de Opinião, o critério é tão apertado como com os outros artigos?

MP: É, sim.

LG: Os textos de opinião, sobretudo, esses sim, são passados a pente fino, e pela direção também, muitas vezes.

MP: São os mais lidos.

LG: Muitas vezes, como são convidados, eles têm todo o cuidado e é tudo muito passado a pente fino, na verdade.

- O Expresso tem alguma ação para que existam menos erros de português, além da equipa de revisão, claro?

LG: Estão-nos sempre a chatear, sempre! Não passa nada que não venham dizer! É verdade, nisso são implacáveis.

- Mas têm formações, por exemplo?

MP: Não.

LG: Não, eles não têm formações na nossa área, porque também não têm quem as faça. Teria de ser alguém de fora. E em princípio é muito difícil haver formações em gramática; só se fosse realmente um professor que viesse cá dar uma formação, mas parte-se do princípio de que a gente sabe alguma coisa.

- Pensei que poderia haver para os jornalistas.

MP: Eu acho é que eles devem ter aquelas formações de escrever bem, essas coisas assim, não sei.

LG: Sim, se calhar têm.

MP: Embora neste momento ache que eles apostam mais nas questões das novas tecnologias, dos visuais, dos áudios...

LG: Sim, apostam mais nessas coisas. E também partem do princípio de que os jornalistas escrevem razoavelmente bem, portanto é um bocado ingrato dar uma ação de formação para eles escreverem melhor.